

**DORVAL DO NASCIMENTO**

**FACES DA URBE**

**Processo Identitário e Transformações Urbanas em  
+Criciúma/SC (1945 – 1980)**

**Porto Alegre, 2006.**

**DORVAL DO NASCIMENTO**

## **FACES DA URBE**

**Processo Identitário e Transformações Urbanas em  
Criciúma/SC (1945 – 1980)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Doutor em História, sob a orientação da Dr<sup>a</sup> Sandra Jatahy Pesavento.

**Porto Alegre, 2006.**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

*À memória de minha mãe, Albina Córneo.*

Não me peça que eu lhe faça uma canção como se deve  
Correta, branca, suave, muito limpa, muito leve  
Som, palavras são navalhas e eu não posso cantar como convém  
Sem querer ferir ninguém.

Mas não se preocupe meu amigo, com os horrores que eu lhe digo  
Isso é somente uma canção  
A vida realmente é diferente quer dizer, ao vivo é muito pior.

*Belchior, Apenas Um Rapaz Latino-Americano.*

## AGRADECIMENTOS

O ato de realizar a pesquisa e escrever a tese é tão individual e solitário, por um lado, mas que envolve tantas pessoas que nos ajudam e apóiam em todos os momentos, em especial naqueles mais angustiantes. Sou grato a todas as pessoas que acompanharam e contribuíram comigo neste trajeto. Em primeiro lugar à minha família, Dete, Vitor Hugo e Bruno, que suportaram meus momentos de ausência e, algumas vezes, de uma presença que incomodava, em momentos de cansaço e estresse. Também a minha mãe, irmã, cunhados e cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, que sofreram principalmente com minha ausência durante estágio de Doutorado realizado na França.

Agradeço à Sandra Jatahy Pesavento, que orientou este trabalho com competência e atenção, pela amizade e carinho sempre paciente com minhas dificuldades, e que me propiciou uma grande oportunidade de crescimento pessoal e profissional. Agradeço também a Jacques Leenhardt, pela atenção dispensada a mim durante meu estágio na *École des Hautes Études em Sciences Sociales*, em Paris.

Na dimensão profissional, sou grato a Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) pelo período de licença que me permitiu elaborar o trabalho com mais tranquilidade. Na UNESC, agradeço aos colegas do curso de História, com quem tenho tido contatos mais próximos nos últimos anos (João Henrique, Miranda, Carola, Lili, Lucy, Paulinho e Nivaldo) e o

peçoal da Diretoria de Pesquisa, local em que tenho exercido atividades na Universidade, pelo apoio que recebi durante minhas ausências e presenças (Janine, Zélia, Adriano, Patrícia, Elisandra e Márcia). Sou grato também a João Batista Bitencourt pela amizade e diálogo que tem contribuído tanto para meu crescimento pessoal e profissional. Agradeço igualmente a Júlio César Luz e Michele Gonçalves Cardoso, estudantes que, no desenrolar de seus levantamentos documentais para suas pesquisas de iniciação científica, contribuíram também para este trabalho. Da mesma forma, agradeço a Émerson César de Campos que me cedeu documentos importantes para a pesquisa.

Faço um agradecimento especial a Vanderlei Machado, que me abrigou durante a minha presença em Porto Alegre para as disciplinas do Doutorado. Da mesma forma, durante nossa estada em Paris, quando precisou suportar minha presença em momentos de tristeza e angústia pela distância que me separava de minha família e amigos, mas também pela amizade em horas tão boas. Também a Nadia Maria Weber Santos, pela companhia em passeios maravilhosos que fizemos em Paris.

Finalmente, agradeço a CAPES que me propiciou a realização do estágio de doutorado em Paris e que possibilita a formação de tantos pesquisadores brasileiros.

## RESUMO

NASCIMENTO, Dorval do. **Faces da Urbe: Processo Identitário e Transformações Urbanas em Criciúma/SC (1945 – 1980)**. Porto Alegre: 2006. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Sandra Jatahy Pesavento.

Defesa: 15/12/2006

Estudo sobre os processos de mudança da identidade urbana da cidade de Criciúma (SC), no período 1945 – 1980, a partir da emergência de discursos e pertencimentos centrados na etnicidade e que provocaram uma efetiva transformação dos anteriores esquemas identitários presentes na *Urbe*. Acompanha-se a constituição da cidade construída a partir da atividade de extração do carvão e sua posterior transformação, urbana e identitária, a partir de esquemas de pertencimentos centrados na noção de origem étnica. Observa-se a atuação dos grupos sociais e governos municipais na consolidação de uma identidade urbana que teve na etnicidade o seu ponto de confluência.

Palavras-chave: Identidade urbana, cidade, carvão, etnicidade, historiografia.



## RÉSUMÉ

NASCIMENTO, Dorval do. **Faces da Urbe: Processus Identitaire et Transformations Urbaines à Criciúma (1945 – 1980)**. Porto Alegre: 2006. Thèse (Doctorad em História). Programme de Troisième Cycle em História, Université Fédérale du Rio Grande do Sul.

Directrice de recherche: Sandra Jatahy Pesavento.

Défense:

C'est un étude sur le processus de changement de l'identité urbaine dans la ville de Criciúma pendant la période 1945 – 1980 à partir de l'émergence des discours et des appartenances centrées sur l'éthnicité qui ont causé une effective transformation des schémas identitaires antérieurs présents dans la *Urbe*. Accompagnant ce processus, la constitution de la ville est construite à partir de l'activité de l'extraction du charbon et sa postérieure transformation urbaine, identitaire et aussi à partir des schémas des appartenances centrées sur la notion d'origine ethnique. L'action des groupes sociaux et municipaux est nettement observée dans la consolidation d'une identité urbaine qui a connu son point de confluence dans l'éthnicité.

Mots-clés: Identité urbaine, ville, charbon, ethnicité, historiographie.

## ÍNDICE

<b>Resumo .....</b>	<b>7</b>
<b>Resume.....</b>	<b>8</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>11</b>
Capítulo 1:	
<b>Eldorado Catarinense: Vida e Morte da Cidade do Carvão .....</b>	<b>21</b>
1 – A Formação da Cidade Carbonífera .....	23
2 – Os Construtores da Cidade Carbonífera .....	35
3 – O Monumento da Cidade do Carvão .....	42
4 – Diversificação Econômica da Cidade Carbonífera.....	52
Capítulo 2:	
<b>Dizendo Outro Discurso: A Emergência da Etnicidade na Cidade do Carvão .....</b>	<b>61</b>
1 – Dificuldades do Discurso Étnico na Cidade Carbonífera .....	63
2 – Valorização Progressiva do Imigrante e sua Diferenciação .....	71
3 – Formação do Centro Urbano Como Diacrítico Étnico .....	82
4 – Monumento ao Imigrante Como Discurso Sobre a Cidade .....	87
Capítulo 3:	
<b>Da Cabeça de Zeus: O Parto da Nova Cidade .....</b>	<b>100</b>
1 – A Cidade Carbonífera Vista Pelo País.....	101

2 – Imagens da Cidade e Intervenções Urbanas .....	112
3 – Novo Monumento ao Mineiro e o desejo de Outra Cidade.....	118
4 – Governo Guidi e a Criação de Uma Nova Cidade.....	125
5 – Criciúma de Guidi Como Cidade de Cartão Postal .....	135

Capítulo 4:

<b>Cidade de Papel: O Discurso Historiográfico Sobre a Cidade.....</b>	<b>149</b>
--	------------

1 – História de Criciúma nos Jornais.....	152
2 – As Obras da Década de 1970.....	163
3 – A Obra do Centenário de Colonização .....	182

Capítulo 5:

**A Apoteose da Nova Cidade: As Comemorações do**

<b>Centenário de Colonização .....</b>	<b>194</b>
--	------------

1 – Preparação do Centenário.....	195
2 – A Festa do Centenário .....	201
3 – Expo 100, a Exposição do Centenário.....	210
4 – Fim de Festa .....	217

<b>Conclusão .....</b>	<b>226</b>
------------------------	------------

<b>Fontes e Bibliografia.....</b>	<b>230</b>
-----------------------------------	------------

## INTRODUÇÃO

*Celebrando a união dos povos* foi o lema geral da XVIIIª Festa das Etnias – Quermesse de Tradição e Cultura, ocorrida de 1 a 9 de setembro de 2006 em Criciúma/SC. A festa teve seu início associado às comemorações do centenário de fundação de Criciúma em 1980, quando foram organizados grupos folclóricos, entidades e associações étnicas, tornando-se a principal festa municipal do Sul de Santa Catarina e integrando-se ao calendário de festas do Estado, concentradas no segundo semestre de cada ano, em especial no mês de outubro. Ainda que não concorra com as festas celebradas no Vale do Itajaí, em especial a *Oktoberfest* de Blumenau, a Festa das Etnias tem um evidente apelo turístico e mercantil, a atrair visitantes da região e de outras partes do Estado e do país. E vai além, ao buscar divulgar a cidade, colocando-se como uma festa de todos os habitantes de Criciúma, a *união dos povos* do lema da edição de 2006. Quais povos sejam estes, o folder da edição referida da festa deixa claro ao relacionar, em sua capa, simpáticos desenhos de representantes de grupos da população divididos a partir de critérios agrupados em torno do que se convencionou chamar de etnicidade, também presente no termo *Etnias* do título da festa: Alemã, Negra, Italiana, Espanhola, Polonesa, Portuguesa, Árabe. A festa assim, conforme se expressa no título, lema e folder, busca celebrar a união dos grupos

étnicos presentes na cidade de Criciúma, entendidos como os formadores da cidade, cuja população identificar-se-ia com o evento em vista de seu pertencimento a um dos grupos étnicos promotores da festa. Como palco reduzido onde a atriz principal é a própria cidade, a festa pretendia reavivar os vínculos da população com o passado de Criciúma, seus grupos fundadores, fortalecendo o pertencimento dos habitantes a um dos citados grupos e reafirmando uma identidade urbana fundada nas etnias, capaz de apresentar a cidade de modo afirmativo. A positividade é dada pela diversidade étnica e riqueza de contribuições que cada cultura aporta para o conjunto da cidade. Juntando lazer, turismo e cidade, a Festa das Etnias promove um conjunto de representações sobre Criciúma e seus habitantes que tem na identidade étnica o seu cimento agregador. Essa identidade é diversa, na medida em que diversos são os grupos, mas também única em vista de que se referem à mesma cidade, apresentando Criciúma como cidade das etnias.

Entretanto, um olhar mais atento sobre o folder da festa surpreende algumas interessantes informações, como aquela de que George de Lucca, um descendente de italianos a se levar em conta o patronímico, seja o representante da etnia portuguesa. Ainda que a atribuição de identidades, mesmo aquelas estabelecidas a partir da etnicidade, se dê a partir de processos subjetivos, o representante italiano dos portugueses revela dificuldades importantes na construção da identidade urbana de Criciúma, como veremos mais adiante.

Este trabalho tem exatamente o propósito de analisar os processos de transformações da identidade urbana na segunda metade de século XX, a partir da cidade de Criciúma, e as implicações desses processos sobre a cidade e a vida de seus habitantes. Trabalhamos a partir de dois termos identitários básicos relacionados à Criciúma – a *cidade carbonífera* e a *cidade étnica* – para explorar as nuances de interesses de grupos sociais presentes na cidade e os momentos mais decisivos desse processo de construção de identidades. É importante frisar que investiguei

os processos de atribuição identitária relacionados aos grupos sociais apenas na medida em que esses processos ajudaram a compreender as identidades construídas para a cidade de Criciúma e as transformações pelas quais elas passaram.

A temática da identidade e do que se tem chamado ‘crises de identidade’ parece mesmo estar na ordem do dia das sociedades contemporâneas. Essa temática tem perpassado diversas situações, pessoais e coletivas, nas mais diferentes sociedades do mundo atual, pelo menos no chamado mundo ocidental. Stuart Hall fala mesmo em uma explosão discursiva em torno do conceito de identidade<sup>1</sup>. Alguns autores têm argumentado que as ‘crises de identidade’ são próprias das sociedades atuais. Em vista de que as identidades não são herdadas e nem adquiridas de uma vez para sempre, não sendo um atributo ligado definitivamente a pessoa e aos grupos sociais<sup>2</sup>, como produto e, ao mesmo tempo, processo, as identidades culturais estão sujeitas as mais diferentes mudanças e instabilidades pelas quais tem passado as sociedades contemporâneas, requerendo um reposicionamento permanente dos atores sociais. As transformações globais pelas quais tem passado o mundo contemporâneo nas últimas décadas colocam para os grupos sociais uma série de desafios que os remete para a afirmação e reafirmação de suas identidades. Entre esses processos, se pode destacar aqueles movimentos econômicos e culturais reunidos em torno do fenômeno da globalização, que altera as condições de produção e consumo das sociedades contemporâneas, pondo em crise as estruturas mais gerais representadas pelo Estado e pelas comunidades nacionais<sup>3</sup>. Ainda que o desenvolvimento mundial do capitalismo não seja algo novo, entretanto, o que lhe caracteriza nas últimas décadas é um movimento de homogeneização cultural das sociedades locais promovido pelo mercado

---

<sup>1</sup> HALL, Stuart. *Quem Precisa da Identidade?* In: DA SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). **Identidade e Diferença – A Perspectiva dos Estudos Culturais**. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>2</sup> VINSONNEAU, Geneviève. **L’Identité Culturelle**. Paris: Armand Colin, 2002.

<sup>3</sup> HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 5ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

globalizado, o que leva os grupos sociais e locais a se posicionarem ante o fenômeno, ora afirmando as possibilidades que a mundialização propicia, e em outras oportunidades e processos culturais afirmando suas próprias especificidades, reafirmando identidades nacionais e locais, não raro numa combinação das duas tendências. O próprio mercado capitalista, através da publicidade, incita cada um a manifestar seu gosto como mera expressão de si mesmo<sup>4</sup>. A mundialização dos mercados acaba por promover uma aceleração do deslocamento de populações trabalhadoras para os países centrais, ocasionando países e cidades com uma população cultural e nacionalmente diversificada, produzindo identidades plurais, mas também identidades contestadas<sup>5</sup>. Diante de um mundo globalizado e que se modifica continuamente, sujeitos a deslocamentos constantes e em contato com populações culturalmente diversificadas, pessoas e grupos sociais buscam na afirmação de suas identidades uma ancoragem que lhes permita estabilidade em um mundo em constante mutação, afirmando aquela noção que é mais cara na definição de identidade, que a de permanência<sup>6</sup>. Além disso, em um processo em que as fronteiras espaciais e culturais se dissolvem por ação dos mercados mundiais, os interesses locais são realçados, para poder competir, e assim, precisam “delinear sua diferença, para que possam ser reconhecidos, e vemos aparecerem os fenômenos recrudescentes de criação de identidades, como os movimentos separatistas, bem como as lutas pelos direitos das minorias, e aí, os contornos étnicos, sexuais, geracionais, históricos e culturais”<sup>7</sup>.

---

<sup>4</sup> OSTROWETSKI, Sylvia. L'Écart Des Appartenances. In: RAGI, Tariq (dir.). **Les Territoires de L'Identité**. Amiens: Licorne; Paris: L'Harmattan, 1999. Collection Villes Plurielles, p. 237 - 249.

<sup>5</sup> WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: Uma Introdução Teórica e Conceitual*. In: DA SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). **Identidade e Diferença – A Perspectiva dos Estudos Culturais**. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 21. A autora relaciona também o colapso da ex-União Soviética e do leste europeu como estimulador de um contexto mundial favorável à emergência e contestação de identidades.

<sup>6</sup> RAGI, Tariq. *L'Identité Entre Permanence et Cohérence*. In: RAGI, Tariq (dir.). **Les Territoires de L'Identité**. Amiens: Licorne; Paris: L'Harmattan, 1999. Collection Villes Plurielles, p. 253 – 266.

<sup>7</sup> FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Apresentação*. In: SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a Identidade Açoriana: A Maquiagem Possível**. Itajaí: Editora da Univali, 1999, p. 16.

Em Santa Catarina, a temática da identidade foi colocada como um problema pelos governos e elites estaduais em vista da falta de identidade que o Estado possuía diante de uma ocupação e permanência de populações de origem étnica diversificada. O Estado se constituiu a partir de núcleos urbanos isolados no período colonial, fortalecidos posteriormente, com a criação de novos núcleos, no período de imigração estrangeira, constituindo-se regiões e microrregiões praticamente independentes. O relacionamento dependente do Estado ao centro da economia nacional comandado por São Paulo, a partir de 1930, e a ausência de uma metrópole ou localidade central que fosse o ponto de convergência da rede de cidades, impedida pelo mesmo processo, orientou o desenvolvimento econômico estadual para fora de sua área espacial, com ligações internas muito tênues, expresso no esquema região – localidade central – ferrovia – porto, constituindo um Estado espacial e economicamente fragmentado e culturalmente diverso<sup>8</sup>. Essa diversidade cultural era vista como um problema a ser superado pela ação dos governos estaduais e de outras instituições, como o Instituto Geográfico e Histórico de Santa Catarina, fundado em 1896 e responsável por unificar uma história do estado catarinense vinculada a construção da identidade catarinense<sup>9</sup>. Uma tentativa importante de unificar o mosaico cultural catarinense ocorreu no primeiro mandato de Esperidião Amin como governador do Estado (1983 – 1987), tomando a Guerra do Contestado (1912 – 1916) como o evento que poderia fornecer as características do “homem típico” catarinense e a marca que Santa Catarina poderia ter. Segundo Amin, “para criar a identidade de Santa Catarina, para expressar numa única palavra o que é o

---

<sup>8</sup> SILVA, Etiene Luiz. **O Desenvolvimento Econômico Periférico e a Rede Urbana de Santa Catarina**. 1978. Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional. UFRGS, Porto Alegre. SOUTO, Américo. **Evolução Histórico-Econômica de Santa Catarina: Estudo das Alterações Estruturais (Século XVII – 1960)**. Florianópolis: Centro de Assistência Gerencial – CEAG/SC, 1980.

<sup>9</sup> SERPA, Élio Cantalício. **A Identidade Catarinense nos Discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**. Revista de Ciências Humanas, volume 14, número 20. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996, p. 63 – 79.



catarinense, podemos buscar no Contestado uma alternativa”<sup>10</sup>. Reafirmada como elemento de seu programa eleitoral através da “Carta aos Catarinenses” na disputa para o governo do Estado, que acabou vencendo, a proposta acabou sendo esquecida no decorrer de seu mandato em vista de uma outra conjuntura política. A ocorrência de enchentes em Santa Catarina, especialmente no Vale do Itajaí, em 1983 e 1984, no início de seu mandato, colocou uma situação nova que Amin aproveitou para, no esforço de reconstrução do Estado, projetar-se nacionalmente e, no processo, apresentar uma identidade catarinense adequada a seus interesses. Amin criou a Secretaria Extraordinária da Reconstrução e passou a liderar uma campanha nacional de solidariedade aos catarinenses atingidos e, ao mesmo tempo, disputar verbas federais para a reconstrução do Estado. Méri Frotscher<sup>11</sup> narra como, a partir desta conjuntura de criação de um fato nacional e da disputa de verbas federais, Amin utiliza um discurso que realça a capacidade de trabalho dos catarinenses, exemplarmente enaltecida nos descendentes de alemães do Vale do Itajaí, Blumenau na dianteira, difundindo uma “imagem única de Santa Catarina: a do estado alemão, de povo trabalhador, onde a riqueza é igualmente distribuída”<sup>12</sup>. A transformação de Blumenau em vitrine do Estado, no dizer de Frotscher, e a realização da primeira *Oktoberfest* em 1984<sup>13</sup>, impulsionaram o surgimento de inúmeras festas municipais, primeiramente no Vale do Itajaí, e, mais tarde, por todo o Estado, reconhecendo-se a diversidade cultural como vantagem de Santa

---

<sup>10</sup> “Em Irani, Um Desfile Recorda a Guerra do Contestado”. *O Estado*, 16/09/1980, p. 17. Apud: AURAS, Marli. **Poder Oligárquico Catarinense: Da Guerra dos “Fanáticos” do Contestado à “Opção Pelos Pequenos”**. 1991. Tese de Doutorado em Educação. PUCSP, São Paulo, p. 324. Para Amin, “a riqueza cultural de Santa Catarina é tão vasta e tão marcante que impediu ao longo do tempo a formação de um ‘tipo’ do qual se possa dizer: Este é o ‘homem típico’ catarinense”. AMIN, Espiridião. *O Homem do Contestado*. In: Cadernos da Cultura Catarinense. Ano I, julho a setembro de 1984. Florianópolis: Governo do Estado, p. 3.

<sup>11</sup> FROTSCHER, Méri. **Etnicidade e Trabalho Alemão: Outros Usos e Outros Produtos do Labor Humano**. 1998. Dissertação de Mestrado em História. UFSC, Florianópolis, p. 24 – 48.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 39.

<sup>13</sup> FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest – Turismo, Festa e Cultura na Estação do Chopp**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

Catarina em uma conjuntura dominada pelo mercado do turismo, levando-se a afirmação de uma identidade homogênea paradoxalmente construída a partir da diversidade cultural.

No império da imagem, na era do simulacro, do pastiche e da mundialização da cultura, o Estado de Santa Catarina conseguiu compor uma identidade para si. O que era dispersão, virou unidade. O que antes constituía um problema para os governos e para os intelectuais que se debatiam para enquadrar a dispersão – as várias etnias que povoaram o Estado – num quadro coerente o qual desenhasse a identidade catarinense, hoje constitui a sua peculiaridade no cenário nacional.<sup>14</sup>

A emergência das disputas de identidade em Criciúma e a elaboração de uma nova matriz de pertencimento para a cidade e seus habitantes se deram no interior desse movimento mundial e nacional de ‘crises de identidade’, porém, guardando especificidades que são exploradas neste trabalho, dividido em cinco capítulos. De um modo geral, tratou-se de demonstrar inicialmente o quadro mais amplo do que se chamou cidade carbonífera, aquela sociedade saída do crescimento populacional e urbano provocado pela exploração do carvão mineral na cidade e região, a partir da Segunda Grande Guerra, e a consolidação de um imaginário social que tinha no carvão o seu fundamento. Foi no interior desse imaginário urbano, em oposição a ele, ao mesmo tempo em que comendo com ele, que se deflagraram outros processos de atribuição identitária que tiveram na noção de etnicidade a sua ancoragem de pertencimento. Esses dois temas foram tratados nos capítulos 1 e 2. Foi como crítica à cidade carbonífera e, ao mesmo tempo, como afirmação de uma identidade urbana própria, que se iniciaram movimentos que confluíram para a atuação dos governos municipais na década de 1970, em especial o primeiro governo de Altair Guidi (1977 – 1983), que promoveram diversas intervenções na cidade e foram atores centrais em seu processo

---

<sup>14</sup> FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Apresentação*. In: SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a Identidade Açoriana: A Maquiagem Possível**. Itajaí: Editora da Univali, 1999, p. 11.

de transformação identitária, analisados no Capítulo 3. A identidade urbana baseada em noções de pertencimento étnico emergiu e afirmou-se também a partir de uma releitura do passado de Criciúma, e que perpassa todo o período histórico analisado, geradora de uma historiografia local, analisada no capítulo 4, que realçou os feitos dos grupos étnicos presentes na cidade, que se afirmaram no processo, e seus heróis, criando uma base histórica que assegurou a afirmação da cidade étnica. A comemoração do Centenário de fundação da cidade pelos imigrantes italianos, tema do último capítulo, acrescidos de outros grupos étnicos que se reconheciam como tal ou assim foram nomeados, serviu de confirmação da nova identidade urbana, ao mesmo tempo em que desencadeou uma série de ações que se desdobraram na vida urbana, a Festa das Etnias entre elas, e que tiveram a afirmação da etnicidade como seu fio condutor.

Mais especificamente, se analisa a transformação da identidade urbana de Criciúma no período de 1945 a 1980. Procura-se mostrar a formação da cidade carbonífera, a partir do tremendo crescimento da produção mineral durante a guerra e no imediato pós-guerra, e seus atores principais compostos pelos trabalhadores mineiros e empresários mineradores, finalmente consagrados no *Monumento aos Homens do Carvão*; mostra-se a problemática da diversificação econômica da cidade carbonífera a partir de um discurso que se coloca como questionador da realidade do carvão no espaço físico e no imaginário urbano; destaca-se as dificuldades de afirmação dos discursos centrados na etnicidade emergentes a partir do imaginário do carvão e o estabelecimento, apesar disso, de espaços próprios de afirmação dessa identidade a partir de representações que valorizam o pertencimento ligado às origens e no espaço urbano, como a formação do centro da cidade e a construção do *Monumento ao Imigrante*; evidencia-se a circulação de imagens da cidade em revistas estaduais e nacional, em um período de transição de identidades em fins da década de 1960 e início dos anos 1970, conectando-as com as ações dos governos municipais na década de 1970 que tiveram uma atuação destacada na elaboração e

afirmação de uma identidade urbana em ruptura com o carvão; Identifica-se as narrativas que informaram uma leitura da história de Criciúma, presentes em jornais e obras individuais ou coletivas editadas, que informaram a proposta de cidade étnica e a fortaleceram diante do imaginário urbano centrado no carvão; Apresenta-se a preparação e comemoração do Centenário de fundação da cidade como um momento central de afirmação de uma nova cidade, baseada nas intervenções urbanas promovidas pelo Governo Guidi e na afirmação do que se tem chamado cidade étnica, presente no *Monumento da Colonização*.

O período histórico escolhido para análise – 1945/1980 - permitiu a verificação da transformação de identidade urbana de Criciúma em processo. A Segunda Grande Guerra foi tomada como marco inicial do período em vista de sua influência no aumento da produção carbonífera do Sul de Santa Catarina e que forneceu o crescimento econômico e populacional das cidades da região, sendo Criciúma a principal, permitindo a constituição da típica cidade carbonífera e afirmação de representações vinculadas ao carvão. O final desse período, representado pelo Centenário da fundação do núcleo colonial italiano, é apresentado como um primeiro fechamento desse processo de transformação da identidade urbana cricumense, capaz de ter consolidado provisoriamente a cidade étnica, ao mesmo tempo em que significou um impulso para o aprofundamento dessa identidade urbana, porém, não sem fraturas.

Calvino fala de uma cidade chamada Irene, que os habitantes do planalto avistam ao longe e que magnetiza seus olhares e pensamentos, ocasionando conjecturas diversas sobre como a cidade seria<sup>15</sup>. Diante da expectativa de Kublai Khan de que Marco mostre como é a cidade vista da perspectiva dos que nela habitam, Calvino aponta para a impossibilidade dessa narrativa, em vista de que as diferentes situações e possibilidades de visão produzem diferentes cidades. Irene é

---

<sup>15</sup> CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003, p. 118 – 119.

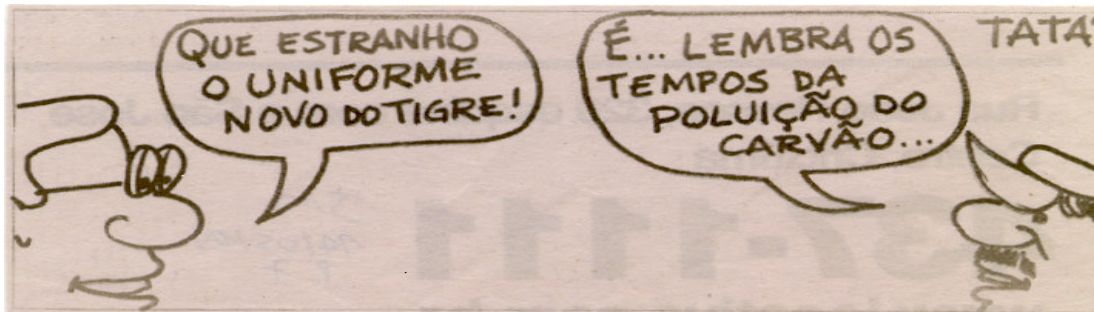
uma cidade que muda a medida em que se aproxima dela. No fim das contas, sob o mesmo nome de Irene a cidade abriga diferentes nomes que revelam cidades diversas, mas que são, na verdade, a mesma cidade. O aproximar-se da cidade, como buscamos fazer neste trabalho, não teve a intenção de revelar a verdadeira Irene vivida e pensada por seus habitantes, mas capturar diferentes imagens que a cidade revelou a medida em que dela nos aproximamos, e que expressam diversas possibilidades de nomeá-la, ainda que muitos de seus moradores gostassem de que a cidade fosse chamada apenas por um nome.

## CAPÍTULO 1

### ELDORADO CATARINENSE VIDA E MORTE DA CIDADE DO CARVÃO

A partir de 2004 o time do Criciúma Esporte Clube, então representante da cidade no campeonato nacional da primeira divisão, teve como patrocinador o Sindicato Nacional da Indústria de Extração do Carvão Mineral, com o lema *Carvão Mineral – Energia Nacional* estampado em suas camisas. Financiado pelas empresas carboníferas da região, praticamente todas com sede em Criciúma, o sindicato buscava revalorizar a atividade carbonífera que lhe desse fôlego pelas próximas décadas, articulando-a a um projeto de construção de pequenas e médias usinas termoelétricas próximas às minas, e, nesse projeto, vinculando-se o carvão ao time do Criciúma, paixão de boa parte dos moradores da cidade e região. O patrocínio, que implicou na modificação da tradicional camisa do Criciúma Esporte Clube com o novo predomínio da cor preta, a cor do carvão, mereceu do cartunista *Tatá* uma bem humorada crítica em sua tira de quadrinhos publicada no Jornal da Manhã de 14 de maio de 2004. Nesta tira, o novo uniforme do time, que deveria valorizar o carvão e lembrar a todos a sua importância para a economia nacional, lembra na verdade “os tempos

da poluição do carvão”, numa inversão simbólica não prevista pelos patrocinadores, denotando uma luta de representações em torno do carvão mineral.



*Jornal da Manhã* (Criciúma), 14/05/2004, p. 7.

Porém, o que é mais interessante na tira citada é a referência aos “tempos” do carvão. Que tempos seriam esses? Ora, ainda que, na frase, os tempos do carvão estejam conjugados à poluição, o que lhe dá um tom negativo, a própria presença do patrocínio do carvão mineral nas camisas do time da cidade, estabelece, por um lado, a pujança econômica do setor, capaz de patrocinar o clube, e por outro, a necessidade de conquistar mentes e corações na cidade para que a situação da indústria carbonífera possa ser semelhante àquela dos outros tempos, o do carvão. Diferentes representações do mesmo contexto histórico, o dos tempos do carvão, remetem a diferentes interesses e percepções presentes na cidade, a expressar processos históricos que a própria população cidadina vivenciou e que informou os diferentes olhares. De qualquer maneira, entretanto, permanece o referencial dos tempos em que o carvão mineral forjou a economia e a cultura da cidade e da região. O propósito deste capítulo é situar esse tempo em relação com a cidade de Criciúma e os processos culturais, em termos de imaginários sociais e identidade urbana, que tiveram o carvão como matriz.

## A Formação da Cidade Carbonífera

Os tempos do carvão em Criciúma começaram efetivamente a partir da segunda guerra mundial, quando a conjuntura internacional e nacional favoreceu a exploração do carvão mineral. Ainda que o carvão tenha começado a ser explorado no local desde fins da década de 1910, somente com o segundo conflito mundial se iniciaram processos sociais e culturais que transformaram Criciúma em uma típica cidade carbonífera. O grande crescimento da produção carbonífera brasileira no período, em especial catarinense, explica-se pela conjugação de dois fatores, a substituição do carvão estrangeiro pelo nacional que vinha sendo realizada desde décadas anteriores, mas que se acentuou em vista da conflagração mundial, e a demanda de novas indústrias, com destaque para a indústria siderúrgica impulsionada a partir da CSN e sua usina de Volta Redonda <sup>16</sup>. A constituição da indústria siderúrgica como principal fonte consumidora do carvão mineral favoreceu a produção carbonífera catarinense, a única a possuir carvão coqueificável, que teve sua produção aumentada de pouco mais de duzentas mil toneladas em 1939 para mais de um milhão de toneladas de carvão dez anos depois, em 1948. Durante todo o período que estamos considerando como sendo o do carvão, em relação à Criciúma, Santa Catarina respondeu pela maior parte do carvão produzido no Brasil, passando sua participação na produção nacional de 20% em 1939 para quase 80% em 1962.

---

<sup>16</sup> MARTIN, Jean-Marie. **Processus D'Industrialisation et Développement Energétique du Brésil**. Paris: Institut des Hautes Études de L'Amérique Latine, 1966, p. 209.



A maior parte dessa produção concentrava-se em Criciúma, o que gerava um impacto populacional e econômico muito grande sobre a pequena cidade nascida a partir de um núcleo colonial fundado por imigrantes italianos em fins do século XIX. Os relatos de que dispomos deste período põe lado a lado o vigor econômico trazido pelo carvão e a pequena cidade então existente, como o produzido por Manif Zacharias, que chegou em Criciúma em 1º de maio de 1944<sup>17</sup>. Em suas memórias, publicadas na década de 1990, Zacharias relata a impressão que teve da cidade ao chegar:

E Criciúma, em termos de desenvolvimento urbano, embora pomposamente cognominada ‘Capital do Carvão’, era ainda cidadezinha tímida, modesta, acanhada mesmo. Não se projetavam suas lindes urbanas, em qualquer sentido, para mais de um quilômetro da praça Nereu Ramos, que assim já se chamava seu logradouro central. (...). Era a Criciúma bem provinciana, das poucas ruas pavimentadas a macadame, esburacadas quase todas e empoçadas em dias de chuva<sup>18</sup>.

O relato memorialístico localiza o ponto de comparação no presente daquele que lembra, estabelecendo um padrão de cidade, a Criciúma de hoje, a partir do qual mede-se a grandeza da Criciúma de ontem, título das memórias. As expressões “ainda cidadezinha” e “era a Criciúma bem provinciana” apontam para uma outra cidade, a partir do agora, ausente no tempo passado, mas impressa nos olhos do que rememora, e que informa a

---

<sup>17</sup> Manif Zacharias nasceu em 5 de agosto de 1918, em Curitiba/PR. Formou-se em medicina e chegou em Criciúma para trabalhar em uma das empresas do Grupo Jafet. Na cidade, casou-se com Dulce Rovaris. ZACHARIAS, Manif. **Criciúma – Vultos do Passado e Personalidades Contemporâneas**. Criciúma; edição do autor, 2000, p. 573.

<sup>18</sup> ZACHARIAS, Manif. **Minha Criciúma de Ontem**. Criciúma: Edição do Autor, 1997, p. 11.

avaliação que o autor faz do seu passado<sup>19</sup>. Por outro lado, o autor afirma um contraste que ele localiza no próprio tempo da lembrança e estabelece como uma atribuição que a Criciúma de ontem fazia de si mesma: o pomposo cognome de ‘Capital do Carvão’ a contrastar com sua modesta condição de cidadezinha. Nascido da avaliação subjetiva que os habitantes e autoridades faziam do processo de crescimento urbano que estava ocorrendo diante de seus olhos, a partir da exploração do carvão, o título de ‘Capital do Carvão’, atribuído a/pela cidade em 1948, e de ‘Metrópole do Carvão’, também comum nesta época, remetem ao forjamento de representações sociais que vinculam, nesse período, Criciúma ao progresso e ao carvão.

Essas representações aparecem mais explicitamente em um outro relato feito por um outro memorialista, Sebastião Netto Campos, chegado em Criciúma em 10 de maio de 1950<sup>20</sup>, ao afirmar que “a população das cidades e das vilas operárias crescia. O comércio crescia, o dinheiro corria, os negócios prosperavam. Era um agito, uma compulsão coletiva. Minas eram abertas em qualquer afloramento, em cada encosta, em cada plano inclinado”<sup>21</sup>.

Ainda que existam seis anos de diferença no tempo de chegada na cidade dos autores, período de efetivo crescimento urbano propiciado pela exploração do carvão no contexto da segunda guerra mundial, não foi esse crescimento suficiente para tirar Criciúma de sua condição de cidade acanhada. Por outro lado, para a avaliação de muitos de seus habitantes, acostumados a vida rural, o processo de crescimento era efetivamente imenso.

---

<sup>19</sup> “A Criciúma de hoje, tão mudada, tão crescida, já adulta, não a reconheço mais. (...). Foi por vê-la assim tão alterada, tão diferente, tão dos outros, e também para que ela não se perdesse de vez nas brumas do esquecimento, que eu ousei contar parte do que foi minha Criciúma de ontem”, Ibid., p. 106.

<sup>20</sup> Sebastião Netto Campos nasceu em Catalão/GO, em 1º de janeiro de 1925. Engenheiro químico, chegou em Criciúma, vindo de Curitiba/PR, para trabalhar no Departamento Nacional de Produção Mineral – DNPM. ZACHARIAS, Manif. **Criciúma – Vultos do Passado e Personalidades Contemporâneas**. Criciúma; edição do autor, 2000, p. 466.

<sup>21</sup> CAMPOS, Sebastião Netto. **Uma Biografia Com Um Pouco de História do Carvão Catarinense**. Florianópolis: Insular, 2001, p. 31.

Na verdade, os relatos existentes de pessoas que chegavam em Criciúma neste período de expansão da produção carbonífera no município, no pós-guerra, conjugavam a constatação do tamanho modesto da cidade e sua condição de uma típica cidade de interior, com o crescimento populacional, o movimento e circulação de riquezas, as oportunidades de negócios que a crescente indústria carbonífera possibilitava.

Esses relatos, como impressões subjetivas, retiram sua força do processo real de crescimento urbano promovido pela exploração carbonífera no período. A população do município cresceu bastante no período, praticamente dobrando de 1940 a 1950, passando respectivamente de 27.753 a 50.854 habitantes, chegando a 61.975 em 1960 e 81.451 habitantes em 1970. Entretanto, se situado no contexto do crescimento populacional do sul e do próprio Estado de Santa Catarina ver-se-á que o impacto do crescimento populacional da cidade diminuiu. No mesmo período, a participação da população do Sul do Estado no total de Santa Catarina diminuiu de 20,73 em 1940 para 16,71 em 1970<sup>22</sup>, mostrando que de certa forma o fenômeno de crescimento populacional foi delimitado a determinadas cidades da região carbonífera, em especial Criciúma. Ao mesmo tempo, a participação do oeste catarinense, por exemplo, cresceu de 7,61 em 1940 para 19,59 em 1970. Por outro lado, se o crescimento relativo da população total do sul do Estado no período 1940 – 1950 foi acima da média catarinense, 47,37% contra 32,77%, para o período 1960 – 1970 ficou abaixo da média catarinense, 23,63% contra 37,00%, e brasileira, 33,10%<sup>23</sup>.

De qualquer forma, os dados acima pretendem, por um lado, relativizar o crescimento populacional provocado pela atividade carbonífera, e por outro demonstrar que

---

<sup>22</sup> MIRA, Marly A. F. B. *A Evolução Sociodemográfica de Santa Catarina*. In: CORRÊA, Carlos Humberto (org.). **A Realidade Catarinense no Século XX**. Florianópolis: IHGSC, 2000, p. 131. É verdade, no entanto, que de 1940 a 1950 houve um aumento de quase três pontos na participação populacional do sul.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 132.

o fenômeno foi notadamente local, no contexto do Sul do Estado, implicando num deslocamento de populações dos municípios vizinhos da área carbonífera, populações que se dedicavam principalmente à pesca e a agricultura. O Sul do Estado era, no período em foco, maciçamente rural, ainda que em processo de urbanização, tendo uma população rural de 81,41% em 1940 e 61,37% em 1970<sup>24</sup>. Criciúma, por outro lado, que teve um importante processo de urbanização, somente teve a população urbana maior que a rural na década de 1960, quando, no censo de 1970, apresentou uma população urbana de 55.397 habitantes e rural de 26.054 habitantes.

Ainda que tenha envolvido um número pequeno de pessoas, se comparado às populações das grandes cidades brasileiras da época e aos movimentos de deslocamento populacional que ocorriam em outras áreas, o crescimento populacional e urbano de Criciúma atingiu uma repercussão maior na medida em que se situou em uma área predominantemente rural, o Sul de Santa Catarina, e concentrou-se principalmente na década de 1940. O movimento de circulação de pessoas e de mercadorias, gerador de oportunidades de trabalho e de negócios, propiciou um sentimento na população local de participação em um progresso até então impensável. É essa memória do crescimento urbano e populacional referida a década de 1940 que se consolidará em um imaginário social que conjugou carvão e progresso. Desta forma, elaborou-se um discurso que opera através do contraste entre o acanhamento da cidade e seu pujante crescimento, de tal forma que o progresso trazido pelo carvão fica destacado. O contraste entre a ‘metrópole do carvão’ e a modesta cidadezinha pode ser entendido pela reelaboração, no nível do imaginário, de um processo social real que era sentido em ruptura com o mundo até então

---

<sup>24</sup> Ibid., p. 134.

estabelecido. A cidade do carvão nesse período, pequena e modesta ao estrangeiro que a via pela primeira vez, assumia uma outra dimensão tão logo o mesmo estrangeiro entrasse em contato com o dinamismo do mundo social do carvão e com a elaboração imaginária que o percebia.

Os artigos da *Tribuna Criciumense* que tratam dos problemas da cidade nas décadas de 1950 e 1960, período ‘clássico’ da cidade do carvão<sup>25</sup>, iniciam normalmente pela afirmação do grande crescimento que Criciúma teve no período, mesmo quando abordam assuntos não diretamente envolvidos com a temática. Era uma espécie de ritual discursivo, necessário para lembrarem aos leitores que, no fim das contas, ainda que a cidade tivesse inúmeros problemas e que, eles, os jornalistas, não dariam trégua aos responsáveis, deveriam os leitores se lembrar que habitavam uma cidade que crescia. E mais, que crescia aceleradamente, como na matéria abaixo:

A nossa cidade vem atravessando uma fase de franco desenvolvimento, talvez dantes nunca verificada. As constantes transformações em seu panorama urbanístico, a série de melhoramentos introduzidos começam a dar-lhe foros de cidade moderna. Efetivamente, Criciúma tem crescido admiravelmente nestes últimos anos.<sup>26</sup>

O discurso estabelecido na cidade apontava para a causa desse crescimento de Criciúma como sendo a atividade carbonífera. A ênfase do autor na expansão econômica e

---

<sup>25</sup> Denomino como ‘período clássico’ da cidade carbonífera aquele situado entre a Segunda Guerra Mundial e a década de 1970, quando a atividade carbonífera se tornou predominante na cidade e região. Na década de 1970, o questionamento do carvão no espaço urbano, a emergência de outros esquemas de identificação coletiva e a diversificação produtiva alteraram a relação das cidades da região com a economia e cultura do carvão.

<sup>26</sup> “A Cidade e Seu Progresso” (A Cidade em Revista – Ézio Lima). *Tribuna Criciumense*, 16/07/1956, p. 8.

urbana da cidade no período, o leva a utilizar palavras como “desenvolve”, “evolução progressiva”, “progresso” e “crescimento”. Conjuga, como era próprio desse discurso, o carvão com o progresso.

Esse discurso tornou-se, assim, um relato padronizado quando se quer explicar a maneira pela qual Criciúma tornou-se a maior cidade do sul de Santa Catarina. A Cidade passou a depender economicamente do carvão mineral e a ser identificada com ele, como também sua população, rompendo de certa forma com os esquemas identitários mais presentes em Santa Catarina, em geral articulados com elementos étnicos, “açorianos” ou “europeus”.

A representação social que conjugava todos esses elementos era aquela do *Eldorado*. A relação de Criciúma com a extração do carvão nesse período se deu sob a égide dessa imagem de desejo. Essa categoria ambígua, utilizada por Walter Benjamin para marcar o caráter ambivalente do imaginário social, pode ser pensada, em relação ao *Eldorado*, para situa-lo como representação que reforça o caráter ideológico do mundo social, mas que trás consigo, ao mesmo tempo, sonhos de emancipação da condição humana<sup>27</sup>.

Situada como o lugar por excelência de crescimento econômico e populacional em Santa Catarina, Criciúma é identificada com o reino mitológico que remonta a época do descobrimento, lugar imaginário situado em alguma parte da América, onde haveria riquezas fabulosas em ouro e pedras preciosas a esperar pelos viajantes que possuíssem

---

<sup>27</sup> BOLLE, Willi. **Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin**. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p. 65.

coragem suficiente para arriscar-se na floresta e, assim, desfrutar de suas riquezas<sup>28</sup>. Esse sonho de coletividade aparece inúmeras vezes associado à Criciúma, como na passagem seguinte, quando Manif Zacharias explica a denominação de Rádio *Eldorado Catarinense*, dada por José de Patta, médico local, ao primeiro serviço radiofônico da cidade:

E Criciúma transformava-se, paulatinamente, em ponto de confluência de muitos aventureiros sem maiores responsabilidades, que aqui chegavam em busca do dinheiro que – propalava-se lá fora – corria a rodo por estas bandas. O Doutor De Patta, comentando o fato, afirmava repetidamente que esta nossa terra estava se transformando num autêntico ‘Eldorado’, similar ao dos filmes do *far west* norte-americano. Daí a sua idéia de dar justamente esse nome – Eldorado – à sua criação radiofônica.<sup>29</sup>

A localização imaginária do Eldorado em lugar indefinido permitia situá-lo em qualquer lugar da América onde se abriam possibilidades de enriquecimento. A referência ao oeste norte-americano se comporta um certo estranhamento causado pela presença, na cidade, de pessoas desconhecidas e aventureiras, por outro lado, remete também para um lugar que ofereceu a representação concreta da ambição coletiva americana, divulgada por todo mundo através dos filmes de faroeste. Juntando poder da aventura e corrida do ouro, portanto, a possibilidade de saída de um pesado cotidiano, o *far west*, mais longínquo e simbólico dos oestes norte-americano, foi também uma atualização do mito do *Eldorado*, multiplicado em seu poder de influência através da posterior indústria do cinema<sup>30</sup>. Como *far west* de Santa Catarina, o *Eldorado Catarinense*, Criciúma se atribuía uma qualificação

<sup>28</sup> MANGUEL, Alberto et GUADALUPI, Gianni. *Eldorado*. In: **Dictionnaire des Lieux Imaginaires**. Arles: Actes Sud, 1998.

<sup>29</sup> ZACHARIAS, Manif. **Minha Criciúma de Ontem**. Criciúma: Edição do Autor, 1997, p. 25.

<sup>30</sup> LAGAYETTE, Pierre. **L'Ouest Américain – Réalités et Mythes**. Paris: Ellipses, 1997.

que a vinculava a produção de riquezas capaz de atrair pessoas. Essa riqueza era o carvão, chamado de ‘ouro negro’:

O consumo do carvão de pedra cresceu então, e a indústria carbonífera tornou-se um dos esteios da economia regional. Famílias inteiras deixavam os municípios vizinhos e se transferiam para o novo ‘Eldorado’ do ouro negro.<sup>31</sup>

O carvão, o ‘ouro negro’ do *Eldorado Catarinense*, exercia uma função determinante no sonho coletivo dessa época, tal como o ouro no mito do Eldorado americano. Se o *Eldorado* é uma atualização das versões medievais do paraíso terrestre, lugar de fabulosa abundância e felicidade, situado na terra em um local desconhecido, necessitou ele cobrir-se de um sentido monetário, representando pelo ouro, adaptando-se as novas condições do capitalismo nascente do século XVI. O carvão, como ‘ouro negro’, exercia a função de produtor de riquezas, possibilitando a acumulação de capitais por parte das empresas carboníferas e o enriquecimento de algumas famílias. Ao mesmo tempo, permitia a circulação de riquezas e de pessoas, propiciando as condições para o crescimento da cidade. Como sonho coletivo, o *Eldorado* criciumense expressava a mitologia do progresso.

A “confluência de muitos aventureiros” para a cidade, de que nos fala Zacharias, foi um dos elementos centrais para o estabelecimento dessa imagem – sonho em relação à Criciúma. No mito do *Eldorado*, o verdadeiro valor das riquezas, ouro e pedras preciosas, é revelado pelos forasteiros, enquanto os nativos o desconhecem, já que seus habitantes as utilizam apenas para decorar seus palácios e as consideram inferior à comida e à bebida. Na

---

<sup>31</sup> “Um Pouco de Nossa História II”. *Tribuna Criciumense*. 14 – 21/11/1964, p. 3.



Criciúma do carvão os forasteiros possuíram um papel destacado desde o início, quando operários especializados estrangeiros chegaram para as minas na época da Primeira Guerra Mundial, até posteriormente, por ocasião do efetivo crescimento da produção carbonífera, que requereu a presença de inúmeros profissionais necessários ao funcionamento do setor e inexistentes na então pequena cidade. São eles destacados no relato de Sebastião Netto Campos, ele próprio um forasteiro:

Em Criciúma, e na região carbonífera que a circunda, eram os forasteiros – engenheiros, médicos, advogados, contadores e contabilistas, comerciantes e prestadores de serviços – os seus propulsores.<sup>32</sup>

Manif Zacharias, José de Patta e Sebastião Netto Campos, como tantos outros, são forasteiros na Criciúma carbonífera, profissionais que aportaram na cidade, em geral se casaram com moças das famílias locais e em torno do carvão fizeram suas vidas. Foram integrados na vida local das elites, em vista de suas posições sociais, ainda que não sem alguma resistência<sup>33</sup>. No entanto, foram outros forasteiros, em maior número que os mencionados por Sebastião Netto Campos, que faziam a cidade do carvão efetivamente funcionar.

A situação de vida dos forasteiros chegados ao *Eldorado Catarinense* não era a mesma entre todos. A maioria, que veio para trabalhar nas minas, precisou experimentar o progresso de outra maneira. No ano de 1957, a Câmara dos Deputados constituiu uma

---

<sup>32</sup> CAMPOS, Sebastião Netto. **Uma Biografia Com Um Pouco de História do Carvão Catarinense**. Florianópolis: Insular, 2001, p. 32.

<sup>33</sup> Manif Zacharias narra a resistência do pároco a seu noivado com a filha de uma das famílias locais, em vista de ser um “moço de ascendência não italiana, ainda não de todo afeito aos costumes locais e, sabidamente, maçom” (p. 32).

comissão de inquérito com o objetivo de “apurar as denúncias feitas por jornais da Capital da República, entre eles, O Globo, Diário de Notícias, O Jornal, Correio Radical, Diário da Noite, Luta Democrática, Gazeta de Notícias, quanto às condições de trabalho nas minas de carvão de Santa Catarina”<sup>34</sup>. Em seu relatório, de 27 de janeiro de 1959, a comissão informa que visitou a região carbonífera de Santa Catarina, portos e instalações de beneficiamento do carvão, desceu às minas, e escutou técnicos, administradores, mineiros antigos e recentes, mulheres, prelados e professores, para formar uma opinião sobre as condições de vida e trabalho dos operários do carvão na região. Em seu relato, a comissão apresenta diversos problemas sociais da região carbonífera, entre eles as condições de habitação das famílias mineiras:

(...) construídas de madeira, sujas, mal conservadas e cheias de trinchas por onde os ventos reinantes rodopiam e pelas quais podemos divisar o interior das casas, como tivemos ocasião de verificar por solicitação dos mineiros: se no verão tais casas têm condições de habitabilidade, como suportá-las assim esburacadas no rigoroso inverno de Santa Catarina, quando muitas vezes é mister aquecimento artificial? Não possuem serviços sanitários, água encanada e esgotos. Além de tudo a água que os mineiros bebem não sofre qualquer tratamento sanitário. Só o fato das casas não possuírem água e esgoto, marca o grau de pauperismo desses operários, sujeitos eles e suas famílias, em face da falta de água

---

<sup>34</sup> BRASIL. Resolução nº 88, de 29/03/1957. Diário do Congresso Nacional, Seção I, nº 56, p. 1675.

potável e esgoto, a desintéria, tifo e verminoses. Quanto às habitações, este foi o panorama encontrado.<sup>35</sup>

A comissão cita relatório de Jorge Lacerda, médico que visitara o município de Lauro Muller em 1948, e que constatara as mesmas condições de habitação operária, sem que nenhuma mudança significativa houvesse sido feita até por ocasião da visita da comissão em 1957. Eram as mesmas “habitações de madeira enfileiradas, totalmente pretas, pois eram pintadas de piche (sic). Na paisagem nenhum jardim, nenhuma flor. Carvão por toda a parte: no chão, nos rostos, nas ruas, nas paredes, nos pulmões. A tuberculose vai ceifando inúmeras vidas”.<sup>36</sup>

Carvão por toda parte. O mesmo carvão que fazia o dinheiro correr e os negócios prosperarem gerava também uma condição de vida miserável para a maioria dos envolvidos naquela atividade econômica. A chegada ao *Eldorado Catarinense* transformava-se numa autêntica descida aos infernos, como em uma metrópole européia do século XIX, especialmente Londres, cujos relatos sublinham as trágicas condições das habitações das áreas operárias da cidade<sup>37</sup>. A expansão combinada e desigual do capitalismo para áreas periféricas, como é o caso do Brasil, e em especial da região carbonífera catarinense, gerou condições de vida das camadas populares semelhantes, em áreas de industrialização, àquelas dos operários europeus de outras temporalidades. A paisagem da região carbonífera

---

<sup>35</sup> BRASIL. Projeto de Resolução nº 186, de 27/01/1959. Diário do Congresso Nacional, Seção I, 29/01/1959, p. 741.

<sup>36</sup> Ibid., p. 741.

<sup>37</sup> BRESCIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no Século XIX: O Espetáculo da Pobreza**. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1992.

tornou-se semelhante àquela descrita por Émile Zola em *Germinal*<sup>38</sup>, juntando tempos e espaços diferentes através das mesmas características sociais e culturais.

Como era possível juntar os discursos sobre o progresso com condições de habitação e vida tão precárias? Isso era feito através de uma operação intelectual que ressaltava o preço que se devia pagar pelo progresso, sendo que este era percebido como um ideal a ser alcançado, capaz de gerar crescimento para as pessoas, as cidades e a região, mas que possuía características nefastas que o acompanhavam em seu devir. Essa operação do preço do progresso aparecerá com recorrência em relação aos problemas urbanos de Criciúma, quando esses passam a ter visibilidade. Isto pode ser percebido no mesmo relato citado acima em que Sebastião Netto Campos elogia o crescimento das cidades mineiras, aonde o dinheiro corria e os negócios prosperavam. No parágrafo seguinte ele descreve as vilas operárias junto às minas, com suas casinhas de madeira, sem água ou energia elétrica, “um progresso desordenado que acabou por criar e deixar seqüelas que perduram até hoje”.<sup>39</sup> É o preço do progresso. “Mas – diz ele – era o progresso de toda a região e que fez de Criciúma a cidade pólo que é”. O progresso aparece como um objetivo a ser atingido, e em sua avaliação ele o foi, independente do preço que se tenha que pagar por ele. É que nem todos pagavam.

## Os Construtores da Cidade Carbonífera

---

<sup>38</sup> ZOLA, Émile. **Germinal**. Tradução de Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: Hemus, 1982.

<sup>39</sup> CAMPOS, Sebastião Netto. **Uma Biografia Com Um Pouco de História do Carvão Catarinense**. Florianópolis: Insular, 2001, p. 31 e 32.

Os forasteiros chegavam em grande número vindos das cidades e vilas da própria região sul de Santa Catarina, na imensa maioria agricultores e pescadores. E chegavam à cidade para serem mineiros. A Criciúma do carvão possuía no centro da praça principal da cidade um monumento, denominado “aos homens do carvão”, que tinha como principal elemento a estátua de um mineiro com seus instrumentos de trabalho. Os mineiros eram o principal tipo de trabalhador na cidade carbonífera e em torno dessa figura elaborou-se uma série de representações sociais que passaremos a explorar tomando como fonte poemas e crônicas que apareceram no jornal local, *Tribuna Criciumense*, durante o período ‘clássico’ do carvão.

O primeiro poema a aparecer no jornal é assinado por José Tito Silva<sup>40</sup>, uma homenagem ao mineiro das minas de carvão da região e de Criciúma em particular. Através do poema busca o autor mostrar todo o sacrifício do mineiro e os frutos de seu trabalho. O trabalho que o mineiro executa nas minas, diz o autor, é cansativo e perigoso:

Descalço, calça e camisa,  
 Às vezes de peito nu,  
 Co’a cara e as mãos em negrura  
 Da poeira desprendida,  
 Do solo vai extraíndo  
 Em trabalhos cansativos  
 Todo o perigo enfrentando...

Essa particularidade do trabalho do mineiro, que se fundamenta na afirmação de que seu trabalho não é qualquer trabalho e, assim, o mineiro não é qualquer trabalhador, assenta suas raízes em dois aspectos do trabalho nas galerias do carvão que são sempre ressaltados,

---

<sup>40</sup> “A Balada do Ouro Negro” (José Tito Silva). *Tribuna Criciumense*, 31/10/1955, p. 2.

a dureza e a periculosidade, extraindo-se daí duas qualidades que são louvadas no trabalhador mineiro: seu sacrifício e sua coragem.

Assim, é exatamente através deste trabalho estafante e perigoso que o mineiro arranca das “profundas galerias” o carvão, o ouro negro do título do poema, e garante o crescimento das cidades do sul do Estado, que são, no entanto, apresentadas como frutos do seu trabalho, mas também como resultado da exploração do carvão. Na verdade, o autor reveza no poema as referências ao progresso das cidades da região como fruto do carvão e do mineiro. Na referência abaixo é possível ver a maneira como isso é apresentado:

Ouçõ teus cantos mineiro,  
Vejo tua obra, teus frutos,  
Pois as cidades do sul  
Às noites se iluminam  
E agora estão crescendo  
Graças a esse ouro negro  
Que tu tiras das cavernas  
Das galerias escuras.

O crescimento das cidades do sul nos é apresentado como um dos frutos do trabalho do mineiro, que tira o ouro negro das cavernas. No entanto, a expressão “graças a esse ouro negro” remete o crescimento econômico das cidades, na verdade, como dependente da atividade carbonífera, isto é, é o carvão que propicia o progresso da região, sendo o mineiro louvado no poema exatamente porque seu trabalho é trazer o carvão à superfície e propiciar a sua exploração. O carvão é a matriz representacional a partir do qual o mineiro é elogiado. Em outra passagem, no entanto, no final do poema, Criciúma é apresentada explicitamente como obra do mineiro:

Essa cidade que vês  
A capital do carvão  
De arranha – céus e cinemas  
Com hospitais e aeroporto  
Com escolas e comércio  
A cidade do futuro  
É tua obra mineiro.

O poeta apresenta várias características de cidade grande atribuindo-as a Criciúma: arranha – céus, aeroporto, cinemas, hospitais, e vincula a construção da cidade ao trabalho do mineiro. Ora, a caracterização do progresso da região como sendo dependente do trabalho do mineiro faz-se através de uma operação discursiva que busca retirar dela a sua radicalidade, na medida em que a homenagem se faz ao mineiro, individualmente. Não se aponta no poema para uma atividade coletiva, do conjunto do grupo social. Os mineiros são tratados individualmente, de tal maneira que ainda que se caracterize muito apropriadamente o trabalho difícil que os mineiros executam, é ele louvado enquanto indivíduo. Essa operação impede que apareça no poema temas vinculados às lutas sindicais, por exemplo. As condições de trabalho são difíceis, mas o máximo que pode aparecer no poema é o “canto sofredor” do mineiro e a sua qualificação de “homem forte” e “mineiro modesto”. Sofredor, forte e modesto como qualidades que caracterizam o mineiro do poema e finalmente apontam para a sua resignação. Não é a toa que o autor faz referências aos “sinos que tocam na igreja” e a Deus que “hoje te agradece”, como a indicar que esse trabalho penoso não ficará sem recompensa, ainda que seja ela remetida para uma outra existência. Desta forma, opera-se uma despolitização do poema, ainda que se trate nele, de maneira muito interessante, do trabalho e dos frutos do trabalho dos mineiros.

Uma outra linha de interpretação aponta para a representação que o autor faz da natureza em relação com a atividade carbonífera. O autor utiliza expressões provenientes da relação do homem, pelo trabalho, com a natureza para caracterizar o trabalho mineiro, como “frutos”, “arrancá-lo”, “vês crescendo”, “trabalho fecundo”. O mineiro é quase um agricultor a colher o carvão nas profundezas da terra. Ora, o carvão é também um elemento natural e essa sua apresentação agrícola e, ao mesmo tempo, capaz de gerar crescimento econômico para as cidades da região, nos mostra que o autor está trabalhando a partir de representações que remetem para um tempo imaginário, quando o homem dependia da natureza, mas também tinha com ela uma relação mais harmoniosa. O autor deixa bem claro que esse tempo não mais existe, ao menos para o mineiro, que precisa realizar seu extenuante trabalho. Na verdade, é exatamente o trabalho do mineiro que garante aos outros a possibilidade de usufruírem o fruto da natureza, no caso o carvão. No início do poema ele afirma que “o homem sua e trabalha para arrancá-lo das minas!...”, lembrando o veredicto divino sobre o homem que comeria do suor do seu rosto. O mineiro é louvado por ter recaído sobre si a sentença divina, suando seu rosto para todos comerem ou sendo expulso do paraíso para que os outros pudessem ali permanecer. É o sonho edênico que está na base dessa representação que o poema ajuda a pôr em circulação. Ou mais exatamente a reapresentação do sonho edênico e a centralidade do trabalho na sociedade capitalista, sem o qual a acumulação de riquezas não se opera. O sonho reaparece a partir da representação do progresso, como tempestade que sopra do paraíso, no dizer de Walter Benjamin, e que acumula um amontoado de ruínas que cresce até o céu sobre o solo da cidade carbonífera<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas – Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 226.



Desta forma, o trabalho mineiro é reconhecido como a base através da qual a sociedade sul-catarinense é construída, porém, a forma naturalizada e abstrata como o tema é tratado no poema esvazia esta afirmação de toda radicalidade que ela poderia conter.

É o que ocorre, de uma outra maneira, em um poema de Pedro Bernardino<sup>42</sup>. Quando se lê seu título pela primeira vez, bastante inusitado, se tem a impressão de que se trata de um escrito de denúncia social. No entanto, o sentido de “Os Escravos do Século XX” vai noutra direção, como um olhar mais pormenorizado demonstra. Isso provoca uma espécie de contraste entre o título e o corpo do poema, gerando uma sensação de que um é inadequado em relação ao outro. Entretanto, é através do poema que o sentido do título se esclarece.

Louva o autor, já na primeira estrofe, o trabalho dos mineiros “tirando o produto precioso; Para a nossa vida salvar”. O produto precioso a que se refere o autor é, evidentemente, o carvão. É a retirada do carvão que salva a vida do autor e dos eventuais leitores (“nossa vida”), a demonstrar a necessidade imperiosa do trabalho mineiro, sem o qual a vida de autor e leitores não existiria, a dizer, as cidades e populações da região carbonífera. É com base nesta necessidade, afirmada no primeiro verso, que se estabelece a comparação entre os escravos e os mineiros. Assim, como a sociedade escravocrata devia sua sustentação e existência ao trabalho dos escravos, da mesma forma deve a sociedade da região carbonífera sua existência ao trabalho dos mineiros, os novos escravos do século XX. Essa afirmação da necessidade do trabalho mineiro não se dá a partir da noção de que é esse trabalho que construiu a riqueza das cidades da região carbonífera, como seu fruto, como é o caso do poema anterior, mas apenas reconhece a sua necessidade social para a

---

<sup>42</sup> “Os Escravos do Século XX” (Pedro Bernardino). *Tribuna Criciumense*, 17/03/1958, p. 2.

sociedade da região. Isso fica claro na segunda estrofe, quando o alcance social do poema mostra a sua limitação, ao falar em auxiliar e ajudar os mineiros, o máximo a que o autor chega. Não é a condição de trabalho dos mineiros, comparada a de escravos como o título parece sugerir, que é apontada no poema, mas a necessidade de seu trabalho para o funcionamento da sociedade regional.

O trabalho dos mineiros, e o autor é um dos poucos que utiliza a palavra no plural, é tomado como “gran (sic) exemplo”, a quem se deve tributar “honras”, em vista de seu esforço. É a sociedade do trabalho que aqui se afirma, trabalho gerador de progresso, como quando fala em trabalhar para “levar nossa terra à frente”. O motivo pelo qual os mineiros trabalhariam é apresentado pelo autor como sendo o amor a sua cidade, do autor e dos mineiros, Criciúma, sob o lema de “salve a Capital do Carvão”.

O aparecimento de um outro poema ao mineiro em 1956 teve por motivação o primeiro de maio<sup>43</sup>. No poema o mineiro é apresentado como um “herói desconhecido” em vista da “vida dura e cruel...” que leva, não obstante isso entra “nas profundezas das minas”. O poema faz alusão ao tema das trevas, ao afirmar que o mineiro não vê o sol e tem a escuridão das galerias como sua “companheira inseparável”. Entretanto, é essa mesma escuridão que o levará um dia à “sepultura”. O autor compara a morte com a galeria escura, equivalendo a mina e a sepultura, para afirmar a dupla condição da mina na vida do mineiro, de um lado o lugar em que ele pode ganhar o “pão de cada dia” e, de outro, o lugar irremediável de sua morte (“que te levará algum dia à sepultura”). Há uma certa fatalidade na condição do mineiro: ele sabe que a mina o levará à morte, mas permanece nela, como

---

<sup>43</sup> “Mineiro – Homenagem ao 1º de Maio” (Romeu Lopes de Carvalho). *Tribuna Criciumense*, 02/05/1956, p. 6.

estando antecipadamente em sua sepultura. Essa talvez seja a condição de seu heroísmo, com que se abre o poema.

O fechamento do poema o liga ao primeiro de maio, quando o autor afirma que o mineiro merece “mais conforto para que tu possas viver mais feliz”, dando-lhe um caráter de reivindicação de melhoria, da vida do mineiro, ainda que limitada. Não sabemos exatamente a que se refere o autor quando trata do “conforto”, se às condições de trabalho nas galerias ou a melhoria das condições domésticas. Talvez as duas coisas. No terceiro verso o autor se refere a família do mineiro, sua mulher e filhos, a sugerir que talvez se trate efetivamente de conforto em sua casa. Isso, em assim sendo, não alteraria a condição de sepultura das galerias onde o mineiro era obrigado a trabalhar, o que talvez desbotasse – no poema – o seu heroísmo. De qualquer maneira, a impressão que se tem é que o tema do mineiro – herói contribui para justificar socialmente as condições de trabalho nas galerias. Era exatamente porque o mineiro era um herói, que as condições das galerias não precisavam ser modificadas. Algo que, de certa maneira e sem que o autor perceba, o poema reforça.

### **O Monumento da Cidade do Carvão**

Esse discurso que os poemas apresentam em relação aos mineiros, o do herói trabalhador, parece ser o mesmo que foi estabelecido na edificação do *Monumento aos Homens do Carvão*, cujo elemento mais visível é um mineiro com seus instrumentos de trabalho. Construído no centro da praça da cidade, o monumento é o principal símbolo da cidade carbonífera, a expressar a alta posição que o imaginário do carvão havia adquirido

em relação à identidade urbana de Criciúma. Buscaremos explorar o conjunto de significações que ele evoca, a partir da conjuntura de sua construção e dos elementos presentes no próprio monumento. A principal fonte de informações sobre o monumento, desaparecido no início na década de 1970, é a parte histórica da obra *Criciúma: Amor e Trabalho*, elaborada por José Pimentel e Mário Beloli, editada em 1974 pela Prefeitura Municipal de Criciúma na gestão do prefeito Algemiro Manique Barreto<sup>44</sup>.

A construção do monumento parece ter sido uma iniciativa da igreja católica e da indústria carbonífera. O Monumento foi inaugurado em 29 de dezembro de 1946, no centro da praça Nereu Ramos, a principal de Criciúma, por ocasião do Congresso Eucarístico do Sul do Estado de Santa Catarina, realizado na cidade de 25 a 29 de dezembro daquele ano, acontecimento de grande repercussão social e política. José Pimentel e Mário Beloli narram assim a repercussão do Congresso:

Foi sem favor nenhum, acontecimento de repercussão nacional, com a emissão de selo e a inauguração do monumento comemorativo do 33º aniversário da implantação, no sul catarinense, da indústria carbonífera.<sup>45</sup>

Através do monumento conjugaram-se os esforços da igreja católica, na realização do Congresso Eucarístico, e dos empresários do carvão, em comemoração à implantação da indústria do carvão em Criciúma, no sentido de atrelarem os trabalhadores mineiros, numerosos e em crescimento naquela conjuntura, a um projeto de combate ao comunismo, criando uma espécie de salvaguarda ideológica a influências esquerdistas através da

---

<sup>44</sup> PIMENTEL, José e BELOLLI, Mário. Criciúma – Amor e Trabalho. Itajaí: Edições Uirapuru, 1974.

<sup>45</sup> Ibid., p. 38.

reafirmação do catolicismo e do reconhecimento da importância do operário mineiro, presente na colocação da estátua no pedestal. Na verdade, a julgar pela correspondência enviada por Nereu Ramos ao prefeito de Criciúma, quando afirma que havia tomado conhecimento do “programa organizado para comemorar o 33º aniversário da indústria carbonífera cresciunense, figurando entre as solenidades um Congresso Eucarístico”<sup>46</sup>, a iniciativa foi das empresas carboníferas e do poder público municipal, com as atividades centradas em torno do carvão, elemento de galvanização identitária principal da cidade. O congresso eucarístico, de acordo com a fala de Ramos, é parte das comemorações do aniversário da indústria carbonífera, e não o contrário, comemorações que incluem também a inauguração do monumento.

De fato, há alguns indícios na realização do Congresso Eucarístico e elevação do monumento que apontam para um desejo, por parte de empresários e hierarquia católica no município, de tutelarem os trabalhadores mineiros. Nos versos do Hino do Congresso Eucarístico, cuja letra foi elaborada pelo padre Agenor Marques, vigário auxiliar da paróquia São José no centro da cidade e um dos organizadores do Congresso, transparece esse desejo de combate a outras doutrinas que não o catolicismo:

Rejeitando essas falsas doutrinas  
Ressurgidas de um mundo pagão;  
De Jesus pelas sendas divinas,  
Anda alegre o operário cristão.<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> Apud BELOLLI, Mário; QUADROS, Joice; GUIDI, Ayser. **História do Carvão de Santa Catarina**. Volume I (1790 – 1950). Criciúma: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002, p. 262.

<sup>47</sup> PIMENTEL, José e BELOLLI, Mário. Criciúma – Amor e Trabalho. Itajaí: Edições Uirapuru, 1974,

Fica claro que o objetivo é tornar católico o operário, no caso o mineiro, praticamente único contingente da classe operária no município e região, livrando-o de outras influências concorrentes. Essas influências parecem estar identificadas ao crescimento do Partido Comunista Brasileiro no país, que considerava os trabalhadores como seu principal alvo de apoio<sup>48</sup>. O PCB havia sido legalizado no processo de queda do Estado Novo e redemocratização do pós-guerra e teve uma participação importante nas eleições presidenciais e legislativas de 1945, quando então já se iniciava um clima de anticomunismo no Brasil como reflexo da conjuntura externa da guerra fria, levando a que o partido fosse considerado ilegal em maio de 1947<sup>49</sup>. O retorno do país a um período de normalidade democrática, vencendo as amarras ditatoriais do Estado Novo, abria uma fase de intensa disputa pelo controle político do eleitorado nacional, levando partidos políticos, personalidades públicas e organizações sociais como a igreja católica a se mobilizarem em direção as camadas populares, mais numerosas e decisivas na hora do voto, no caso de Criciúma e região, os mineiros. Talvez movimentos locais, como a fundação do sindicato da categoria mineira em 1945<sup>50</sup>, ainda que de atuação moderada na época, e a greve dos operários da Companhia Próspera em agosto do mesmo ano<sup>51</sup>, tenham também reforçado o

---

<sup>48</sup> É possível que as “falsas doutrinas” dos versos do hino refiram-se também ao surgimento de igrejas protestantes no município, como a igreja presbiteriana, cujo trabalho de organização iniciou em 1942, e a Assembléia de Deus, iniciada a partir de 1943/1944 (GONÇALVES, Gesiel S. **O Vento Sopra Onde Quer – Primeiros Anos da Igreja Assembléia de Deus em Criciúma**. Criciúma: Edição do Autor, 2000, p. 41 e 44).

<sup>49</sup> O PCB obteve 9,7% dos votos nas eleições presidenciais e 4,9% nas eleições legislativas em 1947, conseguindo inclusive eleger Luis Carlos Prestes para o Senado (DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *Partidos Políticos e Frentes Parlamentares: Projetos, Desafios e Conflitos na Democracia*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**. Volume 3: O Tempo da Experiência Democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 135 e 136).

<sup>50</sup> VOLPATO, Terezinha Gascho. **A Pirita Humana: Os Mineiros de Criciúma**. Florianópolis: Editora da UFSC/ Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984.

<sup>51</sup> GOULARTI FILHO, Alcides e LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes. *Movimento Operário Mineiro em Santa Catarina nos Anos 1950 e 1960*. In: GOULARTI FILHO, Alcides (Organizador). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 75.

objetivo de controlar as populações mineiras, expresso no congresso eucarístico e na inauguração do monumento.

Está presente também no monumento a intenção de harmonizar as duas classes sociais que atuavam no processo de extração do carvão, os mineradores e os mineiros. Isso fica claro de imediato pela nomeação do próprio monumento, chamado *Aos Homens do Carvão*, no caso empresários e operários. A forma que o monumento assumiu em seu processo de construção denota essa intenção de maneira cristalina.

Os trabalhadores compareciam no monumento através de estátua em bronze de um mineiro, em tamanho natural, com os seus instrumentos principais de trabalho: a picareta e o gasômetro. O modelo para a confecção da estátua foi o mineiro Manoel Costa, trabalhador da Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá – CBCA<sup>52</sup>. Ainda que tenha modelo, a figura do mineiro no monumento é apresentada de forma a demonstrar o caráter coletivo e impessoal da classe operária, que não tem meios individuais de prestígio ou riqueza para dar uma contribuição individual ao crescimento do município, com exceção do seu trabalho, exercido de forma coordenada por todos os seus membros. A multidão dos operários é representada por um mineiro que não tem nome e nem rosto, anônimo, cujo destaque é dado por aquilo que distingue a classe, os seus instrumentos de produção. O mineiro – herói é criado simbolicamente como o herói do trabalho, exaltado no monumento ao ser colocado em seu ponto mais alto, porém exaltado apenas em sua condição de produtor de carvão, a partir do qual ele passa a existir. A picareta e o gasômetro tem exatamente a função de criar a figura do bom mineiro, estandarizada no monumento, como aquele que produz o carvão para as empresas carboníferas.

---

<sup>52</sup> PIMENTEL, José e BELOLLI, Mário. **Criciúma – Amor e Trabalho**. Itajaí: Edições Uirapuru, 1974, p. 38.



*Monumento aos Homens do Carvão (Criciúma/SC, c. 1950).*

Em uma crônica aparecida na *Tribuna Criciumense* em 1956, Sebastião H. Pieri faz considerações sobre os instrumentos de trabalhos presentes no monumento, por ele chamado *Monumento ao Homem do Carvão*, a picareta e o gasômetro, em vista do desaparecimento deste último. A intenção do artigo é mostrar que sem esses instrumentos o mineiro não existe. Pieri fala em especial do gasômetro e mostra a sua importância no trabalho mineiro, desde o momento em que o mineiro sai de casa até o momento em que adentra no interior da mina e lá permanece durante horas:



É que aquela lanterna, de luz serena e forte, é a garantia de seu trabalho e, conseqüentemente, do sustento de sua esposa e filhos. É que o gasômetro para ele é um símbolo, é uma insígnia por excelência.<sup>53</sup>

O gasômetro simboliza no texto a condição de sobrevivência do mineiro em seu trabalho na mina sempre escura. O texto de Pieri faz utilização do gasômetro para mostrar a luta do mineiro contra as trevas. Sai ele de casa ainda à noite, quando o dia está quase nascendo, e chegando a galeria da mina, “embrenha-se pela terra adentro”. O autor utiliza, nos dois primeiros parágrafos de sua crônica, uma série de termos que remetem para uma dialética dia – noite, luz – trevas. No primeiro parágrafo ele trabalha com a oposição no nível da natureza entre “trevas” de um lado e “claridade” e “alvorada” de outro. No segundo parágrafo a oposição se dá no nível do humano, entre “escuridão” e “galeria” de um lado, e “lanterna” e “gasômetro” de outro. A mina é apresentada, desde forma, como a continuação da noite e o mineiro nos é mostrado como um ser que vive mais tempo nas trevas, seja a da natureza ou a da mina. Entretanto, assim como o alvorecer venceu as trevas da noite, o autor mostra como, com a ajuda do gasômetro, o mineiro vence as trevas da mina “no afã de ganhar o sustento de sua família”. Vencer a noite e as trevas para sobreviver utilizando o gasômetro nos remete imaginariamente para um tempo em que os homens e mulheres possuíam recursos tecnológicos escassos, materiais e mentais, para garantir a vida do grupo. Vencer as trevas era vencer as condições naturais inóspitas e, assim, garantir a continuidade da espécie. A luz produzida pelo fogo era exatamente a tecnologia mais importante que o homem dispunha para esse objetivo. Apresentado como o

---

<sup>53</sup> “O Mineiro Sem Insígnias” (Sebastião H. Pieri). *Tribuna Criciumense*, 16/01/1956.

homem em sua primitividade, o mineiro porta simbolicamente a luz no gasômetro e com seu trabalho de extração do carvão garante a sobrevivência da espécie. Por isso, Pieri afirma que a estátua do mineiro sem o gasômetro “já não mais era um mineiro, pois lhe faltava o adereço indispensável”. É como *homem do carvão* que o mineiro existe, no singular, representando o conjunto da categoria, sem individualidades.

Os outros homens do carvão, os mineradores, estão presentes no monumento através de efígies em forma de medalhões afixados no pedestal em granito<sup>54</sup> que sustentava a estátua do mineiro. Neste pedestal, em seu lado frontal, havia a inscrição “Cresciuma aos Homens do Carvão 1913 – 1946”, tendo abaixo o escudo do Congresso Eucarístico<sup>55</sup>. O principal desses medalhões era aquele de Henrique Lage<sup>56</sup>, empresário carioca do início do século XX com inúmeros investimentos no Sul do Estado. Dos empresários do carvão ele é o principal homenageado<sup>57</sup>. Além dele, ficamos sabendo que existiam também as efígies de Gonzaga de Campos e Paulo de Frontin<sup>58</sup>. O medalhão de Henrique Lage ocuparia no projeto do monumento um local mais central, em sua parte frontal, tal como aparece no selo

---

<sup>54</sup> A informação que o pedestal do monumento era em granito encontra-se em BOA NOVA JR, Francisco de Paula. **Problemas Médico-Sociais da Indústria Carbonífera Sul-Catarinense**. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Produção Mineral – DNPM, 1953, Boletim número 95, p. 17.

<sup>55</sup> Conforme fotografia que aparece em CAROLA, Carlos Renato, **Dos Subterrâneos da História – As Trabalhadoras das Minas de Carvão de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002, p. 229.

<sup>56</sup> Fotografia que aparece em MILANEZ, Pedro. **Fundamentos Históricos de Criciúma**. Florianópolis: Edição do Autor, 1991, p. 177.

<sup>57</sup> A homenagem a Henrique Lage, proprietário da CBCA e a utilização de um mineiro dessa empresa como modelo para a estátua do mineiro mostra a importância dessa Companhia Carbonífera naquele contexto histórico de edificação do monumento. A CBCA era então a principal empresa carbonífera da cidade e seus proprietários administravam, entre outras empresas, a Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, responsável pelo transporte do carvão ao porto de Imbituba.

<sup>58</sup> “(...) Henrique Lage, Gonzaga de Campos e Paulo de Frontin, essa trilogia magnífica de pioneiros do carvão nacional, perpetuados no monumento – obelisco de Cresciuma, a encantadora Capital do Carvão (...)”. Discurso do engenheiro Galba de Bôscoli em 31 de julho de 1948. Apud BELOLLI, Mário; QUADROS, Joice; GUIDI, Ayser. **História do Carvão de Santa Catarina**. Volume I (1790 – 1950). Criciúma: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002, p. 261.

comemorativo do Congresso Eucarístico<sup>59</sup>, local ocupado posteriormente pelo escudo do próprio Congresso. A intenção, ao que parece, era fazer representar os homens do carvão na dupla Henrique Lage – estátua do mineiro e, assim, concretizar a idéia de congraçamento entre as duas classes carboníferas. Esses mineradores são homenageados como pioneiros da indústria carbonífera, ou seja, sua memória é fixada no monumento também a partir do carvão.

Homenageando a um tempo a memória dos homens que, com o aproveitamento de nossas imensas reservas carboníferas, abriram para a nacionalidade rumos luminosos, e o operário humilde que, no seu labor fecundo mas anônimo, vinha concorrendo para o engrandecimento do País nessa indústria vital, não se esqueceram, como bons cristãos, de conclamar as bênçãos do criador para essa atividade promissora.<sup>60</sup>

A fala de Nereu Ramos capta bem a intenção do monumento, ao articular a memória dos empresários, do operário humilde e as bênçãos do criador, isto é, mineradores, mineiros e igreja católica – os três temas presentes no monumento - com, respectivamente, os termos reservas carboníferas, indústria vital e atividade promissora, ou seja, com o carvão mineral, o verdadeiro homenageado pelo *Monumento Aos Homens do Carvão*. Na verdade, o monumento que existiu na praça central de Criciúma de 1946 a 1971, denominado *Monumento aos Homens do Carvão*, era de fato um monumento ao carvão mineral, verdadeira base a sustentar a homenagem que se fazia a mineiros e mineradores. O

---

<sup>59</sup> PIMENTEL, José e BELOLLI, Mário. **Criciúma – Amor e Trabalho**. Itajaí: Edições Uirapuru, 1974, p. 38.

<sup>60</sup> Correspondência de Nereu Ramos ao prefeito de Criciúma. Apud BELOLLI, Mário; QUADROS, Joice; GUIDI, Ayser. **História do Carvão de Santa Catarina**. Volume I (1790 – 1950). Criciúma: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002, p. 262.

elemento visível do monumento que simboliza a presença não nomeada do carvão é o pedestal, sustentador do mineiro que sobre ele se colocou e também dos medalhões dos pioneiros da mineração, nele afixados. Algumas das características do pedestal apontam para determinados valores que o imaginário da mineração atribuía ao carvão. Em primeiro lugar, a sua características de sustentador do progresso da cidade, inimaginável naquele contexto sem a sua presença. Também o seu tamanho no conjunto do monumento e o seu aspecto maciço, a demonstrar a solidez da indústria carbonífera, talvez mais uma solidez desejada que propriamente real. De toda maneira, o *Monumento aos Homens do Carvão* estabeleceu-se como uma ode visual ao carvão, a louvar o progresso que a atividade mineradora trazia para a cidade e a região.

Essa necessidade de criação de permanências relacionadas ao carvão parece estar em razão direta a sua instabilidade no presente e imprevisibilidade de futuro. O fato de ser um combustível fóssil, por isso esgotável, colocava sempre em discussão o tamanho das reservas do mineral e o tempo que a cidade ainda dispunha para minera-lo. De qualquer forma, por muito ou pouco tempo, o que restava era que o carvão não podia sustentar o crescimento da cidade e região indefinidamente. Além disso, as crises cíclicas do setor, sempre dependente dos preços fixados pelo governo federal, também geravam apreensões entre a população, pela dependência que a cidade e a região tinham em relação à atividade extrativa. Assim, o tema da diversificação industrial se impôs a partir da década de 1950, ganhando força nas décadas seguintes, como um campo de discussão da cidade carbonífera.

## Diversificação Econômica da Cidade Carbonífera

Uma questão fundamental que os pensadores da cidade carbonífera colocavam, também, como tarefa para si e para os governantes era a diversificação econômica de Criciúma. Na década de 60 a Associação Comercial e Industrial fez uma ampla campanha propondo que os empresários locais abrissem outros negócios e buscando atrair empresas externas ao município. Criticavam a dependência que a cidade tinha em relação à indústria carbonífera que, argumentavam, com suas constantes crises não permitia um futuro estável. Ainda que tenham sido fundados estabelecimentos industriais no município desde os anos 1940, foi nas décadas de 1970 e 1980 que a cidade passou por um intenso processo de diversificação produtiva, centrada na atividade cerâmica, de vestuário e de calçado.

A partir da segunda metade dos anos 70, em maior escala a indústria cerâmica, do vestuário e de calçados e, em menor escala, até meados dos anos de 1980, a indústria de matérias plásticas e metal-mecânica passaram a comandar, em paralelo com as atividades carboníferas, o processo de acumulação capitalista e, portanto, de indução da renda, na região.<sup>61</sup>

A luta pela diversificação industrial, no entanto, não era um assunto apenas de âmbito econômico, mas questionava a própria imagem externa e interna da cidade, a sua identidade de ‘Capital do Carvão’. O tema da diversificação industrial apontava para a

---

<sup>61</sup> GOULARTI FILHO, Alcides. *Diversificação Produtiva no Sul de Santa Catarina: Uma Contribuição à História Econômica Regional*. In: **Ensaio Sobre a Economia Sul-Catarinense II**. Criciúma: UNESC, 2005, p. 19. Segundo o autor, “entre as diversificações microrregionais ocorridas em Santa Catarina, a da região de Criciúma, nos anos de 1970 e 1980 foi a mais dinâmica” (p. 24). Ver também: GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

criação de uma nova modernidade urbana, que não tivesse mais o carvão como fonte econômica principal. Ainda que não negasse a importância do carvão mineral para a cidade, negava-se a modernidade advinda do carvão, a cidade carbonífera, e se propunha uma nova modernidade urbana, baseada em uma diversidade de indústrias, que superaria a anterior modernidade do carvão<sup>62</sup>. Saudado como a riqueza sem a qual Criciúma jamais teria se tornado a principal cidade da região, o carvão, no entanto, impedia a cidade de tomar ares de uma nova modernidade: o odor desagradável, a poeira que as ruas revestidas de piritita levantava nos dias de sol, o lodo preto e pegajoso nos dias de chuva, o pó do carvão que a tudo impregnava, o populacho indisciplinado e perigoso. Tudo isso criava uma atmosfera contrária ao desejo de uma cidade limpa, arborizada, vertical, com pessoas educadas e de bons hábitos. Ao mesmo tempo, as crises cíclicas do carvão punham apreensivos os dirigentes da cidade quanto ao seu futuro de progresso, tantas vezes apregoadado. Surgia, assim, nessa época, o tema da diversificação industrial como um dos elementos da nova modernidade que se desejava, buscando questionar a completa dependência do carvão.

A diversificação aparecia como um tema que não se vinculava apenas ao âmbito econômico, mas apontava no sentido do questionamento das características de cidade que Criciúma possuía no período. Em que pese as crises cíclicas da produção carbonífera, sempre dependente das políticas oficiais de energia, crises que atingiam toda a cidade e região em vista da dependência econômica que se estabeleceu em relação ao carvão, a diversificação surgia como um componente da cidade moderna, pois a modernidade cidadina pressupunha a existência de outras indústrias na cidade para além da exploração

---

<sup>62</sup> A noção de ‘cascatas de modernidade’ a indicar a sucessão e mesmo a sobreposição de diferentes modernidades no decorrer do tempo encontra-se em GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos Sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998.

carbonífera. As fábricas, que deviam ser atraídas para a Criciúma carbonífera, seriam mais um elemento de modernidade presente na economia e na paisagem, como defende Ézio Lima, ao exemplificar a fase de desenvolvimento e progresso que Criciúma estava passando na década de 1950 com as edificações, os novos cinemas e “os estabelecimentos comerciais e industriais, pelo seu aparelhamento e pelas suas instalações, que dão à cidade um aspecto de vida moderna”<sup>63</sup>.

Mas não era apenas isso. Ficava claro aos pensadores da cidade que, além de não desejarem mais uma modernidade carbonífera, a atividade não poderia sustentar a modernização da cidade por muito tempo. Essa noção de esgotamento do carvão aparece, por exemplo, em um conjunto de artigos que Pedro Henrique Osório publicou na *Tribuna Criciumense* em 1957. A partir da proposta de criação de uma escola técnica industrial em Criciúma, o autor discute o futuro da cidade carbonífera e a sua transformação em uma cidade com outras indústrias. No primeiro artigo<sup>64</sup>, o mais importante deles, após afirmar que “(...) é necessário, desde já, olharmos para os recursos capazes de lhe mudar o destino de cidade mineira, quando surgir a ocasião precisa”, apresenta o exemplo negativo de outras cidades mineiras, que não se prepararam para o fim da atividade econômica que sustentava o seu crescimento.

Criciúma é possuidora de uma fonte de riqueza esgotável a qual, embora dure ainda muitos anos – faço votos para que isso aconteça, chegará o dia em que seus habitantes hão de lançar mão de outros meios além do carvão para manterem a cidade em pé; pelo contrário, acontecerá como aconteceu às cidades chamadas de mineração, situadas no centro-oeste brasileiro, cuja pujança e

---

<sup>63</sup> “A Cidade e Seu Progresso”. (A Cidade em Revista). Ézio Lima. *Tribuna Criciumense*, 16/07/1956, p. 8.

<sup>64</sup> “Escola Técnica Para Criciúma”. Pedro Henrique Osório. *Tribuna Criciumense*, 09/09/1957, p. 4.

progresso se extinguíram a partir das últimas gramas de ouro, das últimas pedras preciosas encontradas em seu solo.

No sentido de preparar-se para o esgotamento da atividade carbonífera é que o autor fazia a proposta da escola técnica industrial, já que a cidade não teria seu crescimento econômico prejudicado “se, em vez de operários aptos a trabalhar apenas na indústria extrativa do carvão, tivermos gente competente para se dirigir às fábricas de tecidos, de calçados, de móveis, às tipografias, às alfaiatarias, às oficinas, etc”.

Em seu segundo artigo, publicado logo em seguida, Pedro Henrique Osório apresenta ainda mais explicitamente o futuro sombrio da cidade se esta insistisse em se manter dependente do carvão mineral<sup>65</sup>. Tornar-se-ia uma cidade fantasma. Contrapondo as ruínas da cidade carbonífera ao futuro radioso da cidade diversificada, Osório fundamentava sua visão de uma outra Criciúma moderna e apelava para a iniciativa da população na defesa da cidade.

A terra ouronegrense não viverá das sombras do passado se seus habitantes não permitirem, pela coragem, dedicação e trabalho com que se entregarem à preparação dos moços; se não se limitarem a corroer o seu subsolo deixando-o oco e enfraquecido, sem nada que o possa manter produtivo no dia de amanhã. Essa Criciúma pomposa de nossos dias não será desabitada, despida e agoniada, não se alimentará de esperanças mortas e nem se movimentará pelos pés dos fantasmas que lhe sugaram a seiva, as energias, o

---

<sup>65</sup> “Escola Técnica Para Criciúma”. Pedro Henrique Osório. *Tribuna Criciumense*, 23/09/1957, p. 1 e 4.



encanto e a deixaram trêmula ao mais fraco vento, indefesa e indesejável aos seres mais estúpidos deste mundo. Os criciumenses do futuro não serão surpreendidos por visões de desolamento, nem assistirão a retirada de homens vencidos, mas sim acompanharão a marcha de ‘Ordem e Progresso’ de grandes levas de operários destinando-se aos mais variados tipos de fábricas.

No fechamento da série de artigos, o autor cobra dos “senhores políticos, mineradores e comerciantes” a responsabilidade pela criação da escola técnica industrial para a formação de mão-de-obra que permitiria, no futuro, o desenvolvimento de outras indústrias em Criciúma e na região<sup>66</sup>.

A preocupação com a mão de obra e sua vinculação a temática da diversificação escondia outros motivos e apreensões que iam além da necessidade de prepara-la para o futuro esgotamento das jazidas carboníferas e chegada das novas fábricas. Havia também a compreensão que a diversificação industrial resolveria os problemas sociais existentes na cidade e amenizaria os conflitos sindicais. O autor de uma matéria publicada na *Tribuna Criciumense* em 1961 caracteriza Criciúma como uma cidade operária, heterogênea e ‘emocional’<sup>67</sup>. Este último termo é claramente um codinome para os conflitos sindicais, que se acirraram na cidade e região após a conquista do Sindicato dos Mineiros de Criciúma por uma diretoria ‘combativa’ a partir de 1957<sup>68</sup>. As greves se sucederam. Em março de 1957 a

---

<sup>66</sup> “Escola Técnica Para Criciúma”. Pedro Henrique Osório. *Tribuna Criciumense*, 30/09/1957, p. 6.

<sup>67</sup> “Trabalho: Eis a Solução”. *Tribuna Criciumense*, 20/11/1961, p. 11.

<sup>68</sup> GOULARTI FILHO, Alcides e LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes do. *Movimento Operário Mineiro em Santa Catarina nos Anos 1950 e 1960*. In: GOULARTI FILHO, Alcides (Organizador). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 75 – 91. VOLPATO, Terezinha Gascho. **A Pirita Humana: Os Mineiros de Criciúma**. Florianópolis: Editora da UFSC/Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984.

categoria mineira deflagrou uma greve na cidade, sem conflitos explícitos; em setembro de 1958 ocorreu uma greve na CBCA, uma das mais importantes companhias carboníferas na região; em maio de 1959 nova greve de quase um mês de duração ocorreu em Criciúma. Entretanto, foi a greve de janeiro de 1960 que demonstrou que havia ocorrido uma alteração na correlação de forças entre mineiros e mineradores, o que modificava completamente o cenário político da cidade. Neste ano, os mineiros deflagraram uma greve que ocorreu entre os dias 4 e 28 de janeiro, mobilizou as cidades carboníferas e trouxe para a região as tropas do 14º Batalhão de Caçadores, sediadas em Florianópolis<sup>69</sup>.

A greve que ocorreu em 1960 foi a mais ferrenha da história sindical de Criciúma. Houve muita repressão. A greve nasceu na Metropolitana e se estendeu por todas as mineradoras. Para reprimir veio o exército na rua, com cacetetes, bombas de gás lacrimogêneo, etc.<sup>70</sup>

Diante disso, compreende-se porque o autor da matéria de 1961 caracterizou a cidade como ‘emocional’. Essa combatividade sindical, como se pôde ver, estava centrada na categoria mineira. O diagnóstico que as autoridades faziam é que os mineiros, em geral, tinham que sustentar sua numerosa família sozinhos, com seu trabalho na mina<sup>71</sup>. A esposa e os filhos, nesse período, em geral não possuíam ocupação remunerada em vista de que a

---

<sup>69</sup> Estas informações encontram-se em GOULARTI FILHO, Alcides e LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes do. *Movimento Operário Mineiro em Santa Catarina nos Anos 1950 e 1960*. In: GOULARTI FILHO, Alcides (Organizador). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 81 – 83.

<sup>70</sup> Depoimento de Jorge Feliciano, liderança sindical do período. **A Pírita Humana: Os Mineiros de Criciúma**. Florianópolis: Editora da UFSC/ Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984, p. 117 – 118.

<sup>71</sup> “Trabalho: Eis a Solução”. *Tribuna Criciumense*, 20/11/1961, p. 11. “Industrialização Fator de Progresso”. *Tribuna Criciumense*, 22 – 29/02/1964, p. 1.

oferta de trabalho era basicamente fornecida pelas companhias mineradoras, que não aceitavam trabalhadores com menos de vinte e um anos para o subsolo e dezoito anos para a superfície. Além disso, as minas passavam por um novo processo de mecanização na década de 1960, o que significa desemprego<sup>72</sup>, agravado pela inflação que corroía os salários dos trabalhadores mineiros<sup>73</sup>. Na década de 1960, portanto, a diversificação econômica era apresentada como o remédio capaz de curar todos os males da cidade, notadamente os males sociais advindos das características carboníferas que Criciúma possuía.

Os mineradores, grupo social poderoso na cidade, percebiam o movimento pela diversificação também por este ângulo, como uma vantagem na medida em que poderia dar trabalho aos demais membros da família mineira, produzir um decréscimo na participação do pai na renda familiar e, assim, diminuir a pressão salarial sobre as companhias mineradoras. O diagnóstico dos mineradores era claro:

As minerações, presas às quotas de produção, mantêm uma mão-de-obra fixa, que não se pode ampliar e que não tem condições para atender às demandas de trabalho oriundas do crescimento demográfico, que supera o da produção do minério. A iminente mecanização das minas vai tornar essa situação ainda mais penosa. Como nos trabalhos de mineração é vedada, por lei, a participação de mulheres e de menores de 21 anos, conclui-se que os encargos de família, cuja média, na região, é estimada em seis pessoas,

---

<sup>72</sup> “Criciúma – Esta Jovem de Oitenta e Cinco Anos”. *Tribuna Criciumense*, 04/12/1965, p. 6.

<sup>73</sup> “A inflação não permite que parte da família fique em casa sem ocupação remunerada – a constante alta do custo de vida pressiona a todos que então saem em busca de trabalho. O problema humano que seria a mão de obra está a exigir imediata solução, pois nossa indústria básica, a extração do carvão, impõe uma série de requisitos ao operário a começar com a idade de vinte e um anos para o trabalho no sub-solo e dezoito anos para a atividade na superfície”. “Industrialização Fator de Progresso”. *Tribuna Criciumense*, 22 – 29/02/1964, p. 1.

cabem quase que exclusivamente aos seus chefes, no caso os operários mineradores (sic).<sup>74</sup>

Os mineradores se posicionavam, através de seu sindicato, favoravelmente a diversificação, pois entendiam que esta atenuava a pressão por melhores salários na indústria carbonífera. Isso, no entanto, certamente não implica reconhecimento de que a diversificação traria consigo a desvalorização representacional do carvão no imaginário social e na paisagem da cidade. Eles percebiam a diversificação como complementar e subordinada a atividade carbonífera<sup>75</sup>. Além disso, viam na diversificação uma oportunidade de diversificar seus próprios negócios e lucros, a partir principalmente de crédito oficial, como se percebe pelas ações dos principais grupos mineradores, Freitas e Guglielmi, que efetivamente diversificaram suas atividades.

Entretanto, o tema tornou-se importante para a cidade, na medida em que não estava circunscrito aos aspectos econômicos e sociais, mas remetia para um questionamento da modernidade produzida pela cidade carbonífera. Apresentar Criciúma como uma cidade moderna, na década de 1960 e 1970, significava apresenta-la como superando a dependência em relação ao carvão. Isso pode ser visto em um filme produzido em 1961, na gestão do prefeito Nery Jesuíno da Rosa (1961 – 1963)<sup>76</sup>. No filme, apresentam-se as diversas atividades econômicas existentes na cidade de Criciúma, como forma de atestar o seu processo de modernização. Na verdade, relacionam-se dez estabelecimentos de

---

<sup>74</sup> “É Um Imperativo Sócio-Econômico a Diversificação Industrial na Região Carbonífera de Santa Catarina”. Revista *Carvão de Pedra*. nº 4, setembro-outubro-novembro de 1968, p. 29.

<sup>75</sup> “A característica da região sul catarinense, em termos industriais, é puramente carbonífera. (...) Praticamente tudo ali depende da atividade carbonífera”.

<sup>76</sup> CRICIÚMA. Fundação Cultural de Criciúma. **O Comércio e a Indústria de Criciúma**. Filme. Produção de William Gericke, c. 1961/1962, 12,20’.

pequeno porte existentes na cidade<sup>77</sup>, entre eles dois postos de gasolina! Se, por um lado, a pouca representatividade das empresas apresentadas denuncia a fraqueza da diversificação, por outro a existência do filme expressa o desejo de mostrar que Criciúma não é só carvão. O que aparece no filme como realidade da cidade, aquela que os produtores e promotores do filme queriam que aparecesse como a cidade realmente existente, é uma cidade que possui diversos estabelecimentos comerciais e indústrias, que lhe atestam o progresso que possuía, demonstrando que a cidade não dependia completamente do carvão. O desejo superava e criava a realidade, como veremos nas décadas seguintes.

---

<sup>77</sup> Os estabelecimentos apresentados são os seguintes: Casas Pernambucanas; Posto de Gasolina; Posto Esso, de Júlio Gaidzinski; Retífica de Motores; Transporte Criciumense (representante Volkswagen); Frigorífico e fábrica de banha; Curtume Dal-bó; Fábrica de Calçados Crisul; Pastificio Fio de Ouro; Padaria e Biscoitaria Brasil.

## CAPÍTULO 2

### DIZENDO OUTRO DISCURSO

#### A EMERGÊNCIA DA ETNICIDADE NA CIDADE DO CARVÃO

O mover-se de outros atores e temáticas no interior da cidade carbonífera era feito de forma lenta e dramática nos anos em que a cultura do carvão era predominante. A impressão dos que viviam na cidade do carvão era a de que o carvão, seus interesses e valores, tudo abarcava. Porém, determinados temas fugiam a esse controle, como aqueles referentes à agricultura, o desejo de se ter outras indústrias ou a homenagem aos imigrantes fundadores da cidade. Pretendo neste capítulo explorar as manifestações, presentes em Criciúma no período carbonífero, que destoavam das representações sociais que se articulavam em torno do imaginário do carvão, para emergirem como uma outra forma de classificação social baseada na atribuição de origem e que definiremos como etnicidade.

A importância que o imaginário do carvão possuía na cidade naquele momento e, ao mesmo tempo, o emergir de outras temáticas, pode ser vista em um artigo publicado na *Tribuna Criciumense* de 1955<sup>78</sup>, no qual o autor reconhece inicialmente que a realidade da cidade está carregada de carvão:

---

<sup>78</sup> “... Não Abandonem os Colonos” (Ernesto Bianchini Góes). *Tribuna Criciumense*, 30/05/1955, p. 5 e 6.

O nosso município é conhecido, em todos os quadrantes da Pátria, como se fosse apenas uma mina viva de carvão. Carvão na praça, carvão nos arrabaldes, carvão nos subúrbios, carvão no ‘hinterland’, carvão em toda a extensão e em todos os sentidos. Realmente, e isto nos coloca em evidência, somos uma pujança econômica, fruto, em princípio, da exuberante riqueza proporcionada pela hulha negra.

Por outro lado, o tom irritado do reconhecimento de que o carvão está por todos os lugares do município e expressões como “apenas uma mina” e “fruto, em princípio...” nos mostra que o autor está disposto a dar visibilidade a outros aspectos de Criciúma, aspectos que não aparecem comumente, em vista exatamente de que o carvão está em toda parte. Por isso, diz ele, acrescentando sua crítica, ainda que se devam tomar providências “para que sejam atendidos os apelos dos que, como satélites, vivem na órbita do carvão”, se deve ao mesmo tempo não esquecer “da agricultura, dos pequenos colonos, dos humildes lavradores”.

E passa o autor a argumentar, na segunda parte do artigo, a importância da agricultura enquanto atividade humana. Afirma que esta atividade é a única “verdadeiramente produtiva, indispensável à vida e realmente moralizadora”. De fato, diz ele, é nos campos que os indivíduos buscam a sua manutenção, de tal forma que as cidades mesmo dependem do campo. Na terceira parte do artigo passa o autor a relatar o duro cotidiano do agricultor, que se levanta desde cedo e trabalha até o surgir das primeiras estrelas, diuturnamente. Compara a atividade do agricultor com a do operário, subentendendo-se aqui o mineiro, com clara desvantagem do primeiro, pois não possui horário, férias, descanso semanal, abonos, etc. Há uma ênfase no sofrimento e no trabalho

como gerador de riquezas. Há uma colocação do agricultor como um herói, mas não um herói trágico como o mineiro, mas um herói que ensina, um herói cívico.

Percebe-se no artigo o esforço que o autor faz para mobilizar argumentos em favor de uma atividade que ocupa uma parcela razoável da população, em vista da atividade carbonífera que é predominante na cidade. É um claro exemplo de quanto o imaginário do carvão superpovoou as mentes e as imagens da cidade e da região naquele período.

A apresentação do agricultor como um herói, ao lado do mineiro, trás a tona outras representações que circulavam na cidade naquela época. O agricultor é chamado de colono e, por intermédio desta palavra carregada de ambigüidade, é igualado ao imigrante, como quando afirma que “é extraordinária a luta do colono, que está, desde os primórdios da República, abandonado à própria sorte”. O lembrar-se do início da República aponta para o mesmo tempo de chegada dos imigrantes ao sul de Santa Catarina. A defesa do agricultor e da agricultura, assim, transmuta-se em defesa dos interesses dos colonos e das zonas coloniais, isto é, dos descendentes de imigrantes presentes no município e região.

### **Dificuldades do Discurso Étnico na Cidade Carbonífera**

Os discursos que valorizavam relações sociais de tipo étnico em Criciúma no período apresentavam-se a partir de temáticas vinculadas ao aniversário de fundação da cidade e a figura dos imigrantes fundadores. A etnicidade é um sistema de classificação social, entre outros possíveis, elaborado a partir da valorização de determinadas



diferenciações físicas, culturais e psicológicas entre os grupos que atribuem a característica de étnicos a si mesmos e aos outros grupos sociais<sup>79</sup>.

Etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores.<sup>80</sup>

Na verdade, as relações sociais de fundo étnico não se estabelecem a partir da existência de características físicas, psicológicas ou culturais objetivas dos grupos, mas a partir da percepção de sua importância para as relações sociais, a partir das quais os indivíduos e grupos se classificam e classificam aos outros, atribuindo ao seu grupo social, definido como étnico, e no mesmo movimento aos outros grupos também, determinados conteúdos culturais que constrói uma relação de tipo étnica. A etnicidade envolve critérios de tipo físico e cultural, mas eles são construídos social e culturalmente por um discurso e prática que os destaca como elementos diferenciadores de indivíduos e grupos, e não como características naturais intangíveis.

A etnicidade se define, sobretudo, pela construção social e política dessas substâncias e dessas diferenças biológicas e culturais na medida onde ela permite a criação de grupos distintos. Em uma frase, a etnicidade é um aspecto das relações sociais entre atores sociais que se consideram e que são considerados pelos outros como sendo culturalmente distintos dos membros de outros grupos com os quais eles têm um mínimo de interações regulares.<sup>81</sup>

---

<sup>79</sup> MARTINIELLO, Marco. **L’Ethnicité Dans Les Sciences Sociales Contemporaines**. Paris: PUF, 1995, p. 18.

<sup>80</sup> POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 141.

<sup>81</sup> MARTINIELLO, Marco. **L’Ethnicité Dans Les Sciences Sociales Contemporaines**. Paris: PUF, 1995, p. 18 e 19.

Essas diferenças não são fixadas de uma vez por todas, mas são construídas e reconstruídas através das relações sociais entre os grupos ditos étnicos, perpassadas por clivagens de classes sociais, sexo ou ainda, relações regionais e nacionais. Martiniello, dentre outros, chama a atenção para a necessidade de se evitar a reificação da etnicidade, ou seja, tratá-la como uma realidade dada, fixa e natural<sup>82</sup>. Essas relações fornecem a base para importantes sentimentos de pertencimento, que organizam a vida cotidiana e as relações individuais e coletivas das populações envolvidas.

A etnicidade é uma forma de expressão de desigualdades sociais e de classificação entre outras. É preciso não exagerar sua importância e de a considerar como a única dimensão significativa da vida social. Entretanto, as relações de fundo étnico assumem, em determinadas épocas e certos contextos, uma pertinência efetivamente fundamental nas relações sociais. Em Criciúma, emergiu no interior mesmo da cidade carbonífera um discurso centrado na atribuição de pertencimentos que se operacionalizou a partir da noção de origem. Essas estratégias discursivas centraram-se na figura do imigrante e valorizaram o grupo social constituído pelos seus descendentes.

A primeira referência pública sobre imigração relacionada com a cidade é artigo escrito por José Pimentel sobre a necessidade de se construir um monumento em homenagem ao imigrante no centro de Criciúma<sup>83</sup>. Pimentel, em seu artigo, conjuga imigrantes e patriotismo, elaborando um discurso que situa os imigrantes no panteão dos

---

<sup>82</sup> Ibid., p. 20 e 21.

<sup>83</sup> “Monumento ao Imigrante” (José Pimentel). *Tribuna Criciumense*, 01/08/1955, p. 1 e 4. José Pimentel nasceu em Aracruz/ES, em 3 de março de 1915. Formou-se em Direito em 1943, na cidade de Niterói. Chegou em Criciúma em 1945. Foi presidente da ACIC – Associação Comercial e Industrial de Criciúma (1951) e fundador do jornal *Tribuna Criciumense* (1955). Foi também vereador pela UDN (1947 – 1951). ZACHARIAS, Manif. **Criciúma – Vultos do Passado e Personalidades Contemporâneas**. Criciúma; edição do autor, 2000, 543 e 544.

heróis nacionais, a quem a nacionalidade brasileira deve prestar um culto cívico. É interessante perceber, no artigo, como o tema da imigração, que remete ao estrangeiro, adapta-se a um discurso cívico nacionalista. As representações que valorizam o tema da imigração tateiam no universo imaginário da cidade do carvão em busca de frestas pelas quais possa emergir como discurso na cidade e sobre a cidade. Para isso, reveste-se de uma forma própria ao discurso da cidade do carvão, o nacional e o nacionalismo, mas com um conteúdo que, adaptado, é diferente.

Pimentel assinala que as pessoas em sua época dedicavam pouco amor, e mesmo indiferença, às “tradições”, inclusive afirmando que as datas cívicas não eram mais comemoradas “nem mesmo nas escolas públicas”, a não ser como feriados, afirmando que “um povo que não procura formar a juventude no culto e veneração a obra e realização dos seus antepassados, caminha para a desagregação e oferece campo propício às manobras e experiências das doutrinas mais extravagantes, que estão levando nossa civilização a uma verdadeira encruzilhada”. Essa referência às doutrinas extravagantes aponta claramente para a ameaça do comunismo, no contexto da guerra fria. Apenas a rememoração dos feitos dos antepassados, num verdadeiro culto patriótico, permitiria formar a juventude e, por conseqüência, toda a população em um espírito cívico, de amor à pátria. A ossatura do discurso de Pimentel é aquela do nacionalismo e do culto à pátria, sem que houvesse contradição com o culto a antepassados da nacionalidade que eram de outros países. A impressão é que eles são entendidos como formadores do povo brasileiro e de seu território e, nesta condição de heróis, deveriam ser cultuados.

Esse caráter cívico e pedagógico da abordagem do autor orienta todo o seu artigo e proposta de construção do monumento. Para ele, a iniciativa não deveria ser apenas dos

poderes públicos e pessoas com maiores posses, mas deveria resultar “num grande movimento, no qual se mobilize toda a população criciumense (...)”.

Não é só o comércio, a indústria, o Rotary Club, cujas realizações em problemas de interesse coletivo tem sido realmente notáveis, mas também os agricultores, operários e todas as camadas de nossas populações que devem participar, ativamente, nesse empreendimento de gratidão e civismo.

A sua convicção era de que a população compreenderia a proposta, desde que “saibamos conduzir essa iniciativa explicando em linguagem simples e sincera o que ela significa para a existência de Criciúma (...)”. Percebe-se uma necessidade de extensa argumentação no artigo sobre a importância de se ter o monumento, além da necessidade de se convencer o conjunto da população de que tal iniciativa é importante. O autor vai tentando alargar um espaço de representação referente aos imigrantes e a imigração em um campo dominado pelo discurso do carvão na formação da cidade. Desta forma, ele apela para o caráter cívico da proposta e do exemplo de outras cidades, que não cita, em já terem encaminhado semelhante iniciativa.

A proposta de Pimentel era que o monumento fosse inaugurado em 6 de janeiro de 1956, ano seguinte, para apresentar a gratidão da cidade “aos sobreviventes dessas levas imigratórias, que vivem hoje de recordações e de saudades”. O monumento pretendido por Pimentel não se concretizou naquele ano. Porém, na condição de diretor da *Tribuna Criciumense*, e não podendo erguer o monumento aos imigrantes que havia proposto, fez, em 6 de janeiro de 1956, um monumento memorial nas páginas do jornal, incitando lideranças políticas da cidade a posicionarem-se diante da data e, desta forma, diante do tema da imigração. Naquela edição do jornal apareceram posicionamentos assinados pelo

deputado estadual Paulo Preis<sup>84</sup>, pelo prefeito eleito Addo Caldas Faraco<sup>85</sup>, por José Pimentel<sup>86</sup>, editor do jornal, por Napoleão de Oliveira<sup>87</sup>, prefeito municipal, e pelo deputado estadual Ruy Hülse<sup>88</sup>. A maior parte dos discursos valoriza os imigrantes em um tom cívico-nacional, inaugurado por Pimentel no ano anterior. Os posicionamentos de Preis e Faraco, no entanto, nos deixam entrever interessantes questões relacionadas com a etnicidade na cidade carbonífera.

Na condição de deputado estadual identificado com o distrito de Forquilha, localidade pertencente à Criciúma na época e com uma relevante população de descendentes de alemães, Preis<sup>89</sup> realizou uma operação discursiva que o aproximava da população das minas, muito numerosa. Por isso, a questão do carvão colocou-se de forma destacada em sua mensagem. Nela, ainda que fale sobre o trabalho dos imigrantes, apresenta o tema da miscigenação como característica fundamental que permitiu o progresso de Criciúma, ao afirmar que “ao lado dos colonizadores italianos vieram colocar-se homens das mais variadas origens étnicas, confundindo-se com eles, nesta admirável mistura que, em que pese a diversidade, constitui um todo harmônico, que é o brasileiro”. E depois acrescenta que Criciúma absorveu “a outros que vieram antes e depois, e os integrou num só bloco, onde todos dão de si o que é possível, para erguê-la sempre mais no conceito dos que nos observam e nos acompanham”. Assim, forja uma concepção de progresso da

---

<sup>84</sup> “Feliz Aniversário, Criciúma” (Paulo Preis). *Tribuna Criciumense*, 09/01/1956, p. 1.

<sup>85</sup> “Criciúma – Cidade do Presente e do Futuro”. *Tribuna Criciumense*, 09/01/1956, p. 5.

<sup>86</sup> “Salve Criciúma” (José Pimentel). *Tribuna Criciumense*, 09/01/1956, p. 1 e 4.

<sup>87</sup> “Honra ao Mérito” (Napoleão de Oliveira). *Tribuna Criciumense*, 09/01/1956, p. 3.

<sup>88</sup> “6 de Janeiro de 1956” (Ruy Hülse). *Tribuna Criciumense*, 09/01/1956, p. 3.

<sup>89</sup> Paulo Preis nasceu em 5 de abril de 1914, em Imaruí/SC, chegando em Criciúma (Forquilha) em 1918. Foi vereador (1948 – 1951), prefeito municipal (1951 – 1955) e deputado estadual (1955 – 1958 e 1963 – 1966). ZACHARIAS, Manif. **Criciúma – Vultos do Passado e Personalidades Contemporâneas**. Criciúma; edição do autor, 2000, p.545.

cidade que tem em uma ponta o agricultor e na outra o mineiro, de certa forma harmonizando dois pólos discursivos sobre a identidade urbana neste período.

Com Addo Caldas Faraco ocorreu exatamente o inverso. Político vinculado ao PSD e que tinha sua base eleitoral situada nas vilas operárias mineiras, Faraco necessitava se posicionar diante da população do centro da cidade, na maioria descendentes de imigrantes italianos<sup>90</sup>. Por isso, em sua mensagem a temática e as palavras são aquelas da imigração, mas o formato discursivo é o do carvão, centrado em trabalho, produção e progresso. Assim, ressalta o progresso de Criciúma e o considera como o elemento de ligação entre a geração sua contemporânea e àquela dos imigrantes. Depois de afirmar que considerava o município “fadado a se constituir em um dos mais sólidos esteios do desenvolvimento econômico, social e cultural de Santa Catarina, quiçá do Brasil”, compromete-se ele a, na condição de prefeito, “acelerar seu ritmo de progresso” para que pudesse aquela geração se considerar digna “das gloriosas tradições de lutas, de sacrifícios e de labor honesto e produtivo que nos legaram nossos antepassados, aqueles bravos e indômitos pioneiros”. Faraco deixa bem clara a sua condição de forasteiro na cidade, o que lhe causa dificuldades eleitorais, quando afirma que é “criciumense de coração”, compensando o fato de não ter nascido na cidade, com o amor que indica ter por ela. A sua condição de forasteiro é dupla: não era descendente de imigrantes e não havia nascido na cidade. Por isso, fala em “nossos antepassados”, assumindo, enquanto cidadão e prefeito, os antepassados que a própria cidade tinha e, desta forma, afirmando a sua própria cidadania. Em matéria de 1961<sup>91</sup>, isso se verifica novamente. Apesar de homenagear a “primeira leva de imigrantes italianos”,

---

<sup>90</sup> Addo Caldas Faraco nasceu em 15 de junho de 1905, em Petrópolis/RJ. Chegou em Criciúma em 1934 como funcionário público federal, agente dos correios e telégrafos (1934 – 1945). Foi prefeito municipal pelo PSD por três vezes (Nomeado para 1945 – 1947, eleito para 1947 – 1951 e 1956 – 1961). ZACHARIAS, Manif. **Criciúma – Vultos do Passado e Personalidades Contemporâneas**. Criciúma; edição do autor, 2000, p. 487.

<sup>91</sup> “6 de Janeiro – Dia do Município” (Addo Caldas Faraco). *Tribuna Criciumense*, 09/01/1961, p. 1.

ênfatiza, no entanto, que havia “outros que posteriormente a eles se vieram juntar, daquela primeira derrubada, passamos à magnífica ‘Capital do Carvão’, de hoje”. E depois cita os grupos sociais que construíram a cidade, as “nossas classes conservadoras” (comércio, indústria, lavoura e profissionais liberais) e, “de modo particular, a massa obreira de nosso município”, referência explícita aos mineiros.

Esses variados discursos que relacionam a imigração, o carvão e a cidade, nos mostram uma instabilidade no imaginário do carvão, que não dava mais conta de responder de forma adequada às demandas que recebia dos grupos sociais, ainda que mantivesse o principal de sua força. Assim, há aqueles que falam querendo incentivar os valores relacionados à imigração e, ao fazê-lo, buscam brechas no discurso do carvão, como Pimentel, para que possam agasalhar seu próprio discurso. Mas há também os que, obrigados a posicionarem-se sobre o tema da imigração, no mais das vezes por necessidades eleitorais, o fazem a partir do discurso do carvão, como é o caso de Faraco.

Em sua mensagem, Napoleão de Oliveira<sup>92</sup>, prefeito municipal, apresenta a contribuição específica e concreta dos imigrantes para a cidade: o trabalho agrícola. Todo o trabalho dos imigrantes em sua tarefa de povoar e retirar partes do território da natureza (incluídos os índios) e colocá-las na esfera da civilização se faz através do trabalho agrícola:

Foram eles, foram estes pioneiros que, com o produto de seus trabalhos, com a tenacidade de seus esforços, com a luta constante e diuturna em combate incessante contra a natureza agreste e

---

<sup>92</sup> Napoleão de Oliveira nasceu em Joinville/SC, em 17 de junho de 1923, e chegou em Criciúma em 1954. Foi eleito vereador e presidente da Câmara Municipal. Nesta condição, assumiu a Prefeitura de Criciúma na vaga de Paulo Preis, que renunciou em vista de sua eleição para a Assembléia Legislativa. ZACHARIAS, Manif. **Criciúma – Vultos do Passado e Personalidades Contemporâneas**. Criciúma; edição do autor, 2000, p. 535.

selvagem, plantaram junto às criciúmas a base fundamental, pedra angular da história de Criciúma de hoje.<sup>93</sup>

Toda a linguagem utilizada para caracterizar a obra dos imigrantes é vazada em termos que remetem ao trabalho agrícola, como “produto de seus trabalhos” e “luta diuturna” que só poderia resultar no ato de “plantar” as bases de uma cidade. No fim da mensagem ele fala em “fruto daquela mesma história [dos imigrantes]”. Emerge do texto uma concepção pela qual a obra dos imigrantes é situada na órbita exclusiva do passado da cidade, ou seja, ainda que a cidade seja consequência do trabalho dos imigrantes, seu fruto, não tem eles muito a ver com o crescimento posterior de Criciúma. Faz o autor uma divisão de trabalho entre os imigrantes, que lançaram as bases através do trabalho agrícola, e outros que desenvolveram a cidade através de outra atividade. O último termo da equação ele não diz, mas está explícito na cidade nesta época, como sendo o carvão e aqueles, os “homens do carvão”, que com ele estão envolvidos. Assim, a cidade devia aos imigrantes a obra civilizatória e ao carvão a obra do progresso. Civilização e progresso, aqui separados conceitualmente e em relação aos grupos sociais, mas juntos no forjamento de uma cidade representada como metrópole do carvão.

### **Valorização Progressiva do Imigrante e sua Diferenciação**

A palavra *colono* condensa representações que remetem para o início de um processo de formulação de uma identidade que tem por fundamento a origem e, portanto, se posiciona social e culturalmente no campo da etnicidade. Utilizada como sinônimo de

---

<sup>93</sup> “Honra ao Mérito” (Napoleão de Oliveira). *Tribuna Criciumense*, 09/01/1956, p. 3.



imigrante, a palavra aponta, de um lado, para a principal contribuição que o discurso sobre a imigração atribui ao colono/imigrante: o trabalho agrícola civilizador, que ocupou vastas áreas de matas no sul do Brasil e, assim, garantiu a ocupação desta parte do país. Esse discurso afirmava o trabalho imigrante como de superior qualidade quando comparado ao nacional. Em Santa Catarina, houve processos de qualificação do trabalho imigrante, notadamente de descendentes de alemães, que afirmava a superioridade do trabalho estrangeiro sobre o trabalho nativo, cujas populações eram sinônimo de atraso e pobreza. A desqualificação do espaço litorâneo catarinense e de suas populações na primeira República servia, ao mesmo tempo, para afirmar o trabalho imigrante como provido de qualidades superiores que traziam o progresso para o sul do país<sup>94</sup>. A atribuição de valor ao trabalho imigrante e, nos anos 1950 a revalorização do trabalho açoriano e, por consequência, do litoral, era parte do esforço para sustentar áreas políticas e culturais próprias.

Giralda Seyferth afirma<sup>95</sup>, por outro lado, que a palavra indica uma identidade coletiva comum compartilhada pelos vários grupos de emigrados da Europa que possuem, como substrato, uma cultura específica construída no Brasil no processo de ocupação da terra e de relacionamento com grupos locais, isto é, uma palavra que brota de relações construídas no processo histórico da colonização e que opera a partir de uma concepção própria desse processo. Se por um lado Seyferth diferencia usos e costumes próprios desses grupos étnicos – utilização cotidiana da língua, organização escolar ou religiosa próprias, dentre outras, anteriores a reificação de uma cultura germânica pretendida original pelos imigrantes e seus descendentes, portanto, estabelecendo uma distinção entre conteúdo

---

<sup>94</sup> CAMPOS, Cynthia Machado. **Identities e Diversidades no Sul do Brasil: As Tentativas de Homogeneização do Espaço Catarinense na Era Vargas**. Fronteiras: Revista de História, Florianópolis, n. 7, 1999, p. 56 e 57.

<sup>95</sup> SEYFERTH, Giralda. *A Identidade Teuto-brasileira numa Perspectiva Histórica*. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELOS, Naira (org.). **Os Alemães do Sul do Brasil – Cultura, Etnicidade, História**. Canoas: ULBRA, 1994, p. 22 e 23.

cultural e etnicidade, por outro, ao propor o termo comunidade étnica para substituir grupo étnico, aproxima-se, segundo ela própria, das “definições mais tradicionais, que ressaltam usos e costumes comuns como base das diferenças”<sup>96</sup>. Há uma oscilação entre características culturais mais ou menos orgânicas na constituição dos grupos étnicos. Partindo do conceito de grupos étnicos tal como formulado por Weber<sup>97</sup>, podemos dizer que os grupos étnicos se constituem subjetivamente ao tomar determinados aspectos de sua vivência coletiva e os erigir em diferenciadores que constroem a si mesmos e aos outros no mesmo processo. O acento no aspecto subjetivo de constituição desses grupos, ou seja, a diferenciação entre traços culturais e identidades étnicas, tem sido uma constante nos estudos sobre etnicidade. Isso tem levado autores a distinguir mais rigorosamente *categoria* e *grupo étnicos*:

A primeira é definida com um simples agregado de indivíduos colocados em condições comuns ou percebidos como similares pelos *outsiders* (aí inclusos os etnólogos); o segundo não aparece senão quando tais indivíduos compartilham um sentimento de pertença comum, uma crença em uma mesma origem e dispõem de organizações unificadoras.<sup>98</sup>

A intenção desses autores é ressaltar o caráter subjetivo na constituição do grupo étnico, fundado sobre um sentimento de pertencimento que remete para processos de diferenciação cultural. A categoria *colono*, atribuída a todo descendente de imigrante

---

<sup>96</sup> Ibid., p. 15.

<sup>97</sup> Os grupos étnicos são “esses grupos que alimentam uma crença subjetiva em uma comunidade de origem fundada nas semelhanças de aparência externa ou dos costumes, ou dos dois, ou nas lembranças da colonização ou da migração, de modo que esta crença torna-se importante para a propagação da comunalização, pouco importando que uma comunidade de sangue exista ou não objetivamente”. Apud POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 37.

<sup>98</sup> Ibid., p. 83.

européu e utilizada como um diferenciador desses grupos em relação aos demais habitantes, foi construída em oposição a categorias que demarcavam uma diferença em relação às populações locais, saídas de outros processos imigratórios anteriores, e que eram denominadas *brasileiros* ou *caboclos*<sup>99</sup>.

Na cidade carbonífera dos anos 1950 e 1960, *colono* expressava ainda ambigüidades próprias ao processo que estamos descrevendo. Como sinônimo de trabalhador rural, a palavra trazia consigo todos os preconceitos atribuídos pelos cidadãos às populações do campo, ao mesmo tempo em que era positivamente qualificada nos discursos sobre a história da cidade, que situava o imigrante como principal personagem. Podemos perceber essas ambigüidades em um artigo escrito por Sebastião H. Pieri por ocasião do dia do colono<sup>100</sup>. Ainda que o artigo tenha uma clara intenção de elogiar os colonos, é possível entrever em suas linhas algumas tensões que subsistiam entre uma matriz imaginária carbonífera – “brasileira” e uma matriz imaginária imigracionista – “européia”. No caso, as letras vão além do que pretende o autor.

No artigo, Pieri identifica os colonos com os imigrantes para os elogiar. Afirmando a saga dos pioneiros, coloca a atividade agrícola como instrumento de civilização na medida em que trouxeram “o progresso para a enorme extensão não cultivada de nossa pátria”. Pieri os chama de “os primeiros colonos que chegavam a nossa terra”. E os homenageia qualificando-os de valentes e fortes e afirmando que tudo o que era a cidade devia-se a bravura e tenacidade dos imigrantes. Entretanto, podemos observar também que em algumas partes do artigo o autor se trai, ou melhor, determinadas representações sociais

---

<sup>99</sup> CAMPOS, Cynthia Machado. **Identidades e Diversidades no Sul do Brasil: As Tentativas de Homogeneização do Espaço Catarinense na Era Vargas**. Fronteiras: Revista de História, Florianópolis, n. 7, 1999, p 58.

<sup>100</sup> “Colono – Vida da Coletividade” (Sebastião H. Pieri). *Tribuna Criciumense*, 29/07/1957, p. 7.

vêm à luz, talvez sem a colaboração consciente do articulista. De qualquer maneira, elas emergem em seu artigo, como quando afirma que é necessário homenagear, além dos imigrantes, “os colonos de nossa atualidade, que, com seu esforço e trabalho incessante e proflúo garantem a nossa existência – de nós que vivemos na cidade e nos ocupamos em outros afazeres – também eles tem direito de nossa gratidão e reconhecimento”. Ora, esta divisão entre o “nós que vivemos na cidade” e os “colonos de nossa atualidade” remete para um conjunto de representações que entende a cidade como o lugar por excelência da cultura, em oposição ao campo, lugar da natureza. Assim, se parece que Pieri faz uma concessão à agricultura ao afirmar que é essa atividade que garante a existência dos cidadãos, na verdade afirma ele a superioridade da cidade sobre o meio rural, como lugar de identificação desse “nós”, o autor e os leitores, cidadãos e cultos, em oposição à “eles”, colonos trabalhadores e esforçados, mas que não possuem aquelas distinções culturais, nesta matriz representacional, que só os cidadãos tem. Há uma perspectiva preconceituosa evidente em relação aos habitantes do campo e aqui, malgrado a intenção do autor ou apesar dela, o colono torna-se pejorativo. E mais ainda, na medida em que Pieri articulou o colono ao imigrante, a qualificação de um passa ao outro, de tal maneira que não apenas os que habitam no meio rural estão incluídos, mas também os grupos de descendência européia, em especial os italianos, descendentes diretos dos imigrantes citados. Os processos de atribuição identitária que ocorrem na cidade neste período parecem possuir uma mão dupla, através da qual não apenas os grupos de descendentes de imigrantes europeus qualificam os outros grupos e a si mesmos, mas são também qualificados – e desqualificados.

A tensão em relação aos imigrantes reaparece no último parágrafo do artigo, quando Pieri fecha a sua homenagem:

Parabéns imigrantes colonos de nosso município! Muito obrigado e que Deus recompense a despreziosa coragem com que vos embrenhastes por nossos sertões, fundando esta cidade que hoje se orgulha de ser a Capital do Carvão e a verdadeira Metrópole do Sul do solo barriga-verde!.

A divisão se estabelece aqui novamente em relação ao “nós” presente na expressão “nossos sertões” e os “imigrantes colonos”. A impressão que se tem é que o autor afirma nas entrelinhas que os imigrantes fizeram um determinado trabalho útil, e que por isso devem ser homenageados e agradecidos, mas, por outro lado, esse trabalho localiza-se no passado, no tempo da fundação da cidade, sendo que no presente são outros, identificados como “nós”, que cooperam para o crescimento de Criciúma. Os dois lemas que fecham o artigo, *Criciúma Capital do Carvão e Metrópole do Sul*, apontam claramente para a natureza desse “nós”, aquele conjunto imaginário que se articula em torno da atividade carbonífera e da afirmação dessa atividade como portadora do progresso. No artigo reaparece uma certa divisão de trabalho na história da cidade que atribui a obra da civilização aos imigrantes e a obra do progresso a atividade carbonífera.

Houve um longo caminho através do qual o significado da palavra *colono*, em Criciúma, deslocou-se de uma atribuição ao habitante do meio rural para o de descendente de imigrante habitante da cidade<sup>101</sup>. Esse caminho foi trilhado na direção de uma passagem de um discurso sobre a imigração e imigrantes para um discurso sobre etnias e grupos étnicos, passagem quase imperceptível, mas através da qual o discurso sobre a imigração forneceu a base para um sentimento de pertencimento ao grupo étnico. As mudanças de

---

<sup>101</sup> Para um exemplo da palavra tratada mais como sinônimo de trabalhador rural que de imigrante ver o artigo de Ernesto Bianchini Góes intitulado “... Não Abandonem os Colonos”, já citado. *Tribuna Criciumense*, 30/05/1955, p. 5 e 6.

sentido da palavra *colono* e os tratamentos que ela recebe nos permitem acompanhar a maneira como os relacionamentos sociais assumem um viés étnico crescente na cidade carbonífera. Os grupos étnicos são entendidos como grupos sociais que se estabelecem a partir das relações sociais, mais que como grupos sustentados por uma determinada cultura<sup>102</sup>. Esses grupos étnicos se organizam a partir de sentimentos de pertença que não podem ser definidos a não ser a partir de uma linha de demarcação, a fronteira étnica, que define os membros e os não membros do grupo.

Quando se define um grupo étnico como atributivo e exclusivo, a natureza da continuidade dos traços étnicos é clara: ela depende da manutenção de uma fronteira étnica. Os traços culturais que demarcam a fronteira podem mudar, e as características culturais de seus membros podem igualmente se transformar – apesar de tudo, o fato da contínua dicotomização entre membros e não-membros permite-nos especificar a natureza dessa continuidade e investigar a forma e o conteúdo da transformação cultural.<sup>103</sup>

Em Barth a cultura não é considerada como um elemento de definição dos grupos étnicos, mas como o resultado da organização desses grupos, sobretudo como uma consequência ou uma implicação de estabelecimento e de reprodução das fronteiras entre si. Não que a especificidade cultural sustentada pelo grupo étnico não seja importante em suas relações com outros grupos; ao contrário, são fundamentais para a manutenção das fronteiras de pertencimento, porém, esse conteúdo cultural, por ser dinâmico, se modifica

---

<sup>102</sup> Pensamos os grupos étnicos a partir da noção de *ethnic boundary* tal como formulada por Fredrik Barth, cuja obra é considerada como o ponto de ruptura maior nos estudos de etnicidade. Barth conduz a antropologia a se afastar de seu exclusivo interesse pelo conteúdo cultural dos grupos étnicos para centrar sua análise sobre os elementos mais ecológicos e estruturais da etnicidade. MARTINIELLO, Marco. **L’Ethnicité Dans Les Sciences Sociales Contemporaines**. Paris: PUF, 1995, p. 48 e 49.

<sup>103</sup> BARTH, Fredrik. *Os Grupos Étnicos e Suas Fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 195.

sem que, necessariamente, as fronteiras étnicas se transformem também. Não é a especificidade cultural objetiva dos grupos sociais que define a etnicidade, mas a afirmação de diferenças que traçam linhas de pertencimento e positivam a pertença a determinado grupo. Assim, podemos dizer que o grupo étnico é o ator que, por sua ação no mundo social, define a etnicidade<sup>104</sup>. São essas ações e relações que demarcam pertencimentos e exclusões, e assim definem os grupos étnicos na cidade do carvão, que estamos perseguindo.

Podemos perceber diversas representações sociais ligadas a esses processos de atribuição de identidades étnicas em uma outra mensagem por ocasião ao dia do colono, desta vez assinada pelo secretário municipal de agricultura de Criciúma, Luiz Gabriel<sup>105</sup>, publicada em 1962. Inicia o secretário por identificar completamente o *colono* com os “emigrantes (sic) que conosco promovem, dia a dia, sol a sol, a grandeza e a prosperidade nacionais”. E acrescenta, para não deixar dúvidas, que a contribuição do *colono*, ou seja, do imigrante, se dá “quer na faina lavoureira, quer na iniciativa industrial, quer ainda na valiosa contribuição técnica ou profissional, o colono tem sido o colaborador eficiente na nossa evolução social e material (...)”. O *colono* é, nesta mensagem, claramente caracterizado como os descendentes de imigrantes, sem interessar em que setor econômico eles estão exercendo sua atividade profissional. A noção de *colono* na mensagem extrapola completamente a atividade agrícola, para expressar as atividades múltiplas dos descendentes de imigrantes, até mesmo industriais, que seria comumente considerada como o oposto da agricultura e, portanto, das atividades típicas que caracterizariam o trabalho do *colono*. Quando, no fim da mensagem, dirige-se especificamente aos agricultores, deixa

---

<sup>104</sup> VILLAR, Diego. **Uma Abordagem Crítica ao Conceito de “Etnicidade” na Obra de Fredrik Barth**. *Mana*, abr. 2004, vol. 10, nº 1, p. 165 – 192.

<sup>105</sup> “Mensagem ao Colono” (Luiz Gabriel). *Tribuna Criciumense*, 28/07/1962, p. 1.

bem marcado que “envolve o reconhecimento dos méritos do colono na exploração inteligente do fértil solo catarinense”. Ao tirar o *colono* do campo, ou talvez não deixá-lo apenas no campo, está em jogo uma operação discursiva que visa valorizar o imigrante ao não identificá-lo somente com o colono – agricultor.

Trabalha também o secretário, em sua mensagem, contra o estigma de se considerar o *colono* como estando isolado em sua condição cultural, ao afirmar que além da valiosa contribuição em várias atividades profissionais citadas, os colonos contribuem também “como fator considerável e positivo no panorama da cultura, através de uma descendência de alto nível mental e moral”. O tom dessa afirmação, se combate os estereótipos negativos vinculados aos colonos na dimensão da contribuição cultural, por outro lado, reafirma representações de cunho biologista vinculadas ao melhoramento da raça pela introdução do elemento europeu, presente na expressão “através de uma descendência”. De fato, o secretário em outras partes de sua mensagem argumenta explicitamente que uma das contribuições, senão a principal, dos colonos foi em relação à “constituição de nosso padrão étnico”. Ainda, quando se refere aos vultos políticos de origem européia:

Nem por outro milagre, que não o dessa miscigenação espontânea e magnífica, é que, entre os vultos históricos de que nos orgulhamos em comum no culto do civismo nacional há nomes que assinalam a sua origem étnica, ombreando os que se vinculam pela genealogia às tradições brasileiras.

O destaque de homens públicos que deixaram bem marcada sua origem étnica, e o secretário cita Lauro Müller e os Konder, não anula o processo de miscigenação que, segundo a mensagem, deu origem ao povo brasileiro, mas, ao contrário, o valoriza na medida em que foi pelo milagre desse processo que esses elementos étnicos citados,



provenientes da imigração européia mais recente, puderam se destacar e afirmar. Além disso, faz ele uma distinção entre “homens que assinalam a sua origem étnica” e “os que se vinculam pela genealogia às tradições brasileiras”. As expressões que o secretário utiliza, de um lado “origem étnica” e de outro “tradições brasileiras”, opera uma distinção entre aqueles que, no processo de miscigenação foram assimilados a um grande conjunto que ele denomina exatamente “tradições brasileiras”, cuja origem perdeu-se no cadinho das raças formadoras do Brasil, e aqueles que ainda possuem “origem étnica”, ou seja, conhecem a sua procedência. Nesse sentido, divide ele ainda os homens públicos entre os de origem étnica, isto é, imigrantes e descendentes de correntes imigratórias mais recentes, e os “brasileiros”, já miscigenados completamente. Talvez por isso louve o processo de miscigenação “espontânea e magnífica”, pois permitiu a uma parte que se integrasse sem perder as suas origens étnicas.

Ao afirmar que “há homens que assinalaram sua origem étnica” nos dá o secretário pistas preciosas para entender quais os sinais, origem do termo “assinalaram”, que no espaço público tiveram esses homens para marcar a sua origem. A etnicidade marca as relações sociais a partir de determinados traços culturais, psicológicos ou físicos, ou uma combinação deles, que são erigidos em *marcadores simbólicos* do grupo, sinais publicamente reconhecidos que fundamentam uma relação contrastante entre os grupos étnicos. A etnicidade se estabelece a partir da percepção dessa especificidade grupal fundada sobre esses traços erigidos em emblemas, ainda que não tenham eles existência objetiva despregada desse poder de nomeação. O citar os nomes de Lauro Müller e os Konder não é fora de propósito. Na verdade, os patronímicos Müller e Konder é que definem, para esses homens públicos, o sinal de sua descendência européia recente, no caso a alemã. O patronímico tem então o caráter de marcador simbólico, e o perguntar ou

afirmar o sobrenome carrega consigo, em áreas de imigração, toda uma valoração cultural da origem e da posição social. O sobrenome funciona como um indicativo de um estilo de vida socialmente valorizado e afirmado publicamente, sem que tal estilo exista efetivamente como prática social diferenciada. Entretanto, afirma-se aquilo que Weber chama honra étnica, a pretensão de dignidade de determinadas características do grupo étnico e o desprezo por traços de outros grupos<sup>106</sup>. Com dificuldades para se diferenciar publicamente por seus costumes e situações culturais específicas, os grupos de descendentes de imigrações mais recentes agarram-se cada vez mais aos patronímicos como capazes de lhes dar uma marca positiva no espaço público, em sociedades cada vez mais homogêneas do ponto de vista cultural. As festas de família, juntando muitas vezes desconhecidos que se ligam apenas pelo patronímico comum, é a afirmação por excelência dessa tendência social nas relações étnicas em áreas de imigração. O patronímico torna-se um etnônimo, isto é, passa a designar um grupo humano provido de uma identidade própria e homogênea.

Essas representações estão na base da prática social comum nessas áreas de imigração de se denominar as pessoas que tem patronímicos vinculados as correntes imigratórias mais recentes como *de origem*. Quando assim ocorre, se trata da mesma distinção operada no texto da mensagem, entre aqueles que conhecem a sua origem por participarem a menos tempo do processo de miscigenação e aqueles cuja origem perdeu-se na “tradição brasileira”. Não dá, talvez, para se falar que nessa representação a intenção seja afirmar que os últimos não tenham origem. Na verdade, as suas origens estão misturadas na tradição brasileira. Porém, desconhecem eles exatamente sua origem por

---

<sup>106</sup> Apud POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 40.

conta dessa mistura. Talvez existam aqui elementos que valorizam a idéia de pureza racial. Se assim é, o elogio do milagre da miscigenação feito pelo secretário tem efeito retórico. Ou ainda, é um elogio que louva a miscigenação apenas na medida em que ela permite que uma parte da população permaneça pura, isto é, tenha origem.

A cidade carbonífera foi sendo classificada com base também em outros critérios que não somente aqueles que advinham do carvão mineral. Os grupos de descendentes de imigrantes recorriam a diacríticos que lhes permitisse afirmar publicamente uma diferença e, nesta operação, valorizar sua própria identificação.

### **Formação do Centro Urbano Como Diacrítico Étnico**

A ocupação de determinados espaços do município foi um desses diacríticos de afirmação dos grupos étnicos. Alguns espaços sofreram um processo de territorialização, tendo a localidade assumido uma identidade relacionada a determinado grupo étnico, como é o caso de Forquilha, identificada com os descendentes de alemães e Linha Batista, com descendentes de poloneses. No entanto, foi na formação do centro da cidade que se verificou mais claramente um processo de diferenciação espacial, fruto de processos econômicos e políticos, que teve também elementos de caráter étnico.

O centro urbano atual de Criciúma definiu-se efetivamente a partir do início da exploração do carvão mineral em Criciúma, a partir da década de 10 do século XX. Houve evidentemente um processo anterior de centralização urbana, a partir de elementos próprios da vida social do núcleo colonial fundado em 1880, como a construção da igreja católica e o cruzamento de estradas coloniais, mas foi a exploração do carvão mineral que – tornada a

atividade econômica predominante na cidade e por muito tempo – forneceu a base social principal para a formação do centro urbano. É preciso lembrar que o espaço não é meramente o invólucro que agasalha determinadas relações sociais. Ele é, na verdade, espaço social, na medida em que se forma a partir das relações presentes na sociedade e, ao mesmo tempo, serve de suporte material para o exercício dessas relações<sup>107</sup>. Se o que define o grupo étnico é a fixação de fronteiras em relação aos outros grupos, mais que a sua matéria cultural específica, o *locus* de estabelecimento dessas fronteiras é o social. Porém, diz Barth<sup>108</sup>, pode haver contrapartidas territoriais. Neste caso, em relação à Criciúma, habitar no centro tornou-se um meio de manifestar uma pertença a um determinado grupo, em primeiro lugar econômico, mas também com conotações étnicas.

A delimitação do centro de Criciúma se deu a partir do contraste que seus habitantes fizeram em relação à atividade de exploração do carvão mineral e às localidades que surgiam, nas proximidades do centro, relacionadas com as minas de carvão. As primeiras minas foram abertas em Criciúma nas proximidades do atual centro, aproveitando as encostas do morro Cechinel (Morro da TV), a partir das quais abriam-se túneis que encontravam os veios do carvão. Essas minas, como a do bairro Santo Antônio e a da Carbonífera Próspera – que foram as principais nesse período, e a mina Brasil, mina do Bainha, outras que surgiram nas imediações do bairro Operária Nova, foram abertas entre 1916 e a segunda guerra mundial, todas muito próximas do centro. Para se ter uma idéia da proximidade do centro em relação ao carvão, basta dizer que até a década de 40, carros de bois subiam a rua João Zanette, uma das principais da cidade, carregados com carvão para

---

<sup>107</sup> SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

<sup>108</sup> BARTH, Fredrik. *Os Grupos Étnicos e Suas Fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998, p. 195.

serem levados até a estação ferroviária, localizada no centro, onde havia um depósito de carvão a ser embarcado nos trens e levado aos portos de Laguna e Imbituba<sup>109</sup>.

O contexto histórico de territorialização do centro urbano foi o da economia do carvão e do deslocamento de populações das localidades vizinhas a Criciúma, populações em sua maioria constituída por “brasileiros”. Em vista da manutenção de sua identidade e interesses, os habitantes do centro da cidade lançaram mão de diferenças em relação aos grupos de trabalhadores que chegavam para trabalhar nas minas, para afirmar sua própria origem e distinção. São os contatos entre os grupos sociais, e não o isolamento capaz de preservar uma cultura, que está na base da diversidade étnica. Barth critica a definição usual de grupo étnico, aceita na antropologia, que enfatiza a unidade entre grupo isolado e manutenção de especificidade cultural e demonstra sua limitação na medida em que “somos levados a imaginar cada grupo desenvolvendo sua forma cultural e social em isolamento relativo, essencialmente, reagindo a fatores ecológicos locais, ao longo de uma história de adaptação por invenção e empréstimos seletivos. Esta história produziu um mundo de povos separados, cada um com sua cultura própria e organizado numa sociedade que podemos legitimamente isolar para descrevê-la como se fosse uma ilha”<sup>110</sup>. Na verdade, a produção e manutenção de fronteiras étnicas baseiam-se no reconhecimento público das diferenças étnicas no contexto das interações sociais.

A área do centro de Criciúma definiu-se em oposição à área de carvão que existia em sua proximidade. Ao redor das minas de carvão, formavam-se comunidades de trabalhadores mineiros que se chamavam vilas operárias. Normalmente as companhias de

---

<sup>109</sup> Bernardino João Campos em entrevista concedida a Dorval do Nascimento em 10/05/2000. Bernardino João Campos nasceu em Porto Belo em 1916 e chegou em Criciúma em 1940, estabelecendo-se como comerciante a partir de 1946.

<sup>110</sup> BARTH, Fredrik. *Os Grupos Étnicos e Suas Fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 190.

mineração disponibilizavam pequenas casas e outros serviços, como açougue, mercado, salão de bailes e campo de futebol, como forma de atrair a mão de obra e, ao mesmo tempo, controlá-la. As vilas operárias mais importantes desse período foram a da Próspera e de Operária Velha, atual bairro Santa Bárbara. Entretanto, vilas operárias menores ou bairros populares formaram-se ao redor do centro da cidade. Ao norte do centro, existiam as localidades de Vera Cruz - Morro do Bainha e, mais longe, Mina do Mato e Mina Napolini. Ao leste, havia uma antiga área de mineração, vinculada à carbonífera Próspera, conhecida como Bairro Pio Corrêa. Ao oeste do centro, era a área sob controle da CBCA – Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá, a mais importante empresa de mineração até a década de 40. A CBCA possuía sua antiga vila operária e construiu, nos anos 40, uma nova vila de mineiros, respectivamente os atuais bairros Santa Bárbara e Operária Nova. Mais próximo do centro, nas imediações da rua Henrique Lage, entre a rua Anita Garibaldi e a rua Wenceslau Bráz, a CBCA possuía casas para os funcionários mais graduados da empresa. Ao sul do centro, havia a linha férrea da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, a partir da qual existiam os bairros Michel, Comerciário e São Cristóvão. A ferrovia, vinculada à economia e a cultura do carvão, demarcava o fim do centro na parte sul. O “lado de lá dos trilhos” não era considerado como centro da cidade, mas como tendo uma espacialidade própria e diferenciada<sup>111</sup>.

A distinção entre centro da cidade e o que se chamava zona de mineração expressava diferenças que se situavam no campo das relações econômicas e culturais. Havia, no entanto, uma correlação entre as fronteiras sociais e as fronteiras étnicas, de tal maneira que a organização das identidades étnicas, e sua expressão territorial, guardava

---

<sup>111</sup> NASCIMENTO, Dorval do. **As Curvas do Trem – A Presença da Estrada de Ferro no Sul de Santa Catarina**. Criciúma: UNESC. 2004.

uma correspondência com a divisão social de caráter econômico. Os habitantes das zonas de mineração eram identificados, em geral, como os *brasileiros*, migrantes que não eram originários da cidade. Nas fontes do período percebe-se uma tensão em torno da condição de “legítimo criciumense”. Os profissionais de classe média chegados à cidade carbonífera - médicos, advogados, funcionários graduados das carboníferas – eram incorporados a elite étnica do centro urbano através, principalmente, do casamento. A transposição da fronteira étnica se realizava por meio da inclusão social, na medida em que o *brasileiro* tinha a sua origem desconsiderada, ou a falta dela, como qualidade que emanava do cônjuge. Nodari, em seu estudo sobre a renegociação das fronteiras étnicas no oeste de Santa Catarina, afirma que a elite de origem portuguesa era incluída na vida sócio-cultural das comunidades teutas e ítalas, enquanto que “a exclusão que existia era a do caboclo, que havia se retirado para outras áreas, por imposição das colonizadoras”<sup>112</sup>. Há um cruzamento dos dados sociais e culturais de pertencimento, e as linhas de fronteiras étnicas e de classes quase estão estabelecidas uma por sobre a outra.

A atribuição de nomes próprios, os bairros, a “pedaços” espaciais que até então não tinham personalidade, constituindo-os como um território destacado e desvinculando-os do centro, não foi uma operação ingênua. Na verdade, percebe-se que a manutenção de um espaço geográfico próprio, desvinculado do carvão, foi uma maneira das famílias da área central preservarem a sua identidade e seus interesses, demarcando claramente a sua superioridade em relação às pessoas que viviam do carvão. É a manutenção daquilo que

---

<sup>112</sup> NODARI, Eunice Sueli e VIEIRA, Alexandre Sarda. **O Oeste de Santa Catarina: A Renegociação das Fronteiras Étnicas**. Fronteiras - Revista Catarinense de História. Florianópolis, nº 09, dez/2001, p. 49.

Pierre Bourdieu chamou de capital cultural, ou seja, determinadas qualidades simbólicas e culturais que permitem uma vantagem nas relações sociais<sup>113</sup>.

Em vista disso, mesmo determinadas áreas que estão situadas no centro da cidade, mas que guardaram uma relação ou proximidade com a atividade carbonífera, tornaram-se de identidade incerta, diluída. É o caso, por exemplo, da rua Marcos Rovaris e suas imediações, construída na década de 20 para que os trabalhadores da vila operária da Carbonífera Próspera tivessem acesso rápido ao centro e, além disso, localizada nas proximidades do bairro Pio Corrêa. Ou a área de casas dos funcionários mais graduados da CBCA, já citada. São áreas que de alguma maneira eram identificadas com os territórios próprios que as companhias carboníferas construíram no município de Criciúma e que, por isso, tiveram a sua identificação com o centro contaminada. São espaços - fronteiras, áreas híbridas, de identidade incerta, que estão no centro urbano, mas é como se nele não estivessem.

Essas expressões de etnicidade no espaço público encontraram também ocasião para se exprimirem através de um monumento erguido em uma das praças do centro de Criciúma.

### **Monumento ao Imigrante Como Discurso Sobre a Cidade**

O *Monumento ao Imigrante* foi inaugurado em Criciúma no dia seis de Janeiro de 1966, em uma pequena praça localizada no centro da cidade. O monumento consiste em duas pedras de moinho sustentadas por três colunas revestidas de azulejo. Os elementos que

---

<sup>113</sup> BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1989.



constituem o monumento, bastante simples, guardam entretanto uma relação muito próxima com o que se pensava da cidade naquela época. Vamos tratar o monumento como uma síntese da cidade naquele período, ou melhor, uma síntese de um desejo de cidade que ali se manifestava como uma figura de linguagem, dando a ler representações em forma de discurso fixado em pedra.

Paul Ricoeur vislumbra a possibilidade de ler o vivido e o sentido da cidade em seus marcos de pedra, o que nos possibilita pensar que é possível ler a identidade urbana através do monumento público. Há uma narrativa do espaço construído, no sentido trazido por Ricoeur quando afirma que há proximidades entre a narratividade, que consiste em pôr uma intriga no tempo, e a arquitetura, incluídos aí os traçados de ruas e praças, que poderia ser vista como uma operação narrativa configurante em relação ao espaço<sup>114</sup>. Explorando ainda um pouco mais a semelhança referida por Ricoeur, é possível dizer que tanto a narrativa quanto a arquitetura tem possibilidade de tornar presente o ausente que existiu, funcionando assim como memória, através do contar e do construir. O construído torna-se suporte da memória e do imaginário urbano, contando uma história de sonhos que pode ou não ter se realizado.

O interesse é encontrar determinados sentidos que se pretendiam atribuir à cidade, como futuro ou como já portadora deles, e que podem ser encontrados ou relacionados ao monumento. O monumento assim pode ser um índice da identidade urbana, revelador de sentidos que se lhe atribuíam. Esses sentidos aparecem articulados a determinados imaginários sociais que são fundamentais serem decifrados para que àquela realidade histórica seja compreendida. Os imaginários sociais são, na definição dada por Bronislaw

---

<sup>114</sup> RICOEUR, Paul. *Architecture e Narrativité*. **Urbanisme**, nov/dec 1998, n° 303.

Baczko, um sistema complexo de representações que avaliam e qualificam o real, um aspecto da vida social através dos quais as coletividades atribuem sentido ao mundo, a si mesmas e aos outros, ou como afirma, “através de seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de ‘bom comportamento’, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do ‘chefe’, o ‘bom súdito’, o ‘guerreiro corajoso’, etc”<sup>115</sup>. Ora, os imaginários sociais operacionalizam-se através da produção de discursos, isto é, como um sistema de linguagem inteligível que busca modelar as representações, impondo àquele modo específico de representar o mundo a todo o corpo social. Daí a possibilidade de ler imaginários sociais no monumento em questão.

Busca-se pensar o imaginário no plural. Seguindo as pistas de Baczko, é possível afirmar que há um nível do imaginário que se coloca como em comum a toda à sociedade, que funciona como uma resposta a seus desequilíbrios e tensões e que lhe permite, no limite, a convivência em comum. Mas há um outro nível, onde o imaginário se pluraliza, e as representações sociais se constituem em determinados sistemas que buscam capturar a alma de uma cidade. É preciso lembrar que Baczko conjuga o imaginário com a sociedade e com a política, ressaltando a importância que tem o controle do imaginário social e de sua difusão, que “assegura em graus variáveis uma real influência sobre os comportamentos e as atividades individuais e coletivas, permitindo obter os resultados práticos desejados, canalizar as energias e orientar as esperanças”<sup>116</sup>. Vamos perceber, na medida em que

---

<sup>115</sup> BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social**. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985, p. 309.

<sup>116</sup> Ibid., p. 312.

discutirmos a identidade urbana de Criciúma através do *Monumento ao Imigrante*, que alguns imaginários sociais circulavam na cidade e buscava dar-lhe um sentido próprio.

A figura de linguagem, no caso, através da qual o monumento fala, é a alegoria. A intenção de ler o monumento através da alegoria vem, em primeiro lugar, pela complexidade dessa figura de linguagem. A alegoria costuma ser conceituada como uma representação concreta de uma idéia abstrata e é mais complexa que uma metáfora por ser mais detalhada, tendo um maior número de elementos comparativos no mesmo corpo de comparação<sup>117</sup>. Ainda que seja uma figura de linguagem, a alegoria costuma estar presente também na pintura e na escultura. Como figura de linguagem, é possível encontrar a alegoria em variados discursos, como na publicidade, pintura, escultura, por exemplo, ou, como no nosso caso, na narrativa arquitetônica da cidade. A imagem da justiça, com seus olhos vendados, a espada e a balança nas mãos, representando a sua imparcialidade, o poder de aplicar suas decisões e a capacidade de julgar, é uma das mais recorrentes quando se trata da alegoria. Flávio Kothe chamou, em vista disso, a atenção para o caráter convencional da alegoria<sup>118</sup>, porque se repete continuamente os mesmo significados para os mesmos significantes, ossificando assim uma mesma interpretação estabelecida. Ele afirma ainda que o signo alegórico, assim, possui um caráter icônico, com seu significado já definido. Entretanto, quando se trata de imagens que a interpretação não está ainda estabelecida, a alegoria pode revelar-se um excelente meio de compreensão de determinados modos de manifestação das representações, na medida em que, como afirmou Jeanne Marie Gagnebin, o significado é extraído através do labor intelectual, já que a

---

<sup>117</sup> KOTHE, Flávio René. **A Alegoria**. São Paulo: Ática, 1986, p. 6 e 7.

<sup>118</sup> *Ibid.*, p. 16.

relação que se estabelece é arbitrária, no sentido de não ser transparente e não estar, portanto, pré-definida<sup>119</sup>.

Walter Benjamin foi quem reabilitou a alegoria enquanto figura de linguagem capaz de expressar o mundo social de nosso tempo, em detrimento da transparência do símbolo, por ser talvez a única figura a dar conta das contradições da época moderna. A alegoria trabalha exatamente a partir de uma vida e de um sujeito que se estabelecem no fragmento e na incapacidade de se ter um sentido unitário da realidade. Ora, diz Benjamin, é exatamente essa a condição trazida pelo capitalismo na modernidade, o que explica o ressurgimento da alegoria em um poeta como Baudelaire, um dos primeiros a compreender o papel diferenciado que o intelectual teria diante da modernidade e do mercado: o poeta é obrigado a vender sua mercadoria, a obra, no mercado. Baudelaire recusa-se a ser um mero produtor de mercadorias, a não ser com a condição de poder refletir sobre essa nova situação, o que faz ao assimilar sua condição no mercado na produção de sua poética<sup>120</sup>. Assim, é a alegoria uma figura de linguagem adequada, pois mostra as contradições trazidas pela organização capitalista da vida moderna, renunciando a uma harmonia e transparência que não mais existe.

Desta discussão em torno da alegoria, me interessa reter para a análise a capacidade que a linguagem alegórica tem de ultrapassar o aparente e buscar sentidos que se enxergam para além do que está dado. A alegoria é figura que revela o outro, fala de algo que não ela mesma, daí no grego *allos*, outro, e *agorein*, falar, ou seja, manifestar o outro, que está oculto<sup>121</sup>. Numa leitura alegórica do *Monumento ao Imigrante*, pretendo tomar os seus

---

<sup>119</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin – Os Cacos da História**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.46.

<sup>120</sup> Ibid., p. 42 – 45.

<sup>121</sup> Ibid., p. 41.

elementos constitutivos como guia para conhecer os imaginários sociais presentes em Criciúma na década de 1960. Esses imaginários sociais articulavam-se em uma operação de releitura étnica da cidade, através de estratégias de ação que buscavam valorizar a presença dos descendentes de imigrantes europeus, no caso italianos, alemães e poloneses, no espaço da cidade.

O primeiro elemento presente no monumento, com o qual começaremos a entendê-lo, são as três colunas que sustentam as pedras de moinho. Não há nada, no próprio monumento, que nos indique o seu significado. Entretanto, ficamos conhecendo esse significado através de uma notícia de jornal que informou sobre a inauguração do monumento, onde se afirma que este

Foi construído pela Prefeitura, na administração Arlindo Junkes e é composto de duas pedras de moinho sustentadas por três colunas, estas simbolizando as nacionalidades dos imigrantes italianos, alemães e poloneses, que de 1880 em diante aqui se fixaram.<sup>122</sup>

A notícia deixa bastante claro que as colunas representam os três grupos principais de imigrantes europeus que compuseram a população cricumense: os italianos, fundadores do núcleo colonial, em 1880; alemães, que vieram para o território do então distrito de Criciúma no início do século XX, fixando-se principalmente na localidade de Forquilha; e os poloneses que se fixaram na área leste do município em fins do século XIX. Ora, o identificar as colunas, o elemento material mais visível do monumento, com os grupos de imigrantes aponta para uma valorização desses grupos e seus descendentes como formadores da cidade e o seis de janeiro, data da chegada dos primeiros imigrantes italianos

---

<sup>122</sup> “Inaugurado no dia 6 o monumento ao imigrante”. *Tribuna Criciumense*, nº 546, 08/01/1966, p. 8.

à futura área do município, como marco fundador. O próprio fato de serem as colunas a representarem esses grupos, e não outro elemento qualquer, desvela essa intenção, na medida em que ‘coluna’ remete à sustentação de algo, sendo um dos elementos mais importantes – senão o mais – em um edifício. No *Monumento ao Imigrante*, a cidade é alegorizada como construção, sendo representada como sustentada pelos grupos de imigrantes europeus presentes em Criciúma. Revela-se, desta forma, presente no monumento a partir das suas colunas, uma estratégia de valorização das famílias mais tradicionais da cidade, descendentes de imigrantes europeus.



*Monumento ao Imigrante (Criciúma/SC).*

A estratégia de valorização de representações que se articulam em um imaginário que tem sua matriz fundada na etnicidade foi se delineando lentamente no decorrer das décadas de 1950 e 1960. Em 1951, o prefeito de então, Paulo Preis, descendente de alemães, ele próprio vindo de outra colônia para Criciúma com seus pais em 1918, sancionou uma lei que denominava 6 de janeiro uma rua, que então se valorizava em vista

da abertura da rua Marechal Deodoro para se fazer o contorno do centro de Criciúma em direção à cidade de Araranguá. Na mesma lei, autorizava o executivo a construir a pequena praça onde seria instalado o monumento, bem como contratar a elaboração de sua planta:

Art. 2º - Será construído pequeno logradouro triangular no final da citada rua, o qual tomará a designação de “Praça do Imigrante”.

Art. 3º - Fica o executivo autorizado a contratar engenheiro ou empresa de arquitetura para elaborar a planta de um monumento que será localizado na aludida praça, em homenagem aos imigrantes que fundaram a cidade.<sup>123</sup>

Rua 6 de Janeiro, Praça do Imigrante e monumento em homenagem aos imigrantes: tomavam-se medidas, desde o início dos anos cinquenta, para se espacializar formas de representações que determinados grupos sociais elaboravam sobre a cidade. O fato de o monumento ter sido autorizado em 1951 e inaugurado apenas em 1966 demonstra as dificuldades que tinham essas representações para afirmarem-se socialmente, constituindo-se como um imaginário dominante. Isso significa afirmar, na linha aberta por Roger Chartier<sup>124</sup>, que essas representações não são neutras, ou seja, elas buscam impor-se socialmente, buscando prevalecer e moldar toda uma forma de ver e de julgar o mundo social. Assim, buscar entender essas representações em seus conflitos não significa abrir mão do entendimento do social, pelo contrário, significa mesmo adentrar no âmago aonde o social é decidido. Como afirma Chartier, a investigação sobre as representações “supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representação têm

---

<sup>123</sup> CRICIÚMA. Lei nº 72, de 29/12/1951. *Câmara Municipal de Criciúma*.

<sup>124</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio”<sup>125</sup>.

Em relação ao nosso tema, isso transparece nos jornais que circulavam em Criciúma nesse período. O jornal *Folha do Povo*, semanário que circulou entre 1949 e 1953, dirigido pelo advogado trabalhista Pedro Vergara Corrêa, que era assessor jurídico do Sindicato dos Mineiros de Criciúma, e a *Tribuna Criciumense*, semanário fundado em 1955 pelo também advogado José Pimentel, que circulou na cidade até os anos noventa<sup>126</sup>. Não mais existem em arquivo todos os números do *Folha do Povo*, mas apenas àqueles referentes ao ano de 1952. Nesse ano, em relação ao dia seis de Janeiro, data de fundação do núcleo colonial e, portanto, marco bastante valorizado pelo imaginário da imigração, não há uma única palavra sobre aniversário de Criciúma ou sobre imigrantes<sup>127</sup>. E isso quando o prefeito da cidade, Paulo Preis, aprovava lei no final de 1951, já citada, que criava uma série de marcos urbanos relacionados à imigração, certamente visando às comemorações da fundação da cidade em 6 de janeiro de 1952. Isso poderia expressar disputadas partidárias da época, mas que eram perpassadas por imaginários sociais que valorizavam ou desvalorizavam uma certa maneira de representar a cidade. Por outro lado, a primeira edição da *Tribuna Criciumense* referente ao seis de janeiro, em 1956, foi totalmente dedicada à comemoração do 76º aniversário de fundação da cidade<sup>128</sup>.

---

<sup>125</sup> Ibid., p. 17.

<sup>126</sup> MACHADO, Agilmar. **História da Comunicação no Sul de Santa Catarina**. Criciúma: BTC Comunicação, 2000, p. 80.

<sup>127</sup> *Folha do Povo*, nº 53, 07/01/1952.

<sup>128</sup> *Tribuna Criciumense*, nº 37, 09/01/1956.



Desta forma, as colunas representando os grupos de imigrantes italianos, alemães e poloneses no *Monumento ao Imigrante* revelam uma intenção de representar espacialmente no corpo da cidade um imaginário étnico que vinha se valorizando em seu espírito.

O segundo elemento presente no monumento, e que aparece de forma central, são duas pedras de moinho sustentadas pelas três colunas referidas. Na placa fixada no monumento por ocasião de sua inauguração, podemos compreender qual o significado dessas pedras:

Movidas Pela Força Humana

Estas pedras foram roladas entre mata virgem, cerca de 40 Km,

Destinadas à primeira indústria de Criciúma, em 1880.

Promoção da Uesc<sup>129</sup> na gestão 63/64, executada pelo Prefeito Arlindo Junkes.

Em 6 – 1 – 1966.

Homenagem aos Bravos Colonos Fundadores desta Cidade.

As pedras de moinho destinavam-se a homenagear os fundadores da cidade, como diz a placa comemorativa, e nesse sentido elas participam daquele imaginário que havia se articulado em torno da imigração. As pedras foram, como afirma a placa, movidas com muito esforço e “destinadas à primeira indústria de Criciúma, em 1880”, ou seja, no ano mesmo de chegada dos primeiros imigrantes e fundação da cidade. Colocava-se, desta maneira, o crescimento da cidade sob a égide dos imigrantes que, com grandes sacrifícios, haviam sido os primeiros impulsionadores do progresso de Criciúma. A matéria jornalística que narrou a inauguração do monumento confirma essa intenção:

---

<sup>129</sup> União dos Estudantes Secundários de Criciúma, fundada em 12 de Março de 1960. Cf. NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Criciúma, Orgulho de Cidade – Fragmentos da História de seus 120 Anos**. Criciúma: edição do Autor, 2000.

Posteriormente elevado número de pessoas compareceu à praça onde foi cortada a fita simbólica ocasião em que os senhores Arlindo Junkes e Lúcio Nuernberg discorreram sobre aquele histórico monumento que é o símbolo de nossa primeira indústria e cujas pedras em sua aparência tosca e simples significam a primeira alavanca para o trabalho e o progresso de nossa terra.<sup>130</sup>

As pedras de moinho são apresentadas como a origem que permitiu o progresso da cidade. Ao serem roladas por quarenta quilômetros pela mata virgem, mostram todo o esforço e heroísmo do imigrante para trazer o progresso a esta parte da América. Trabalham nessa narrativa representações vinculadas à relação entre cultura e natureza, e o papel do homem europeu como portador da civilização. Não é o caso de se perguntar se essas foram mesmo as pedras roladas pela mata ou se existiu alguma pedra nessa condição. Isso é pouco provável. O que nos interessa é perceber esse movimento de atribuição de valor que esses grupos sociais deram a essa materialidade, atribuindo a ela um significado que dava sentido a sua existência e os situava na cidade.

Porém, as pedras dizem mais. A narrativa jornalística as apresenta como “símbolo de nossa primeira indústria”. No monumento, as colunas que significam os grupos imigrantes, sustentam as pedras de moinho, símbolo da indústria e do progresso da cidade. O significado é transparente, quase simbólico: os imigrantes é que foram os promotores da industrialização e do progresso de Criciúma. Há, no entanto, algumas áreas opacas nessa caracterização. Primeiro, que a principal atividade econômica do município, que efetivamente lhe permitiu o crescimento, foi a extração do carvão mineral e, ainda que tivesse participação de imigrantes locais, não foram esses grupos descendentes dos

---

<sup>130</sup> “Inaugurado no dia 6 o Monumento ao Imigrante”. *Tribuna Criciumense*, nº 546, 08/01/1966, p. 8.

colonizadores que se tornaram os principais empresários do carvão. Segundo, que as pedras de moinho remetem a uma outra indústria, diferente da chamada indústria carbonífera, que não possui fábricas e cuja atividade consiste em extração de matéria-prima, portanto algo que não se pode mesmo caracterizar comumente como indústria. O desejo de se ter uma outra indústria, diferente da carbonífera, que ao mesmo tempo permitisse diminuir a importância do imaginário articulado em torno do carvão, já que este remetia a força do movimento sindical mineiro, dos mineradores como articuladores políticos e do nacionalismo, e valorizar ou revalorizar outros grupos sociais que se pretendiam os legítimos fundadores da cidade, talvez aí esteja a chave para compreender as pedras de moinho no *Monumento ao Imigrante*.

No monumento a preocupação com a imagem da cidade e, ao mesmo tempo, com a diversificação industrial, aparece também relacionada com o revestimento cerâmico das três colunas que sustentam as pedras de moinho, fechando assim o magma de significações que o monumento apresenta. Não há registro conhecido sobre a data em que as colunas foram revestidas, se na construção do monumento ou posteriormente. De qualquer maneira, foi no período em que estamos tratando, década de 1960 ou no máximo primeira metade dos anos 1970, quando se valorizou muito o tema da diversificação e da mudança da paisagem urbana. Nesse período, se fez uma campanha para que as residências e prédios da área central fossem revestidos com azulejo, o que efetivamente ocorreu em muitos casos, ao mesmo tempo em que se acrescentavam as palavras ‘e do Azulejo’ ao lema oficial da cidade como ‘Capital do Carvão’. Buscava-se, assim, relacionar ao imaginário da imigração as representações relacionadas com o progresso, a diversificação industrial e, principalmente, a cidade moderna.

O *Monumento ao Imigrante*, construído em 1966, é o único monumento de Criciúma, dos que foram levantados até 1980, ano do centenário da colonização, que não se relaciona ao carvão, ou melhor, que não é comemorativo do imaginário do carvão. O *Monumento ao Imigrante* se contrapõe, em uma luta simbólica, ao *Monumento aos Homens do Carvão* erguido em 1946 no centro da praça Nereu Ramos, a principal da cidade. O *Monumento aos Homens do Carvão* é um monumento-símbolo, transparente, a simbolizar a pujança da indústria carbonífera e as relações fraternais entre operários e empresários. Isso não significa que o monumento não possa ser problematizado e desconstruído no discurso que faz sobre a cidade, mas, significa que a língua que ali aparece é a daqueles que situaram o seu poder sobre um imaginário que já estava estabelecido. Não há necessidade de muito esforço para entender o que ele quer dizer.

O *Monumento ao Imigrante* não se situa na praça principal, mas numa das menores da cidade, a demonstrar a fraqueza das representações que evocava por ocasião da sua inauguração. Ele expressa um imaginário que lentamente foi se impondo ao opor o imigrante fundador da cidade ao “homem do carvão” que chegou depois, a indústria diversificada a mono-indústria carbonífera, enfim, a cidade nova e étnica à antiga cidade do carvão, que deveria ser esquecida, e acabou por se tornar o principal elemento de identidade da cidade de Criciúma.

## CAPÍTULO 3

### DA CABEÇA DE ZEUS

### O PARTO DA NOVA CIDADE

A Prefeitura de Criciúma, conforme relatou matéria do *Jornal do Sul* em 1977, plantava coqueiros ao longo da Avenida Axial, “ganhando dessa forma um novo aspecto que a transformará radicalmente sob todos os ângulos de visualização”<sup>131</sup>. A principal avenida da cidade ganhava uma roupagem vegetal que a humanizava. As razões apontadas para o plantio dos coqueiros iam desde a necessidade de se implantar áreas verdes na cidade até o favorecimento do trânsito de veículos durante a noite, diminuindo “a densidade de ofuscamento provocada pelos faróis altos dos carros que trafegam em sentido contrário, entrando ou saindo da cidade”. Poder-se-ia, inclusive, lembrar que a presença de coqueiros ao longo da mais moderna via pública da cidade remete também à época da fundação do núcleo colonial, que teria sido feita junto a um Rio Criciúma ladeado de coqueiros<sup>132</sup>. Entretanto, é sob os “ângulos de visualização” que a obra de plantio dos coqueiros foi

---

<sup>131</sup> “Coqueiros Para Embelezar Axial”. *Jornal do Sul*, 16/07/1977, p. 8

<sup>132</sup> FERREIRA, Jurandir Pires (direção). **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Volume XXXII. Rio de Janeiro: IBGE, 1959, p. 81 – 87.

avaliada, demonstrando uma preocupação exacerbada com a estética da cidade neste período.

O que se pretende neste capítulo é acompanhar as preocupações com a imagem da cidade de Criciúma através, principalmente, da imprensa estadual e nacional, de um lado, e perceber as intervenções do poder público no corpo mesmo da cidade, ao mesmo tempo mudando a cidade vivida e a cidade representada no espaço público. Buscaremos decifrar uma certa estratégia de aparência da cidade<sup>133</sup>, que engloba tanto a sua exposição mediática quanto a forma concreta como as intervenções urbanas se realizaram. Para além de contrapor uma cidade concreta e uma cidade metafórica, ainda que tenha conhecimento da existência desta dicotomia, o que se pretende é relacionar esses dois níveis de aparecimento e leitura da cidade real, “concreto-imaginária”.

### **A Cidade Carbonífera Vista Pelo País**

Em junho de 1967 a revista *Realidade*, em seu número 15, trouxe uma reportagem de várias páginas sobre Criciúma e a região carbonífera. Revista de circulação nacional lançada em abril de 1966 com uma tiragem de 250.000 exemplares que se esgotaram em três dias, publicada em São Paulo pela editora Abril entre 1966 e 1976, *Realidade* trazia em suas páginas temas controversos para a época como divórcio, casamento de padres, liberação feminina, homossexualismo, e outros<sup>134</sup>. Também se encontram em suas páginas

---

<sup>133</sup> MONS, Alain. *La Métaphore Sociale – Image, Territoire, Communication*. Paris: PUF, 1992.

<sup>134</sup> FARO, J. S. *Revista Realidade 1966 – 1968 – Tempo da Reportagem na Imprensa Brasileira*. Canoas: Editora da Ulbra/AGE, 1999. MORAES, Letícia Nunes de Góes. *A Dança Efêmera dos Leitores Missivistas na Revista Realidade (1966 – 1968)*. 2001. Dissertação de Mestrado em História. USP, São Paulo.

reportagens sobre tipos humanos, profissões e cidades do interior do Brasil. Sob o título *Eles vivem Embaixo da Terra* e tomando o trabalho mineiro como tema inicial, a edição de junho de 1967 apresenta uma ampla descrição da cidade de Criciúma<sup>135</sup>.

A reportagem de *Realidade* acompanha o primeiro dia de trabalho de Emodeno, nome provavelmente inventado pelo repórter Narciso Kalili, em uma mina de carvão. Ao fazê-lo, o repórter descreve desde as vilas operárias até as etapas do trabalho mineiro, mostrando as suas mazelas, a começar pelas condições no interior da mina.

Aqui os mineiros ficam apenas de calção. Suam muito e respiram com dificuldade. O calor não vai além de 25 graus, mas a taxa de umidade (nossas minas são as mais úmidas do mundo) é violenta, transformando em pasta a mistura de pó e suor que não se evapora de seus corpos. Luz, nenhuma; só calor, silêncio e o cheiro forte do carvão.<sup>136</sup>

Descreve também o tremendo esforço físico necessário para despedaçar as pedras que desprendem das paredes de rochas através de detonações com dinamite, encher e empurrar o carro cheio de carvão pelo túnel da mina, “com o corpo curvado, a cabeça apoiada nos braços estendidos, os olhos voltados para o chão”, condições de trabalho que gerava várias doenças do pulmão e coração, lesões da coluna vertebral e os frequentes acidentes de trabalho.

Das condições de trabalho dos operários ele passa à cidade carbonífera. Confrontado com o discurso do progresso trazido pelo carvão, o repórter apresenta uma

---

<sup>135</sup> “Eles Vivem Embaixo da Terra”. *Realidade*, número 15, junho de 1967.

<sup>136</sup> *Ibid.*, p. 130.

cidade aonde as pessoas não têm perspectivas de futuro e a expectativa de vida é de 50 anos. Apresenta a população citadina como dependente da atividade carbonífera, que empregaria oito mil trabalhadores, dos quais dependeria cerca de trinta e sete mil pessoas, a maioria menor de 14 anos. Cerca de cinco mil pessoas viveriam com a pensão dos institutos de aposentadoria. Os jovens, dependentes dos pais, se marginalizam e “nem pensam em abandonar a região, por ignorância, falta de visão e de dinheiro, para tentar a aventura”<sup>137</sup>. Quando ganham algum dinheiro, gastam nas várias formas de jogo existentes na cidade ou freqüentam as casas de Maracangalha, a zona de meretrício do lugar. As moças aguardam a hora de serem “roubadas”, forma de acerto entre as famílias através da qual o casal passa a viver junto sem casamento civil ou religioso. Às vezes se empregam em casas de famílias ricas ou no comércio do centro de Criciúma.

Afirma-se na cidade que, em muitos casos, a moça é obrigada a se entregar para conseguir colocação. Depois disso, não é difícil que a jovem chegue à prostituição: passa alguns dias em Maracangalha e, depois que arranja dinheiro para a passagem, some da região para não submeter a família a vexames.<sup>138</sup>

Como o comércio e a indústria local não tem condições de absorver a mão-de-obra ociosa e do grande número de dependentes por família, os mineiros, ainda que recebam um salário relativamente alto, vivem mal e com medo de perderem o emprego. As relações trabalhistas são marcadas pelo autoritarismo, onde as empresas demitem ou admitem dentro de um esquema de chantagem e favores pessoais. Diomício Freitas, empresário do setor

---

<sup>137</sup> Ibid., p. 136.

<sup>138</sup> Ibid., p. 138.



carbonífero, “mineiro nas horas vagas e antigo funcionário da Estrada de Ferro Dona Cristina (sic)”, é apresentado como o único mineiro que enriqueceu, fruto de suas atividades de exploração do carvão durante a segunda guerra mundial, quando “a ditadura do Estado Novo não se importava como viviam os trabalhadores, nem perguntava o lucro dos proprietários de minas”<sup>139</sup>.

O aspecto geral da cidade é apresentado como cinzento, resultado da atividade de exploração do carvão.

Estava acostumado, desde o seu nascimento, àquela paisagem sempre igual, cinzenta. As casas, o mato, as roupas, o céu, as pessoas, tudo é cinzento na região das minas de Santa Catarina.<sup>140</sup>

Habitações de péssima qualidade, com casas de “25 metros quadrados de construção de madeira, sem forro, sem água corrente, num terreno de sete por quinze metros”, trabalho extenuante, falta de expectativa de futuro, jovens desocupados, autoritarismo patronal, grande número de dependentes, o repórter pinta um quadro de intranqüilidade social que ameaça a cidade, expressa na frase de um morador.

Estamos sentados em cima de uma bomba. Qualquer dia desses ela estoura e vamos todos juntos para o inferno.<sup>141</sup>

Nunca Criciúma havia sido apresentada dessa maneira. Não era mostrada como a cidade que mais crescia no sul do Estado, como aparece em diversos jornais da década de

---

<sup>139</sup> Ibid., p. 134.

<sup>140</sup> Ibid., p. 130. O subtítulo da página 132 diz o seguinte: “Aqui, tudo tem cheiro e cor de carvão”.

<sup>141</sup> Ibid., p. 136.

1960, adaptação do lema do IV centenário de São Paulo, mas como uma cidade que vivia um problema social dos mais sérios, que poderia estourar a qualquer momento.

A reportagem caiu como uma bomba na cidade. A julgar pela repercussão nos jornais e o tom raivoso das matérias, o repórter havia tocado em um ponto sensível de Criciúma, a forma como esta se via e como poderia ser vista. Ainda em junho, tão logo tomou conhecimento da matéria de *Realidade*, o jornal *Tribuna Criciumense* se posicionou em uma matéria de primeira página <sup>142</sup>. Após elogiar o caráter inovador dos temas e matérias da revista e declarar-se leitor assíduo de *Realidade*, o articulista lamenta a matéria feita sobre Criciúma, “nossa cidade”.

Perdão, nossa cidade não! O que acabamos de ler não é, não pode ser Criciúma. Mas já que a reportagem diz que é, vamos tentar limpar as míopes lentes do repórter de REALIDADE e mostrar a ele a realidade não só do nosso caixão de lixo (...). Vamos dizer ao repórter que nós também temos uma casinha modesta, limpa, arrumadinha, na frente da qual cultivamos com carinho umas flores.

Pela resposta de *Tribuna Criciumense* ficamos sabendo quais os pontos da reportagem de *Realidade* que mais chocou as elites cidadinas e adentramos, assim, na maneira como essas mesmas elites imaginavam sua própria cidade ou, ao menos, como queriam que a cidade do carvão fosse vista em outros centros. O primeiro ponto de defesa de Criciúma, na matéria da *Tribuna*, é afirmar que se a cidade era sinônimo de carvão, não vivia apenas dele. E enumerava uma série de atividades existentes na cidade e que não estavam relacionadas com o carvão, desde a diversificação da produção agrícola até a

---

<sup>142</sup> “*Realidade* não Viu a Realidade”. *Tribuna Criciumense*, 10/06/1967, p. 1.

existência de escolas profissionalizantes e clubes de serviços. Atacava a visão do repórter de que a paisagem da cidade era cinzenta e, em tom irônico e depois de acusa-lo de ter pedido propina para fazer uma reportagem favorável à cidade, descreve assim as condições para a conclusão do repórter.

Ao acordar-se perto do meio-dia, com o ruído do trem das onze que sempre tem duas máquinas, chegou até a janela do hotel, e naturalmente, teve que sentir nos olhos e nariz, a fumaça vomitada pelas locomotivas que transportam o nosso progresso. Pegou no seu lápis e caderninho e depois na página 130 e 132 de REALIDADE assim escreveu: ‘Aqui tudo tem cheiro e cor de carvão’.

O vínculo da cidade com o carvão, ainda que seja “o nosso progresso”, vínculo em termos de atividade econômica praticamente única na cidade ou quando marca com sua cor e cheiro a paisagem urbana, parece ser aquilo que o repórter de *Realidade* enfatizou e que a matéria de *Tribuna* mais critica, a mostrar um certo mal-estar da cidade com a sua condição carbonífera.

Além desse aspecto referente à paisagem urbana, podemos perceber, nas matérias publicadas no jornal *Tribuna Criciumense* e nas cartas enviadas à redação de *Realidade* e publicadas nos números de julho e agosto de 1967, quais os pontos da reportagem que mais incomodaram as pessoas em Criciúma e que mereceram destaque nas várias defesas da cidade:

1º - A afirmação referente às moças da cidade, que aguardam para serem “roubadas” ou se prostituem na zona local de meretrício<sup>143</sup>;

2º - A impressão de que somente oito mil mineiros trabalham na cidade, sendo que os demais habitantes “são vadios, e... o restante é prostituição”<sup>144</sup>;

3º - A afirmação de que a zona do meretrício de Criciúma conta com cem prostitutas, “um número bem fictício, arredondado, próprio de quem foi fazer tudo menos contar o que viu”<sup>145</sup>;

4º - A apresentação de Diomício Freitas como o único mineiro que enriqueceu, em vista das condições de exploração dos trabalhadores na Segunda Grande Guerra. Diomício Freitas é destacado “em sua modéstia e honradez” e lembrado pela sua expressiva votação a deputado federal<sup>146</sup>.

Para o Lions Club de Criciúma, a reportagem de *Realidade* “é um retrato adulterado, que ampliou e deformou os defeitos de uma comunidade, sem lhe creditar um só mérito”<sup>147</sup>. João Aderbal, vereador da cidade, diz que “de Criciúma, de verdade, nada foi escrito. O repúdio é geral contra tão baixa revista”<sup>148</sup>. Mário Emídio, por sua vez, mineiro, diz que a reportagem “mostrou como, nós, mineiros, vivemos na Capital do Carvão, Criciúma, SC. Achei notável a reportagem porque expressa realmente a verdade sobre a promiscuidade em que vivem os ‘mineiros’ de Santa Catarina”<sup>149</sup>. A reportagem de

---

<sup>143</sup> “*Realidade Não Viu a Realidade*”. *Tribuna Criciumense*, 10/06/1967, p. 1. “Continua Repercutindo a Reportagem de *Realidade*”, *Tribuna Criciumense*, 30/09/1967, p. 2 e 7.

<sup>144</sup> Carta de Luiz Oswaldo da Silva Leite, publicada em *Realidade*, Agosto de 1967.

<sup>145</sup> “*Realidade Não Viu a Realidade*”. *Tribuna Criciumense*, 10/06/1967, p. 1.

<sup>146</sup> “Continua Repercutindo a Reportagem de *Realidade*”, *Tribuna Criciumense*, 30/09/1967, p. 2 e 7.

<sup>147</sup> “Ainda Sobre a Reportagem de *Realidade*”, *Tribuna Criciumense*, 01/07/1967, p. 3.

<sup>148</sup> Carta de João Aderbal, publicada em *Realidade*, Julho de 1967.

<sup>149</sup> Carta de Mário Emídio, publicada em *Realidade*, Agosto de 1967.

*Realidade* despertou uma disparidade de vozes a concordar com ela ou ataca-la. Diferentes olhares que avaliavam a cidade do carvão e concordavam ou não com a cidade apresentada pelas páginas de *Realidade*. De toda a maneira, de um lado ou de outro da trincheira, o que sobra de conclusão de todo esse imbróglio é que, por fim, a cidade do carvão restou questionada.

Na verdade, não era somente na imprensa nacional e na década de 1960 que a cidade carbonífera era avaliada. Nesse sentido, na avaliação da cidade do carvão coube um papel muito especial à imprensa local e seus articulistas já que, em suas palavras, se “nos dermos ao trabalho de observar a cidade com olho crítico, certamente muita coisa errada haveremos de encontrar”<sup>150</sup>. Através do jornal *Tribuna Criciumense*, articulistas como Ézio Lima, Sylvio Bittencourt, Jair J. da Motta, S. Souza e Sebastião Pieri, em colunas como *A Cidade em Revista*, *A Crônica da Cidade* e *Reverberando*, passavam literalmente em revista os problemas da cidade, apontando dificuldades e propondo soluções, buscando “despertar a atenção dos poderes competentes para algumas necessidades nossas que estejam talvez passando despercebidas”<sup>151</sup>. Essa consciência de seu papel de leitores especiais da cidade, capazes de verem problemas e chamar a atenção para aspectos da urbe que passavam despercebidos aos cidadãos comuns e ao próprio poder público, registrando-os em suas colunas semanais, nos permite fazer uma leitura não apenas de suas preocupações cotidianas, daquilo que viam, mas também das representações que colocavam em circulação em termos de uma nova cidade que desejavam. A imprensa, se por um lado, divulga determinadas visões de mundo e as põe em circulação em um público mais amplo, expandindo temas para além da cabeça dos que os pensavam naquele momento, por outro,

---

<sup>150</sup> “Pequeninas Falhas” (A Cidade em Revista). Ézio Lima. *Tribuna Criciumense*, 11/06/1956, p. 8.

<sup>151</sup> “Medida Que se Impõe” (A Cidade em Revista). Ézio Lima. *Tribuna Criciumense*, 23/05/1955, p. 6.

leva em conta os interesses e preocupações de seu público leitor, assimilando seu horizonte de expectativas e falando muitas vezes o que o público quer ouvir. Torna-se assim em uma fonte privilegiada para o estudioso da cidade, na medida em que através dela é possível vislumbrar a estrutura urbana da cidade real, mas também avançar na visão que a cidade real possui da cidade possível<sup>152</sup>.

Na apresentação dos problemas da cidade do carvão fica patente, ao acompanharmos as matérias jornalísticas, a preocupação de se comparar às cidades modernas, identificadas como sendo as grandes cidades. Quando Donatila Borba refere-se ao aniversário de Criciúma em 1959, ao falar dos esforços que estavam sendo feitos na cidade, afirma que eles se destinam a que “a capital do carvão, num futuro breve, possa dar a seus habitantes o conforto e tranquilidade indispensáveis, como acontece nas cidades modernas”<sup>153</sup>. Em outro artigo de 1961, parabeniza o prefeito municipal pelas obras que realizara na praça principal da cidade, “embelezando-a e nivelando-a as grandes metrópoles”<sup>154</sup>. Ao avaliar a cidade do carvão e compara-la com as cidades modernas, as grandes cidades brasileiras da época, os articulistas apontam para a falta de determinados elementos que Criciúma não tinha e que deveria tê-los na medida em que se desenvolvesse “buscando preencher na sua marcha firme e decidida todos os claros existentes em seus mais variados setores”<sup>155</sup>. Preencher os claros existentes, no dizer do autor, é igualar Criciúma às grandes cidades, através da construção de ícones da cidade moderna, como cinemas, edifícios e aeroporto, e da resolução de problemas urbanos que caracterizavam Criciúma, a seus olhos, como uma cidade pequena e provinciana.

---

<sup>152</sup> PESAVENTO, Sandra J. *Entre Práticas e Representações: A Cidade do Possível e a Cidade do Desejo*. In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; PECHMAN, Robert. **Cidade, Povo e Nação – Gênese do Urbanismo Moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 377 – 396.

<sup>153</sup> “Salve Criciúma”. Donatila Borba. *Tribuna Criciumense*, 05/01/1959, p. 8.

<sup>154</sup> “Praça Dr. Nereu Ramos”. Donatila Borba. *Tribuna Criciumense*, 02/01/1961, p. 1.

<sup>155</sup> “O Viaduto da Estrada de Ferro”. Ézio Lima. *Tribuna Criciumense*, 29/08/1955, p. 8.

Um primeiro levantamento dos problemas urbanos da cidade carbonífera, que aparece com relativa constância na imprensa, refere-se ao estado das ruas, especialmente aquelas do centro urbano. Critica-se a falta de calçamento de ruas importantes da urbe, a poeira e a lama existentes, a existência de buracos que dificultam a circulação e a falta de ação do poder público.

O que de fato surpreende é que numa cidade progressista como a nossa, onde tão bem já se cultivam as letras e as artes, continue a passar despercebido pelos olhos responsáveis o espetáculo tristonho de nossa rua Henrique Lage, que atualmente bem nos recorda a treva do meio dia de que nos fala a bíblia.<sup>156</sup>

A “treva do meio dia” a que se refere a autora era causada pela nuvem de poeira que levantava na rua sem calçamento, além de animais que circulavam por ali, uma das principais ruas da cidade, restando-lhe desabafar pelas páginas do jornal e “sacudir um pouco da poeira, que de tanta quantidade, nos sobra na cabeça”. A poeira era também tamanha que impedia as autoridades de perceberem e resolverem um problema que lhe era evidente, e impedia até mesmo as pessoas de sonharem, “invadirem o universo de encantamento e de amor” por estarem cercadas bem de perto pelo feio, “o tremendamente feio, em pleno coração de Criciúma, o mais lamentável espetáculo de feiúra”.

Essa preocupação com os aspectos estéticos da cidade, aquilo que a podia tornar bela ou feia, desde um ponto de vista que situava o ideal de beleza urbana na aparência que possuíam os grandes centros, era talvez a principal temática que aparecia nos jornais. O tipo

---

<sup>156</sup> “Trevas do Meio Dia”. Beverly Godoy Costa. *Tribuna Criciumense*, 10/02/1958, p. 2.

de cidade bela, por um lado, e os problemas que Criciúma possuía a esse respeito transparecem em suas matérias.

Todo indivíduo de uma leve tendência de observação, visitando uma cidade, embora pela vez primeira, quase que mecanicamente é compelido a verificar, por lhe tocar a sensibilidade, se suas ruas são varridas, as travessas e avenidas limpas, as valetas desobstruídas, os passeios construídos, os terrenos não edificadas murados, o jardim conservado, onde a vida e o colorido da vegetação o integra, momentaneamente, a natureza. Verificará se é eficiente o serviço de coleta de lixo ou se terrenos baldios servem de canteiros aos resíduos inaproveitáveis, formando quistos ou focos para a proliferação de germes e insetos nocivos, propagadores de males epidêmicos.<sup>157</sup>

A partir de um ponto de vista afirmado pelos articulistas de querer “que nossa cidade tenha feição urbanística atraente, moderna e bela”<sup>158</sup>, abordam diversos aspectos da cidade, aquilo que, em sua opinião, a enfeava, e tratam de temas como limpeza das ruas, animais soltos que circulavam pela cidade, calçamento, estado dos passeios públicos, terrenos abandonados, pintura de casas e prédios, embelezamento de fachadas e vitrines das lojas, ausência de marquizes, entre outros temas. A cidade, no dizer dos jornalistas, expressa o tipo de população que a habita, e uma cidade limpa “revela que seu povo é civilizado, culto, educado, cuidadoso, ao passo que o conceito inverso está representado

---

<sup>157</sup> “Limpeza Pública”. Ernesto Bianchini Góes. *Tribuna Criciumense*, 09/05/1955, p. 3 e 6.

<sup>158</sup> “Passeios Públicos” (A Cidade em Revista). Ézio Lima. *Tribuna Criciumense*, 03/10/1955, p. 8.



numa cidade suja, desleixada, mal cuidada”<sup>159</sup>. A preocupação com o comportamento da população no espaço público, e em relação a seu cuidado com as vias urbanas, especialmente em relação à colaboração com a limpeza da cidade, é uma constante, e expressou-se na adesão a uma campanha de cunho estadual, realizada pelos clubes de serviços e Sociedade Amigos dos Bairros na década de 1960, e que atendia pelos lemas “Cidade Limpa, Povo Civilizado” e “Cidade Limpa, Sinal de Progresso”<sup>160</sup>. Educar o povo, civiliza-lo, significava ensina-lo a se comportar no espaço urbano de uma cidade moderna, em especial nas ruas centrais. Isso, no entanto, parecia não dar muito resultado, pois as matérias enfatizam a “pejorativa alcunha ‘Criciúma, Cidade Suja’”<sup>161</sup> e “a cidade mais suja que se tem conhecimento”<sup>162</sup>. Talvez a presença do carvão no espaço urbano, incrustado nas casas e prédios, presente na cultura popular e, muitas vezes, com o rejeito espalhado nas ruas, é que se constituía no pano de fundo que levava os jornais a preocupar-se tão constantemente com a limpeza das ruas.

Os que escrevem através dos jornais colocam o aspecto urbano da cidade, sua limpeza e ordem, como sendo “o cartão de visita número um de uma cidade”<sup>163</sup>. A preocupação com aquilo que os visitantes poderiam observar e falar da cidade e como ela era vista pela imprensa estadual e nacional é uma preocupação constante. Criciúma crescia e tornava-se o maior centro urbano do sul do Estado e precisava afirmar-se como cidade importante, não apenas pelo seu progresso econômico, mas também pelo nível civilizacional de seus habitantes, e que se mostrava através do aspecto urbano da cidade.

---

<sup>159</sup> “Cidade Limpa é Cidade Civilizada” (A Cidade em Revista). Ézio Lima. *Tribuna Criciumense*, 10/10/1955.

<sup>160</sup> “Criciúma Vestirá Roupa Nova”. *Tribuna Criciumense*, 01/02/1964, p. 8.

<sup>161</sup> “Limpeza Pública”. José Carlos Pieri. *Tribuna Criciumense*, 05/04/1969, p. 3.

<sup>162</sup> “A Cidade é Suja Porque Quer”. *Tribuna Criciumense*, 30/12/1967, p. 8.

<sup>163</sup> “Limpeza Pública”. José Carlos Pieri. *Tribuna Criciumense*, 05/04/1969, p. 3.

E, então, perguntamos: qual o juízo que de nós poderão fazer aqueles que pela vez primeira aqui vem ter? Será favorável? Criciúma é uma cidade limpa? Suas ruas são bem cuidadas?<sup>164</sup>

A impressão que a cidade causava aos visitantes e, em especial, à imprensa estadual e nacional, era algo que preocupava os articulistas dos jornais.

### **Imagens da Cidade e Intervenções Urbanas**

Em uma matéria que apareceu na *Revista Carvão de Pedra* em 1968<sup>165</sup>, em sua página de abertura, há uma fotografia do *Monumento aos Homens do Carvão* e, abaixo deste, um brasão municipal oficioso que circulou nesta época e que tem uma ‘boca’ de mina com duas picaretas cruzadas. Não era coincidência que a matéria abria com essas ilustrações. Criciúma era apresentada neste período como cidade carbonífera e nossa intenção é acompanhar as representações que a imprensa estadual fazia da cidade, cruzando-a com as preocupações e atuação dos governos municipais do período.

Criciúma foi, assim, apresentada na reportagem jornalística citada como uma cidade carbonífera e moderna, isto é, como uma cidade que tinha sua modernidade derivada de sua situação carbonífera. A cidade foi apresentada como um exemplo da influência positiva do carvão mineral sobre a sociedade, representando a positividade do carvão

---

<sup>164</sup> “Cidade Limpa é Cidade Civilizada” (A Cidade em Revista). Ézio Lima. *Tribuna Criciumense*, p. 6.

<sup>165</sup> “Criciúma ‘Capital do Carvão’ – Comunidade que Reflete a Pujança da Indústria Siderúrgica Nacional”. *Carvão de Pedra*, Junho – Julho – Agosto de 1968, p. 27 – 36.

para toda a região, “demonstrando a pujança da região carbonífera de Santa Catarina, estereotipada no adiantamento de sua ‘capital’”.

Criciúma é uma agradável surpresa para quem a vê pela primeira vez. É, também, uma comprovação da grande influência sócio-econômica que a mineração, beneficiamento e utilização do carvão, vem causando em extensa região catarinense, onde está sendo criada uma comunidade progressista e cônica da patriótica tarefa que lhe está cabendo representar na formação do complexo industrial – carvão-carboquímica – de que tanto necessita o país.<sup>166</sup>

A reportagem destaca também as obras do prefeito municipal, Ruy Hülse<sup>167</sup>, especialmente a urbanização da Praça do Congresso e a construção da nova sede do poder executivo municipal. A Praça do Congresso, em especial, tornar-se-ia extremamente valorizada na imagem urbana, como área de lazer e por sua estética de uma natureza controlada e disponível para a fruição dos populares. Era algo que as autoridades, a população e os visitantes consideravam belo na cidade carbonífera.

O carvão ser louvado na cidade em uma reportagem de uma revista que se colocava em “defesa dos interesses da indústria carbonífera nacional” não pode ser considerado como algo inusitado. Talvez a análise de outras reportagens, em revistas que não tinham um compromisso tão explícito com o carvão mineral, possa nos ajudar a capturar outras representações que se faziam sobre a cidade, o carvão e a modernidade. A *Revista*

---

<sup>166</sup> Ibid., p. 27.

<sup>167</sup> Ruy Hülse foi o único prefeito municipal eleito pela UDN no período 1945 – 1968, e exerceu seu mandato de 31/01/1966 a 03/02/1970 (In: NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Criciúma 70 Anos – Ensaio Para a Sua História Político-Administrativa**. 2ª edição. Criciúma: Edição do Autor, 1995, p. 40 – 41). Sua vitória eleitoral foi fruto do enfraquecimento do PSD e, principalmente, do PTB e PCB que tinham uma atuação destacada em Criciúma e na região carbonífera, em vista do golpe militar de 1964.

*Catarinense*, por exemplo, publicou uma matéria jornalística sobre Criciúma<sup>168</sup> alguns meses após a publicação daquela publicada na *Carvão de Pedra*. A reportagem constitui-se em uma divulgação explícita do governo Ruy Hülse. Apresenta uma biografia do prefeito e as obras de seu governo. Além de uma fotografia panorâmica do centro da cidade, na primeira página da matéria, abaixo do texto de apresentação da cidade, apresenta outras fotografias de obras do governo municipal. Na reportagem, Criciúma é novamente destacada a partir de sua contribuição para o desenvolvimento de Santa Catarina e do Brasil, tendo por base as reservas carboníferas presentes na cidade e na região, na medida em que “Criciúma se integra, incontestavelmente, como uma das vigas mestras no complexo econômico-industrial brasileiro, como elemento básico e fundamental para o seu desenvolvimento”<sup>169</sup>. Entretanto, se valoriza o carvão presente na cidade, em sua economia e paisagem, a reportagem apresenta uma certa tensão em relação a esse fato:

Daí porque nada mais justo que o orgulho dos filhos dessa cidade – potência quando a proclamam ‘a Capital Brasileira do Carvão’; e aqueles que, a falta de quaisquer argumentos para criticá-la, se referem ao negrume que cobre algumas de suas vias públicas, apesar de excelente pavimentação, o criciumense bem que poderia responder: ‘bendito negrume, este!’ Bendito negrume, bendita escuridão, que se transforma em luz, calor e energia, e que se espraia por todos os quadrantes do território pátrio, conduzindo o progresso.

Na medida em que precisava reafirmar a suposta defesa que o criciumense fazia do ‘bendito negrume’ do carvão diante dos críticos, pela já conhecida via do progresso, ao mesmo tempo a autora da reportagem sabia que isso já não era suficiente diante das críticas

---

<sup>168</sup> “Criciúma – Capital Brasileira do Carvão” (matéria assinada por N. C. Vieira). *Revista Catarinense*, fevereiro de 1969, nº 5, p. 14 – 17.

<sup>169</sup> *Ibid.*, p. 14.

que sofria a presença do carvão na cidade. E apresentava uma outra linha de argumentos, fazendo eco à reportagem da revista *Realidade*, que ainda rondava as cabeças carboníferas:

Mas, Criciúma não é apenas extração de carvão! Não são apenas nove mil mineiros a perfurar a rocha em busca da pedra-dínamo. Criciúma é também uma bela cidade, dotada de excelentes hotéis, magníficos clubes sociais, ótimos cinemas, bons estádios desportivos, pujantes estabelecimentos comerciais, indústrias diversificadas, rede de ensino das mais importantes do Estado e senhora de notáveis tradições importantes e culturais!<sup>170</sup>

Neste momento, de intenso debate sobre a diversificação econômica e a necessidade de modificar a paisagem urbana, o carvão é defendido como necessário ao crescimento da cidade, mas também como indesejável em sua paisagem. Só que isso era dito implicitamente, como quem sussurra um segredo terrível. Um segredo que a cidade guardava e que estava se tornando matéria de comentários públicos.

Três anos depois a revista voltou a Criciúma para uma nova reportagem<sup>171</sup>. Na matéria, a autora<sup>172</sup> abandonou de vez a defesa do carvão na paisagem urbana, o louvor do ‘bendito negrume’, presente na reportagem anterior e aprofundou a linha de argumentos de que Criciúma não era só carvão.

A indústria que até pouco tempo se alicerçava exclusivamente na exploração do carvão mineral (...) diversificou-se e expandiu-se. Surgiram as grandes fábricas de têxteis, de material de transporte, de produtos alimentares, de móveis e artefatos de madeira, de bebidas,

---

<sup>170</sup> Ibid., p. 14.

<sup>171</sup> “As Novas Cores de Criciúma”. *Revista Catarinense*, 1972, nº 26, p. 40 – 49.

<sup>172</sup> A matéria não foi assinada, mas é provável que tenha sido escrita também por N. C. Vieira. De qualquer forma, há uma referência direta à primeira reportagem, ao afirmar, na reportagem, “mil dias decorridos e voltamos a Criciúma”.

de produtos agro-pecuários, de pescado, de ferro fundido, de couros, de minerais não metálicos e, principalmente, as imponentes cerâmicas. Aí, os índices de produção e qualidade atingiram tal porte que já estão a justificar para Criciúma o título de ‘Capital do Azulejo’.<sup>173</sup>

E a reportagem cita desde “as atividades sociais e desportivas ao aprimoramento educacional e cultural, desde a modernização arquitetônica e urbanística da cidade à dinamização da administração pública municipal” para demonstrar que a cidade tinha uma projeção que não dependia mais da atividade carbonífera. O objetivo principal da reportagem, já expresso em seu título, é apresentar uma cidade que superou o ‘bendito negrume’ do carvão, passando a ser uma cidade colorida, seja por suas atividades econômicas diversificadas ou mesmo culturais e esportivas.

Isso fica também claro pelo papel destacado que tem as fotografias na reportagem, se comparadas às reportagens anteriores. As fotografias se distribuem pelas páginas da reportagem e esta distribuição parece ter seguido uma lógica peculiar. Na primeira página aparece uma fotografia panorâmica do centro da cidade, de uma perspectiva que destaca a Praça do Congresso, colorida, com fotografias menores à direita, também coloridas: novo *Monumento ao Mineiro*, Criciúma Clube, asfaltamento de rua no bairro Pio Corrêa, Escola Municipal do bairro São Cristóvão. São obras do governo Néelson Alexandrino, ou de governos anteriores ‘assumidas’ por ele e, ao mesmo tempo, pontos ‘apresentáveis’ da

---

<sup>173</sup> Ibid., p. 40.

cidade. Na segunda página, mais uma vez uma fotografia central, colorida, com a Praça do Congresso, apresentada como “um dos mais belos logradouros públicos da Capital do Carvão” ao mesmo tempo em que destaca que a “urbanização e ajardinamento de praças – na cidade e nos bairros – foi preocupação constante da atual administração de Criciúma”, e abaixo há três fotografias menores, também coloridas, a fonte luminosa (popularmente chamada de ‘chafariz’, “com quatro esguichos multicores, na praça Nereu Ramos”), Igreja Nossa Senhora da Salete no bairro Próspera e o novo prédio do Centro Municipal de Compras e Prefeitura Municipal. Nas demais páginas há também fotografias abundantes, só que em preto e branco e se referem completamente a obras da administração municipal.

A cidade apresentada desta forma é referida na reportagem como tendo sido obra da administração Néelson Alexandrino<sup>174</sup>. O prefeito teve uma administração caracterizada por muitas dificuldades de relacionamento com o governo estadual e federal, dominados pelos militares, por ser um dos prefeitos de oposição no Estado. Mesmo a reportagem da *Revista Catarinense*, que certamente tinha seu patrocínio, não tinha muito que mostrar. Algumas obras eram de menor impacto popular, como a construção do ossuário e da capela ecumênica do Cemitério Municipal, outras haviam sido terminadas por governos anteriores, como a própria urbanização da Praça do Congresso. Entretanto, havia uma obra que Néelson Alexandrino podia dizer que era inteiramente sua e que, talvez, caracterize bem as suas preocupações expressas na cidade colorida apresentada pela reportagem da *Revista Catarinense*: a destruição do *Monumento aos Homens do Carvão*, construção de um novo *Monumento ao Mineiro* e a colocação de uma fonte luminosa multicolorida no lugar do

---

<sup>174</sup> Néelson Alexandrino nasceu em Imaruí/SC em 4 de abril de 1932, tendo vindo ainda pequeno para Criciúma, em janeiro de 1935. Foi eleito pelo MDB e cumpriu mandato como prefeito de 03/02/1970 a 01/02/1973 (In: NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Criciúma 70 Anos – Ensaio Para a Sua História Político-Administrativa**. 2ª edição. Criciúma: Edição do Autor, 1995, p. 42 – 43).

antigo monumento, no centro da Praça Nereu Ramos. Uma fonte que talvez representasse bem a nova cidade que o prefeito quis construir.

### **Novo Monumento ao Mineiro e o Desejo de Outra Cidade**

A estátua do mineiro, existente no *Monumento aos Homens do Carvão*, passou a compor um outro monumento, chamado *Monumento ao Mineiro*<sup>175</sup>, localizado na praça Etelvina Luz, contígua a praça Nereu Ramos. Era o dia 21 de outubro de 1971, uma quinta-feira<sup>176</sup>. O desmantelamento do *Monumento aos Homens do Carvão* implicou na destruição do pedestal de granito e na transferência da estátua do mineiro e dos medalhões de homenagem aos empresários do carvão para compor esse outro monumento, *ao Mineiro*. Toda esta operação foi apresentada como uma busca por um lugar de maior destaque para o mineiro, “em ponto de destaque e que dá real valor ao operário do carvão”<sup>177</sup>, “já que atualmente se encontra escondido pelas árvores do jardim Nereu Ramos”<sup>178</sup>. O jornal *Tribuna Criciumense* havia realizado uma campanha para remover o monumento do centro da Praça Nereu Ramos e chegou a propor, inclusive, a Praça Sebastião Toledo dos Santos, há pouco construída no bairro Pinheirinho, na entrada oeste da cidade, como o local mais apropriado para colocar o monumento<sup>179</sup>. Entretanto, a destruição do *Monumento aos Homens do Carvão* é apresentada também como uma descida do pedestal por parte do

---

<sup>175</sup> Tanto o antigo monumento erguido em 1946 no centro da Praça Nereu Ramos, quanto o novo monumento da Praça Etelvina Luz, que trataremos aqui, possuíam o nome oficial de *Monumento aos Homens do Carvão*, enquanto que popularmente foram chamados de *Monumento ao Mineiro*. Entretanto, prefiro guardar o nome oficial para o primeiro monumento e o popular para o segundo, em vista de não os confundir, ao mesmo tempo em que se reconhece que o nome popular dos monumentos acabou por se impor.

<sup>176</sup> “Mineiro já Desceu do Pedestal”. *Tribuna Criciumense*, 23/10/1971, p. 1.

<sup>177</sup> Ibid.

<sup>178</sup> “Mineiro Vai se Mudar”. *Tribuna Criciumense*, 18/09/1971, p. 1.

<sup>179</sup> “Mineiro Deve Sair do Centro”. *Tribuna Criciumense*, 19/06/1971, p. 1.



mineiro, cruzando uma suposta valorização imediata da visibilidade do monumento, escondido pelas árvores, com uma desvalorização simbólica de sua representatividade para a cidade, arrancado do coração da urbe.

De fato, a formação do espaço da praça Nereu Ramos remonta ao século XIX e é relatado nas memórias da colonização de Criciúma como o local em que os primeiros habitantes italianos levavam seus animais para beberem água, aonde havia uma vegetação abundante de cressiúmas (ou cresciúmas, crixiúmas, criciúmas), pequena taquara abundante na região, e que acabou por dar o nome à cidade<sup>180</sup>. Ora, sabemos que a atribuição de nome remete a definição de uma identidade. O vínculo do nome da cidade com a Praça Nereu Ramos, aponta aquele espaço como o lugar simbólico de nascimento de Criciúma. Além disso, aponta-se também, nos relatos da colonização, aquele local como sendo aonde os imigrantes “arream as bagagens junto a um velho barracão erguido e abandonado por alguns sertanistas, à margem de um riacho, estava fundado o núcleo colonial de Criciúma”<sup>181</sup>. De fato, a praça se constituiu como um espaço livre entre a estrada colonial de Urussanga a Araranguá e o templo da igreja católica do distrito, terminado em 1917, tendo sido efetivamente urbanizada na década de 1930. Ao redor da praça se localizaram as famílias mais importantes do lugar. Todos esses vínculos, reais e imaginários, colocaram a Praça Nereu Ramos como o coração da cidade, o espaço simbólico mais importante em relação à identidade urbana. Situar-se, como era o caso do *Monumento aos Homens do Carvão*, no coração da Praça Nereu Ramos, que era o coração da cidade, era estar em um lugar privilegiado pela história e cultura do município, que remetia a sentimentos profundos de pertencimento e identificação. A destruição do monumento e a transferência da estátua

---

<sup>180</sup> PIMENTEL, José e BELOLLI, Mário. Criciúma – Amor e Trabalho. Itajaí: Edições Uirapuru, 1974, p. 11.

<sup>181</sup> Ibid., p. 12.

do mineiro para um outro local, em que pese todos os discursos sobre a visibilidade e as boas intenções em relação ao assunto, expressou uma desvalorização simbólica do carvão em relação à identidade da cidade, ainda que em sua economia e na da região a produção carbonífera estivesse crescendo naquele período.

No entanto, o outro local não era nada desprezível. De acordo com o *Tribuna Criciumense*, defendendo o local onde o *Monumento ao Mineiro* foi construído, “O atual local é ponto de convergência e, por isso mesmo, o Mineiro está sendo visto, o que é o mais importante”<sup>182</sup>. Este novo local, a Praça Etelvina Luz, contígua a Praça Nereu Ramos, localiza-se na confluência das ruas Seis de Janeiro e Conselheiro João Zanette, local de intenso movimento no centro da cidade, razão pela qual o articulista do jornal afirmava que o monumento seria visto. Além disso, o cruzamento em questão também remonta aos tempos do núcleo colonial. As ruas são sucedâneas de importantes estradas coloniais, como a que ligava Urussanga a Araranguá e que corresponde às ruas Coronel Pedro Benedet, Conselheiro João Zanette e Desembargador Pedro Silva, e a estrada colonial de Linha Anta a Mãe Luzia e Nova Veneza, que corresponde às ruas Osvaldo Pinto da Veiga, Seis de Janeiro e Henrique Lage. O cruzamento em questão, proximidades de onde o monumento foi construído, é um dos possíveis lugares de cruzamento das ditas estradas coloniais, que foi um dos elementos importantes de formação do centro da cidade. É, portanto, um local também valorizado na área urbana. A construção do *Monumento ao Mineiro* neste local, utilizando a estátua e os medalhões do monumento anterior, parece expressar a atitude da cidade em relação ao carvão neste período, que foi a de negá-lo como elemento único de determinação de sua economia e identidade e, portanto, afastá-lo da vista imediata, mas não

---

<sup>182</sup> “O Mineiro”. *Tribuna Criciumense*, 04/12/1971, p. 1.

para muito longe, mantendo-o em local aonde se pudesse receber a sua contribuição sem ser comprometido pela sua presença.

O *Monumento ao Mineiro* foi construído praticamente ao nível do solo e é constituído pela estátua do mineiro, transferida do *Monumento aos Homens do Carvão*, e uma estrutura de concreto por trás de si. Nesta placa de concreto, acima da estátua do mineiro, foi gravada a inscrição “Criciúma Aos Homens do Carvão 1913 – 1971”, reproduzindo a inscrição existente no monumento anterior, porém atualizando-a na medida em que mudou a grafia de ‘Cresciúma’ para Criciúma e a data, de 1946 para 1971, modificando o ano final da inscrição, aquele que indica a inauguração, o que foi interpretado por José Pimentel e Mário Belolli como uma “alteração arbitrária de fato histórico, qual seja o início da exploração carbonífera oficial, 1913 – 1946”<sup>183</sup>. Na placa de concreto foram afixadas as efígies em forma de medalhão de Henrique Lage e Paulo de Frontin, existente no monumento anterior, sendo que a de Gonzaga de Campos desapareceu. Além dessas efígies, foram acrescentadas as de Giacomo Sônego e Sebastião Toledo dos Santos. A impressão que se tem é que o *Monumento ao Mineiro* foi uma atualização do *Monumento aos Homens do Carvão*, alterando-se os dados anteriores com aqueles mais recentes, realizando novas homenagens e modernizando a sua apresentação estética. Para uma nova cidade que se pretendia colorida, um novo monumento era necessário. De fato, a estrutura de concreto pintada de dourado, a grama verde nos pés do mineiro e as flores em sua volta sobrepunham uma paisagem colorida sobre as representações do ‘bendito negrume’ do carvão. O monumento era mesmo colorido. Mas, nem todos concordaram com isso.

---

<sup>183</sup> PIMENTEL, José e BELOLLI, Mário. Criciúma – Amor e Trabalho. Itajaí: Edições Uirapuru, 1974, p. 10. Posteriormente, a data original foi recolocada no monumento.



*Monumento ao Mineiro (Criciúma/SC)*

Uma das vozes que se levantaram na cidade questionando o novo monumento foi a de Olindo Rosso, ex-padre e articulista da mesma *Tribuna Criciumense* que havia feito a campanha pela transferência do monumento. Tão logo o novo monumento é inaugurado, ele publica um artigo no jornal<sup>184</sup> em que simula uma entrevista feita com o mineiro do monumento:

“Mas, voltando a vaca fria, que iluminação, o jardim uma beleza, o conjunto um encanto. Isso representa a mina [responde o mineiro]. Mina? Não?! O senhor é mineiro de mina de ouro? Não, por que? [responde o mineiro]. Então estas minas (...) deveriam ser encarvoadas e não douradas. Lá onde os mineiros trabalham e como representa aqui? Grama, iluminação, ventilação!”.

<sup>184</sup> “Visita” (assinado por Olindo). *Tribuna Criciumense*, 13/11/1971, p. 8.

De fato, a placa de concreto por trás do mineiro, com uma abertura, lembra a embocação de uma mina de carvão. A fúria de Olindo Rosso se devia ao fato de o monumento não representar a ‘realidade’ da exploração carbonífera, com a onipresença do carvão e as duras condições de trabalho dos mineiros. Chamado a se explicar, o autor da obra, arquiteto Fernando Carneiro, compareceu ao *Tribuna* justificando que estava apenas simbolizando e que, por isso, não teria a obrigação de reproduzir, no monumento, as condições reais da exploração carbonífera.

O autor do Monumento aos Homens do Carvão não quis, por ser desnecessário, imitar a realidade, transpor para a praça uma mina de ‘galeria’ ou ‘céu aberto’. Mesmo porque, seria impraticável: levaria a vagoneta, os trilhos, o gincho, os esteios, as lâmpadas, as ferramentas, a água, a dinamite, o ar, o cheiro... e, ainda assim faltaria o principal, o carvão!<sup>185</sup>

Trabalhando no nível dos símbolos, diz Carneiro, o significado pode ser atribuído conforme o gosto do passante. Assim, o dourado da placa de concreto “pode (se quiserem) apenas lembrar a esperança em dias melhores” e assim por diante. Ao que, retruca Olindo Rosso, seria preciso pagar alguém para encarregar-se “das explicações dos símbolos aos turistas” e arremata afirmando que “apesar das explicações dadas no artigo, ainda continuo pensando que não se deveria sacrificar a realidade em função do estético, nesse caso”<sup>186</sup>.

O problema é que, por tudo que temos visto neste capítulo, não havia as mínimas condições sociais e políticas para transpor para a Praça Nereu Ramos, o lugar de maior visibilidade da cidade, a ‘realidade’ da exploração carbonífera, com vagoneta, trilho,

---

<sup>185</sup> “A Propósito do Mineiro e seu Monumento” (Fernando Jorge da Cunha Carneiro). *Tribuna Criciumense*, 11/12/1971, p. 4.

<sup>186</sup> “O Manda Brasa”. *Tribuna Criciumense*, 18/12/1971, p. 9.

dinamite, cheiro e carvão. Nem no nível do símbolo. Na verdade, nos parece que a tentativa dos promotores do monumento foi de criar um monumento ao mineiro e ao carvão que, embora os homenageando em vista da posição importante que ocupavam na cidade, buscasse também diminuir a sua presença na paisagem urbana, como de resto estava acontecendo no centro da cidade, com a retirada ou disfarce das marcas que o carvão havia deixado. A destruição do pedestal de granito do Monumento aos Homens do Carvão, a atualização de datas e efígies e a própria arquitetura modernista do monumento, expressam essa disposição de construir um monumento que fosse mais adequado à cidade moderna da década de 1970. É possível que o que estava sendo simbolizado no Monumento ao Mineiro não fosse, efetivamente, a ‘realidade’ da exploração carbonífera e as condições de trabalho dos mineiros, mas a realidade de um desejo de cidade moderna e colorida, presente no imaginário urbano e nas intenções do poder público.

A destruição do Monumento aos Homens do Carvão abriu um vazio no centro da Praça Nereu Ramos que foi preenchido, ainda na gestão de Nelson Alexandrino, pela construção de uma fonte luminosa, popularmente chamada de chafariz, inaugurada em 24 de dezembro de 1971<sup>187</sup>. Informa ainda a matéria que “a fonte luminosa foi construída em tempo record pois era, e é, desejo de nosso prefeito embelezar nossa cidade nos dias festivos de fim de ano, complementando o que já se encontra concluído”. O que já estava concluído e que embelezava a cidade talvez se referisse ao novo monumento, próximo de onde se inaugurava a fonte. De qualquer maneira, o chafariz parecia expressar o interesse que o poder público tinha em construir uma cidade que fizesse esquecer a cidade carbonífera e que se construía em ruptura, senão completa ao menos parcial, com aquela cidade carbonífera construída anteriormente.

---

<sup>187</sup> “Fonte Luminosa Será Inaugurada Amanhã”. *Tribuna Criciumense*, 23/12/1971, p. 1.

A fonte luminosa não resistiu ao governo seguinte. Eleito pela ARENA, Algemiro Manique Barreto abandonou o chafariz que foi, por fim, demolido. Entretanto, preocupações mais profundas, que povoavam o imaginário dos habitantes de Criciúma em relação à cidade, foram levados em conta pelos novos governos municipais.

### **Governo Guidi e a Criação de Uma Nova Cidade**

Em uma crítica feita a Altair Guidi, prefeito que o sucedeu, Manique Barreto foi apresentado como estando naquela categoria dos “humildes colonos investidos no mais elevado cargo executivo municipal que proporcionam verdadeiras e sábias lições de lisura e fino trato, capacidade e entendimento, cautela e sensatez”<sup>188</sup>. Natural do distrito de São Bento Baixo, Nova Veneza, cidade próxima a Criciúma, Manique Barreto veio para a cidade carbonífera em 1948, para trabalhar como alfaiate, tornando-se mais tarde empresário, vereador e, finalmente, prefeito municipal, tendo assumido a prefeitura no início de 1973<sup>189</sup>. As novas condições conjunturais e, em especial, o fato de ter sido eleito pelo partido oficial e, assim, ter acesso aos gabinetes do governo estadual e do governo militar, permitiram a Manique Barreto realizar intervenções urbanas estruturais, que transformaram o cotidiano da cidade e tiveram uma forte incidência sobre sua imagem.

Quando relaciona as obras de Manique Barreto, em seu livro sobre a história político-administrativa da cidade, Arquimedes Naspolini Filho coloca em primeiro lugar a “abertura e implantação da Avenida Centenário”<sup>190</sup>. De fato, ainda que tenha realizado um

---

<sup>188</sup> “Como Um Prefeito Deve Agir”. *Tribuna Criciumense*, 17/03/1979, p. 12.

<sup>189</sup> NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Criciúma 70 Anos – Ensaio Para a Sua História Político-Administrativa**. 2ª edição. Criciúma: Edição do Autor, 1995, p. 44 e 45.

<sup>190</sup> *Ibid.*, p. 45.

conjunto de obras importantes na cidade, como construção de centros comunitários, remoção do aeroporto municipal e implementação de distritos industriais, foi a implantação da Avenida Axial, chamada de Avenida Centenário na administração seguinte, que marcou a passagem de Manique Barreto pela prefeitura municipal.

A avenida foi construída sobre o leito da estrada de ferro, que cortava Criciúma no sentido leste – oeste, indo do bairro Próspera ao bairro Pinheirinho, passando praticamente pelo centro da cidade. As margens da estrada de ferro, tanto os lotes legalizados quanto a faixa de domínio, fora densamente ocupada por uma população pobre, cuja presença no centro urbano era referida pela imprensa local como um problema para a cidade<sup>191</sup>. A própria passagem do trem pelo centro expressava, aos olhos dos observadores da cidade, uma situação que denotava o atraso que a cidade ainda tinha. Enfim, o trem e os pobres no centro urbano eram conseqüências da cidade carbonífera que precisavam ser resolvidas. A solução veio através da retirada dos trilhos e da conseqüente remoção daquela população para uma área afastada do centro urbano, dando lugar à implantação da Avenida Axial, primeiro nome da Avenida Centenário, e da estação rodoviária municipal, obras que se tornaram símbolo da administração de Manique Barreto.

A substituição do trem e dos pobres pela avenida e rodoviária juntou-se aos esforços de construção de uma cidade moderna, livre das marcas da cidade carbonífera. A retirada dos trilhos do centro da cidade, efetuada em 1975, teve um valor simbólico importante, de afirmação da cidade moderna que Criciúma ia se tornando, entendendo o moderno como

---

<sup>191</sup> Em 1977, anos depois da retirada dos trilhos, um jornalista, lembrando o episódio, fala da remoção das famílias “que residiam em pequenos casebres edificadas às margens da estrada de ferro, então verdadeiras favelas que enfeavam a cidade (...)”. Coluna *Cidade Aberta*, assinada por Aires J. Filho. *Jornal do Sul*. 16/07/1977, p. 2.



oposição ao carbonífero na paisagem urbana. As marcas da ferrovia, e do carvão que ela representava, foram apagadas do centro urbano de Criciúma.

A avenida foi, no entanto, apropriada como obra pela administração seguinte a de Manique Barreto, no governo de seu correligionário e desafeto Altair Guidi. Este iniciou sua gestão criticando a forma como a Avenida Axial fora planejada, sem resolver o problema da divisão da área urbana em duas partes, que a estrada de ferro havia provocado, e sem que, segundo suas opiniões, houvesse uma integração com as ruas da área central. Superdimensionada em relação à escala da cidade, segundo essas críticas, a avenida havia consolidado a secção do centro urbano e atraído o tráfego pesado, o que precisou ser retificado<sup>192</sup>. A palavra de ordem para a avenida era humanizá-la.

A primeira grande preocupação de Guidi, será no sentido de transformar a Avenida Axial em uma via pública mais humana. Para isso, serão desenvolvidos estudos detalhados e em longo prazo que poderão transformá-la, inclusive, na Avenida do Centenário.<sup>193</sup>

As obras de modificação da avenida incluíram o seu prolongamento no sentido norte, em direção a BR 101, a construção de calçadas, arborização e a instalação de uma iluminação moderna, e uma intervenção na área em que a avenida mais interage com o centro urbano, onde antes se localizava a estação ferroviária da cidade, com a construção de um terminal urbano central, chamado Ângelo Guidi, e a Praça Maria Rodrigues. A apropriação prática e simbólica da avenida pela administração Guidi foi completada com a mudança do nome, para Centenário, em substituição a Axial. A Avenida Centenário tornou-

---

<sup>192</sup> “Caderno Especial”. *Tribuna Criciumense*. 22/08/1981, p. 2.

<sup>193</sup> “Equipe de Arquitetos Fez Levantamento”. *Tribuna Criciumense*. 16/04/1977, p. 5.

se a principal imagem da proposta de cidade que Altair Guidi estava construindo, junto com calçadão, e que era mostrada e vista a partir de suas obras.

Uma matéria publicada na *Revista Quem*, em abril de 1982<sup>194</sup>, pode ser utilizada como exemplo. Ainda que se tratasse, na reportagem, de mostrar a importância do carvão catarinense, a matéria acaba por falar na diversificação econômica de Criciúma, que rompe com a dependência ao carvão, e por mostrar uma cidade que não era mais a acanhada cidade carbonífera, igualando-se as cidades modernas estaduais e nacionais. A fotografia utilizada é exatamente da área da Avenida Centenário em que se localizava o terminal urbano, mostrando o movimento intenso de automóveis, os prédios no entorno da avenida e os postes de iluminação, que criam uma ambiência de cidade grande e moderna para Criciúma. As obras de Guidi, como veremos mais adiante, marcaram as imagens pelas quais a cidade passou a ser vista.

Altair Guidi foi eleito prefeito pela ARENA em 1977 e cumpriu mandato até 1983. Teve um segundo mandato, eleito pelo Partido Democrático Social – PDS, de 1989 a 1992. Nascido em Criciúma, Guidi formou-se em arquitetura na primeira turma da Universidade Federal do Paraná<sup>195</sup>. Em seu discurso por ocasião da inauguração da nova sede do poder público municipal, Guidi avaliou o sentido de sua atuação como prefeito para a cidade.

Poderá a muitos parecer, por isso, que é uma incoerência realizar uma obra desse porte e com tanta beleza numa época como essa. No entanto, basta voltar os olhos para a realidade de Criciúma de alguns anos atrás, para compreender o significado e a importância desse evento que assinalamos hoje. A Criciúma de alguns anos atrás era uma cidade marcada pelo seu destino carvoeiro. Os sinais da

---

<sup>194</sup> “A Importância do Carvão Catarinense”. *Revista Quem*, nº 11, abril/1982, p. 34.

<sup>195</sup> NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Criciúma 70 Anos – Ensaio Para a Sua História Político-Administrativa**. 2ª edição. Criciúma: Edição do Autor, 1995, p. 46 e 47.

exploração do carvão não ficavam apenas nas casas e nas praças, mas na própria alma da cidade. Criciúma era uma cidade feia, acanhada, pequena no dimensionamento de seu futuro e no debate de suas perspectivas como comunidade. Era por isso que os próprios criciumenses não assumiam a sua cidade, não viviam com entusiasmo seu dia-a-dia.<sup>196</sup>

Retirar o carvão da paisagem urbana e da alma da cidade era a tarefa que o prefeito se propunha a fazer. Para isso, contou com sua experiência de estudante de arquitetura na capital paranaense, quando presenciou o começo do processo de planejamento de Curitiba, que a tornou conhecida no Brasil e no exterior, e com a presença, em Criciúma, do arquiteto Manoel Coelho, que havia vivenciado aquela experiência como técnico do Instituto de Planejamento Urbano de Curitiba, e que havia conhecido Guidi na primeira turma do curso de arquitetura da UFPR<sup>197</sup>. Com a contratação de Coelho e, através dele, de outros profissionais paranaenses, elementos da experiência de planejamento urbano de Curitiba foram adaptados para Criciúma.

Vincular-se a experiência de planejamento urbano de Curitiba foi, para Guidi, importante na medida em que, além de buscar um certo capital técnico de intervenção no espaço urbano, apontava para uma cidade que Criciúma, em sua gestão, poderia tornar-se, aliando competência técnica, modernidade e imagem urbana positiva. Curitiba já era apresentada, neste momento, como exemplo de planejamento urbano que dera certo e que elevava a qualidade de vida da população. Ainda que o plano diretor da cidade que deu origem ao modelo de Curitiba tenha sido aprovado em 1966, mesmo ano da criação do

---

<sup>196</sup> “Caderno Especial”. *Tribuna Criciumense*. 22/08/1981, p. 12.

<sup>197</sup> Manoel Coelho nasceu em Florianópolis e transferiu-se em 1959 para Curitiba, onde cursou arquitetura na Universidade Federal do Paraná, formando-se em 1967. Atuou em Criciúma no primeiro governo Altair Guidi.

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), foi a partir de 1971 que o plano foi posto em prática, tendo sido implantado no decorrer da década de 1970<sup>198</sup>, sendo, portanto, uma experiência que guardava seu impacto inicial e que foi aproveitada por Guidi para referendar o seu governo e as opções de intervenção urbana que tomou. Para além da realidade que o modelo curitibano possui, o que se coloca é que a construção de uma imagem de cidade com alto padrão de vida urbana advinda do acerto do planejamento sustentou a apresentação de Curitiba como um modelo a ser imitado, transformando a cidade em uma marca nacional e internacional de modernidade urbana<sup>199</sup>. Vincular Criciúma a Curitiba, uma marca consagrada, era para Altair Guidi apontar para o tipo de cidade que queria construir e, ao mesmo tempo, respaldar as opções de intervenção urbana que fazia.

Uma das primeiras medidas de intervenção do governo Guidi foi a implementação de uma área exclusiva para pedestre no centro da cidade, abrangendo a Praça Nereu Ramos e as ruas de seu entorno. O calçadão comparecia na proposta de cidade do governo Guidi como capaz de humanizá-la, estabelecendo uma nova escala que não fosse aquela do automóvel.

Também em função dessa filosofia de administração, voltada para o homem, é que buscamos promover a revitalização da cidade, revalorizando pontos de encontro tradicionais, e criando novos, estabelecendo transições entre a escala do automóvel e a do pedestre, por meio da implantação de ruas destinadas exclusivamente a

---

<sup>198</sup> OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba e o Mito da Cidade Modelo**. Curitiba: Editora da UFPR, 2000, p. 76. OBA, Leonardo Tossiaki. **Os Marcos Urbanos e a Construção da Cidade – A Identidade de Curitiba**. 1998. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. USP, São Paulo.

<sup>199</sup> MOURA, Rosa. *Os Riscos da Cidade-modelo*. In: ACSELRAD, Henri. **A Duração das Cidades – Sustentabilidade e Risco nas Políticas Urbanas**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001, p. 203 – 237.

pedestres e também para estimular a livre troca de idéias e a criação de alternativas de lazer para a população.<sup>200</sup>

Ainda que tenha tido oposição, no início do projeto, especialmente por parte dos comerciantes da área central, a proposta de calçadão é sentida desde o começo como uma modernização da cidade, no sentido de acompanhar os movimentos das cidades “atualmente em desenvolvimento, em cujo rol está a nossa”. As matérias citam as cidades que também implantaram calçadões, como São Paulo que “resolveu converter em rua de lazer parte da famosa ‘Augusta’ sob protestos iniciais dos comerciantes (...)” e Porto Alegre, com a “Rua da Praia (Andradas)”, pioneira, segundo a reportagem, em calçadão, “agora muito útil ao porto-alegrense como haverá de ser o calçadão da Praça Nereu Ramos”<sup>201</sup>. Ao propor o calçadão e, com a proposta, equiparar Criciúma às grandes cidades brasileiras, Guidi tocava uma música que soava como irresistível aos ouvidos da cidade.

A proposta do calçadão era, segundo os seus promotores, no sentido de criar uma área de lazer no centro da cidade. “Mediante quiosques, luminárias especiais, todo um mobiliário urbano especialmente desenhado, foi possível executar a principal transformação – de mudança física para uma mudança de comportamento”<sup>202</sup>, tornando a praça Nereu Ramos em lugar de encontro e lazer para a população urbana.

A proposta de calçadão para a área central foi feita no primeiro ano do governo Guidi, pela equipe do arquiteto Manoel Coelho<sup>203</sup>, em conjunto de propostas relacionadas ao trânsito urbano. Sua implementação, na segunda metade de 1977 e no decorrer do ano de

---

<sup>200</sup> Discurso de posse de Altair Guidi citado por ocasião da transmissão de cargo a José Augusto Hülse, prefeito que o sucedeu. “Altair Guidi: Cumpri o Meu Papel”. *Tribuna Criciumense*. 05/02/1983, p. 10.

<sup>201</sup> “Calçadão Poderá Humanizar (Mais) a Cidade”. *Tribuna Criciumense*. 05/08/1978, p. 1.

<sup>202</sup> “Caderno Especial”. *Tribuna Criciumense*, 22/08/1981, p. 6.

<sup>203</sup> “Coelho Garante Que Trânsito Vai Melhorar”. *Tribuna Criciumense*. 06/08/1977, p. 3.

1978, foi acompanhada pelos jornais, em matérias que destacavam a sua importância, “destinado a emprestar a cidade um aspecto humano tão almejado e decantado por tantas cidades que, não se precavendo em tempo, hoje se afogam num maluco burburinho”<sup>204</sup>. Entretanto, no início de 1979, começam a surgir críticas a sua implementação. As primeiras se referem ao aumento de impostos municipais a serem cobrados dos proprietários de imóveis da Praça Nereu Ramos, especialmente comerciantes, em vista da construção do calçadão. Este é qualificado como “famigerado calçadão” e fala-se em cobrança de impostos para alimentar “ vaidades e recalques pessoais”<sup>205</sup>. No entanto, há uma outra linha de críticas que vai além do aspecto conjuntural e que contrapõe a intervenção do Governo Guidi no centro da cidade à falta de obras na área periférica, “a miséria [que] campeia pelos bairros”. As críticas, que foram formuladas pela imprensa e pelo principal partido de oposição na época, o PMDB, contrastam os bairros abandonados às obras realizadas quase todas na área central<sup>206</sup> e criticam “tanto exibicionismo” da parte do poder público municipal<sup>207</sup>. Na verdade, ainda que Altair Guidi possuísse bom trânsito por ser do partido de situação, para buscar financiamentos no governo federal, dominado pelos militares apesar da abertura política, seus investimentos buscavam a área central, capaz de dar visibilidade ao projeto de cidade que queria implementar. Ou seja, em situações de disponibilidade limitada de recursos, a tendência dos processos de modernização urbana é buscar aquelas áreas de maior visibilidade social, criando um eixo de modernidade capaz de

---

<sup>204</sup> “Calçadão com Excelente Aspecto”. *Tribuna Criciumense*. 28/08/1978, p. 16. “As Primeiras Mudanças no Trânsito Central”, *Jornal do Sul*, 01/10/1977, p. 8. “Problema do Engraxate se Agrava”. *Tribuna Criciumense*, 11/02/1978, p. 3. “Calçadão Poderá Humanizar (Mais) a Cidade”. *Tribuna Criciumense*, 05/08/1978, p. 1.

<sup>205</sup> “Confirmado: Calçadão – Um ‘Presentão de Grego’”. *Tribuna Criciumense*. 13/01/1979, capa e p. 12.

<sup>206</sup> “Os Positivismos e as Mazelas da Administração”. *Tribuna Criciumense*. 09/06/1979, p. 16.

<sup>207</sup> “Confirmado: Calçadão – Um ‘Presentão de Grego’”. *Tribuna Criciumense*. 13/01/1979, capa e p. 12.

teatralizar e espetacularizar a vida urbana naquela área e, por extensão, no conjunto da cidade.<sup>208</sup>

Uma outra obra pública que marcou o governo Guidi foi o deslocamento da sede do poder executivo do centro da cidade e a construção de um centro cívico na área do antigo aeroporto municipal. O conjunto, denominado Parque Centenário, era constituído pelo Paço Municipal, um centro cultural, um centro esportivo e um monumento denominado *da Colonização*, que homenageava as etnias formadoras da cidade, em cujo subsolo havia o memorial da cidade.

Na mesma *Revista Quem* de abril de 1982, apareceu uma reportagem de divulgação das obras de Altair Guidi relacionadas ao Parque Centenário<sup>209</sup>. A reportagem dá notícia da construção do Paço Municipal, já inaugurado, e das providências para construir o centro cultural e o centro esportivo. Quando se refere ao primeiro, a reportagem sintetiza a proposta do governo Guidi no sentido de superar as marcas do carvão na cidade, na medida em que o Centro Cultural “será o espaço cultural onde germinará uma nova postura da cidade em relação a si mesma, traduzindo seu empenho e determinação em superar os condicionamentos negativos de seu histórico destino carvoeiro”. A impressão que se tem é que as obras de Guidi se orientam por uma concepção de cidade que busca explicitamente superar a antiga cidade carbonífera e constituir uma cidade contemporânea fundada em uma paisagem urbana moderna e em uma identidade urbana que remetia ao passado, aquele das etnias fundadoras. Grandes obras e identidade urbana se conjugaram no Governo Guidi, a primeira apontando para a modernidade e a segunda apontando para o passado, mas ambas

---

<sup>208</sup> BERMAN, Marshall. *Petersburgo: O Modernismo do Subdesenvolvimento*. In: **Tudo o Que é Sólido Desmancha no Ar – A Aventura da Modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 167 – 269.

<sup>209</sup> “Criciúma: O Futuro é uma Conquista do Presente”. *Revista Quem*, nº 11, Abril de 1982, p. 33.

consolidando a cidade étnica que se queria afirmar. Por isso, Archimedes Naspolini Filho caracteriza desta forma a passagem de Altair Guidi pela prefeitura municipal:

Caracterizado como ‘um prefeito de grandes obras’, preocupou-se, sobretudo, em dar uma identidade à cidade, facilitada, a tarefa, pelas comemorações alusivas ao centenário de colonização do município.<sup>210</sup>

Guidi preocupou-se em dar uma identidade à cidade através de diversificadas ações, que foram das grandes obras até a comemoração do centenário, passando por uma preocupação extrema em relação a comunicação do poder público municipal com a população. A logomarca que Manoel Coelho criou para a gestão Guidi tornou-se símbolo da cidade e foi utilizado pelas administrações que sucederam a de Guidi, sendo ainda hoje o símbolo do time de futebol. A gestão Guidi na prefeitura municipal se esforçou por dotar a cidade de uma nova visualidade, uma identidade visual que destacasse as obras que Guidi havia realizado e que apresentasse uma cidade que houvesse superado “a feia, pobre, suja e maltratada Criciúma de tão poucos anos atrás”<sup>211</sup>. Ou seja, a cidade carbonífera.

Um conjunto de imagens promovidas pelo Governo Guidi nos ajudará a explicitar melhor a proposta de cidade que seu governo promovia e que, por sinal, ainda que em parte, materializou-se em uma outra Criciúma.

---

<sup>210</sup> NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Criciúma 70 Anos – Ensaio Para a Sua História Político-Administrativa**. 2ª edição. Criciúma: Edição do Autor, 1995, p. 47.

<sup>211</sup> “Altair Guidi: Cumpri o Meu Papel”. *Tribuna Criciumense*. 05/02/1983, p. 10.



## Criciúma de Guidi Como Cidade de Cartão Postal

Em meados da década de 1980, a Administração Municipal de Criciúma lançou um álbum com um conjunto de doze cartões-postais<sup>212</sup> retratando a nova cidade que havia saído de um conjunto de obras públicas, entre elas a retirada dos trilhos da área central, a implementação da Avenida Centenário, a nova estação rodoviária, o calçadão da Praça Nereu Ramos e a Praça do Congresso remodelada. A cidade do carvão havia dado lugar, nos postais, a uma outra cidade, que se apresentava com a face da modernidade. Uma cidade que agora merecia ser retratada e virar cartão-postal.

O cartão-postal é sempre um ponto de vista em relação ao real. Carrega ele determinados valores e mensagens bem estabelecidas. Isso se consubstancia na *pose* que a imagem fotográfica presente no postal é portadora. Na *pose*, a artificialidade da imagem, que a diferencia do real, é reforçada. A partir do momento em que sinto que estou sendo fotografado, diz Barthes, “tudo muda: preparo-me para a pose, fabrico instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem”<sup>213</sup>. Mais do que

---

<sup>212</sup> Criciúma. **Álbum de Cartões Postais**. São Paulo: Editora Cultural Ltda, s/d.

<sup>213</sup> BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Lisboa: Edições 70, 1981, p.25.

isso, Barthes afirma mesmo que a natureza da fotografia é a pose, seja daquele que é fotografado ou do que contempla a fotografia realizada; há sempre uma duração física da pose, mesmo que seja um milionésimo de segundo. Essa paragem (do fotografado, do que fotografa ou de quem contempla a fotografia) é o que constitui a *pose*. No cartão-postal há como que uma *pose* da cidade, onde outra cidade comparece para ser publicamente consumida.

O álbum em questão contém doze cartões postais no formato 21cmx15cm e um pequeno texto como legenda no verso de cada cartão. A capa é formada por uma das imagens com a palavra “CRICIÚMA” em dourado. O trabalho é muito bem realizado e acabado, tendo sido executado pela empresa Edicard – Editora Cultural Ltda, de São Paulo. A ordem de aparição dos cartões é a seguinte, com o título que aparece no *Álbum* e uma pequena caracterização:

1 – Vista Parcial Aérea (capa): Tomada panorâmica do centro de Criciúma, tendo a Avenida Centenário e o terminal Ângelo Guidi à esquerda e a praça Nereu Ramos à direita.

2 – Praça Dr. Nereu Ramos: Imagem do *Monumento ao Mineiro*.

3 – Praça Dr. Nereu Ramos: Imagem de uma parte da praça, àquela localizada entre as ruas Pedro Benedet e João Zanette.

4 – Estação Rodoviária: Imagem da Estação Rodoviária de Criciúma, à noite.

5 – Igreja de Nossa Senhora da Salete: Imagem da igreja do bairro Próspera, uma das maiores da cidade.

6 – Praça do Congresso: Imagem de uma parte da praça, àquela constituída pelo lago artificial.

7 – O Mineiro e o Carvão: Imagem de um trabalhador mineiro no subsolo de uma mina, em pleno trabalho.

8 – Avenida Centenário: Imagem da Avenida Centenário no trecho defronte ao Terminal Ângelo Guidi.

9 – Praça Dr. Nereu Ramos: Imagem noturna da praça, no trecho compreendido entre as ruas João Zanette e João Pessoa.

10 – Vista Aérea Parcial: Tomada aérea panorâmica do centro da cidade, no trecho localizado aos fundos da igreja São José.

11 – Matriz São José: Imagem da igreja São José, com uma parte do calçadão.

12 – Mina de Carvão (contracapa): Imagem do subsolo de uma mina de carvão.

Os postais trabalham a partir de três núcleos de referência. Um primeiro relacionado com as obras da administração Altair Guidi (postais número 1, 3, 4, 8, 9, 10 e 11), que é o núcleo mais forte e na direção do qual aponta a mensagem geral do álbum. Um segundo núcleo formado por imagens que remetem a atividade carbonífera (postais 2, 7 e 12). E um terceiro núcleo formado por imagens tradicionais da cidade e que tem por função

principal dar suporte aos outros núcleos (postais número 2, 5, 6 e 11). A ordem que os postais aparecem no álbum parece estar em relação com a diversificação de núcleos temáticos, de tal maneira que apenas as imagens do núcleo relacionado com a administração Altair Guidi possui imagens consecutivas, duas imagens seguidas numa primeira vez e três imagens depois. Isso fortalece a afirmação feita de que este é o núcleo temático principal do álbum. A impressão que dá é que na ordem de imagens se priorizou este núcleo, colocando-se outras imagens de tal maneira que a intenção dos autores fosse disfarçada para o leitor dos postais.

O cartão-postal é caracterizado fundamentalmente pela presença de uma imagem fotográfica, cuja centralidade é evidente. Aborda-lo a partir desse fato é tomar a fotografia nele presente como sendo o centro da análise. Mesmo as legendas presentes no postal, se têm a sua importância, estão em função da imagem fotográfica, para a qual dão sentido. Barthes trata do caráter diferenciado do referente na fotografia, em relação a outras formas de representação, como a pintura ou o discurso. O referente fotográfico não é apenas facultativamente real, como na pintura ou no discurso, mas necessariamente real, ou seja, se houve fotografia é porque o referente necessariamente existiu: "... na Fotografia não posso nunca negar que *a coisa esteve lá*. Há uma dupla posição conjunta: de realidade e de

passado”<sup>214</sup>. A fotografia mostra o real no estado passado, simultaneamente o real e o passado. Isso fornece à fotografia um estatuto de verdade que outras formas de representação não possuem. Essa veracidade é transferida ao postal de tal maneira que ele se torna como que uma imagem-gêmea da cidade, servindo de testemunha da presença do viajante naquela cidade ou de um desejo de presença do possível viajante que lá quer estar. Como retrato da cidade, sua *carte de visite*, podemos surpreender o cartão-postal em seu caráter icônico, quase que unifônico, a promover a cidade como uma reprodução do sempre-o-mesmo. No cartão-postal a representação posta em movimento tem aquele caráter de imagem urbana que Lucrecia Ferrara chamou de *emblemática*, como “resgate físico e visual de marcas memoráveis da cidade que, por meio dela, escreve a sua história documental de episódios, datas, estéticas e personagens”<sup>215</sup>.

Como dimensão comunicacional, a existência do postal significa a afirmação de uma presença através da mensagem ou mensagens que o postal porta, e de ausências, quais sejam, a do emissor e a do receptor, que só podem vir à tona na análise através de procedimentos próprios do historiador, ausentes do objeto postal, ainda que alcançados através dele. Para produzir conhecimento a partir da imagem presente no cartão-postal é necessário estabelecer um contraste entre as representações visuais que os cartões-postais põe em circulação e o mundo sócio-cultural que possibilitou a circulação dessas imagens

---

<sup>214</sup> BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Lisboa: Edições 70, 1981, p.109, grifos do autor.

<sup>215</sup> FERRARA, Lucrecia D. *Cidade: Imagem e Imaginário*. In: **Os Significados Urbanos**. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2000, p. 119.

visuais, tornando possível assim a utilização dos cartões-postais como fonte de conhecimento da cidade. Barthes fala na necessidade de carregar de reflexão o objeto imagético. Para ele se estabelece quase uma indistinção entre a fotografia e o seu referente, dado pelo efeito de real que a fotografia contém (“verdade da imagem”) <sup>216</sup>. Para se perceber o significado fotográfico, diz Barthes, o que os profissionais conseguem, é necessário um segundo ato, que carregue de reflexão o objeto fotográfico e, assim, haja uma espécie de descolamento entre a imagem e o referente. Neste descolamento entre imagem e mundo é possível introduzir o olhar atento do pesquisador e produzir um conhecimento, em forma de representações, diferente daqueles que o cartão-postal apresenta na sua superfície.

Trabalharemos a partir de alguns postais do álbum para explicitar as concepções de cidade que os autores das imagens veiculam. Inicialmente a imagem presente na capa do álbum (Imagem 1 – Vista Parcial Aérea), ela própria um postal da cidade. A altura da fotografia é, nesta imagem, o elemento mais relevante. Ela é feita de tal maneira que a cidade se apresenta como um todo homogêneo a se espalhar, transbordando as margens do postal. Ainda que os edifícios aparentam ser pequenos, pela altura em que a imagem foi captada, entretanto, essa desvantagem é compensada pelo espalhamento da cidade em relação às margens, buscando apresentá-la, desta forma, como uma grande cidade. Essa homogeneidade é quebrada na imagem pela presença, à esquerda e abaixo, da Avenida

---

<sup>216</sup> BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Lisboa: Edições 70, 1981, p.108.

Centenário e do Terminal Ângelo Guidi, que não estão no centro físico da foto, mas se pode dizer que constituem o seu centro imagético, para aonde escapa o olhar. A intenção do fotógrafo foi destacar a avenida em contraste com o conjunto da cidade, notadamente o seu centro mais tradicional. Essa impressão é reforçada pelo eixo que se abre, mais vertical, a partir de dois rasgos retilíneos de ruas na concretude homogênea da cidade, formada pelas avenidas Rui Barbosa e Getúlio Vargas à direita da imagem e, ao centro, pelas ruas Seis de Janeiro e João Pessoa. A comparação é inevitável. Essas ruas são importantes vias na cidade, porém demonstram sua modéstia em contraste com a Avenida Centenário. Em meio aos dois conjuntos de ruas destaca-se a igreja São José, na frente da qual encontra-se a praça Nereu Ramos. Forma-se assim um contraste binário constituído pela Avenida Centenário – Terminal Ângelo Guidi, de um lado, e Ruas – Igreja São José – Praça Nereu Ramos de outro. Esse contraste não representa, necessariamente, oposição. Basta ver que os dois conjuntos de ruas confluem em direção à avenida na parte de baixo da imagem, como num complemento, parecendo sugerir que a avenida é o desenvolvimento normal das duas ruas e, portanto, da cidade.



Vista Parcial Aérea (Imagem 1) – *Álbum de Cartões Postais*

A mensagem que o postal porta remete para uma valorização das obras realizadas em um período recente pela Administração Altair Guidi, representadas na Avenida Centenário e Terminal Ângelo Guidi. Na medida em que essas obras contrastam com elementos espaciais urbanos mais tradicionais, e de forma inclusive vantajosa, afirma-se a construção de uma nova cidade, mais moderna e melhor, representada pelos elementos da esquerda na imagem, mas que não rompe com a cidade antiga, pois é a sua continuidade. As casas, ruas e edifícios a transbordarem pelas margens da imagem reforçam esse caráter de cidade grande e moderna que o postal busca afirmar. A escolha dessa imagem para a capa do álbum mostra bem a sua representatividade para



as intenções que os promotores dos postais possuíam. E, de fato, é ela uma imagem que expressa bem, em sua composição, as mensagens que o conjunto do álbum veicula.

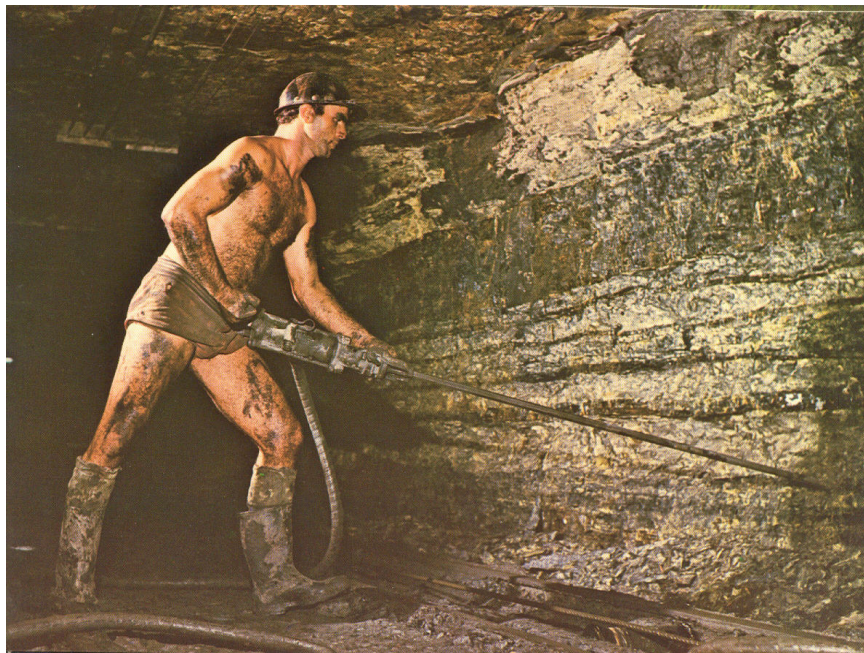
Essa mesma intenção pode ser vista na maneira como o carvão aparece no álbum. São três imagens vinculadas a esta temática (Imagens 2, 7 e 12). Estes três postais formam um conjunto imagético que se refere explicitamente a temas ligados à mineração do carvão.

A primeira imagem aborda o *Monumento ao Mineiro*, tal como ele foi estabelecido após a sua retirada do centro da Praça Nereu Ramos<sup>217</sup>. Toma a estátua do mineiro no plano central de tal maneira que a parte posterior da imagem, em perspectiva, dá para a esquina das ruas João Zanette e Seis de Janeiro. A Segunda imagem deste conjunto explicita um mineiro em seu labor no fundo de uma mina de carvão. Ainda que estas duas imagens não apareçam lado a lado no álbum, há um evidente contraste entre elas, ao abordarem o mesmo tema do trabalho mineiro, porém de maneira diferente. A primeira imagem, ao centrar na estátua do mineiro, remete para uma outra época da exploração carbonífera, seja pela antiguidade do monumento ou pelos indícios presentes no mineiro e que remetem a sua existência para um outro tempo, como o chapéu e a picareta. Este efeito é reforçado pelo fundo da imagem, que mostra a esquina das duas ruas já

---

<sup>217</sup> Imagem publicada neste capítulo quando tratamos do *Monumento ao Mineiro* (página 124).

citadas. Ora, essas ruas davam acesso a estação central da ferrovia em Criciúma, antes da retirada dos trilhos do centro da cidade, de tal forma que a referência a elas implica uma referência à outra temporalidade, diferente daquela de produção do álbum. Essa volta ao passado também está presente, enfim, no movimento que a imagem indica para o olhar, da direita para a esquerda, o movimento de retorno do atual para o mais antigo se tomarmos uma linha do tempo. A Segunda imagem centra toda a sua força no trabalho do mineiro. A intenção é mostrar o mineiro em plena atividade, produzindo a riqueza através do trabalho. As peças de vestuário que o mineiro porta, ainda que esteja sem camisa, aponta para a contemporaneidade da imagem e sua modernidade mesmo, como o capacete com a lanterna e as botas de borracha. Porém, é seu instrumento de trabalho, que fornece a maior parte do impacto visual que remete para o moderno. O mineiro que a imagem mostra é aquele que possui ferramentas apropriadas e modernas para o exercício do seu trabalho. O sentido de leitura dessa imagem, por outro lado, vai da esquerda para a direita, de tal maneira que o longo furador da perfuratriz serve de suporte para os olhos, em um sentido que vai do antes para o depois, do passado para o presente e futuro. A imagem busca também mostrar a coluna de carvão, nesta simbiose cujo imaginário, assentado na matriz carbonífera, considera geradora de progresso, o mineiro – carvão.



O Mineiro e o Carvão (Imagem 7) – *Álbum de Cartões Postais*

O contraste que se faz parece óbvio. Formam-se duplas contrastantes entre elementos das duas imagens, tais como o chapéu e o capacete, o sapato e a bota de borracha, a picareta e a perfuratriz, o sentido da leitura que induz a se referir ao passado, de um lado, e ao presente e futuro, de outro. A mensagem que as imagens produzem refere-se ao tipo de trabalho que o mineiro daquela temporalidade, a da produção do álbum, exerce. Frisa-se a sua equipagem e modernização, e mesmo a humanização de suas condições de trabalho. O contraste final, e que reforça a mensagem, é dado pelo caráter de imobilização da estátua, sua desumanização, paralisada no tempo e no espaço, tal como o passado, do qual na imagem a estátua do mineiro

metaforiza. Isso em oposição ao mineiro no fundo da mina, vivo e exercendo a sua atividade em movimento. Para uma cidade moderna, produziu-se a imagem de um mineiro moderno. O fato das duas imagens não estarem lado a lado, o que daria uma interpretação explícita aos leitores dos postais, não dificulta o entendimento sobre as intenções dos autores. Pelo contrário, a própria colocação das imagens em lugares distantes do álbum, tendo outras quatro imagens entre elas, exatamente explícita as suas intenções, de propiciar aos leitores dos postais uma dedução implícita da mensagem divulgada, sem que exista reflexão.

Roland Barthes cunhou o termo *unária* para se referir a determinado tipo de fotografia que tem por principal característica a uniformidade. A fotografia unária é aquela que induz a uma leitura destituída de inconvenientes, de perturbações. O adjetivo *unária* denota uma unidade na composição fotográfica que induz uma leitura quase transparente, destituída de controvérsias, tornando a fotografia um objeto banal, pois “a fotografia é unária quando transforma enfaticamente a ‘realidade’ sem a desdobrar, sem a fazer vacilar (a ênfase é uma força de coesão): nenhum duelo, nenhuma indireta, nenhum distúrbio”<sup>218</sup>. Barthes cita dois exemplos de fotografia unária: as fotos de reportagem, que podem produzir choque, já que a fotografia unária não é necessariamente pacífica, mas que não traumatizam, e fotos pornográficas, inteiramente constituídas pela apresentação de uma única coisa, o sexo, diferentemente da fotografia erótica, onde o pornográfico se apresenta fendido, desorganizado. Esse tipo de fotografias é homogêneo, sem contradições. Poderia

---

<sup>218</sup> BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70, 1981, p.64.

ser chamada de uma fotografia pasteurizada, unívoca. Poderíamos acrescentar a esses exemplos também os cartões-postais.

As representações gráficas da cidade, presentes nos cartões-postais, reforçam os esquemas imaginários já existentes, ilustrando sem fazer refletir. Não é qualquer parte da cidade que se torna cartão-postal, mas àquelas que possuem representatividade suficiente para isso. Aquilo que chamo representatividade, que significa possuir valor suficiente para ser apresentada como imagem típica daquela cidade aos olhos dos produtores e consumidores de cartões-postais, só o é se referenciada pelas representações presentes no mundo sócio-cultural que o produz. As representações presentes nos cartões-postais freqüentemente reforçam os imaginários sociais presentes em uma determinada realidade cidadina, que se utiliza dos cartões exatamente para reafirmar suas representações dominantes, em um círculo vicioso.

Há, no entanto, um detalhe que perturba a mensagem dos cartões-postais de mineiros, tal como foi até aqui discutido. O mineiro que está em pleno labor no interior da mina, portanto em movimento, tem uma pose excessivamente estática. A tensão de seu corpo e a forma de seu rosto denunciam a sua pose para a objetiva. Ainda que toda imagem pressuponha a pose, neste caso não foi ela devidamente disfarçada. E mesmo a sujeira de carvão em seu corpo e vestuário, marca registrada do trabalho mineiro, parece estar bem arrumada, como tendo sido realizada uma espécie de maquiagem para a execução da foto. Ora, todos esses procedimentos são corriqueiros na produção da imagem visual. Entretanto, a eficácia da imagem em transmitir sua mensagem está na relação direta com o desaparecimento desses traços na imagem final. É exatamente isso que não acontece aqui. O mineiro que devia estar em movimento, está parado, quando devia estar em trabalho de exploração do carvão, está atuando teatralmente, denunciando desta forma a artificialidade

da imagem produzida. Talvez isso fale mais sobre a produção dos postais do que tudo o mais que foi dito até aqui.

O último postal da série apenas reforça a mensagem que foi discutida a partir das imagens de mineiros. Apresenta-se uma galeria de mina, sem a presença humana explícita, mas com trilhos e carrinhos de carvão, e um conjunto de fios e lâmpadas que dirige um olhar para o fundo da fotografia e, portanto, da mina. O que se demonstra aqui é a modernização da mina e, em consequência, do trabalho mineiro. Aquilo que foi dito sobre a modernização do mineiro vale também para essa imagem da mina, isto é, produziu-se uma imagem de uma mina moderna adequada à representação de cidade moderna que os postais divulgam.

A última imagem que gostaria de destacar é a de uma parte da praça Nereu Ramos (Imagem 3), àquela localizada entre as ruas Pedro Benedet e João Zanette. A imagem foi realizada de costas para a rua João Zanette e quase em frente das Avenidas Rui Barbosa – Getúlio Vargas e rua Pedro Benedet. A imagem abarca um conjunto de objetos, tais como árvores, bancos de praça, caixa de correio, luminárias, edifícios e carros, unificados a partir da praça e de seu calçadão. Os objetos estão organizados à esquerda e à direita da imagem, formando em seu centro uma espécie de túnel, com o calçadão abaixo e os galhos de uma árvore na parte de cima, apenas perturbado por um pequeno banco com uma vegetação. À esquerda

destaca-se o busto do coronel Marcos Rovaris, primeiro prefeito da cidade, tendo a seu lado um pequeno suporte em concreto, assemelhando-se a uma plataforma, e em frente a caixa de correio. A imagem remete para o exercício da atividade política, destacando-se a possibilidade de exercê-la de forma pluralista e democrática, ressaltada pela presença da plataforma, a partir da qual era teoricamente possível a qualquer cidadão pronunciar-se.



Praça Dr. Nereu Ramos (Imagem 3) – *Álbum de Cartões Postais*

À direita há a presença de um conjunto formado por bancos, árvores e luminárias, afirmando a praça como um local de permanência e fruição, aonde os cidadãos podem fruir a cidade e aquilo que ela tem a oferecer. No primeiro plano da imagem, as árvores projetam sua sombra sobre o chão calçado por *petit pavé*, destacando o

calçada e projetando uma representação de lugar agradável, próprio para se estar.

A mensagem do postal explicita a idéia de que a praça é o lugar por excelência dessa cidade que o álbum afirma. Num primeiro sentido, a praça entendida como local de exercício da palavra e dos direitos, dado pela presença da tribuna pública. Essa imagem contrasta com as características do período histórico em que a imagem foi elaborada, na medida em que se vivia então no governo do General João Batista Figueiredo, em plena ditadura militar. Por outro lado, a praça é afirmada como local agradável para se estar, na medida em que possui equipamentos adequados para isto.

Além da representação de valorização da praça, aponta o postal para a idéia que a praça foi valorizada exatamente pela colocação, nela, de equipamentos que permitem o seu usufruto pelos cidadãos, tais como bancos, luminárias, tribuna, vegetação, calçamento, etc., valorizando a administração Altair Guidi. Porém, isso não é o central nessa valorização, ou seja, a administração é valorizada não somente no sentido de que foi ela que equipou o praça central. Percebe-se também que se busca um consenso maior, centrado no tipo de cidade que se está propondo e que a praça, como local de debates e posicionamentos, supostamente proporciona.

Há um elemento onírico fortíssimo, dado pela presença abundante de vegetação na imagem, das



sombras que ela propicia e pela sensação de prazer que se tem ao olhar para ela. A praça torna-se assim um lugar de descanso e harmonia, local onde a cidade e a natureza se reconciliam. Essa idéia é reforçada pelos edifícios e carros em segundo plano. A matriz imaginária para essa representação é o *Jardim do Éden*, local de plena fruição humana, ou o *Eldorado* em sua versão profana.

A maior parte das imagens tem como local espacial o centro da cidade, num total de nove postais. Um postal remete ao bairro Próspera e dois outros a mina de carvão. No centro da cidade, os locais mais utilizados foram a Avenida Centenário (postais 1, 4 e 8) e a Praça Nereu Ramos (postais 2, 3, 9 e 11). Pressupõe-se a partir deste dado que estes dois locais continham as obras que a administração municipal pretendia divulgar. Com o *Álbum de Postais*, Altair Guidi confirmou uma tendência que foi dominante em sua administração, qual seja a de fixar um determinado tipo de cidade que se queria mais adequada aos novos tempos que se vivia.

## CAPÍTULO 4

### CIDADE DE PAPEL

#### O DISCURSO HISTORIOGRÁFICO SOBRE A CIDADE

Em uma mensagem do prefeito Addo Caldas Faraco à população criciumense por ocasião do aniversário da cidade, ao contar a história de Criciúma, aporta ele ao relato um elemento que nos interessa de perto. Afirma o prefeito que há 79 anos passados “aqui chegaram os primeiros colonizadores, imigrantes italianos, trazendo na vanguarda, como condutor e orientador o bugreiro Manoel Miranda (...)”<sup>219</sup>.

Na mensagem do prefeito surpreende o papel atribuído ao bugreiro, o de condutor dos imigrantes. Efetivamente os que chegavam da Europa não tinham a menor condição de se localizar e sobreviver em meio à mata e necessitavam serem guiados, ainda que os imigrantes destinados a fundar o núcleo colonial que viria a ser Criciúma, estacionaram por um período em Urussanga. Entretanto, lembrar esse fato e inclusive citar o nome do guia, de origem “brasileira”, é algo que não aparece em nenhum relato de fundação da cidade. O bugreiro,

---

<sup>219</sup> “Mensagem do Prefeito Addo Caldas Faraco ao Povo de Criciúma”. *Tribuna Criciumense*, 05/01/1959.

profissão de Manoel Miranda, era assalariado pelo governo estadual para caçar índios e proteger os núcleos de imigrantes que se estavam estabelecendo na região. Eram eles, desta forma, profundos conhecedores da mata.

Manoel Miranda é apresentado como “condutor e orientador”, sem o qual os imigrantes não chegariam ao seu destino e pereceriam na mata. Parece sobressair no relato uma estratégia discursiva que não se refere efetivamente à chegada dos imigrantes no sul do Brasil, mas a situação concreta vivida pelo prefeito em relação à cidade que governava, especialmente em relação àqueles que detinham maior influência na cidade. Na condição de forasteiro e tendo que render homenagens aos colonizadores, o que lhe enfraquecia politicamente, Faraco mobilizava a seu favor um dado histórico, supostamente objetivo, pelo qual demonstrava que os descendentes de imigrantes serem dirigidos por um forasteiro e “brasileiro” não era inusitado, pois assim fora desde o princípio. A condição de bugreiro não diminui o papel de Manoel Miranda, ao contrário, o fortalece na medida em que no relato da fundação da cidade os indígenas são apresentados, juntamente com os animais ferozes, como os maiores perigos que enfrentavam os imigrantes. Nesses relatos, para fundarem a cidade, os imigrantes tiveram que vencer heroicamente a mata, com índios e animais. A mensagem do prefeito simplesmente subverte o

relato da fundação, ao afirmar que a mata foi vencida não pelo heroísmo e esforço próprio do imigrante, mas pela proteção do bugreiro, através de sua condução e orientação.

Além disso, diz ele, todos têm orgulho do povoado fundado então, não só “os descendentes de seus fundadores como também para todos os que tem dado sua contribuição para o seu desenvolvimento”. Faraco busca igualar, em seu relato, os descendentes dos imigrantes e aqueles que vieram depois, os forasteiros, apresentando a cidade como obra dos dois grupos.

E mais ainda, ele eleva a figura de Manoel Miranda, ou seja, a de si próprio, e apresenta-a em termos bíblicos, ao equiparar o bugreiro a figura de Moisés conduzindo e orientando o povo. Isso é tanto mais verossímil na medida em que todo o seu discurso inicial é vazado em termos religiosos, ao agradecer a Deus pelo ano que passou “com uma prece ao Senhor” elevando seus olhos para o céu, “bem para o alto”. A travessia da mata, qual deserto, em direção a “Canaã – Criciúma”, necessitava de seu Moisés, no passado o bugreiro Manoel Miranda, e no presente o prefeito Addo Caldas Faraco. O relato bíblico do êxodo fornece a forma discursiva a partir da qual o prefeito agasalha o seu próprio discurso, legitimando-o diante dos descendentes de imigrantes, notadamente os italianos, louvados como católicos e religiosos. Canaã, a terra bíblica da fartura, e o Eldorado, a terra profana das oportunidades, são

igualadas como imagens de desejo, utilizadas no discurso do prefeito.

Há no texto, ao que parece, um esforço para fazer daqueles que não haviam nascido na cidade ou, ainda, que não eram descendentes dos imigrantes, filhos efetivos de Criciúma, legítimos moradores da terra e que a amavam como os outros, os habitantes primeiros. No texto, Faraco afirma que Criciúma é a “namorada de todos quantos a visitam pela primeira vez”. Mais uma vez procura o prefeito igualar os imigrantes e os que chegaram depois, os forasteiros, pois todos – imigrantes e forasteiros - a haviam visitado pela primeira vez, sendo assim a cidade namorada de todos os dois grupos de habitantes. Transparece no texto do prefeito uma intensa luta de representações que se desenvolvia em torno da história da cidade e que vinha a tona em determinados momentos.

Pretende-se, neste capítulo, explorar os relatos sobre o passado que se produziram em Criciúma até a comemoração do Centenário de fundação da cidade e cruzá-los com diferentes identidades que se elaboraram em relação à cidade.

### **História de Criciúma nos Jornais**

A fala do prefeito é inusitada porque se destaca de um discurso que se tornou o discurso padrão em relação à história de Criciúma. Esse discurso padrão, que podemos chamar de memória oficial da cidade, foi elaborado no decorrer dos anos e

teve a comemoração do Centenário como seu momento de consolidação.

A memória que estamos tratando como memória oficial da cidade se distingue daquelas memórias elaboradas no nível do vivido pelos grupos sociais. É ela uma memória-história que garimpa acontecimentos e lembranças e que elabora um esquema explicativo da origem e evolução da cidade. É a mesma distinção feita por Maurice Halbwachs, por exemplo, somente que em outros termos, quando trata das relações entre memórias coletivas, entendidas como “uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”<sup>220</sup>, e a história, “que se coloca fora dos grupos e acima deles”, existente como relato escrito verdadeiro dos acontecimentos e que não admite pluralidade<sup>221</sup>. Ao refletir sobre a transformação da memória em história nos processos que ocorrem nos dias de hoje, Pierre Nora também distingue entre o que ele chama de “memória verdadeira” e a “memória transformada por sua passagem em história”:

Aceitemos isso [*a necessidade da palavra memória*], mas com a consciência clara da diferença entre memória verdadeira, hoje abrigada no gesto e no hábito, nos ofícios onde se transmitem os saberes do silêncio, nos saberes do corpo, as memórias de

---

<sup>220</sup> HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990, p. 81 e 82.

<sup>221</sup> “A história é uma e podemos dizer que não há senão uma história” (p. 85).

impregnação e os saberes reflexos e a memória transformada por sua passagem em história, que é quase o contrário: voluntária e deliberada, vivida como um dever e não mais espontânea; psicológica, individual e subjetiva e não mais social, coletiva, globalizante.<sup>222</sup>

O objetivo dessa memória é, segundo Michael Pollak, manter a coesão interna e defender as fronteiras que o grupo possui em comum através da elaboração de um quadro de referências e de pontos de referências, que no nosso caso, orientam os cidadãos para uma determinada perspectiva de interpretação da história da cidade, que valoriza mais determinados grupos sociais. A memória-história da cidade está também colocada no campo das lutas de representações que perpassam a vida social como um todo.

A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõe uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis.<sup>223</sup>

Pollak fala de *memória enquadrada*<sup>224</sup> para dar conta desta memória que é elaborada para além da espontaneidade da vida social, mas que mantém uma relação de cumplicidade com as representações presentes na sociedade, na medida em que não é uma memória que possa ser

---

<sup>222</sup> NORA, Pierre. **Entre Memória e História – A Problemática dos Lugares**. *Revista Projeto História*, São Paulo, nº 10, Dezembro/1993, p. 14.

<sup>223</sup> POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Rio de Janeiro, *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3, 1989, 3 – 15, p. 9.

<sup>224</sup> ROUSSO, H. Apud: POLLAK, Michael, op. cit.

construída arbitrariamente, já que deve “satisfazer a certas exigências de justificação”. Recusar-se a levar a sério o imperativo da justificação, diz Pollak, é instaurar a memória sob a égide da violência e da injustiça, o que rompe com o seu caráter agregador, perdendo a memória a sua função primordial que é criar consensos que favoreçam determinadas perspectivas de interpretação do passado e posições na vida social do presente.

Essa memória que existe enquanto história da cidade, portanto memória-história oficial, apareceu inicialmente nas páginas do principal jornal de Criciúma no período, *Tribuna Criciumense*, vinculada a temas diversos. As primeiras referências que abrem um debate sobre a memória da cidade estão vinculadas à proposta de se construir um monumento em homenagem ao imigrante no centro de Criciúma<sup>225</sup>. Na fundamentação da proposta os autores destacam a importância da ação dos imigrantes, especialmente italianos, para o surgimento e desenvolvimento da cidade. Pimentel, em especial, vincula o passado da cidade com a situação que vivia no presente, a proposta de erguer o monumento, a partir dos grandes feitos dos imigrantes. Reafirma durante todo o artigo que a geração sua contemporânea tinha uma dívida de reconhecimento e gratidão para com os

---

<sup>225</sup> “Monumento ao Imigrante” (José Pimentel). *Tribuna Criciumense*, 01/08/1955, p. 1 e 4. “Monumento ao Imigrante” (Ézio Lima, A Cidade em Revista). *Tribuna Criciumense*, 07/05/1956. “Significado de uma Comemoração”. *Tribuna Criciumense*, 07/01/1957, p. 1.



imigrantes “por tudo o que fizeram esses bravos pioneiros em benefício de nossa terra”. E em outra parte ele afirma que os imigrantes contribuíram no “engrandecimento de Criciúma”. Os imigrantes são apresentados, em sua obra, como povoadores, desbravadores, fundadores de vilas, povoados e cidades, aqueles que colocaram as bases para a civilização no sul catarinense e, enfim, “aqueles que ajudaram a povoar, civilizar e engrandecer o Brasil”. A sua obra nos é apresentada como àquela de civilizadores que arrancaram partes importantes do território nacional às mãos de índios, feras e matas. Eles são, nesse sentido, explicitamente comparados aos bandeirantes paulistas, em um período em que o sonho de cidade para Criciúma era a metrópole paulista. Em um outro artigo<sup>226</sup>, Pimentel inova em relação a sua formulação anterior ao trazer à tona o tema da miscigenação de raças na formação da cidade, ao afirmar que da fusão dos “sangues” italiano, alemão e polonês “ao elemento nativo brotou um município que tem contribuído, valiosamente para que nossa estremecida pátria se projete perante as demais nações e Santa Catarina”. Isto também se expressa ao tratar ele do tema do futuro de Criciúma, garantido – assim como o presente – por sua “imensa riqueza mineral”, pelo trabalho “heróico dos operários [*mineiros*]” e “diuturno dos agricultores”, e pela “expansão de teu comércio e da tua indústria”. Há, então, uma

---

<sup>226</sup> “Salve Criciúma” (José Pimentel). *Tribuna Criciumense*, 09/01/1956, p. 1 e 4.

proposta de valorização dos antepassados imigrantes que, para Pimentel, em nada diminui a importância da atividade carbonífera no crescimento da cidade. Ele encaixa perfeitamente a obra civilizatória dos imigrantes com o progresso trazido pelo carvão.

Essa espécie de divisão de trabalho entre a imigração como obra civilizatória que forneceu as bases para o início da cidade e o carvão que lhe garantia o crescimento econômico e urbano é uma constante em diversos artigos. Napoleão de Oliveira, por exemplo, aborda esta temática na condição de prefeito municipal em sua mensagem de 1956 por ocasião do aniversário da cidade<sup>227</sup>. Há uma certa articulação na escrita do autor entre a especificação da obra civilizatória dos imigrantes quando fala em “nossa cidade” e nomeia as famílias que descendem dos pioneiros, com a colocação dessa obra no passado, como se suas conseqüências tivessem cessado lá de existir. Ele fala em “base fundamental”, “pedra angular da história de Criciúma de hoje” e “mérito de uma empreitada histórica”. Parece que ele coloca a obra dos imigrantes em relação com a cidade posteriormente como estando situada na órbita das conseqüências, isto é, ainda que a cidade seja conseqüência do trabalho dos imigrantes, seu fruto, não tem muito a ver com a evolução posterior de Criciúma. Também Ézio Lima<sup>228</sup>

---

<sup>227</sup> “Honra ao Mérito” (Napoleão de Oliveira). *Tribuna Criciumense*, 09/01/1956, p. 3.

<sup>228</sup> “A Epopéia do Imigrante Peninsular” (Ézio Lima – A Cidade em Revista). *Tribuna Criciumense*, 07/01/1957, p. 8.

conjuga muito claramente a questão da imigração e a do carvão, colocando a obra dos imigrantes como os que colocaram os “alicerces” da cidade, cujo progresso teve “origem” no trabalho deles: “(...) bravos e denodados colonos que, não olhando nem mesmo o sacrifício da própria vida, a suor e sangue construíram os alicerces da ‘Capital do Carvão’”. E nas últimas palavras do artigo explicita qual é a posição do imigrante na visão que ele tem da história da cidade:

A eles é que devemos a edificação do progresso de nossa terra. Criciúma, centro da bacia carbonífera e da indústria extrativa do carvão, é hoje comuna de grande vulto e possuidora de invejável posição no cenário estadual. Não podemos esquecer que esse progresso teve origem no suor e sangue vertido pelo alienígena italiano.

Pequena matéria publicada em 1964, também por ocasião do aniversário da cidade, é exemplar na forma como elabora a relação entre imigração e carvão na história de Criciúma<sup>229</sup>. Inicialmente, a obra dos imigrantes é apresentada de forma muito simples e singela ao afirmar que “em 1880 alguns imigrantes italianos aqui se reuniram e formaram um agrupamento, depois de edificada uma igreja e uma escola acabou tornando-se vila”. A partir do tema dos imigrantes, é introduzido àquele do carvão, de maneira muito engenhosa: “Talvez eles nem suspeitassem que sob o solo em que pisavam havia uma riqueza negra que faria de Criciúma um

---

<sup>229</sup> “Cidade Aniversaria”. *Tribuna Criciumense*, 04 – 11/01/1964, p. 1.

dos municípios mais progressistas do Estado”. A conclusão é, então, bastante clara ao afirmar a articulação entre os dois elementos, um que iniciou a cidade e outro que a sustenta: “Se em 1964 o carvão extraído de nosso solo nos alimenta, não podemos deixar de lembrar aqueles imigrantes que para cá vieram e plantaram a semente da colonização que transformou esta região antes selvagem”. Aos imigrantes a obra de civilização no princípio e ao carvão a obra do progresso do presente e futuro.

Como temos visto, diversas matérias aparecem no jornal e tratam do tema da história da cidade a partir da comemoração do seu aniversário, em 6 de janeiro. Esta data, considerada como o principal dia cívico da cidade e feriado municipal desde o início de sua vida administrativa, era uma ocasião especial para se prestar homenagens aos fundadores e, desta forma, se construir uma memória em torno da cidade. A comemoração coloca a memória no espaço público, a ser dita coletivamente e de maneira a instituir o rito<sup>230</sup>. Através da comemoração, acrescenta Catroga, fica ressaltado o papel pragmático e normativo da memória, que busca inserir os indivíduos em uma estrutura identitária diferenciando-os em relação a outros. A memória tende, assim, por sua repetição ritual, a traduzir-se numa mensagem e a ser interiorizada como norma. Através da comemoração, o passado não se apresenta apenas como objeto de um culto nostálgico e regressivo, mas é oferecido também como arquétipo ao presente e ao futuro, de forma a compor representações que inserem o que foi no que é, interferindo nas vivências do presente e compondo uma certa imagem daquilo que virá a ser. Feito memória normativa pelas

---

<sup>230</sup> CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 25.

comemorações, o passado torna-se um horizonte de expectativas e se coloca no futuro como probabilidade.

A comemoração do 6 de janeiro como dia de fundação da cidade pelos imigrantes italianos, se insere, para Criciúma, naquilo que Nora chama “grandes acontecimentos”, “por vezes ínfimos, apenas notados no momento, mas aos quais, em contraste, o futuro retrospectivamente conferiu a grandiosidade das origens, a solenidade das rupturas inaugurais”<sup>231</sup>. Como acontecimento-fundador, que se torna acontecimento-espetáculo a cada ano que é comemorado, o dia de fundação da cidade expõe publicamente determinadas memórias que se valorizaram no processo histórico da cidade a partir das ações de grupos sociais interessados em sua perpetuação.

Nas matérias de jornais referentes ao 6 de janeiro, a obra dos fundadores é louvada e os imigrantes são apresentados como heróis. Pimentel, por exemplo, verte seus primeiros artigos em termos cívicos, acentuando que Criciúma e o sul catarinense também possuíam heróis para fornecer a pátria, no caso os imigrantes fundadores. Pimentel acentua o caráter heróico do imigrante ao abordar, por exemplo, o tema do abandono no aniversário da cidade em 1956<sup>232</sup>, isto é, a idéia de que os imigrantes foram colocados no meio da mata e abandonados pelas autoridades, principalmente brasileiras, mas também italianas. Afirma ele que as primeiras levas de colonos

aqui chegaram, desprotegidos de tudo, enfrentando, desajudados de recursos e de amparo moral, os matagais impenetráveis, infestados de feras e de indígenas que resistiram bravamente à dominação do homem branco; que precisaram construir uma tosca choupana e esperar, pacientemente, a primeira colheita e aguardar que os filhos já nascidos neste torrão os auxiliassem na imensa e árdua tarefa de edificar uma civilização.

---

<sup>231</sup> NORA, Pierre. **Entre Memória e História – A Problemática dos Lugares**. *Revista Projeto História*, São Paulo, nº 10, Dezembro/1993, p. 25.

<sup>232</sup> “Salve Criciúma” (José Pimentel). *Tribuna Criciumense*, 09/01/1956, p. 1 e 4.

A temática do abandono, e o destaque da coragem e heroísmo do imigrante em terras americanas, tornaram-se uma constante nos escritos sobre o passado da cidade. Não apenas isso, mas também sua nobreza de propósitos em relação à nova terra, diferenciando-os de meros aventureiros que quisessem simplesmente enriquecer, como o faz Ruy Hülse em matéria aparecida no mesmo número de 1956<sup>233</sup>, ao afirmar que

(...) pisaram o solo de nossa comuna os primeiros colonos, imbuídos, não do espírito de aventura ou com o mero desejo de rápido enriquecimento para retorno à Mãe Pátria, mas com o elevado propósito de realmente colonizar a nossa terra e trabalhar pelo seu engrandecimento.

No parágrafo seguinte, o autor diz que eles estavam “animados desse patriótico desejo” e que, por isso, não mediram esforços ante os obstáculos, “sempre estimulados pela férrea vontade de constituírem uma nova pátria”. A obra dos imigrantes é considerada heróica em vista dos enormes sacrifícios que tiveram que passar e dos elevados objetivos que tinham em vista. As condições contextuais e históricas (por exemplo, a impossibilidade financeira de voltar à Itália, a extrema distância que havia, a pobreza dos imigrantes) são desconsideradas, restando uma imigração “ideal” e um imigrante quase sobre-humano.

Os sofrimentos dos imigrantes sempre aparecem nos escritos para compor a obra heróica a que eles se entregaram. Sebastião H. Pieri, em artigo de 1961<sup>234</sup>, relacionou uma série de sofrimentos a que os imigrantes tiveram que

---

<sup>233</sup> “6 de Janeiro de 1956” (Ruy Hülse). *Tribuna Criciumense*, 09/01/1956, p. 3.

<sup>234</sup> “Ao 6 de Janeiro” (Sebastião H. Pieri). *Tribuna Criciumense*, 09/01/1961, p. 1.

passar. Na lista dos sofrimentos atribuídos aos imigrantes pela celebração de sua obra, destaca a *despedida dos parentes* no porto na Itália, “uns por verem partir seus entes queridos, estes por deixarem Pátria, parentes e amigos sem saber se algum dia os tornaria a ver”, a *travessia do Atlântico*, “longa e penosa”, e a *jornada para o interior*, bastante mencionada em outras matérias, “sem estradas nem meios de locomoção, aqueles bravos pioneiros se atiraram contra a natureza virgem abrindo picadas a facão e calcando com seus pés de heróis anônimos a terra úmida e fértil”.

As noções de *herança* e *dívida* estão constantemente presentes na construção do lugar da imigração e dos imigrantes na história da cidade. A cidade é apresentada como um patrimônio legado pelas primeiras gerações às gerações contemporâneas dos autores, diante do qual “(...) sentimo-nos profundamente desvanecidos em prestar esta singela homenagem àqueles que, com sacrifícios da própria vida, legaram às gerações atuais este grandioso patrimônio que é a nossa querida terra (...)”<sup>235</sup>. Diante disso, e em vista do patrimônio recebido, as gerações contemporâneas têm uma dívida para com os imigrantes: “A eles devemos, sobretudo, a prosperidade atual deste município, em marcha acelerada para um grande futuro”<sup>236</sup>. O “a eles devemos” (aos imigrantes) remete à dívida contemporânea a ser paga por um trabalho realizado no início da história da cidade. No entanto, a consciência dessa dívida como memória de Criciúma acaba por alterar as relações sociais, culturais e políticas que existem na cidade naquele momento.

<sup>235</sup> “6 de Janeiro de 1956” (Ruy Hülse). *Tribuna Criciumense*, 09/01/1956, p. 3.

<sup>236</sup> “77º Aniversário da Colonização de Criciúma e 31º da Instalação do Município” (Silval Rosário Bohrer). *Tribuna Criciumense*, 07/01/1957.

De fato, a valorização dos imigrantes e da imigração nessas matérias articuladas a partir da proposta do monumento ao imigrante e do aniversário de fundação da cidade, valorizava em especial aquelas famílias que descendiam dos imigrantes italianos fundadores do núcleo colonial, e os descendentes de italianos em geral, fortalecendo sua posição social e cultural nas relações presentes na cidade. Efetivamente, algumas matérias referem-se explicitamente aos descendentes de imigrantes, que são homenageados juntamente com seus ascendentes. Como afirmou Ézio Lima, “descendentes destas famílias ainda estão espalhadas pelos mais diversos recantos de Criciúma, continuando a obra iniciada por seus ancestrais”<sup>237</sup>.

Entretanto, apesar destas inúmeras matérias que realizam uma abordagem da memória da cidade, quase não existem artigos explicitamente dedicados a história de Criciúma nos jornais do período. O primeiro artigo deste tipo apareceu em 1959, assinado por S. Souza<sup>238</sup>. O autor afirma que pretende apresentar um “retrato descritivo da história de Criciúma” graças à “iniciativa, à colaboração e ao apoio irrestrito do Prefeito Addo Caldas Faraco”. Inicia seu relato dizendo que narrará “acontecimento, ações e biografias, dignos de memória, dos desbravadores destas plagas (...)” e começa referindo-se ao processo geológico que formou uma “jazida carbonífera inesgotável”. Relata o surgimento de “ranchinhos de taipas” erguidos pelos “modernos bandeirantes”. Mais tarde, pelo trabalho dessas pessoas, “aqueles ranchinhos foram multiplicados e remodelados, constituindo-se a célula – mater da Criciúma de hoje”. Refere-se ao nome da cidade, “que teve origem pela abundância nesta região, de uma planta da família das gramináceas (...)”. Nomeia alguns fundadores, “punhado de homens ilustres e timoratos”: Marcos Rovaris,

---

<sup>237</sup> “Criciúma – 87 Anos de Lutas Pelo Progresso”. *Tribuna Criciumense*, 07/01/1967, p. 8.

<sup>238</sup> “Retrato de Criciúma” (S. Souza – Reverberando). *Tribuna Criciumense*, 06/04/1959, p. 1.



Pedro Benedete (sic), João Zanette, José Gaidzinski, Frederico Minatto, João Ângelo Gomes, Adolfo Campos, Francisco Meller, Olympio Motta. É interessante perceber a lembrança de nomes “brasileiros”, que não estavam entre o grupo que fundou o núcleo colonial, mas eram homens importantes nas primeiras décadas do núcleo, ainda que o autor afirme que esteja falando da fundação (“A primazia da fundação de Criciúma cabe a um punhado...”). O fato de citar “brasileiros” na fundação e chamar os fundadores de “bandeirantes do século XX” é um indício de que ele considera a história da fundação para além do ato fundador das famílias italianas que chegaram em 1880, fato sequer citado. Ao que parece, ele atribui “fundação” aos primeiros anos ou décadas da história do núcleo colonial, o que lhe permite introduzir pessoas que não participaram do grupo inicial de fundadores, inclusive Marcos Rovaris. Além disso, há a presença de Addo Caldas Faraco como patrocinador, que tem uma intenção clara que “abrir” o relato histórico da cidade. Entretanto, isso pode também significar simplesmente a ausência de conhecimentos mais objetivos relacionados com a história da cidade, suficientes quando se tratava de prestar uma homenagem aos fundadores, mas deficientes quando se pretendia escrever um relato mais articulado do passado do município.

De fato, o primeiro texto mais claramente escrito dentro dos cânones da disciplina histórica apareceu na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros<sup>239</sup> no mesmo ano de 1959. No texto, assinado pela Inspetoria Regional de Estatística Municipal de Santa Catarina, são articuladas diversas informações sobre o município, como dados de sua história, principais riquezas naturais, dados geográficos e estatísticos, relação de atividades econômicas, etc. No histórico, o autor faz um relato objetivo e breve, situando a fundação do núcleo colonial

---

<sup>239</sup> FERREIRA, Jurandir Pires (direção). **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Volume XXXII. Rio de Janeiro: IBGE, 1959, p. 81 – 87.

em 6 de janeiro de 1880, às margens do “pequeno rio ensombreado por coqueiros – rio Criciúma”, estabelece o número de famílias e de pessoas, e as nomeia. Em relação ao desenvolvimento econômico afirma que era inicialmente baseado na agricultura e comércio, tendo havido mais tarde “três novos fatores que vieram impulsionar ainda mais o progresso latente da comunidade: o início da exploração do carvão-de-pedra, em 1913; a construção da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, na década 1920 – 1930, e a criação do município em 1925”. Destaca o período da segunda guerra mundial como impulsionador do desenvolvimento econômico, ao estimular o crescimento da produção carbonífera. Essas formulações e causas explicativas para o progresso da cidade, tantas vezes louvado, foram reproduzidas nas matérias que apareceram nos jornais na década de 1960.

Nos meses de novembro e dezembro de 1964, apareceram no jornal *Tribuna Criciumense*, seis artigos consecutivos com temas relacionados à história de Criciúma<sup>240</sup>. A fonte dos artigos é a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros e reproduz, resumidamente, as informações contidas na enciclopédia, centrando seu relato em dois aspectos principais, a fundação do núcleo colonial e a história do carvão no sul de Santa Catarina. As matérias que relatam a história de Criciúma, aparecidas nos anos seguintes<sup>241</sup>, reproduzem em termos gerais a organização de temas, informações e mesmo frases inteiras retiradas da enciclopédia.

---

<sup>240</sup> “Criciúma – Um Pouco de Nossa História”. *Tribuna Criciumense*, 07 – 15/11/1964, p. 3. “Criciúma – Um Pouco de Nossa História II”. *Tribuna Criciumense*, 14 – 21/11/1964, p. 3. “Criciúma – Um Pouco de Nossa História III – Exploração do Carvão de Pedra”. *Tribuna Criciumense*, 21 – 28 /11/1964, p. 3. “Um Pouco de Nossa História IV – Exploração do Carvão de Pedra”. *Tribuna Criciumense*, 28/11– 05/12/1964, p. 3. “Um Pouco de Nossa História V”. *Tribuna Criciumense*, 05 – 12/12/1964, p. 3. “Um Pouco de Nossa História VI”. *Tribuna Criciumense*, 12 – 19/12/1964, p. 3.

<sup>241</sup> “Criciúma – Esta Jovem de Oitenta e Cinco Anos”. *Tribuna Criciumense*, 04/12/1965, p. 6. “Criciúma – 87 Anos de Lutas Pelo Progresso”. *Tribuna Criciumense*, 07/01/1967, p. 8. “Criciúma Comemora 88 Anos de Existência”. *Tribuna Criciumense*, 06/01/1968, p. 2 e 7. “Criciúma Faz 89 Anos”. *Tribuna Criciumense*, 04/01/1969, p. 2.

As matérias jornalísticas estabeleceram as bases para uma interpretação da história de Criciúma, porém, são as obras escritas na década de 1970 e por ocasião da comemoração do Centenário da cidade que sistematizaram as informações e construíram uma história que se popularizará como a História de Criciúma.

### As Obras da Década de 1970

O período compreendido pela década de 1970 até a comemoração do Centenário de Criciúma em 1980, pode ser entendido como uma conjuntura propícia a comemorações e criação de memória histórica, tal como Catroga analisou o período do chamado comemoracionismo português em fins do século XIX<sup>242</sup>. Neste período, para Criciúma, se escreveram as obras modelares de sua história-memória oficial e se instituíram ritos que atravessaram os anos e estabeleceram uma nova identidade urbana, aquela centrada na etnicidade. Se seguirmos a nomenclatura de Michael Pollak, foi um período de intenso *trabalho de enquadramento*<sup>243</sup> da memória. Pollak lembra que, se é necessário analisar como a memória se solidificou e dotou-se de durabilidade e estabilidade, a investigação precisa se interessar pelos processos de formalização das memórias e seus atores<sup>244</sup>. Entre estes últimos, Pollak cita, de forma privilegiada, os “profissionais da história das diferentes organizações de que são membros, clubes e células de reflexão”<sup>245</sup>, no nosso caso, os

---

<sup>242</sup> CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 61, 62.

<sup>243</sup> POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Rio de Janeiro, *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3, 1989, 3 – 15, p. 9.

<sup>244</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>245</sup> *Ibid.*, p. 10.

historiadores da cidade que fazem um trabalho de enquadramento de sua memória. Catroga também lembra essa relação entre a historiografia e a memória, no nosso caso urbana, ao afirmar que:

A historiografia, com as suas escolhas, valorizações e esquecimentos, também gera a ‘fabricação’ de memórias, pois contribui, através do seu cariz narrativo e da sua cumplicidade, directa ou indirecta, com o do sistema educativo, para o apagamento ou secundarização de memórias anteriores, bem como para a refundação, socialização e interiorização de novas memórias.<sup>246</sup>

O texto historiográfico é, desta forma, um demarcador do passado e provocador de efeitos performativos sobre o presente, já que “marcar um passado é dar, como no cemitério, um lugar aos mortos, é permitir às sociedades situarem-se simbolicamente no tempo, mas é também um modo subliminar de redistribuir o espaço dos possíveis e indicar um sentido para a vida”<sup>247</sup>. Ao dizer o texto, o autor institui o discurso autorizado no mundo social através do reconhecimento daquilo que enuncia.

O *auctor*, mesmo quando só diz com autoridade aquilo que é, mesmo quando se limita a enunciar o ser, produz uma mudança no ser: ao dizer as coisas com autoridade, quer dizer, à vista de todos e em nome de todos, publicamente e oficialmente, ele subtrai-as ao arbitrário, sanciona-as, santifica-as, consagra-as, fazendo-as existir como dignas de existir, como conformes à natureza das coisas, ‘naturais’.<sup>248</sup>

<sup>246</sup> CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 57.

<sup>247</sup> *Ibid.*, p. 44.

<sup>248</sup> BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand, 1989, p. 114.

Texto historiográfico, profissionais da história, historiografia. A análise de obras historiográficas da década de 1970 e da comemoração do Centenário de Criciúma nos permitirá estabelecer relações entre os discursos sobre o passado e a identidade urbana que se construía no período.

Estas obras podem ser classificadas dentro daquele conjunto que Cristina Scheibe Wolff chamou de *história local tradicional*<sup>249</sup>. Elas possuem aquelas características que Peter Burke associou com a história tradicional, em comparação com a nova história, quais sejam, a apresentação dos fatos “como eles realmente aconteceram” em uma cadeia contínua de acontecimentos, especialmente acontecimentos políticos, depreendidos do fluxo do tempo através de documentos, sancionadores de que o fato ‘realmente aconteceu’<sup>250</sup>. Acrescente-se que, nestas obras, em geral se trata de uma grande quantidade de acontecimentos e informações sem uma relação explícita entre si, a não ser a “localidade onde todos os eventos se passam”. Entretanto, diz Wolff,

“devemos ainda ressaltar que todas as críticas feitas a esta maneira de se escrever a história não a tornam menos importante, mesmo no momento atual. Em Santa Catarina, por exemplo, boa parte do conhecimento histórico sobre as diversas regiões só pode ser obtido em obras com este tipo de orientação metodológica”<sup>251</sup>.

Para Criciúma, a atividades destes “historiadores” e as obras que produziram foram fundamentais para o despertar de uma certa valorização da história da cidade. Eles descobriram fontes, levantaram temas, coletaram informações, batalharam pelo passado,

---

<sup>249</sup> WOLFF, Cristina Scheibe. **Historiografia Catarinense: Uma Introdução ao Debate**. Revista Catarinense de História, nº 2, p. 5 – 15. Florianópolis: Editora Terceiro Milênio, 1994.

<sup>250</sup> BURKE, Peter (organizador). **A Escrita da História – Novas Perspectivas**. 3ª edição. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 7 – 37.

<sup>251</sup> WOLFF, Cristina Scheibe. **Historiografia Catarinense: Uma Introdução ao Debate**. Revista Catarinense de História, nº 2, p. 5 – 15. Florianópolis: Editora Terceiro Milênio, 1994, p. 7.

enfim, trilharam um caminho que, de certa forma, é o mesmo que trilhamos hoje. A análise das obras nos permitirá relacionar o discurso sobre a história da cidade com a disputa em torno de sua identidade.

a) *Mini Biografia de Um Pioneiro: Marcos Rovaris*<sup>252</sup>

Esta obra foi o primeiro texto publicado em forma de livro sobre a história de Criciúma e é de autoria de José Pimentel e Mário Belolli<sup>253</sup>, dois autores intensamente envolvidos com a história da cidade.

A obra foi escrita, segundo os autores, com o fim de conscientizarem as gerações contemporâneas e futuras da necessidade de reconhecer o trabalho de seus antepassados, já que “povo que não cultua seus antepassados (...) não sobreviverá”. A história da cidade é vista com objetivo cívico, como uma matéria que visa formar os cidadãos e conscientizá-los de seu passado.

A fim de atender às insistentes solicitações da mocidade cricumense – o maior capital que possuímos – resolvemos (...) dar à estampa pequena notícia sobre a vida de Marcos Rovaris.<sup>254</sup>

Entretanto, há um outro objetivo não muito explicitado pelos autores, mas bastante presente, que é o de dotar Criciúma de um desenvolvimento cultural corresponde ao seu

---

<sup>252</sup> PIMENTEL, José e BELOLLI, Mário. **Mini Biografia de Um Pioneiro: Marcos Rovaris**. Criciúma: Edição dos autores, 1971, 8 páginas.

<sup>253</sup> Mário Belolli nasceu em Criciúma em 9 de julho de 1939 e atuou profissionalmente como comerciário, formando-se posteriormente em Direito e História. ZACHARIAS, Manif. **Criciúma – Vultos do Passado e Personalidades Contemporâneas**. Criciúma; edição do autor, 2000, p. 450.

<sup>254</sup> PIMENTEL, José e BELOLLI, Mário. **Mini Biografia de Um Pioneiro: Marcos Rovaris**. Criciúma: Edição dos autores, 1971, p. 1.

desenvolvimento econômico. Há um contraste entre o crescimento econômico de Criciúma e sua condição cultural, que precisaria ser melhorada, já que enfraquecia a cidade diante de outras no sul de Santa Catarina. A falta de conhecimento da história da cidade “produz péssima repercussão, colocando Criciúma junto as suas co-irmãs sulinas em situação melancólica” (p. 1). Assim, a escrita da história da cidade tem um sentido de desenvolvimento cultural, “(...) a fim de que possa ela [*Criciúma*] projetar-se, também, no cenário barriga-verde e nacional, como a capital cultural do sul catarinense” (p. 2). Criciúma estava se tornando, em princípios dos anos 1970, na mais importante cidade do Sul de Santa Catarina, superando Tubarão que, desde as décadas de 1930 e 1940, havia se tornado a cidade principal. Entretanto, cidade nova, de crescimento recente, com população maciçamente operária, Criciúma era caracterizada como uma cidade que não possuía cultura, o que precisava ser superado, aos olhos de sua elite intelectual<sup>255</sup>.

A partir de vários indícios, se percebe que a principal fonte do texto foi a oral. O termo “Reminiscências Criciumenses”, presente como título na primeira página, remete, pela palavra reminiscência, “ao que se conserva na memória” e que pode ser conhecido, portanto, pela oralidade. Logo abaixo, na mesma página, como atribuição de autoria, aparece explicitamente a expressão “subsídios orais colhidos por José Pimentel e Mário Belolli”. Também quando narra a ocupação dos municípios de Turvo e Jacinto Machado, refere-se a Ângelo Antonio Nichele, “que sempre

---

<sup>255</sup> Houve uma acirrada disputa entre Tubarão e Criciúma entre os anos 1950 – 1970 pela liderança do Sul de Santa Catarina. “Os tubaronenses nos chamavam de colonos”. Depoimento de Carlos Ernesto Lacombe Filho. Apud: SORATTO, Delotide Cristina Flores. **Poderes Locais e a Implantação da Diocese de Tubarão (1940 – 1960)**. 2002. UFSC. Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis, p. 62.

residiu na cidade de Urussanga e com seus 85 anos continua lúcido, recordando com segurança, os primórdios da colonização do atual município de Jacinto Machado” (p. 8).

Toda a obra é organizada a partir das funções referenciais de Marcos Rovaris, aquelas atividades a partir das quais pode-se falar em um personagem que vale a pena ser biografado. Essas funções referenciais são os subtítulos da obra e descrevem a personalidade e as realizações de Marcos Rovaris:

- Apoiador da educação (p. 3): cedeu uma casa de sua propriedade, por 14 anos, à Ordem São José, para residência das freiras, que lecionavam em vários lugares. “Nesse setor fundamental foi, também, um pioneiro”;
- “Criador de progresso”: “propugnou pela criação da pecuária e desenvolvimento da agricultura, atirando-se, arrojadamente, mais tarde, para as atividades comerciais e industrias” (p. 3 e 5). Cita, como empreendimentos, fábrica de banha, loja, serraria, aquisição de um caminhão Fiat, “o primeiro veículo motorizado a trafegar solo cricumense” (p. 5), um dos fundadores do Hospital São José;
- “Construtor de estradas”: Cita, como exemplos, a “estrada Criciúma – Pontão (hoje Jaguaruna)” e a “estrada Criciúma – Mãe Luzia” (p. 5);
- “O primeiro administrador de Criciúma”: cita a campanha pela emancipação política do distrito, que Rovaris participou, e a aprovação da lei de criação do município. Marcos Rovaris foi escolhido o superintendente municipal e destituído pela revolução de 1930: “(...) Marcos Rovaris agüentou perseguições, mas amargurado, conformou-se por não sofrer suas honra qualquer reparo por parte dos triunfadores, porque sua administração proba, não deu margens à devassas, o que não aconteceu com a maioria dos administradores de então” (p. 7).



- “O colonizador”: “foi quem começou a colonização do município de Turvo” (p. 7).

Marcos Rovaris é apresentado na obra como o exemplo máximo de imigrante italiano: empreendedor, líder político sobre quem não pairava nenhum deslize, primeiro superintendente municipal da cidade recém emancipada. Tudo isso lhe credenciou para ser apresentado como exemplo do tipo de pessoa que veio da Europa para o Brasil e modelo para as gerações contemporâneas, que desconheciam a história de sua cidade, e para a mocidade criciumense, “maior capital que possuímos”. De fato, ainda que seja o ator histórico principal na obra, Marcos Rovaris atua a partir de um cenário montado por outros atores, que os autores nomeiam, basicamente os pioneiros italianos, “extraordinários e indomáveis” (p. 1), e os imigrantes italianos, alemães e poloneses, que “ensejaram o surto surpreendente de progresso da ‘capital do carvão’” (p. 8). Desta forma, através de suas qualidades, por “sua infatigável capacidade de trabalho, amor à terra adotiva...” (p. 1), Marcos Rovaris, “um italiano de ampla visão” (p. 1), é apresentado como exemplo típico de imigrante, fortalecendo um certo imaginário da imigração que, na década de 1970, havia ganhado um espaço considerável.

Em 1980, a Prefeitura Municipal publicou uma segunda edição da obra, já no contexto das comemorações do Centenário de fundação da cidade<sup>256</sup>. Os subtítulos e a redação da primeira edição são a base para esta segunda edição. A diferença é que, além de uma edição mais bem cuidada, acrescentou-se inúmeras fotografias e reproduções de documentos. Este acréscimo na obra, em tão grande número, pode ser uma tentativa de retirar o seu caráter de oralidade e dar-lhe uma apresentação mais ‘científica’. De fato as

---

<sup>256</sup> PIMENTEL, José e BELOLLI, Mário. **Mini Biografia de Um Pioneiro – Marcos Rovaris**. 2ª edição modificada e ampliada. Criciúma: Prefeitura Municipal, 1980, 129 páginas.

referências à oralidade, presentes na primeira edição, foram todas retiradas para a segunda edição.

Além disso, acrescentou-se especificamente as seguintes seções: - Um pequeno capítulo intitulado “Episódios da Colonização de Criciúma” (p. 15 – 17) que transcreve partes do livro *Coloni e Missionari Italiani Nelle Foreste Del Brasile*, do padre Luigi Marzano<sup>257</sup>; – Uma seção intitulada “Marcos Rovaris In Memoriam” (p. 100 – 118) que trata principalmente da inauguração do busto de Marcos Rovaris na praça Nereu Ramos, em 4 de novembro de 1975. – Uma seção chamada “Os 100 Anos de Criciúma e a Participação de Seus Capitães de Indústria” (p. 121 – 126), onde são homenageados Maximiliano Gaidzinski, fundador do Grupo Eliane, e Diomício Freitas, fundador do Grupo Freitas, que “simbolizam o grupo desenvolvimentista de nossa terra vindo ambos de origem humilde e que, acreditando no trabalho e tenacidade, são exemplos que devem e merecem ser imitados pela juventude que encontrará neles roteiro seguro para triunfar nas lides da existência” (p. 121).

b) *Tímido Ensaio Biográfico: Giacomò Sônego*<sup>258</sup>

A obra busca fundamentar, através da vida exemplar de Giacomò Sônego, a contribuição dos imigrantes europeus para o crescimento da cidade de Criciúma.

Município pujante, cidade que cresce vertiginosamente, não é possível retardar mais essa iniciativa, deixando às gerações que

<sup>257</sup> Firenze: Tip. Barbèra, 1904, 335 páginas.

<sup>258</sup> PIMENTEL, José e BELOLLI, Mário. *Tímido Ensaio Biográfico: Giacomò Sonego. Criciúma: Gráfica Líder, 1972, 23 páginas.*

estão surgindo, o testemunho imperecível do que realizaram os valorosos imigrantes italianos, alemães e poloneses, que não mediram sacrifícios para que Criciúma fosse, o que hoje ostenta entre seus co-irmãos barriga-verdes (p. 3 – Apresentação).

A narrativa articula crescimento da cidade – imigrantes - carvão, e tem seu núcleo central no relato da descoberta do carvão mineral por um imigrante italiano e na utilização de suas terras como impulso para o desenvolvimento da cidade, pois “das férteis terras de Giácomo Sônego transbordou o veio rico do carvão, muito conhecido por ‘ouro negro’, dado em função de sua extraordinária importância” (p. 16).

Se a primeira obra dos autores foi organizada a partir das funções do biografado, na presente obra são os fatos que organizam a narrativa, mais que as qualidades de Giácomo Sônego, ainda que essas também sejam importantes para reforçar a temática central, que é vincular progresso e imigração através do carvão mineral. A narrativa está organizada em quatro acontecimentos principais, que se desdobram em fatos de menor alcance, da seguinte forma:

- A Travessia da Itália para o Brasil (“A Grande Viagem” – p. 5 – 8).

- Partida (11 de novembro de 1879).

Sacrifícios antes do embarque: Morte do pai e casamento da irmã, o que não impediu a vinda da família Sônego (p. 5).

Despedida: “... lágrimas e sorrisos brotavam involuntariamente, o último adeus confundia-se com o grito do capitão, ordenando a largada do navio”. (p. 5).

Futuro incerto: “No horizonte, as linhas da embarcação se perdia; restava somente as ondas crespas, bordadas de brancas espumas, que como ístimo (sic) final ligava filhos e pátria” (p. 5).

- Travessia do Atlântico.

Perigo: “Seis longos e tenebrosos dias viriam aterrorizar crianças, mulheres e mesmo homens, que sentindo baldados os seus sacrifícios, as suas saudades, balouçavam sem rumo, ao sabor das ondas e na escuridão da tempestade furiosa. (...). Nos camarotes improvisados, apenas o monólogo com Deus” (p. 6).

- Chegada (ao Rio de Janeiro em 17 de dezembro de 1879; em Urussanga em 24 de dezembro de 1879; no futuro núcleo colonial de Criciúma em 6 de janeiro de 1880).

“Simultaneamente com o nascer do dia, grita o vigilante: Terra à vista! Terra à vista! A alegria transborda dos corações, lágrimas até então reprimidas, rolam pelas faces mortificadas, as crianças pulam, extravasando aleluias; as mulheres agradecem a Deus” (p. 7).

• Sacrifícios na Nova Terra (“**A Morte de Seu Irmão**”, p. 11).

- Trabalho em condições precárias

“As taboas que estavam sendo serradas serviriam para o reparo e construção de seus *casebres*”.

- Ataque indígena

“Uma flecha arremessada por indígena que, silenciosamente se achava postado atrás de uma árvore...”. “A traiçoeira flecha certa e mortífera penetrara o corpo de Domingos...”.

- Ferimento e Morte de Domingos Sônego

“O corpo já sem forças caiu irremediavelmente nos braços de Giácomo (...), o bravo Domingos ao chegar ao regaço de sua pobre progenitora veio a falecer dias depois”.

- Descoberta do Carvão Mineral em Criciúma (“Descobridor do Carvão Mineral de Criciúma”, p. 16 e 17).

- Proteção de suas mulas diante da ameaça de expropriação por “revolucionários” (“‘Maragatos’ e ‘Pica-Paus’ são os revolucionários a que estamos nos referindo”, p. 17).

“Apavorado ante a perspectiva de perder seus animais, Sônego não titubeou: abriu uma picada disfarçada na mata e no seu interior fez um cercado para guarda-los” (p. 16).

- Descoberta acidental do carvão mineral.

“Jogou sobre a galharia restantes das pedras e terra antes amontoadas, tocando fogo na coivara, para limpeza do local. Alguns dias depois, surpreendeu-se, pois o fogo que julgara extinto continuava ardendo debaixo das cinzas, exalando um cheiro diferente do da madeira queimada e desprendendo uma fumaça negra e esquisita” (p. 17).

- Confirmação da importância da descoberta

Benjamin Bristot fez experiência em sua forja “constatando tratar-se realmente de carvão mineral” (p. 17). “Pedro Genovez, profundo conhecedor do minério na Europa, fez com que a população do distrito de Criciúma, tomasse maior interesse pelo produto que Sônego acabara de descobrir em suas terras” (p. 17).

- Início da exploração do carvão, propiciando o desenvolvimento da cidade (“Giácomo Sônego Assina Contrato”, p. 13 e 14; e “Contrato Pioneiro”, p. 19 e 20).

- Autoridades brasileiras se interessam pelo carvão descoberto.

“... justamente pela difícil aquisição do produto nos mercados exportadores da Europa e da América, causada pela deflagração da primeira grande guerra (1914 – 1918)” (p. 13).

- Assinatura de contrato para exploração do carvão na área de sua descoberta.

“Na data de 19 de agosto de 1916 (...) assinaram o contrato que dava pleno e irrevogável direito aos contratantes de explorarem o mineral existente nas terras de Sônego e adjacências...” (p. 13).

- Início efetivo da exploração do carvão mineral.

“Em fins da primeira guerra (1917), o engenheiro Paulo de Frontin visitou Criciúma. Da visita daquele eminente brasileiro, resultou a fundação da Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá (CBCA)” (p. 13).

A narrativa inicia com a partida da Itália e termina com a descoberta e exploração do carvão mineral nas terras de Sônego e seus vizinhos, demonstrando na prática a contribuição dos imigrantes para o desenvolvimento da cidade.

A capa do livro é extremamente reveladora das intenções que presidiram a feitura e publicação da biografia. É uma fotografia panorâmica do centro de Criciúma no início da década de 1970, com a seguinte frase abaixo: “Criciúma, a ‘Capital Brasileira do Carvão’, fundada por imigrantes italianos, em 6-1-1880, entre os quais Giácomo Sônego”. A fotografia apresenta Criciúma como uma cidade grande e moderna, que teve seu crescimento baseado no carvão mineral, demonstrado através da utilização do lema oficial da cidade. Entretanto, Criciúma foi fundada por imigrantes italianos, e é a importância desse grupo que o livro quer ressaltar. Giácomo Sônego, como personagem exemplar, é aquele que une imigração e carvão, através da descoberta do mineral em suas terras. Por intermédio da narrativa, se mostra que foram os imigrantes, representados por Sônego, que afinal propiciaram as condições para que Criciúma se desenvolvesse. Há uma linha de raciocínio que articula Criciúma a crescimento, passando pelo vínculo entre carvão – imigrantes italianos – Giácomo Sônego. Como imigrante modelo, Sônego sintetiza a cidade como fruto das atividades dos imigrantes através do carvão. O relato da descoberta do carvão mineral por Giácomo Sônego tornou-se um dos relatos fundadores da cidade.

A biografia de Sônego é apresentada de modo a reforçar o objetivo da obra, que é explicar o crescimento da cidade a partir da contribuição dos grupos de imigrantes, especialmente o italiano. Sônego é apresentado como pioneiro e fundador da colônia de Criciúma, “... unindo-se a dezenas de famílias que faziam parte das pioneiras levadas imigratórias do sul catarinense, cuja leva fundou a colônia de Criciúma, a 6 de janeiro de

1880” (p. 9) e descobridor do carvão: “Nas suas longas caminhadas, usava uma de cada vez [suas mulas], até que um dia, ao esconder um dos animais, acabou descobrindo ‘carvão’” (p. 9). A partir daí tornou-se uma autoridade importante, já que com o carvão o lugar passou a ter importância, despertando o interesse de autoridades nacionais e estaduais, “que passaram a freqüentar sua modesta residência” (p. 9). Desta forma, Sônego – e com ele os imigrantes – é o propiciador do desenvolvimento da cidade, por intermédio da descoberta do carvão (p. 9 e 16, 17) e da assinatura de contrato para exploração do carvão mineral em suas terras e adjacências (p. 13 e transcrição do contrato na página 19 e 20).

A partir desta data [*da visita do engenheiro Paulo de Frontin as terras de Sônego e da fundação da CBCA, primeira companhia carbonífera da cidade*], famílias inteiras deixavam as localidades vizinhas e transferiram-se para o distrito de Criciúma, município de Araranguá. Igualmente acontecia com vários colonos de Criciúma, que deixavam sua agricultura e mudavam-se para os trabalhos da mineração.<sup>259</sup>

Como um dos relatos de origem da cidade de Criciúma, o relato da descoberta do carvão por Giacomo Sonego – base de sua biografia, é exemplar para entender o papel que a historiografia exerce no estabelecimento de memórias, no caso para a memória de Criciúma. No dizer de Catroga,

A historiografia também funciona como fonte produtora (e legitimadora) de memórias e tradições, chegando mesmo a fornecer

---

<sup>259</sup>PIMENTEL, José e BELOLLI, Mário. **Tímido Ensaio Biográfico: Giacomo Sonego**. Criciúma: Gráfica Líder, 1972, p. 14.



credibilidade cientificista e novos mitos e (re)fundação de grupos e da própria nação (reinvenção e sacralização das origens e de momentos de grandeza simbolizados em ‘heróis’ individuais e coletivos).<sup>260</sup>

c) *Criciúma – Amor e Trabalho*<sup>261</sup>

O livro possui duas partes. A primeira intitulada *Criciúma – Amor: Apontamentos Para Uma História de Criciúma*, de autoria de José Pimentel e Mário Belolli, e a segunda *Criciúma – Trabalho*, escrita por Hélio dos Santos Corrêa e Agostinho da Silva e tratando mais de aspectos da estrutura urbana e econômica do município. Vamos explorar a primeira parte, que é um relato da história da cidade.

Esta é a primeira obra que busca apresentar de forma sistemática a história de Criciúma, anunciada como uma necessidade desde a apresentação da biografia de Giácomo Sônego. Entretanto, diante das dificuldades de tal empreitada, os autores buscam minimizar o texto que apresentam ao público, colocando a palavra “apontamentos” no título para frisar o caráter incompleto do texto<sup>262</sup>, cujas lacunas devem ser preenchidas posteriormente “para as celebrações do centenário”. Lamentam também a ausência de documentos escritos, sobre os quais basearia sua história, e apontam as perseguições aos imigrantes e descendentes, com destruição de registros, por ocasião da Segunda Guerra como causa desta ausência; Também deploram a necessidade que tiveram de utilizar a fonte oral, “processo que

<sup>260</sup> CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 50.

<sup>261</sup> PIMENTEL, José e BELOLLI, Mário. *Criciúma – Amor e Trabalho*. Itajaí: Edições Uirapuru, 1974.

<sup>262</sup> “Não alimentamos a pretensão de dar à publicidade uma História de Criciúma. São apontamentos para uma história de nossa terra”. (p. 9, “Explicação Indispensável”, assinada por José Pimentel).

normalmente deixa muito a desejar”, para substituir a ausência de documentos escritos. Talvez por isso exista no texto a reprodução de vários documentos escritos, como leis (de criação do distrito de paz, de criação do município, etc), cartas, atas, jornais, discursos, etc. A presença de documentos escritos atestaria a autenticidade das informações históricas narradas na obra. Também as fotografias são ilustrativas, como as da biografia de Sônego. E são ainda mais, ilustram os acontecimentos, como prova de que eles efetivamente aconteceram, e da maneira como os textos da obra os narram. As imagens estão no mesmo nível do documento escrito, isto é, são apresentadas como provas que garantem a confiabilidade dos fatos narrados na obra. Porém, diferentemente dos documentos escritos reproduzidos na obra, parecem não ser utilizadas como fonte de informações para compor a narrativa.

Os principais atores históricos que o texto apresenta são os grupos étnicos, alguns indivíduos importantes e algumas instituições, sendo os primeiros os mais relevantes. Os autores seguem o esquema que Pimentel defendia desde 1955<sup>263</sup>, de considerar como imigrantes e grupos étnicos os imigrantes e descendentes de italianos, alemães e poloneses. São esses grupos os atores privilegiados na obra e é a partir deles que a história da cidade se organiza. Aliás, os grupos são apresentados como ocupantes de áreas definidas da cidade, de tal forma que mesmo espacialmente a cidade se articula a partir da ocupação do espaço tornado urbano pelos grupos imigrantes.

Dos três grupos, o mais importantes são os imigrantes italianos, apresentados como “pioneiros habitantes de Criciúma” e responsáveis

---

<sup>263</sup> “Monumento ao Imigrante” (José Pimentel). *Tribuna Criciumense*, 01/08/1955, p. 1 e 4. Neste texto, os imigrantes estão identificados como sendo “vários contingentes de imigrantes, italianos em sua grande maioria, de poloneses e de alemães”.

pelo “... desbravamento e colonização da atual área urbana e periférica” (p. 14). São reconhecidos como os “... primeiros colonizadores de Criciúma...” (p. 15). Sua história é apresentada do modo como temos visto até aqui, como uma atividades civilizatória cheia de coragem e perigos, notadamente pela presença de animais selvagens e indígenas, “... arrostando imensos perigos, não só pela falta total de estradas, como, ainda, expondo-se aos ataques de animais ferozes e dos silvícolas, que acompanhavam, assiduamente, as pegadas desses homens destemidos” (p. 15). Reproduz o relato da morte de Domingos Sônego, publicado originalmente na biografia de Giácomo Sônego, e afirma que o indígena “matreira e silenciosamente se achava postado atrás de uma árvore” e traiçoeiramente atingiu o imigrante (p. 16). Os imigrantes alemães são apresentados como fundadores de Forquilha, atualmente município, porém por muitos anos pertencente à Criciúma, apesar de existirem na área famílias de origem luso-brasileira, remanescentes de imigrações anteriores e migrações da área litorânea e de outros estados. Quando caracteriza esse grupo, que no contexto da obra poderíamos chamar de “brasileiros”, os autores afirmam que “no passado, Forquilha foi uma localidade pobre, de muitos e pequenos casebres, de população lusa que não era dona das terras, pertencentes a grandes sesmeiros” (p. 14). Diante disso, a presença dos imigrantes alemães é

louvada na narrativa pelas transformações positivas que provocou no lugar.

O aspecto econômico, social e religioso se alterou por completo, quando em 1911, para ali se movimentou, rapidamente, uma corrente imigratória alemã. (...). A colônia desenvolveu-se logo, quer pela fertilidade das terras, quer pelo espírito de trabalho e coragem daqueles bravos colonizadores. É notória a união agrícola e industrial daquelas famílias, bem como a instituição imediata da escola.<sup>264</sup>

Neste contexto de afirmação de uma vida econômica e cultural superior, Paulo Evaristo Arns, na época Arcebispo de São Paulo, representa o maior exemplo dos “inúmeros filhos ilustres” de Forquilha, “sendo o de maior proeminência” (p. 14), como que para atestar o sucesso da colonização alemã e européia na cidade.

Os imigrantes poloneses são apresentados como fundadores do “primeiro núcleo de colonização, na zona leste – nordeste do município, compreendido pelas localidades de Linha Batista, Linha Anta e Linha Cabral” (p. 14). É o menor relato dentre os três grupos. Destacam-se apenas fatos históricos como data de chegada e movimentações de partida. Além disso, é destacada a construção da igreja católica e a vinda de sacerdote polonês (p. 14).

O livro é organizado a partir das seguintes temáticas: Colonização, o tema mais importante, História Política e Administrativa, Carvão, História Econômica e Instituições, sendo os três últimos temas tratados como uma espécie de “história dos primeiros”. Em cada uma das temáticas, com exceção da primeira, são relacionadas personalidades proeminentes que contribuíram para o desenvolvimento da cidade, num desfilar incessante

---

<sup>264</sup> PIMENTEL, José e BELOLLI, Mário. **Criciúma – Amor e Trabalho**. Itajaí: Edições Uirapuru, 1974, p. 14.

de personagens destacados pelos autores. Os temas, assim, são desdobrados em acontecimentos e personagens, compondo uma narrativa que busca apresentar uma história coerente para a cidade, como demonstrado no quadro abaixo.

<b>Tema</b>	<b>Desdobramento em Fatos</b>	<b>Personagens</b>
<b>Colonização</b> (p. 12 – 17).	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Viagem transoceânica.</li> <li>-Chegada ao local a ser colonizado (o relato referente aos italianos é mais detalhado).</li> <li>-Organização das atividades econômicas e das instituições mais importantes (igreja, escola).</li> <li>-Conflito com os indígenas e com o ambiente.</li> <li>-Afirmação do sucesso da colonização.</li> </ul>	
<b>História Política e Administrativa</b> (p. 17, 19-22, 32-34, 41).	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Criação do Distrito de Paz (1892): p. 17.</li> <li>-Criação e instalação do Município (1925/1926): p. 19 e 20.</li> <li>-Instalação da Comarca (1944): p. 21.</li> <li>-Acontecimentos referentes à revolução de 1930 no município e região (1930): p. 32-34.</li> <li>-Galeria dos Prefeitos: p. 41.</li> </ul>	<p>Frederico Minatto</p> <p>Marcos Rovaris</p> <p>Marcos Rovaris, João Bortoluzzi, Pedro Benedet, Gabriel Arns, Fabio Silva, Olivério Nuernberg, Henrique Dal Sasso</p> <p>Cincinato Napolini Elias Angeloni Celestino Sachet Ernesto Lacombe</p> <p>Addo Caldas Faraco</p>
<b>Carvão</b> (p. 18, 35-37).	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Descoberta e primeiras atividades: p. 18.</li> <li>-Fundação da Carbonífera Próspera: p. 35.</li> <li>-Acontecimentos relacionados com a crise do carvão no pós-segunda guerra: p. 36 e 37.</li> </ul>	<p>Giácomo Sônego</p> <p>Paulo Marcus, Jorge da Cunha Carneiro, Júlio Gaidzinski</p> <p>Heriberto Hülse</p>

<p><b>História Econômica</b> (p. 15, 24, 26, 28, 31).</p>	<p>-A primeira mó, que compôs um moinho a beira do rio Criciúma, considerada a “primeira indústria cricumense”: p. 15.          -Estabelecimentos comerciais: p. 24.          -Primeiros veículos automotores: p. 26.          -Estrada de Ferro: p. 26.          -Indústria cerâmica: p. 28.          -Atuação de Henrique Lage: p. 31.</p>	<p>Pedro Benedet, Frederico Minatto, Antonio de Lucca, João Targhetha, Francisco Meller.          Jorge Cechinel          Maximiliano Gaidzinski          Diomício Freitas          Henrique Lage (tb carvão).</p>
<p><b>Instituições</b> (p. 21, 23, 25, 29, 30, 38-40).</p>	<p>-Grupo Escolar Professor Lapagesse: p. 21.          -Igreja (construção da matriz São José: p. 23, realização do Congresso Eucarístico: p. 38-40).          -Hospital São José: p. 25.          -Sociedade Musical Cruzeiro do Sul: p. 29.          -Bairro da Juventude: p. 30.          -Escola Técnica General Osvaldo Pinto da Veiga, da SATC: p. 30.</p>	<p>Ludovico Cocolo          João Canônico          Francisco José Bertero          Antonio Guglielmi          Paulo Evaristo Arns          Pedro Baldoncini</p>

Em 1977, a Prefeitura Municipal de Criciúma relançou a obra com o mesmo título, porém com algumas alterações<sup>265</sup>. A obra se divide em duas partes, a primeira intitulada *Aspectos Históricos* e a segunda *Aspectos Administrativos*, com informações sobre a atuação do governo municipal no mandato de Algemiro Manique Barreto (1973 – 1976), promotor da obra. A primeira parte da obra é uma reprodução daquela de 1974, com uma redação ligeiramente diferente e a ausência de algumas matérias. A seleção destas matérias da obra de 1974 para constar na obra de 1977, permite-nos identificar, dentre aquele material, quais os conteúdos que os autores julgavam mais apropriado para constar na história de Criciúma: 1) O relato da ocupação do município pelos grupos de imigrantes; 2) Os acontecimentos vinculados com a situação administrativa (criação do Distrito de Paz, do Município e da Comarca); 3) Relato de instituições ou atividades pioneiras (Hospital,

<sup>265</sup> CRICIÚMA. **Criciúma – Amor e Trabalho**. Criciúma: Prefeitura Municipal, 1977.

Matriz, descoberta do carvão, primeira carbonífera, chegada da estrada de ferro, etc)<sup>266</sup>. Na verdade, a lógica de organização do material histórico foi mantida: 1) Imigração; 2) História Administrativa; 3) História “dos inícios”.

### **A Obra do Centenário de Colonização**

A obra *Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”*<sup>267</sup> foi organizada como mais uma atividade de comemoração do Centenário de Criciúma, que ocorreu em 1980. Segundo escreveu em seu prefácio o prefeito Altair Guidi, pelo esforço de Otilia Arns “tornou-se possível edificar mais este marco comemorativo ao Centenário de Criciúma” (p. 7). Na condição de marco comemorativo, o livro reproduz representações presentes na comemoração do Centenário de Criciúma.

O livro é uma obra oficial, entendido como uma ação de governo, no caso o Municipal, promotor das comemorações do Centenário, das quais o livro faz parte, e Estadual, na condição de promotor oficial da publicação. Ela conta, já em sua abertura, com a publicação de mensagens do então presidente João Figueiredo, do papa João Paulo II, do então governador de Santa Catarina Jorge Konder Bornhausen, do bispo Dom Anselmo Pietrulla e de Dom Paulo Evaristo Arns, então arcebispo metropolitano de São Paulo, e que comparece nesta parte do livro como personagem eminente nascida em Criciúma, no caso

---

<sup>266</sup> Ficaram de fora as seguintes matérias: 1) Carta de Estima (p. 15); 2) A Primeira Mó (p. 15); 3) Ricordo D’Itália (p. 16); 4) A Reação dos Silvícolas (p. 16); 5) Provável Origem do Topônimo “Maina” (p. 17); 6) Biografias de personalidades políticas (p. 19, 20); 7) Criciumenses Ilustres (p. 27); 8) Criciúma e a Contribuição de seus Capitães de Indústria (28); 9) Instituições – Sociedade Musical Cruzeiro do Sul, Bairro da Juventude e SATC (p. 29, 30); 10) A Atuação de Henrique Lage (p. 31); 11) A Atuação de Ernesto Lacombe e seus Comandados (p. 32, 33, 34); 12) Congresso Eucarístico (p. 38, 39, 40). Os números das páginas se referem à obra de 1974.

<sup>267</sup> ARNS, Otilia (Coordenação Geral). **Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985, 266 páginas.

no então distrito de Forquilha. Estão presentes todas as autoridades possíveis, federais, estaduais e municipais, civis e eclesiásticas.

A deprender-se do prefácio assinado pelo prefeito e da introdução, certamente redigida por Otília Arns, dois são os objetivos principais do livro, que se relacionam. O primeiro está em valorizar o momento de fundação da cidade e os grupos que a fundaram, considerado como a base a partir da qual a cidade foi construída. No dizer do prefeito, “os exemplos do passado são como pedras moldadas pelo tempo para formar a base da civilização do presente e, em muitíssimos casos, esta base é mais importante do que tudo que posteriormente se construiu por cima”<sup>268</sup>. O segundo objetivo tem um caráter quase cívico, nos moldes de José Pimentel, quando anuncia a intenção de contribuir para que os grupos étnicos compreendam a importância que tiveram para a construção da cidade.

Existem poucas referências a obras anteriores sobre as comunidades criciumenses. Reconhecendo-lhes o mérito, este livro quis, pela sua própria metodologia, adotada, abordar a história pioneira sob um prisma que possibilitasse o principal objetivo do presente trabalho que foi: a conscientização histórica das cinco etnias que se empenharam no desenvolvimento material e espiritual neste primeiro centenário do município de Criciúma.<sup>269</sup>

O livro se propõe a fixar uma memória oficial sobre a origem e o desenvolvimento de Criciúma, isto é, aquela memória que tem os grupos étnicos como os únicos atores efetivos na história da cidade. Se por um lado, o livro apresenta uma novidade importante, que é mostrar a cidade democraticamente construída por cinco etnias, entre elas os negros, por outro lado, na medida em que apenas as etnias são as construtoras da cidade, a obra

---

<sup>268</sup> Ibid., p. 7.

<sup>269</sup> Ibid., p. 9 (Introdução).



etniciza Criciúma e retira da sua história outras dimensões temáticas possíveis, silenciando vozes e fechando possíveis olhares, numa cidade cuja história-memória torna-se unívoca.

O livro é resultado de uma pesquisa realizada por uma equipe que envolveu diversas pessoas da comunidade, coordenadas por Otília Arns. A obra está dividida em cinco capítulos: O primeiro e mais importante intitulado “As Etnias” relata o estabelecimento das etnias formadoras do município e suas características distintivas; o segundo trata da estrutura étnica e sócio-econômica do município no ano do Centenário (1980) e se baseou em uma pesquisa quantitativa; o terceiro é uma miscelânea de informações históricas sobre diversas atividades e instituições; o quarto traça a história política e eclesiástica do município a partir das pessoas que ocuparam as funções no governo municipal e na igreja católica; o último capítulo relata as atividades festivas ocorridas por ocasião da comemoração do Centenário de fundação da cidade.

A narrativa se estrutura a partir da trajetória e contribuição das cinco etnias formadoras da cidade. Ainda que a temática das etnias esteja presente em toda a obra, é no capítulo primeiro que ela é mais desenvolvida. Nesse capítulo, a abordagem de cada etnia busca seguir um esquema que envolve os seguintes elementos: chegada e implantação da etnia na localidade e evolução dos elementos ligados a religião, escola, língua e costumes. Cada etnia é localizada também espacialmente na cidade. Assim, a etnia italiana se estabeleceu no centro e estendeu sua colonização para Rio Maina, a etnia polonesa fixou-se nos atuais núcleos de Linha Batista, Linha Cabral e Linha Anta, e a etnia alemã,

dividida em dois grupos, “dirigiu-se (...) à região de Linha Anta e Três Ribeirões” e, mais tarde, um outro grupo fundou a colônia de Forquilha<sup>270</sup>.

Neste particular, é interessante perceber como a presença da etnia lusa perturbou o esquema narrativo, tanto dos fatos históricos quanto da localização espacial, e exigiu uma outra organização do seu conteúdo. Os próprios autores reconhecem que “o atual grupo de origem portuguesa difere dos já mencionados [*italianos, alemães e poloneses*] por duas razões: não se fixaram no município de Criciúma em levas; não fundaram uma comunidade colonizadora”<sup>271</sup>.

Desta maneira, não há nenhuma área da cidade a ser identificada com a colonização lusa e, principalmente, não é possível relatar aspectos relacionados com a história da implantação de escola, construção de igrejas, etc. O relato da especificidade cultural da “etnia lusa” de Criciúma é o daquelas práticas culturais presentes no litoral catarinense e identificadas com a ocupação açoriana e valeria para qualquer comunidade litorânea catarinense, de São Francisco do Sul a Araranguá. A presença de imigrantes portugueses em Criciúma é atestada pela citação de seis pessoas (Jorge da Cunha Carneiro, Daniel Rodrigues Lopes, Antonio Joaquim Rodrigues Souza, Luiz Ramires, Antonio Fernandes Teixeira e dona Micas), o que demonstra a dificuldade de

---

<sup>270</sup> Ibid, p. 27.

<sup>271</sup> Ibid.

estabelecer para a cidade a imigração portuguesa como fato histórico. Na verdade, a presença de um suposto grupo étnico de origem portuguesa parece ter sido criado para dar conta da existência na cidade de um grupo extremamente numeroso, constituído de “brasileiros” migrantes de cidades litorâneas vizinhas e de outros estados, e que não se “enquadravam” em nenhuma das etnias presentes. Quanto à chamada etnia negra, os autores também reconhecem que “o atual grupo de origem negra se assemelha ao luso pelas duas razões mencionadas. Ainda segundo a história oral dirigiram-se a Criciúma em pequenos grupos ou isoladamente, no início deste século (...)”. Na verdade, a nomeação das etnias lusa e negra na obra busca dar conta do fenômeno migratório causado pela exploração do carvão mineral no município e enquadrá-lo dentro do esquema explicativo da história da cidade que tem os grupos étnicos como atores exclusivos. Em uma cidade étnica, porém pretensamente democrática, a nomeação de negros e “brasileiros” como grupos étnicos buscava contemplar a maior parte da população e conformá-la a um esquema que, na prática, relegava a ela um papel secundário, já que o principal era desempenhado pelas etnias de origem europeia (italianos, alemães e poloneses), mas que no contexto do período marcado pelo autoritarismo da ditadura militar, era um ganho considerável. No fim das contas, a identidade urbana centrada na cidade étnica possuía talvez

uma proposta melhor para a população do que aquela pensada a partir da idéia de *Capital Brasileira do Carvão*.

A estratégia da obra de etnicizar Criciúma pode também ser vista no capítulo II, que faz uma análise da estrutura étnica e das características sócio-econômicas e culturais da cidade, baseada em uma pesquisa que “teve por objetivo levantar a estrutura étnica da população do município de Criciúma, juntamente com algumas características sócio-econômicas e culturais de cada grupo étnico”<sup>272</sup>. A pesquisa foi realizada por meio de entrevista, com um questionário padronizado, de uma amostra representativa de informantes de todo o município. Foi considerado informante o pai da família e, no caso de sua ausência, a mãe ou o membro que estivesse em condições de prestar informações. A seleção da amostra foi feita a partir do princípio aleatório e do princípio territorial, garantindo que todas as áreas do município fossem proporcionalmente representadas. O município foi dividido em três áreas: a cidade de Criciúma, o distrito de Forquilha e o distrito de Rio Maina. Cada área foi subdividida e os informantes selecionados aleatoriamente<sup>273</sup>. Para uma população de 112.746 habitantes em 1980, a amostra obtida foi de 1.951 informantes.

Os primeiros dados que a pesquisa abordou foram relacionados como perfil étnico da população e com o grau de miscigenação étnica atingida<sup>274</sup>. Pelos resultados (Gráfico nº 2 – A População do Município de Criciúma e sua filiação étnica, p. 150) a população de Criciúma (incluindo Forquilha e Rio Maina) era formada, por ocasião do Centenário, por 38,29% de descendentes de italianos, 19,84% de lusos, 12,40% de brasileiros, 8,15% de alemães, 3,13% de negros e 1,84% de poloneses, além de outras origens citadas.

---

<sup>272</sup> Ibid., p. 149.

<sup>273</sup> Ibid.

<sup>274</sup> Ibid., p. 150.

Interessante que a pesquisa quantitativa separa “lusos” e “brasileiros”, talvez considerando os últimos como aqueles que não identificaram sua origem familiar com a imigração portuguesa. De qualquer forma, os motivos da separação não são claros. Os autores da pesquisa fazem a seguinte observação em relação à categoria “brasileiros” [*aspas no original*]: “Brasileiros: não tem noção de descendência lusa; talvez reminiscência de índios”<sup>275</sup>. Na categoria “Outros” (5,59%), menciona-se outras etnias como espanhola, árabe, francesa, indígena, etc e os casos de descendência mista. Como conclusão, em vista do baixo número de informantes descendentes de mais de uma etnia, os autores afirmam “que a maior parte dos informantes dos diferentes grupos étnicos se mantém fiel à etnia de seus antepassados, evitando os cruzamentos; de outro lado, em todos os grupos étnicos já se iniciou, embora em proporções reduzidas, o processo de cruzamento interétnico”<sup>276</sup>. O resultado da pesquisa é uma cidade étnica, onde mais de 75% pertence as cinco etnias oficiais (italianos, alemães, poloneses, lusos e negros). Entretanto, utilizando os próprios dados da pesquisa e considerando lusos, brasileiros e negros como populações vinculadas à cidade carbonífera, este conjunto atingiria mais de 35% da população, o que mostra a sua importância mesmo em uma pesquisa que tem claramente o objetivo de mostrar uma cidade étnica.

Essa motivação da pesquisa, que a faz mais um elemento comemorativo do Centenário de colonização do município, pode ser mais bem vislumbrado se a compararmos com uma outra pesquisa realizada duas décadas depois e que visou também entender a estrutura étnica da população cricumense. Esta pesquisa, realizada em 2002/2003, estabeleceu a composição étnica da população cricumense a partir do

---

<sup>275</sup> Ibid.

<sup>276</sup> Ibid, p.151.

sobrenome, levantado por dados referentes ao cadastro de usuários de energia elétrica (CELESC) e dados cadastrais da Prefeitura Municipal referentes ao pagamento de IPTU<sup>277</sup>. O resultado surpreendeu a cidade, tida como habitada por maioria de descendentes de italianos ou, no mínimo, de descendentes das imigrações européias do século XIX. O resultado final mostrou que a população é composta por 70% de luso-brasileiros e 25,19% de descendentes de italianos, vindo após outros grupos étnicos com percentuais bem menores como descendentes de alemães, espanhóis e poloneses<sup>278</sup>. Dentre os cinquenta sobrenomes com maior ocorrência no município, apenas três são de origem italiana, sendo todos os demais luso-brasileiros<sup>279</sup>.

A discrepância de resultados entre as duas pesquisas não pode ser explicada apenas em relação ao período de tempo que passou entre uma e outra. Questões de natureza metodológica entram também no conjunto de causas da mudança de resultados. A divisão, por exemplo, que a pesquisa de Arns faz entre lusos (19,84%) e brasileiros (12,40%), ainda que não exista diferença prática em termos de identidade étnica, contribuiu para que as cinco etnias oficiais fossem maioria. Além disso, na pesquisa de Arns entrou um componente fundamental que passou sem análise na sua apresentação de resultados, que foi a valorização do imaginário da imigração no contexto das comemorações do Centenário de fundação da cidade, o que certamente levou muitas pessoas a se identificarem como sendo de origem italiana, em especial, mesmo quando seus ascendentes fossem, em sua maioria, de origem luso-brasileira. Os autores da pesquisa realizada em 2002/2003 sentiram esta dificuldade ao realizarem um levantamento com questionário, quando entrevistaram 416

---

<sup>277</sup> GOULARTE, Nivaldo Aníbal, CAROLA, Carlos Renato, GOULARTE, Maria de Lourdes Milanez e MARTINS, Miriam da Conceição. **Perfil Étnico no Município de Criciúma**. UNESC, Relatório de Pesquisa, 2004.

<sup>278</sup> Ibid., p. 34.

<sup>279</sup> Ibid., p. 24.

pessoas<sup>280</sup> de diferentes bairros da cidade. O resultado foi que “as respostas dadas pelos entrevistados e a análise feita, adotando o critério dos sobrenomes do dicionário, não coincidiram com a precisão desejada. Indivíduos com sobrenome de uma etnia, de acordo com o critério do dicionário, responderam como sendo de outra etnia”<sup>281</sup>.

Neste caso, 33,9% se consideram italianos e 25% açorianos [lusobrasileiros], um número bastante diferente do obtido na pesquisa por sobrenomes, o que coloca sem dúvida algumas interrogações tanto sobre o número de amostragem como sobre o que leva alguém a se declarar descendente de italiano, açoriano ou outra etnia. Pode ser o status, o meio em que vive? O fato de ser indiferente sobre a qual etnia pertence? O sobrenome declarado quando mulher é o do marido e não o da sua etnia?<sup>282</sup>

Sem dúvida que a valorização dos patronímicos de origem italiana influenciaram a resposta dos entrevistados. Entretanto, em sendo a identidade uma construção cultural muito mais que dados objetivos, a metodologia utilizada por Arns e o segundo levantamento da pesquisa de 2002/2003 não deixam de ser metodologicamente sustentáveis. O que está em jogo aqui não é, afinal, se descendentes de luso-brasileiros ou de italianos são a maioria, mas como os dados são utilizados na sustentação de determinadas posições acadêmicas e na disputa simbólica entre os grupos sociais.

Voltemos a pesquisa de Otília Arns. Um outro dado que é analisado pela pesquisa do Centenário é o referente a línguas estrangeiras aprendidas na infância como uma forma de perceber se os grupos étnicos estariam mantendo seus conteúdos culturais, ou seja, a língua seria um indicador do processo de aculturação:

---

<sup>280</sup> Ibid., p. 58.

<sup>281</sup> Ibid., p. 8.

<sup>282</sup> Ibid., p. 73.

No capítulo referente às etnias já se fez menção ao processo de aculturação que os descendentes dos pioneiros das diversas etnias hoje estão atravessando. Um indicador seguro do estágio deste processo de aculturação é o grau de domínio da língua dos antepassados”.<sup>283</sup>

De acordo com a pesquisa (Gráfico nº 14 – Línguas Estrangeiras Aprendidas na Infância, p. 154), 25,94% dos descendentes de italianos aprenderam uma língua estrangeira na infância, 4,93% de alemães, 1,33% de poloneses, 7,43% de outras e 56,58% não aprenderam nenhuma língua estrangeira. Os autores concluem que isso “revela o grau de imposição atingido pela língua portuguesa sobre as demais línguas dos imigrantes”<sup>284</sup>. Os dados da pesquisa excluem os chamados lusos, brasileiros e negros, por razões óbvias, ainda que signifique o retorno daquelas dificuldades de manutenção do esquema da cidade étnica já anteriormente mencionadas, e conclui com a afirmação de que os descendentes das correntes imigratórias européias mais recentes não mantiveram suas línguas características. Porém, isso é feito em um tom de lamentação, como se a suposta manutenção da língua e, por conseqüência, de outros traços culturais do grupo imigrante, fosse o mais aconselhável. Pode-se perceber este tom quando os autores cruzam as informações sobre aprendizagem de uma língua estrangeira na infância com informações relativas a cruzamentos interétnicos, e afirmam que “os dados revelam que as condições mais propícias para a conservação de uma língua estrangeira de um grupo de imigrantes são encontradas no próprio grupo dos respectivos imigrantes, sem miscigenação étnica. O cruzamento étnico, por parte dos falantes, representa um fator inibidor para a conservação das línguas dos

---

<sup>283</sup> ARNS, Otilia (Coordenação Geral). **Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 154.

<sup>284</sup> *Ibid.*, p. 155.



grupos de imigrantes envolvidos”<sup>285</sup>. Também quando cruzam as informações sobre aprendizagem de uma língua estrangeira com o local de habitação dos informantes, e concluem que “a cidade de Criciúma, em comparação com os distritos de Forquilha e Rio Maina, constitui a zona do município em que as línguas introduzidas pelos imigrantes pioneiros são, hoje, menos cultivadas: apenas 21,10% da população aprendeu, em sua infância, e ainda entende, a língua italiana e 10,66% aprendeu, e ainda entende, outra língua, como a alemã ou a polonesa. Conseqüentemente um alto percentual da população, 65,21% não aprendeu qualquer língua estrangeira em sua infância”<sup>286</sup>. Diante das diferenças entre o município de Criciúma e os distritos no tocante a aprendizagem de uma língua estrangeira na infância, os autores afirmam a existência de três fatores, “o ambiente de cidade na sede do município, o grau de relações com representantes de outras etnias por parte dos diferentes grupos étnicos e a consciência de identidade étnica” (p. 158).

Na cidade de Criciúma, sede do município, domina, de algumas décadas para cá, o estilo de vida típico de cidade. Aí, o domínio da língua nacional é mais necessário para a sobrevivência do que nos pacatos núcleos do interior como Rio Maina e Forquilha. Por outro lado, o cultivo da língua dos pioneiros, na cidade de Criciúma, sempre foi mais difícil devido à presença de representantes de uma variedade de outras etnias, sobretudo a partir do início da era da exploração do carvão.<sup>287</sup>

O que se depreende das observações acima é uma proposta de cidade onde os grupos étnicos possam viver isolados, sem cruzamentos interétnicos, em um meio predominante rural. Isso significaria, para Criciúma, abstrair o processo de crescimento econômico baseado no carvão mineral, que

---

<sup>285</sup> Ibid., p. 156.

<sup>286</sup> Ibid., p. 157.

<sup>287</sup> Ibid., p. 158.

modernizou a cidade e trouxe populações de origem diferente daqueles grupos originários de imigrações européias recentes. Ora, aqui também se percebe uma certa tônica anticarvão na proposta da cidade étnica. Se Criciúma está excluída da condição de cidade ideal proposta nas entrelinhas da pesquisa, resta Rio Maina e Forquilha, mais esta última. De acordo com os autores, “o distrito de Forquilha, por sua vez, constituiu, em termos relativos, o maior centro de cultivo das línguas introduzidas pelos imigrantes”<sup>288</sup>. De fato, a impressão que se tem é que a cidade ideal por trás do cenário, e que orienta a interpretação dos dados da pesquisa, é uma Forquilha idealizada, tal como aparece na obra na parte referente à etnia alemã: rural, sem cruzamento étnico, desprovida de outras etnias. Criciúma, entretanto, já não era assim. Talvez a festa que se programou para a comemoração do Centenário de fundação da cidade pudesse recriar no real uma cidade que a pesquisa anunciou no papel.

---

<sup>288</sup> Ibid.

## CAPÍTULO 5

### A APOTEOSE DA NOVA CIDADE

#### AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DE COLONIZAÇÃO

Na quente noite do dia 6 de janeiro de 1980, “debaixo de um céu carregado de nuvens negras, a cada instante entrecortadas por raios fulminantes seguidos de trovões assustadores”<sup>289</sup>, um grupo de homens postava-se diante de cerca de trinta mil pessoas, no Estádio Heriberto Hülse, para realizar o hasteamento das bandeiras em uma das cerimônias mais populares das comemorações do Centenário de fundação de Criciúma. Entre eles estava Salomão da Rosa, “filho de pioneiro da etnia negra”, defronte a bandeira da Guiné. Ao seu lado, colocava-se o Governador Jorge Konder Bornhausen, o Cardeal-Arcebispo de São Paulo Dom Paulo Evaristo Arns, o Prefeito Municipal Altair Guidi, os cônsules da Itália, Polônia e Portugal, e o Bispo Diocesano Dom Anselmo Pietrulla, que hastearam as bandeiras dos respectivos países (Brasil, Itália, Alemanha, Polônia e Portugal), do Estado de Santa Catarina e de Criciúma, ao som do hino nacional brasileiro e de hinos dos demais países representados.

A presença de Salomão da Rosa entre autoridades tão importantes, portando a bandeira da Guiné, representa o fechamento de um longo processo de etnicização das relações sociais e culturais presentes na cidade de Criciúma, e, por último, promovida pelo

---

<sup>289</sup> ARNS, Otilia (Coordenação Geral). **Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 230 e 231.

governo Altair Guidi a partir de diversas ações de governo que culminaram nas comemorações do Centenário, sem o qual Salomão da Rosa e a bandeira da Guiné não estariam presentes em cerimônia tão importante.

Gostaríamos de, nesse capítulo, narrar as comemorações do Centenário de fundação de Criciúma e refletir sobre a cidade que a festa do Centenário expôs para ser publicamente consumida pelos cidadãos cricumenses e visitantes. De certa forma, a presença de um homem comum entre as autoridades na cerimônia de abertura de um dos eventos mais populares do Centenário indica que a identidade urbana elaborada pelo Governo Guidi e exposta na festa promoveu a valorização de grupos subalternos da cidade. Porém, como veremos, houve um preço que precisou ser pago.

### **Preparação do Centenário**

O prefeito Altair Guidi, em discurso por ocasião da visita do cônsul italiano a Criciúma, em 20 de maio de 1978, ressaltava a criação de “um Conselho de Cultura para, entre outras atribuições, coordenar o programa de comemorações alusivas à data para que o esforço e a memória dos primeiros imigrantes, sejam condignamente celebrados”<sup>290</sup>. O Conselho, como vemos, tinha por principal objetivo organizar as comemorações do Centenário de fundação de Criciúma, entendidas como um momento de homenagear os fundadores, na medida em que “esta comunidade, é o fruto do trabalho, do sacrifício, da

---

<sup>290</sup> CRICIÚMA. *Discurso de Altair Guidi por ocasião da visita do cônsul italiano a Criciúma, em 20 de maio de 1978*. Este documento, além de outros, estava em posse do arquiteto Manoel Coelho e foi repassado a Emerson César de Campos com o compromisso de ser, posteriormente, encaminhado ao Centro de Documentação da UNESCO (CEDOC). Os documentos me foram cedidos por Emerson, a quem agradeço, com o mesmo compromisso, que será cumprido ao término dessa pesquisa. As fontes que forem citadas adiante e não tiverem indicação de origem, fazem parte deste mesmo conjunto documental.

perseverança e da coragem de um grupo de famílias italianas que aqui vieram, há quase cem anos atrás, semear nesta terra as suas esperanças”.

No decorrer de toda a década de 1970, a comemoração do aniversário de fundação da cidade remetia para o Centenário, seja no sentido de justificar o pouco entusiasmo e a pobreza das atividades de comemoração da data de aniversário, seja para garantir, diante da população, que a comemoração do Centenário seria diferente. Assim, em 1973 a falta de celebração do aniversário de fundação da cidade foi justificada “por estarmos as portas do primeiro centenário, quando os festejos deverão ser grandes e bem organizados”<sup>291</sup>. No ano seguinte, o governo Manique Barreto afiançava que “muito em breve iniciará a adoção de providências objetivando promover estudos em torno das comemorações alusivas ao centenário da capital do carvão, que transcorrerá no dia seis de janeiro de mil novecentos e oitenta”<sup>292</sup>, o que de fato não ocorreu.

De qualquer maneira, diante da pobreza das comemorações de aniversário da fundação da cidade na década de 1970, a imprensa cobrava do Poder Público Municipal providências no sentido de que a festa do Centenário fosse preparada. Diante da falta de qualquer comemoração especial em 1975, a *Tribuna Criciumense* apontava para as comemorações do próximo ano que “terão ainda, o objetivo de motivar toda a comunidade e as autoridades constituídas, no sentido de que se iniciem o mais rapidamente possível, os preparativos destinados aos festejos do primeiro centenário que acontecerá no dia seis de janeiro de 1980”<sup>293</sup>. No ano seguinte, os prognósticos do jornal não se confirmaram, e o aniversário foi comemorado apenas com um desfile da Escola de Samba Rosa de Maio. Diante disso, o jornal mais uma vez vociferou que “o acontecimento lembra-nos que

---

<sup>291</sup> “Criciúma – 93 Anos”. *Tribuna Criciumense*, 06/10/1973, p. 1.

<sup>292</sup> “Machadinha Abriu o Caminho do Progresso”. *Tribuna Criciumense*, 12/01/1974, p. 5.

<sup>293</sup> “Está Próximo o Centenário”. *Tribuna Criciumense*, 11/01/1975, p. 5.

estamos apenas a quatro anos do centenário de fundação deste município, o que impõe às autoridades constituídas a necessidade de irem sendo preparadas as comemorações do significativo evento”<sup>294</sup>.

Essa preocupação com as comemorações do Centenário de fundação da cidade vem de muito longe. Em 1956, José Pimentel, fez uma previsão profética em relação ao Centenário, ao afirmar que “é bem possível que, por ocasião de teu centenário, os que viverem naquela época, mais reconhecidos do que os que hoje te habitam, ergam pedestal, exaltando numa tocante solenidade, o que fizeram os humildes e abnegados colonos em teu benefício”. Na verdade, no Centenário, como veremos, se fez muito mais que erguer um pedestal e realizar uma tocante solenidade. Jamais Pimentel imaginaria a dimensão que a homenagem aos imigrantes assumiria no Centenário, porém, apontou esse evento como aquele que poderia modificar a situação de indiferença para com os antepassados que ele via nas autoridades e no povo da cidade carbonífera. De fato, a comemoração do Centenário fez muito mais que isso, pois foi a apoteose de todo um processo de afirmação do imaginário da imigração e da etnicidade, do qual a luta e a obra de Pimentel fazem parte.

De qualquer forma, Altair Guidi tomou medidas práticas, a partir de 1978, para efetivamente organizar as comemorações do Centenário de fundação de Criciúma. Neste ano, no dia 4 de maio, foi criada a Comissão Central dos Festejos do Centenário de Criciúma, através da Resolução 04/78 do Conselho Municipal de Cultura<sup>295</sup>. A comissão era composta por Presidente, Vice-Presidente e Secretário, indicados pelo Conselho e nomeados pelo Prefeito Municipal, podendo ainda a comissão criar outras funções, o que acabou ocorrendo. O objetivo da comissão, estabelecido na resolução em seu primeiro

---

<sup>294</sup> “Criciúma Festejou 96 Anos”. *Tribuna Criciumense*, 10/01/1976, p. 3.

<sup>295</sup> ARNS, Otilia (Coordenação Geral). **Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 220.

artigo, era “organizar, nos anos de 1979 e 1980, as festividades referentes ao Centenário da Colonização do Município de Criciúma”. O artigo 6º estabelecia que a comissão contaria “com recursos que lhe forem destinados pelos poderes públicos, podendo ainda receber doações e contribuições de outras fontes” e o artigo 7º garantia que a comissão poderia requerer a “disposição de servidores municipais e autárquicos para colaborarem no cumprimento de suas atribuições”.

Entretanto, somente um ano mais tarde, em 16 de abril de 1979, a comissão foi nomeada. Foram designados para presidente da Comissão, o senhor Dino Gorini, “médico conceituado e digno representante da sociedade cricumense”, Guido José Búrigo para Vice-Presidente e Desidério Meller para Secretário, através do Decreto SE/052/79.

O Conselho de Cultura criou ainda diversas comissões vinculadas a Comissão Central dos Festejos do Centenário, através de seu regulamento geral. Dentre essas comissões, merece destaque a criação da Assessoria de Etnia, composta de cinco membros “representando a cultura italiana, alemã, polonesa, negra e portuguesa” e que tinha por objetivo coordenar a atuação dos grupos étnicos nas festividades; e a comissão de cultura, também composta de cinco membros, vinculada a Secretaria Geral, e que tinha amplos objetivos, entre eles a composição do livro do Centenário, a organização do museu histórico, a construção do “Monumento ao Imigrante” e a organização dos grupos folclóricos<sup>296</sup>. A Comissão Central dos Festejos do Centenário de Criciúma passou a integrar um grande número de comissões e assessorias e coordenar um grupo expressivo de pessoas, conforme se vê em organograma da comissão publicado na página 221 do livro oficial do Centenário, organizado por Otilia Arns, e que dá bem a medida da importância que as comemorações do Centenário haviam assumido para o Governo Municipal.

---

<sup>296</sup> Ibid., p. 221 e 222.

Em 25 de maio de 1979 houve a festa de posse da Comissão Central, dos coordenadores de comissões especiais, assessores e demais ocupantes de cargos relacionados com a comemoração do Centenário, na Sociedade Recreativa União Mineira, com a presença do prefeito municipal, do representante do Governo do Estado e demais autoridades municipais.

Os festejos do Centenário envolviam um número crescente de pessoas. Era necessário elaborar a programação oficial, constituir grupos folclóricos, pesquisar as histórias das etnias para serem utilizadas na festa e compor o livro do Centenário, organizar festas e comemorações específicas, enfim, coordenar pessoas e esforços que requeriam um soma importante de trabalho e dinheiro. E que o Governo Municipal estava disposto a dar. O Governo Guidi investiu maciçamente na comemoração do Centenário da cidade, e tinha bom motivo para isso. Os festejos assumiam, de início, um caráter eleitoral imediato, em uma conjuntura de fim da ditadura militar, em que as eleições assumiam cada vez maior importância. Daí a preocupação do Vice-Prefeito, Mário Sonogo, às vésperas da cerimônia de abertura das comemorações, com o trabalho da Comissão Central, que, segundo ele, não atingia a população.

“As poucas marcas existentes dos trabalhos da Comissão dos Festejos do Centenário da Colonização de Criciúma foi alvo de críticas do vice-prefeito Mário Sonogo, na semana passada. Preocupado com o desconhecimento quase total da população em relação aos festejos do centenário, Sonogo acusou a Comissão de inepta, ‘uma vez que não conseguiu sensibilizar a opinião pública



para o evento, da maior importância para toda a comunidade criciumense”<sup>297</sup>.

A participação popular nos festejos do Centenário era central para o projeto eleitoral que o Governo Guidi possuía para a cidade. Daí que “a irritação do vice-prefeito de Criciúma para com os resultados dos trabalhos de preparação às comemorações do Centenário do município também se relacionam com a programação elaborada pela comissão ‘onde não há qualquer participação popular, mas sim uma série de atividades para o povo assistir e aplaudir’”. Além de preocupar-se com o desconhecimento da população em relação à programação, o vice-prefeito criticava também com o tipo de eventos propostos, que dispensava a participação popular. Na verdade, como veremos, as críticas do político municipal parecem ter sido descabidas, na medida em que as comemorações do Centenário em Criciúma mobilizaram uma quantidade enorme de pessoas e marcaram definitivamente a cidade.

Como parte dos preparativos do Centenário, a comissão social da CCF organizou o concurso da Rainha do Centenário, realizado em 9 de setembro de 1979. O júri foi composto de políticos importantes, inclusive o prefeito municipal, e jornalistas. Foram escolhidas “cinco finalistas, uma de cada grupo étnico para rainha e princesas”. A rainha

---

<sup>297</sup> “Sonogo Critica Comissão do Centenário”. *Jornal do Sul*, 06/01/1980, p. 3.

escolhida foi Suzana Inês Meller, do grupo italiano<sup>298</sup>. Em novembro de 1979 também foi realizado o concurso que escolheu, dentre quarenta e dois concorrentes, o Hino do Centenário de Criciúma, sendo vencedor aquele apresentado por Cornélio Dal’Alba e Suely Mazzurana. Para a seleção do texto o júri era composto de professores do ensino médio e superior, especialistas em música e representantes da comissão de cultura, órgão da Comissão Central dos Festejos – CCF<sup>299</sup>.

Com uma programação oficial organizada, munida de Rainha e Hino oficiais, aproximando-se o 6 de janeiro de 1980, a Comissão Central dos Festejos possuía as condições para cumprir seu objetivo. A festa podia começar.

### **A Festa do Centenário**

A festa começou com o claro objetivo de conquistar e envolver toda a cidade. O governo municipal não queria deixar de chamar a atenção para o aniversário da cidade e, no fim das contas, para si mesmo. A programação dos festejos do Centenário tomariam todo o ano de 1980, até 6 de janeiro de 1981, no que ficou divulgado como o *Ano do Centenário*. Realizar uma festa de poucos dias, ou mesmo de poucas semanas, como outras cidades da região haviam feito, era pouco para a importância que Criciúma possuía a seus olhos como capital regional e para os planos que Altair Guidi tinha para a cidade. No *Ano do Centenário*, o Brasil vivia um momento muito específico de sua conjuntura, o que analistas políticos chamam de redemocratização, e que implicava na transição da ditadura militar para um regime democrático. Desde o Governo Geisel o poder militar tinha um projeto de

---

<sup>298</sup> ARNS, Otilia (Coordenação Geral). **Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 223.

<sup>299</sup> Ibid., p. 224. “Hino do Centenário Já é Conhecido”. *Tribuna Criciumense*, 10/11/1979.

distensão “lenta, gradual e segura” para o país, organizando a constitucionalização do Brasil e buscando manter o controle sobre os movimentos sociais e a oposição. Com a reforma legal de 1979, o sistema político tornou-se mais complexo, com a existência de diferentes partidos e a realização de eleições cada vez mais amplas, o que colocava inúmeros problemas para o partido oficial, do qual Altair Guidi fazia parte. Neste contexto, projetos de hegemonização da sociedade tornavam-se prementes, em vista de que a ditadura militar perdia sua força e os projetos de poder eram disputados na sociedade através de eleições<sup>300</sup>.

O esquema geral das comemorações do Centenário previa, como pontos altos, uma abertura e uma espécie de encerramento quando se realizaria uma exposição econômico-industrial:

Em linhas gerais, Criciúma festejará durante todo o próximo ano o seu Centenário. Teremos um ponto alto na abertura, dia 6 de janeiro, seguindo-se depois programações mensais, e culminando nos últimos meses do ano numa grande exposição – feira, com a realização simultânea de festas populares, apresentação de corais, grupos folclóricos, cozinhas típicas, etc.<sup>301</sup>

Haveria uma série de outras atividades festivas diluídas no decorrer do *Ano do Centenário*, o que recebeu a crítica da imprensa. Em matéria aparecida em 26 de janeiro de 1980, na largada do Ano Centenário, a *Tribuna Criciumense* afirma que a população preferia concentrar as comemorações do Centenário em uma única

---

<sup>300</sup> DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira. *Crise da Ditadura Militar e o Processo de Abertura Política no Brasil, 1974 – 1985*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**. Volume 4: O Tempo da Ditadura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 245 – 282.

<sup>301</sup> CRICIÚMA. *Entrevista a TV Eldorado em 12 de julho de 1979 (transcrição)*. O documento não revela o autor da entrevista, mas, presumimos, tenha sido o presidente da CCF, Dino Gorini.

semana inteira, “como foi o caso de Urussanga”, e não estende-las por todo o ano, com promoções distanciadas e que não atraem a atenção popular. Cita como exemplo o “Carnaval 100sacional do Centenário” que em “nada se diferencia dos outros carnavais”<sup>302</sup>. De fato, inúmeras festividades do Centenário eram atividades que ocorriam anualmente, como festas católicas, carnaval, semana da pátria, e que foram integradas aos festejos do Centenário sem que sua estrutura fosse modificada. Incluía-se a festa na programação oficial e se fazia sua divulgação utilizando-se as marcas publicitárias criadas para o *Ano do Centenário*, o que fez com que, durante esse ano, todas as festividades da cidade tivessem a marca do Centenário. De certa forma, as festas populares de Criciúma, e aquelas nem tanto assim, foram capturadas pela CCF para o *Ano do Centenário*. Iniciemos então as comemorações do *Ano do Centenário*. A festa começou as vinte e três horas do dia 5 de janeiro de 1980, com fogos de artifício, repicar de sinos e toques de sirenes e buzinas. A abertura oficial foi realizada pelo Prefeito Municipal, Altair Guidi, e pelo presidente da Comissão Central, Dino Gorini, através de rádios e da TV Eldorado e TV Catarinense, nos primeiros minutos do *Ano do Centenário*<sup>303</sup>. Pela manhã, às seis horas, houve cerimônia na Praça

---

<sup>302</sup> “Comemorações do Centenário Não Está Agradando”. *Tribuna Criciumense*, 26/01/1980, p. 1.

<sup>303</sup> ARNS, Otília (Coordenação Geral). **Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 225. “Criciúma – 100 Anos”. *Tribuna Criciumense*, 05/01/1980, p. 1.

Nereu Ramos com salva de tiros pelo 28º GAC e outras atividades, com a participação de bandas marciais de colégios de Criciúma. Às oito horas da manhã houve a apresentação da Banda Musical Cruzeiro do Sul, a principal da cidade. Às nove horas houve homenagem aos grupos étnicos fundadores do município, “com a apresentação de canções pelos corais, na língua original dos pioneiros”. Apresentaram-se primeiro o grupo italiano, depois polonês, alemão, luso e negro. Às onze horas “todos os corais, juntamente com o povo, cantaram ‘parabéns pra você’, seguindo-se o corte do bolo pelos ex-prefeitos presentes”, sendo o bolo distribuído ao público.

Logo no início das festividades aparecem os cantos e as danças executadas por grupos folclóricos vinculados a colégios da cidade e que buscavam recuperar as raízes culturais dos grupos étnicos fundadores de Criciúma. Na Festa do Centenário se buscou homenagear as etnias fundadoras da cidade, identificadas como italiana, alemã e polonesa. Entretanto, era preciso também contemplar o conjunto da população citadina, a maioria formada por ‘brasileiros’, originários de imigrações mais antigas, espontâneas e forçadas como no caso da população negra, que haviam chegado na época da cidade carbonífera e que agora a representação das etnias buscava dar conta. A inclusão da etnia portuguesa procurou responder a essa demanda, juntamente com a etnia negra, que guardava sua especificidade em vista

de sua presença diferenciada na cidade. A Festa do Centenário, e o esquema identitário que lhe dava base, procurava ser inclusiva e democrática, não deixando ninguém de fora. Um dos lemas que as festividades do Centenário utilizaram foi ‘A Festa é de Todos’, conforme aparece no folheto de divulgação do ‘Carnaval 100sacional’<sup>304</sup> e na programação do encerramento dos festejos do Centenário<sup>305</sup>. A festa, tal como a identidade urbana que se expressou nela, buscou integrar o conjunto dos moradores. Entretanto, como veremos, a entrada no esquema identitário não significava que todos eram iguais e tinham a mesma importância. As etnias tinham também sua própria hierarquia.

A recuperação dos cantos e danças dos grupos étnicos também coloca uma série de dificuldades. Não se busca, ao que parece, recuperar os costumes dos imigrantes no tempo do núcleo colonial, mas aquilo que se chama o ‘típico’ daquela cultura e que, quando elaborado, é dado como espetáculo na festa. No fim das contas, o que é apresentado como típico daquela cultura (italiana, alemã, polonesa, portuguesa e negra) é, na verdade, uma prática que se descolou do cotidiano, envelheceu e morreu como cultura, restando seu estereótipo, lugar comum e vulgar, que é apresentado como folclore, que vale como espetáculo para o turista, mas que não guarda

---

<sup>304</sup> CRICIÚMA. *Carnaval 100sacional*. Folheto de divulgação. 1980.

<sup>305</sup> CRICIÚMA. *Programação de Encerramento do Centenário*. 1981.

nenhuma ligação orgânica com comunidade alguma. Esses cantos e danças não se estabelecem a partir do que se chama costumes de uma sociedade tradicional, mas entram na rubrica do que Hobsbawm chamou de “tradições inventadas”, ou seja, a formalização de práticas fixas impostas a partir de um passado real ou forjado.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.<sup>306</sup>

O estabelecimento de um certo folclore das etnias não é fruto de um sentimento nostálgico de preservação de uma cultura que está desaparecendo, mas um esforço de distinção do grupo e sua afirmação diante de outros grupos. O relato da participação do Colégio Marista no Centenário demonstra a distância que há entre a elaboração desses traços culturais, folclóricos, e os costumes dos descendentes das ‘etnias formadoras da cidade’. Depois de afirmar que o Colégio, o principal formador da elite econômica e cultural da cidade, participou gratuitamente na abertura das festividades do Centenário

---

<sup>306</sup> HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 10.

representando a etnia negra, relata que teve dificuldades na preparação das danças folclóricas, “visto que no Colégio Marista estudam poucos alunos da etnia negra. Foi necessário convidar moços e moças da etnia negra, sem serem alunos do Colégio Marista”<sup>307</sup>.

Voltemos a Festa. A abertura oficial do *Ano do Centenário* prosseguiu com uma cerimônia oficial realizada na noite de 6 de janeiro de 1980, no estádio Heriberto Hülse, e reuniu cerca de trinta mil pessoas “para assistir a sessão solene do Centenário, levada ao ar pela TV Eldorado”<sup>308</sup>. Foi uma das atividades mais populares do Centenário. Além do público no interior do estádio e da transmissão televisiva, a *Tribuna Criciumense* relatou que os portões foram fechados deixando muitos populares fora do local<sup>309</sup>.

Após o hasteamento das bandeiras ao som dos hinos nacionais, estadual e municipal, a rainha e princesas do Centenário desfilaram em carro alegórico, “para prestar homenagem aos imigrantes das cinco etnias pioneiras de Criciúma”. Em seguida, ao som de música típica de cada grupo étnico, crianças de colégios da cidade formaram, uma de cada vez, os nomes dos grupos étnicos formadores de Criciúma, na seguinte ordem: Italianos (Colégio Michel), Poloneses (SATC), Lusos (STS), Negros (Colégio Marista) e Alemães (Colégio São Bento).

Após as apresentações, foi celebrada a “missa solene do Centenário” por Dom Paulo Evaristo Arns, então Arcebispo de São Paulo, Dom Anselmo Pietrulla, Bispo Diocesano, e outros quarenta e três sacerdotes nascidos no município. A missa foi

---

<sup>307</sup> CRICIÚMA. *Relatório de Participação no Centenário de Criciúma*. 20 de fevereiro de 1980. Arquivo Histórico de Criciúma, caixa 68.

<sup>308</sup> ARNS, Otilia (Coordenação Geral). **Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 229.

<sup>309</sup> “Público Não Pode Assistir a Festa do Centenário”. *Tribuna Criciumense*, 12/01/1980, p. 12.



programada como o momento principal da sessão solene, de tal maneira que nas notícias sobre a sessão solene, é ela chamada de “missa no estádio Heriberto Hülse acompanhada de diversas atrações executadas por alunos de nossa cidade”<sup>310</sup>. A presença da igreja católica romana foi uma constante nas festividades do Centenário, seja como reafirmação da religião oficial dos imigrantes, que devia ser celebrada, e também no sentido de que as festas católicas foram incluídas como festividades do Centenário. Somente no encerramento das festividades aparece uma menção a outra igreja, quando se incluiu na programação oficial<sup>311</sup> a realização de culto na Igreja Evangélica Assembléia de Deus, na manhã do dia 6 de janeiro de 1981, seguido da inauguração da Praça Maria Rodrigues, defronte ao templo, o que significou – a inclusão do culto e da inauguração da praça na programação oficial – um reconhecimento da importância daquela igreja na cidade. Entretanto, na sessão solene, o relato de Otilia Arns busca destacar a presença católica e o favor divino sobre Criciúma e seus habitantes. No relato de Arns, apesar do céu carregado daquela noite quente de verão, “enquanto uma chuva desabava com ventos tempestuosos em volta de Criciúma, outra caía serena, em forma de flocos de neve (sic), sobre as cabeças dos quarenta e cinco sacerdotes celebrantes”. Fenômeno meteorológico que levou a autora a concluir que “a Providência Divina protegeu Criciúma para que seu povo pudesse render graças pelos cem anos de semeadura realizada pelos pioneiros, seus filhos e netos, ao mesmo tempo em que pediam bênçãos para as gerações do presente e do futuro”<sup>312</sup>. Na festa de todos, nem as forças celestes ficaram de fora.

A cerimônia foi encerrada com jovens em trajes típicos e ao som de música própria que dançaram

---

<sup>310</sup> “Criciúma – 100 Anos”. *Tribuna Criciumense*, 05/01/1980, p. 1.

<sup>311</sup> ARNS, Otilia (Coordenação Geral). **Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 234.

<sup>312</sup> *Ibid.*, p. 230 e 231.

“em homenagem as cinco etnias pioneiras da colonização de Criciúma”. Os grupos folclóricos ficaram a cargo dos mesmos colégios que realizaram a coreografia dos nomes dos grupos étnicos.

As comemorações, porém, prosseguiram no decorrer daquele ano de 1980. Em 9 de janeiro foi realizada a inauguração do Museu da Colonização Augusto Casagrande, coordenado por Otávia Gaidzinski, em um sobrado doado por Joacy Casagrande Paulo e sua esposa Maria Madalena Giulla Paulo no bairro Comerciário<sup>313</sup>. Houve na oportunidade homenagem ao descendente mais idoso dos primeiros imigrantes, Caetano Sônego, e ao descendente mais próximo do primeiro cricumense, Maria Darós Zanette<sup>314</sup>.

A partir daí, as comemorações do Centenário integraram festas comuns da cidade, civis e religiosas, em sua programação. De 15 a 19 de fevereiro de 1980 foi realizado o *Carnaval 100Sacional*, que teve coordenação da Comissão Central através de sua Comissão Social. O evento abrangeu atividades em clubes e sociedade recreativas, bem como os desfiles de rua. A programação incluiu desfile público pelas avenidas Rui Barbosa e Getúlio Vargas, bailes no Criciúma Clube e União Mineira, e bailes públicos, infantis e adultos, na praça Nereu Ramos<sup>315</sup>. Em setembro, a *Semana da Pátria* foi também integrada nos festejos do Centenário, quando “os cricumenses prestaram homenagem a Pátria, que

<sup>313</sup> “Museu da Colonização Será Inaugurado dia 9”. *Tribuna Criciumense*, 05/01/1980, p. 1.

<sup>314</sup> ARNS, Otilia (Coordenação Geral). **Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 231 e 232.

<sup>315</sup> CRICIÚMA. *Carnaval 100sacional*. Folheto de divulgação. 1980.

acolheu os imigrantes pioneiros”<sup>316</sup>. A integração se deu a partir de uma programação especial, relativa ao Centenário e ocorrida no dia 31 de agosto. Neste dia, a programação foi aberta pelo traslado da “chama sagrada” de Urussanga a Criciúma, refazendo o caminho dos primeiros imigrantes italianos e “lembrando o início da colonização de Criciúma”. Às 9 horas ocorreu um “desfile alegórico”, quando crianças dos colégios da cidade prestaram “uma homenagem a nossas raízes: Italiana, Alemã, Polonesa, Negra e Portuguesa”<sup>317</sup>. Neste desfile algumas Escolas da cidade representaram oficialmente as etnias: Italiana pelo Jardim de Infância Criança Feliz, Alemã pelo Colégio São Bento, Polonesa pela E. B. São Cristóvão, Negra pela E. B. Joaquim Ramos e Portuguesa pelo C. E. Sebastião Toledo dos Santos<sup>318</sup>.

Outros eventos e festas, especialmente religiosas, as mais numerosas, foram articuladas, sempre que possível, a uma das cinco etnias. Assim, a *Festa de São José*, ocorrida no centro da cidade, no calçadão, de 19 a 22 de março de 1980, utilizada para homenagear a etnia italiana. Em Linha Batista, se realizou a *Festa de São Casimiro*, de 28 de fevereiro a 2 de março de 1980, em homenagem a etnia polonesa. A *Festa do Divino* ocorreu de 19 a 21 de abril de 1980, a cargo da etnia lusa, presumidamente na então igreja matriz São José, no centro da cidade. A etnia alemã foi homenageada com a comemoração do *Dia do Colono*, realizada de 25 a 27 de julho de 1980, na então localidade de Forquilha, então distrito de Criciúma e hoje município independente. A etnia negra foi vinculada a atividade carbonífera e homenageada na *Festa de Santa Bárbara*, ocorrida de 28 de novembro a 4 de dezembro de 1980. Tradicional festa do ciclo do carvão, presente

---

<sup>316</sup> ARNS, Oflia (Coordenação Geral). **Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 233.

<sup>317</sup> Ibid.

<sup>318</sup> CRICIÚMA. *Semana da Pátria*, “A Independência Somos Todos Nós”. Folheto de divulgação. 1980. Arquivo Histórico de Criciúma, Caixa 76.

em todas as comunidades carboníferas da região, foi integrada aos festejos do Centenário e relacionada à população negra porque “a devoção a Santa Bárbara e ao samba registram a religiosidade e a veia artística do negro”<sup>319</sup>. Além dessas festas relacionadas às etnias, a *Festa de Corpus Christi*, tradicional comemoração católica, foi integrada ao *Ano do Centenário* como “uma tradição trazida da Europa pelos imigrantes” e que “foi revivida de maneira intensiva por toda a comunidade de Criciúma no ANO 100”<sup>320</sup>.

A programação do *Ano do Centenário* previu “um ponto alto na abertura, dia 6 de janeiro, seguindo-se depois programações mensais, e culminando nos últimos meses do ano numa grande exposição – feira”<sup>321</sup>. A exposição – feira chamou-se Exposição do Ano 100 – EXPO 100, e ocorreu de 4 a 12 de outubro de 1980, constituindo-se de fato em um momento ímpar dos festejos do Centenário.

### **EXPO 100, a Exposição do Centenário**

Em 15 de junho de 1979, os senhores Dino Gorini, presidente da Comissão Central dos Festejos do Centenário, Mário Sonogo, Vice-prefeito, Altamiro Furlaneto e Wanderley Rocha, foram até a cidade de Caxias do Sul com o objetivo de “buscar subsídios para a comissão de exposição, tais como: regulamentação, divulgação, venda de stands, aspectos gerais de funcionamento da Feira do Centenário”<sup>322</sup>. A intenção era conhecer a experiência da festa realizada em Caxias do Sul para municiar a comissão, coordenada pelo Vice-prefeito, que preparava uma “exposição – feira” integrada nas comemorações do

---

<sup>319</sup> ARNS, Oflia (Coordenação Geral). **Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 232.

<sup>320</sup> *Ibid.*, p. 233.

<sup>321</sup> CRICIÚMA. *Entrevista a TV Eldorado em 12 de julho de 1979 (transcrição)*.

<sup>322</sup> CRICIÚMA. *Relatório de Viagem a Caxias do Sul, em 15 de junho de 1979*.

Centenário de Criciúma. Caxias do Sul tinha uma longa experiência na organização da Festa da Uva, que era realizada desde 1931, e era essa experiência que a comissão foi buscar<sup>323</sup>.

Saudada como “o ponto alto das comemorações” do Centenário de Criciúma<sup>324</sup>, A Expo 100, Exposição do Ano 100 ou Exposição do Centenário, foi aberta no dia 4 de outubro de 1980, as 10:30 horas, com a presença de diversas autoridades, como Altair Guidi, Prefeito municipal, Jorge Konder Bornhausen, Governador do Estado, Henrique Córdova, Vice-Governador, Esperidião Amin Helou Filho, Secretário Estadual de Obras, Moacir Bértoli, Presidente da Assembléia Legislativa, Dom Anselmo Pietrulla, Bispo Diocesano, Cônsules da Itália, Polônia e Portugal, outros secretários estaduais, deputados, ex-governadores, prefeitos, vereadores<sup>325</sup>, a demonstrar a importância do evento. A exposição durou nove dias, tendo a visitação de cerca de 300 mil pessoas e ocupou as dependências de um pavilhão de cerca de 7 mil e 500 metros quadrados e que, finda a festa, serviria para abrigar o poder executivo cricumense, constituindo-se no Paço Municipal Marcos Rovaris<sup>326</sup>.

O evento foi organizado em torno de uma mostra de produtos cricumenses, mas que teve também expositores de Tubarão, Urussanga, Joinville, Blumenau, Jaraguá do Sul, Florianópolis e Rio de Janeiro<sup>327</sup>. Paralelamente houve espetáculos nacionais com artistas conhecidos da população como Sá e Guarabira, Luiz Gonzaga, maestro Augusto Zácara, Francisco Egídio, banda Cavalinho Branco e Trio Parada Dura. Foram organizadas atividades culturais e religiosas. Estiveram presentes bandas e grupos folclóricos de

---

<sup>323</sup> RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. **Festa & Identidade – Como Se Fez a Festa da Uva**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

<sup>324</sup> “Viva o Ano 100 de Criciúma”. *Tribuna do Vale*, 27/09/1980, p. 3.

<sup>325</sup> “Expo 100 – O Marco de Um Tempo Novo”. *Tribuna Criciumense*, 25/10/1980, p. 6.

<sup>326</sup> *Ibid.*, p. 5 e 6.

<sup>327</sup> *Ibid.*, p. 6.

Curitiba, Porto Alegre, Blumenau e Nova Veneza, bem como os grupos folclóricos das etnias de Criciúma. Houve um desfile em trajés típicos das cinco etnias e um coral de mil alunos de escolas primárias, que cantaram o Hino do Centenário e o Hino de Criciúma<sup>328</sup>. Funcionou um restaurante e uma churrascaria durante todo o evento, quando foram servidas cerca de 25 mil refeições. No último dia da exposição foi realizada uma sessão de homenagem as primeiras famílias colonizadoras, com entrega de diplomas. Homenagearam-se também inúmeras outras pessoas e instituições, desde ex-prefeitos, industriais, até clubes de serviço, profissionais liberais, etc. Para os homenageados mais importantes, como Diomício Freitas, Santos Guglielmi, Maximiliano Gaidzinski, Dom Paulo Evaristo Arns, entregou-se um troféu, “réplica do monumento da colonização” que não havia ainda sido inaugurado. Paralelamente ao evento, ocorreu a 14ª Jornada Catarinense de Medicina e um encontro dos prefeitos de cidades de porte médio<sup>329</sup>.

Fenômeno típico do século XIX, as exposições avançaram sobre o século seguinte já sem possuírem aquela aura de novidade que as caracterizava no século precedente, divulgadoras de um novo mundo centrado na indústria e na ciência<sup>330</sup>. Porém, ainda possuíam seu lugar no mundo dos negócios e do entretenimento, constituindo-se em um dos lugares, por excelência, divulgadores de novos produtos e oportunidades. No caso de Criciúma, a Exposição foi pensada para ser o momento mais importante da comemoração do Centenário, atestando que a cidade era um lugar de progresso, refletido na capacidade que ela tinha para produzir.

---

<sup>328</sup> ARNS, Oflia (Coordenação Geral). **Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 233 e 234.

<sup>329</sup> “Expo 100 – O Marco de Um Tempo Novo”. *Tribuna Criciumense*, 25/10/1980, p. 6, 9 e 10.

<sup>330</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais – Espetáculos da Modernidade do Século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

A exposição do centenário foi uma mostra daquilo que a comunidade cricumense tem capacidade de fazer e está fazendo, além de se constituir em mais uma condigna homenagem a memória dos pioneiros da colonização.<sup>331</sup>

Juntando pioneiros e indústria, numa operação que já vimos funcionar, ao atribuir aos imigrantes o pioneirismo no desenvolvimento industrial da cidade, a exposição demonstrava a todos que Criciúma era uma cidade industrial e moderna, portanto, lugar de progresso. Essa qualidade da cidade podia ser constatada na dimensão de feira que a exposição assumia, em sua dimensão econômica, isto é, como propiciadora de negócios e expositora de novos produtos. As matérias de jornais sobre o evento comentam que o volume de comercialização atingiu a soma de 238 milhões e 150 mil cruzeiros.

Entretanto, ainda que os aspectos lúdicos e lucrativos da exposição sejam importantes, é em sua dimensão cultural que a exposição verdadeiramente se destaca, na medida em que se constitui num momento privilegiado de criação de representações coletivas e imaginários sociais relacionados, no caso, com a cidade e seus fundadores.

Observa-se, no caso, uma convergência nas análises: a identificação das exposições para além de seu caráter de mostra de mercadorias e máquinas. Este elemento comum é dado pela associação feita entre as exposições e a visualização ideológica de uma época levada a efeito pela burguesia.<sup>332</sup>

---

<sup>331</sup> “Expo 100 – O Marco de Um Tempo Novo”, *Tribuna Criciumense*, 25/10/1980, p. 5.

<sup>332</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais – Espetáculos da Modernidade do Século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 44.

A proeminência dos dados culturais e representacionais sobre o econômico, que Sandra Pesavento encontra como elemento comum das análises sobre as exposições universais do século XIX, e que se condensa na “visualização ideológica de uma época”, se transmuta, em se tratando de Criciúma do final do século XX, para uma visualização ideológica da nova cidade que Altair Guidi havia construído e que expunha para ser consumida na Expo 100.

Essa dimensão da Expo 100, de divulgadora da nova cidade construída por Altair Guidi, pode ser observada, de início, em um anúncio publicado pelo Poder Executivo cricumense no jornal *Tribuna do Vale*, de Araranguá, convidando a população a participar da Festa. No que se refere aos motivos das comemorações, afirma o anúncio o que deve ser comemorado.

[*Deve ser comemorada*] a importância energética da mais produtiva região carbonífera do Brasil; o exemplo de uma comunidade típica do Sul, aonde o progresso veio da colaboração íntima e fraterna entre o elemento imigrante e o brasileiro; E, principalmente, vamos estar todos comemorando esse modelo de planejamento urbano em Santa Catarina, que é Criciúma.<sup>333</sup>

É interessante observar como, no mesmo anúncio, reúnem-se os elementos mais importantes da identidade urbana cricumense: carvão, imigração e a nova cidade moderna que Guidi construiu. O uso do *principalmente*, referindo-se ao modelo de planejamento urbano, encaminha os leitores a atentarem para as intenções do Governo Municipal em relação à Expo 100.

---

<sup>333</sup> “Viva o Ano 100 de Criciúma”. *Tribuna do Vale*, 27/09/1980, p. 3.



Todas as atividades do Ano 100 foram vislumbradas e programadas pelo Governo Guidi como um momento privilegiado para fixar na alma da cidade uma nova definição sobre o que era Criciúma e o que era ser criciumense, isto é, novas determinações identitárias. Em um folheto da Administração Altair Guidi, produzido provavelmente no final de seu governo, se pode observar como as comemorações do Centenário aparecem como obra da administração municipal que, por sua vez, serviu para divulgar e fixar na população a própria Administração. O folheto foi elaborado em papel cartão, colorido, em três meia-folhas horizontalmente unidas, tendo na capa as palavras “Criciúma, hoje” e inúmeras fotografias, que foi o meio utilizado para mostrar a nova cidade, quase sem texto. Nas fotografias predominaram a praça Nereu Ramos, com o calçadão e os novos equipamentos urbanos; a Avenida Centenário, em imagens panorâmicas, noturnas e de detalhes; e as comemorações do Centenário, relacionadas às apresentações de grupos folclóricos e a desfiles étnicos. Na parte interna há um texto louvando a nova cidade criada. Nele, apresenta-se o lugar do Centenário na composição da cidade nova:

Ou a promoção de eventos culturais, a criação do Museu da Colonização (reciclando uma das mais antigas construções de Criciúma), a realização das festas do Centenário – atos e fatos que vão sedimentando a personalidade e o caráter de uma cidade.

Essa necessidade de marcar a cidade de forma permanente, seu caráter e personalidade, de tal maneira que os governos municipais posteriores não pudessem destruir a obra realizada, e que é preocupação de qualquer político, com óbvio conteúdo eleitoral, tornou-se uma obsessão para o Governo Guidi, em vista de que catalizava todo um sentimento social presente na cidade, que se expressava na valorização dos

descendentes de correntes imigratórias de fins do século XIX. A fixação de placas e marcos comemorativos por todo o corpo da cidade é um indício dessa obsessão de demarcar um território para essa nova forma de ver a cidade e, em decorrência, para o Governo Guidi, criador da nova cidade. De fato, articulados as festas de responsabilidade dos grupos étnicos no decorrer do Ano 100, as placas e marcos foram fixados em diferentes lugares da cidade. Assim, na Praça Nereu Ramos, coração da cidade, foi fixada uma “Placa da Colonização Italiana”<sup>334</sup> por ocasião da *Festa de São José*. Também no centro, articulada a Festa do Divino, foi descerrado um marco que “lembra a presença do elemento luso em Criciúma”. Na *Festa de Santa Bárbara*, de responsabilidade do grupo negro, foi descerrada uma placa que “honra o mineiro que, com suor, contribui para o progresso de Criciúma”. Em Linha Batista, por ocasião da *Festa de São Casimiro*, foi fixado o “marco da colonização polonesa”, onde “foram inscritos os nomes das primeiras famílias que aqui aportaram e juntando suas forças ao trabalho insano (sic) dos primeiros colonizadores ajudaram a construir o futuro que vivemos hoje”<sup>335</sup>.

De fato, as representações colocadas em circulação pela Expo 100 e pelas comemorações do Centenário de Criciúma em 1980 se fixaram no corpo e na alma da cidade. Os festejos dos aniversários subsequentes da cidade sempre se remeteram ao Ano 100, considerado ele próprio um marco fundador da nova cidade. Uma matéria publicada na *Tribuna Criciumense* de 1982 dá bem a medida disso<sup>336</sup>. Ainda que seja uma matéria noticiosa, o jornalista ecoa todo o vocabulário que o Governo Guidi implantou junto com a nova cidade: identidade cultural, revitalização de pontos de encontro tradicionais, recriação

---

<sup>334</sup> ARNS, Otilia (Coordenação Geral). **Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 232 e 233.

<sup>335</sup> “Etnia Polonesa Foi Homenageada”. *Tribuna Criciumense*, 08/03/1980, p. 4.

<sup>336</sup> “Criciúma Comemorou 102 Anos Neste 6 de Janeiro”. *Tribuna Criciumense*, 09/01/1982, p. 5.

de sentido de comunidade vivido pelos núcleos de imigração, calçadão como território livre para desfrute dos cidadãos, etc. Também as fotografias sobre a cidade, no período posterior ao *Ano do Centenário*, centram-se na Avenida Centenário e no calçadão, em um olhar que valoriza as obras do Governo Guidi. Esses fatos vão além da confluência de interesses entre governo e imprensa, tão comum também em Criciúma. Na verdade, foi uma impossibilidade de dizer e ver a cidade com outras palavras e imagens que não fossem aquelas criadas pelo Governo Guidi.

### **Fim de Festa**

A finalização do Ano 100 e da festa do Centenário da cidade ocorreu às 20:30 horas do dia 6 de janeiro de 1981, com a presença de corais e grupos folclóricos, autoridades e ex-prefeitos, e a população em geral no Parque Centenário, no mesmo conjunto que abrigou a realização da Expo 100 e a nova sede do poder executivo municipal, quando se realizou uma cerimônia que incluiu o descerramento da bandeira do Centenário, a inauguração do *Monumento da Colonização* e do *Memorial da Cidade*. Pela manhã, realizou-se culto na Igreja Evangélica Assembléia de Deus, seguido da inauguração da Praça Maria Rodrigues, defronte ao templo. As festividades, no entanto, se iniciaram no dia no dia 3 de janeiro de 1981, com um baile de conagraçamento das cinco etnias realizado na sede campestre da Sociedade Recreativa Mampituba. No dia seguinte, 4 de janeiro de 1981, realizou-se uma missa transmitida pela TV Eldorado, com a presença de representantes dos cinco grupos étnicos.

No programa de encerramento do ano 100, publicado em um folheto impresso<sup>337</sup>, o ponto alto da festa foi a inauguração do *Monumento da Colonização*. O Monumento havia sido objeto de um concurso público cuja comissão julgadora era constituída por Altair Guidi, prefeito municipal, “Roberto Monteiro, Maria Marlene Milanez Justi (sic), Edison Paegle Balod, Antônio Jaime Januário, Carlos Ferreira, Eduardo Tasca, Nivaldo Aníbal Goulart e Inês Furlanetto”<sup>338</sup>. O projeto escolhido, anunciado no primeiro dia do *Ano do Centenário*, foi o de Manoel Coelho, mesmo autor do Parque Centenário e das principais obras arquitetônicas do período Altair Guidi à frente da Prefeitura Municipal, tendo concorrido com artistas e arquitetos da cidade, tais como João Carlos Mello, Nelson Gaidzinski, Décio Góes e Norberto Zaniboni.

---

<sup>337</sup> A capa deste folheto possui uma fotografia da maquete do *Monumento da Colonização*, com a frase ‘A Festa é de Todos’ acima e, na parte inferior, o logotipo da Prefeitura Municipal, com a data ‘Janeiro – 1981’. Na parte interna há um texto na primeira página e a programação de encerramento do ano de festejos do centenário, relativa a 3, 4 e 6 de janeiro de 1981. Na última página há a impressão da letra do Hino do Centenário de Criciúma, com a logomarca do Centenário na parte inferior. CRICIÚMA.

*Programação do Encerramento do Centenário. 1981.*

<sup>338</sup> “Comissão Escolheu Monumento ao Centenário”. *Jornal do Sul*, 06/01/1980, p. 14.



*Monumento da Colonização (Criciúma/SC)*

**(Fotografia do Acervo de Manoel Coelho)**

A inauguração do Monumento expressa bem os objetivos traçados pelo Governo Guidi em relação à comemoração do Centenário, de um lado, homenagear os colonizadores pioneiros, valorizando os grupos étnicos presentes em Criciúma, e de outro comemorar as obras do governo municipal, que haviam criado uma nova cidade diante dos olhos da população, na medida em que “uma nova etapa [na vida da cidade] que se expressa no monumento que está sendo erguido em memória do centenário de uma cidade”<sup>339</sup>, marcando a passagem de Guidi pela Prefeitura Municipal. Esses objetivos estão expressos no discurso de Altair Guidi por ocasião da cerimônia de encerramento do Ano 100 no Parque Centenário.

Sim, meus amigos, tudo o que se possa dizer é vão, diante do passado que aqui marcamos com este monumento que é a memória

---

<sup>339</sup> “Expo-100: A Mostra do Ano Cem de Criciúma”. *Tribuna Criciumense*, 30/08/1980, p. 9.

da cidade. O dever está cumprido. E é extraordinariamente gratificante poder concluir esta jornada com a entrega desse memorial, à posteridade. Que ele seja o símbolo concreto do Ano Cem que agora termina e não faça apagar a chama que brilha no coração de cada um.<sup>340</sup>

Manter acessa a lembrança das obras de Guidi e das comemorações do Centenário da cidade, que se confundiam no decorrer dos festejos do Ano 100, evitando o apagamento de sua passagem pela Prefeitura Municipal, o que poderia ocorrer nos governos municipais posteriores, parece ter sido uma preocupação fundamental do Governo Guidi.

O Monumento é constituído por cinco colunas de concreto, em tamanhos diferentes.

As medidas de suas colunas que representam as etnias são: 70m, 33m, 25m, 17m e 14m, respectivamente. A parte subterrânea conta com uma sala de 502 metros quadrados, para guardar e conservar objetos dos antepassados, e do centenário, relacionados com a cultura.<sup>341</sup>

O material usado para construção foi de 1.500 metros cúbicos de concreto, 90.000 kg de ferro, além de vidro e alumínio. Ainda que integrado a “harmonia do conjunto maior do Parque Centenário”, o Monumento está localizado no centro dominante do referido Parque, na verdade seu centro espacial, e é mais alta que as edificações do Parque, a simbolizar a “homenagem desta geração as que a precederam, uma homenagem que é a maior e mais alta do que tudo que a rodeia”. Sua forma é conceituada como “simples [na

---

<sup>340</sup> ARNS, Otilia (Coordenação Geral). **Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 236.

<sup>341</sup> “CS Cultural”. *Correio do Sudeste*, 21/08/1981, p. 2.

concepção em forma de mão], despojado [pois desprovido de adereços] e grandioso [por seu tamanho]”<sup>342</sup>.

As colunas do Monumento foram lidas de maneira diferente pelo autor e pela cidade. Nas matérias jornalísticas do período, como naquela do *Correio do Sudeste* citada anteriormente, as colunas representam as etnias fundadoras da cidade, enquanto que no texto oficial, publicado nos jornais e nas programações dos festejos, retirado da justificativa de Manoel Coelho, as colunas representam os dedos de uma mão que brota da terra. Essa querela aparece no nome do Monumento, oficialmente chamado *Monumento da Colonização*, enquanto que a população o denomina *Monumento às Etnias*.

Entretanto, algumas inscrições oficiais como que deixam escapar a intenção do Poder Público de identificar as colunas com as etnias, como na inscrição do painel exposto no Memorial da Cidade, no subsolo do Monumento.

Neste lugar repousa a memória da cidade.

Aqui, as raízes que deram fundamento à nossa comunidade.

Estão simbolizadas nas cinco etnias que formam a base da  
Nossa população.

São os cinco mastros que se erguem do fundo da terra para o  
Alto, da escuridão para a luz.

E assim esta geração marca, com este memorial, o ANO 100.

Desta cidade que os pioneiros semearam.

É uma homenagem ao passado.

Mas é também o símbolo maior da nossa esperança no futuro.

E a nossa certeza de que vale à pena continuar semeando.<sup>343</sup>

<sup>342</sup> “Monumento da colonização” (Anúncio da Prefeitura Municipal de Criciúma). *Tribuna Criciumense*, 06/09/1980, p. 4.

<sup>343</sup> ARNS, Otilia (Coordenação Geral). **Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 236.

De qualquer forma, as duas leituras acabam por se cruzar. A forma de mão que se ergue da terra, como queria o projeto do Monumento, aponta para a obra dos colonizadores que, com suas próprias mãos, plantaram a cidade que as gerações presentes colhem.

A obra dos colonizadores foi a semente de um amanhã melhor, conquistado com a força de suas próprias mãos. Em meio à adversidade e a desesperança, essa semente fundou raízes profundas e ergueu uma cidade sobre o nada, arrancando da terra um testemunho de luta, de perseverança e de grandeza.<sup>344</sup>

O falar em plantar e colher, mãos e terra, e os próprios colonizadores, lembra o trabalho agrícola, principal atividade do núcleo colonial, expresso também na representação de que o Monumento em forma de mão representa a vitória humana sobre a natureza (“É a afirmação do homem sobre o meio”). Entretanto, também o uso da expressão “do fundo da terra”, como na frase “do fundo da terra brotou um novo tempo”, lembra a atividade carbonífera e a importância do carvão no desenvolvimento da cidade, mais explícita na frase seguinte, “do fundo da terra, somando e integrando seu trabalho, cinco etnias extraíram a energia que as impulsionou para frente e para cima, etapa após etapa”. As atividades econômicas são explicitamente nomeadas, quando se diz que o fruto que se fez maduro, brotado do fundo da terra, chegou ao *Ano do Centenário* “com a agricultura, com o carvão, com a indústria”. O Monumento buscava integrar agricultura, carvão e indústria em sua forma, etnias e populações carboníferas, numa espécie de síntese identitária que buscava afirmar a superioridade da identidade étnica, sem, no entanto, desconsiderar os esquemas identitários anteriores, em especial o imaginário do carvão<sup>345</sup>. Essa posição em

---

<sup>344</sup> Ibid.

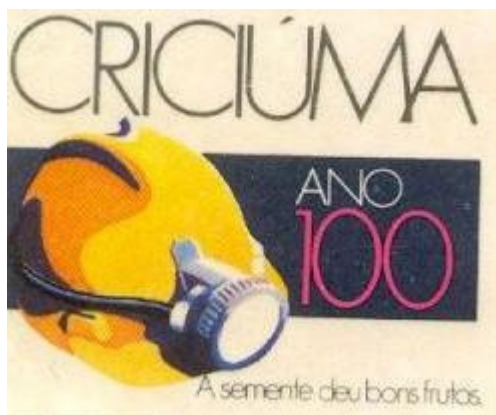
<sup>345</sup> Essa concepção também se expressa, quase com o mesmo texto, na *Oração de Graças* constante da programação de encerramento do Centenário, quando se refere ao Monumento: “Olhamos este monumento,



relação a atividade carbonífera, um imaginário poderoso na cidade naquele momento, se expressou também na logomarca adotada para o *Ano do Centenário*. A logomarca do Centenário possui a palavra ‘Criciúma’ grafada na terça parte superior do material, com o termo ‘Ano 100’ na parte central, em fundo azul. No terço inferior do material está grafado o lema do Centenário, “A semente deu bons frutos”. Interessante de se observar na logomarca é a presença de um capacete com lanterna, utilizado pelo trabalhador mineiro. O objeto remete imediatamente a cultura do carvão e parece expressar, de um lado, a força que o imaginário do carvão ainda possui na cidade, bem como a identidade urbana ainda estabelecida a partir da economia mineira. Por outro lado, também pode significar uma estratégia discursiva que, assimilando em parte um símbolo que remete a identidade urbana anterior, acaba por fortalecer a nova identidade urbana que se está expondo. O objeto símbolo, por ser conhecido da população, acabaria por facilitar o trânsito de outros símbolos e representações que as festividades do Centenário colocavam em movimento. Assim sendo, compreende-se que o símbolo maior do trabalho mineiro estivesse integrado a logomarca do Centenário.

---

Senhor/ e reconhecemos que do fundo da terra brotou um novo tempo/ somando e integrando o seu trabalho cinco etnias/ extraíram a energia que as impulsionou para frente e para cima/ etapa após etapa. Do fundo da terra brotou um dia o fruto/ que um dia se fez maduro e chegou, Senhor, o Ano 100/ com a agricultura, com o carvão e com a indústria”. Ibid., p. 235.



Logomarca do *Ano do Centenário* (1980)

A identificação popular das colunas do Monumento com as etnias, no entanto, colocava um problema, que era aquele de relacionar cada coluna com cada etnia nela representada. Muito rapidamente a população identificou as colunas maiores com os grupos étnicos pertencentes as correntes imigratórias mais recentes, os imigrantes italianos, alemães e poloneses, criando uma espécie de hierarquia na contribuição das etnias à formação da cidade. Se o novo esquema identitário centrado na etnicidade buscava integrar toda a população da cidade, o que era necessário para seu efetivo funcionamento, as representações postas em circulação pelo Centenário criavam uma hierarquia da contribuição de cada grupo, afirmando uma supremacia da etnia italiana, representada pela maior coluna do Monumento, desproporcionalmente maior que as demais, ainda que isso fosse oficialmente negado. Na nova identidade urbana valorizadora da etnicidade havia lugar para todos. Entretanto, os melhores

lugares eram reservados para um grupo bem específico de pessoas.

Este mal-estar se expressou em diferentes ocasiões da Festa do Centenário e ainda paira sobre as cabeças dos habitantes da cidade. Em seu discurso na inauguração do Museu da Colonização Augusto Casagrande, Joacy Casagrande Paulo, doador da edificação e neto de Augusto Casagrande, precisou ressaltar a homenagem que se fazia a todos os grupos étnicos.

Gostaríamos de enfatizar e deixar bem explícito a todos que esse Museu da Colonização Augusto Casagrande não procura somente enaltecer a raça italiana, mas, pelo contrário, procura exaltar todos os cinco grupos étnicos representados pelos italianos, poloneses, alemães e negros (sic), que irmanados constituíram-se no sustentáculo e no alicerce do nosso desenvolvimento e progresso.<sup>346</sup>

A necessidade de ressaltar a participação de outros grupos não era desmedida. Tudo no museu apontava para a valorização dos imigrantes italianos e seus descendentes, a começar pelo seu nome. As famílias homenageadas na oportunidade, Sônego, Darós e Zanette, e as peças postas em exposição, pertencentes às famílias de imigrantes e descendentes de italianos<sup>347</sup>, demonstrava que a colonização da cidade era lida a partir desse grupo.

Na verdade, a leitura popular do *Monumento da Colonização*, que hierarquiza as etnias, havia sido estimulada pela própria forma como a história oficial e o poder público

<sup>346</sup> “Inaugurado o Museu Augusto Casagrande”. *Tribuna Criciumense*, 10/01/1980, p. 8.

<sup>347</sup> ARNS, Otilia (Coordenação Geral). **Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 231 e 232.

vinham tratando da formação da cidade. Desde a proposta de José Pimentel em 1955 para se construir um Monumento em homenagem aos imigrantes<sup>348</sup> até às portas do Centenário, os grupos étnicos reconhecidos eram aqueles constituídos pelos italianos, alemães e poloneses, nesta ordem. Para as comemorações do Centenário, foram acrescentados os negros e portugueses, com o objetivo de contemplar também as populações que migraram para a cidade durante o ciclo do carvão<sup>349</sup>, os chamados “brasileiros”. Durante as comemorações do Centenário, as apresentações seguiam essa ordem, com pequenas exceções: Italianos, alemães, poloneses, negros e portugueses, algumas vezes variando a ordem dos grupos, mas sempre com o grupo italiano em primeiro lugar. No fim das contas, a leitura popular do *Monumento da Colonização* e da identidade urbana que ele expressa é extremamente sóbria e convincente.

Na noite de 6 de janeiro de 1981 as autoridades e a população reuniram-se no Parque Centenário para a cerimônia final dos festejos do Centenário, debaixo de uma chuva torrencial. A bandeira do Centenário foi descerrada e o povo cantou o Hino do Centenário para encerrar o Ano 100 de Criciúma<sup>350</sup>. As comemorações haviam findado, porém uma nova identidade urbana havia sido afirmada para a cidade e que a marcaria desde então, ainda que com fraturas.

---

<sup>348</sup> “Monumento ao Imigrante” (José Pimentel). *Tribuna Criciumense*, 01 de Agosto de 1955, p. 1 e 4.

<sup>349</sup> “A história dos negros, assim como dos portugueses, no município de Criciúma, não pode ser dissociada do início das atividades extrativas do carvão mineral, abundante no sub-solo, e de alta qualidade”. “A Contribuição Luso-Africana”. *Jornal do Sul*, 06/01/1980, p. 8.

<sup>350</sup> ARNS, Otilia (Coordenação Geral). **Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 235.

## CONCLUSÃO

Alain Musset trabalhou com as cidades nômades da América Espanhola no período colonial, que eram deslocadas em vista do esgotamento de suas atividades econômicas<sup>351</sup>. O deslocamento colocava inúmeros problemas, para além do econômico. Como símbolo do poder civil e religioso, as cidades possuíam determinadas prerrogativas, dadas pela representação que tinham e que os moradores não queriam perder. Musset narra a luta que as cidades mudadas levavam a cabo para manter seu nome, apesar da transferência de lugar. O trabalho que concluímos narra os deslocamentos produzidos no nome da cidade, criando novas representações e prerrogativas, ainda que a cidade mesma continuasse no mesmo lugar.

As identidades urbanas construídas para Criciúma no período que tratamos neste trabalho se fizeram valorizando determinadas características apresentadas de forma positiva e que esconderam ou desconsideraram outras possibilidades de pertencimento. A cidade carbonífera fundou-se na mitologia do progresso e na contribuição que Criciúma dava ao desenvolvimento do país, valorizando os trabalhadores mineiros e o espírito empreendedor dos empresários do carvão, destacando o crescimento urbano e a circulação de riquezas, em uma operação que desvalorizava outras atividades econômicas, como a agricultura, e outros grupos sociais que tinham na sua origem as imigrações mais recentes, desconsiderando o preço humano e social da atividade carbonífera. A cidade étnica, por seu lado, foi construída a partir da mitologia da união dos povos fundadores da cidade, valorizando

---

<sup>351</sup> MUSSET, Alain. **Villes Nomades du Nouveau Monde**. Paris: Editions de L'Ehess, 2002.

grupos sociais que tinham na etnicidade o seu ponto de contato com o mundo, maquiando a presença do carvão na paisagem urbana e desvalorizando as populações que tiveram na atividade carbonífera o ponto de inflexão de sua memória e cultura. A invenção de uma determinada cidade no imaginário urbano se fez como tentativa de unificar as culturas e histórias presentes na cidade vivida, geradora de representações que não se adequavam à cidade carbonífera ou à cidade étnica. Como operação de construção de uma homogeneidade cultural surpreendemos a identidade urbana construída como violência simbólica que determina graus diversos de pertencimento a mesma cidade.

Ainda que no senso comum se possa perceber a identidade como o contrário da diferença, percebemos que, na verdade, para que a identidade se estabeleça é necessário que ela o faça a partir de uma noção que valorize a existência do diferente. Enquanto relação entre grupos sociais e culturais, a identidade pressupõe um sistema classificatório que opere distinções em uma determinada população de tal forma que possa dividi-la e, nesta operação, valorizar determinados grupos em detrimento de outros. Enquanto sistemática de divisão e classificação do conjunto de habitantes da cidade, surpreendemos a identidade urbana como hierarquia que se afirma sobre a valorização de uma cidade em detrimento de outras. Na medida em que as operações de atribuição identitária funcionam a partir da oposição à outra identidade ou da reivindicação de alguma identidade autêntica, que permaneceu igual ao longo do tempo, é possível notar que em Criciúma, especialmente em relação à cidade étnica, as duas operações foram concomitantemente postas em funcionamento, ainda que a primeira tenha sido disfarçada. A cidade étnica afirmou-se na oposição não confessada à atividade carbonífera e as culturas que a partir dela foram construídas.

A afirmação de uma determinada identidade urbana, em detrimento de outras, pressupõe a autenticação dessa identidade em um imaginário que possua verossimilhança com o real e que tenha condições de fornecer a base para um efetivo sentimento de pertencimento. Se a cidade carbonífera buscou no progresso esse elemento autenticador, a cidade étnica encontrou na história, dada o seu apelo às origens, o universo a partir do qual buscou as representações que permitiram a sua afirmação no conjunto da população urbana. Foi possível perceber a importância que tiveram os relatos de fundação da cidade pelos grupos étnicos e o destaque de determinados homens cujas atividades foram encaradas como heróicas. Desde os relatos jornalísticos sobre a história de Criciúma, as obras historiográficas da década de 1970, criando um passado de feitos gloriosos para a cidade imaginária que se construía, culminando nas comemorações festivas, percebemos que a identidade urbana é uma operação que lida com o presente da cidade a partir de uma leitura interessada de seu passado. Na condição de passado autêntico e verdadeiro, surpreendemos a identidade urbana como memória oficial validando a identidade reivindicada. Não que a identidade urbana não tenha um passado, mas ao afirma-la, esse passado sofre uma mutação adequando-se a operação que a cria.

O passado e a identidade urbana afirmada valorizam determinados grupos sociais que os utilizam em seus posicionamentos na cidade. A construção da identidade urbana é simbólica, mas tem seus pés assentados sobre o terreno do social, impulsionando representações que significam também vantagens políticas e materiais na sociedade urbana. A presença dos governos municipais, em especial o Governo Guidi, promovendo intervenções urbanas, editando livros, erguendo monumentos e realizando festividades revela que a atribuição de identidade à cidade não é uma operação destituída de interesses materiais e políticos. Enquanto objeto de ação de governos e lutas de representações

levadas a cabo por grupos sociais presentes na urbe, surpreendemos a construção da identidade urbana como um exercício de poder que se funda na fixação de um nome para a cidade, ainda que ela mesma possua também outros.

Alain Musset pergunta, em seu trabalho, se a cidade possuiria uma alma. Sim, responderíamos, desde que se considere que essa alma possui alguns duplos ou que, ao menos, ela se encontre cindida.



## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### FONTES

#### 1 – Arquivo Histórico de Criciúma

##### a) Jornais

**Folha do Povo, 1952.**

*Tribuna Criciumense*, 1955 – 1989, 2000, 2004.

*Combate*, 1962.

*Jornal de Criciúma*, 1962.

*Jornal do Sul*, 1977 - 1980.

*Tribuna do Vale*, 1979, 1980.

*Correio do Sudeste*, 1980, 1981.

##### b) Documentos

*Anúncio da Expo 100*. c.1980, caixa 76.

*Ata da Reunião da Comissão de Cultura na Comunidade de Linha Batista*, em 12 de julho de 1979.

*Festa do Carvão*. Folheto de Divulgação. 1980, caixa 76.

*Festa da Etnia Alemã, Forquilha de 25 a 27 de julho*. Folheto de Divulgação. 1980, caixa 76.

*Festa de São Cassimiro, Linha Batista*. Folheto de Divulgação. 1980, caixa 76.

*Festa Jubilar, Paróquia Santo Agostinho*. Folheto de Divulgação. 1980, caixa 76.

*Festa Junina Centenária*. Folheto de Divulgação. 1980, caixa 13.

*Hinos do Centenário propostos por ocasião da realização de concurso*. 1979, caixa 36.

*Lei nº 72*, de 29/12/1951. Câmara Municipal de Criciúma.

*Programação de abertura do Ano do Centenário*. Folheto de Divulgação. Caixa 76.

*Questionário Para a Entrevista da Pesquisa Histórico-Sociológica*, caixa 72.

*Relação de Expositores da Expo 100*. Caixa 13.

***Relatório de Participação no Centenário de Criciúma (Colégio Marista). 20 de fevereiro de 1980, caixa 68.***

*Relatório da Etnia Italiana (com anexo)*. S/d, caixa 13.

*Semana da Pátria, “A Independência Somos Todos Nós”*. Folheto de divulgação. 1980, caixa 76.

*Síntese Histórica*, datada de 17 de outubro de 1979. Caixa 34.

**2 – Grupo Memória e Cultura do Carvão (UNESC)**

BRASIL. Resolução nº 88, de 29/03/1957. Diário do Congresso Nacional, Seção I, nº 56, p. 1675.

BRASIL. Projeto de Resolução nº 186, de 27/01/1959. Diário do Congresso Nacional, Seção I, 29/01/1959, p. 741.

BOA NOVA JR, Francisco de Paula. *Problemas Médico-Sociais da Indústria Carbonífera Sul-Catarinense*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Produção Mineral – DNPM, 1953, Boletim número 95.

**3 – Biblioteca da SATC (Criciúma)**

*Carvão de Pedra* (Revista), 1968 – 1979.

**4 – Fundação Cultural de Criciúma**

*O Comércio e a Indústria de Criciúma*. Filme. Produção de William Gericke, c. 1961/1962, 12,20'.

***Criciúma – Eixo Econômico do Sul Catarinense*. Filme. Texto e orientação do vereador Aryovaldo Machado. Produção de William Gericke, c. 1961/1962, 8,52'.**

## **5 – Fontes Orais**

Algemiro Manique Barreto, entrevista concedida em 04/05/2000.

Altair Guidi, entrevista concedida em 23/06/2000.

Arquimedes Naspolini Filho, entrevista concedida em 25/04/2001.

Bernardino João Campos, entrevista concedida em 10/05/2000.

Manoel Coelho, Aula magna do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNESC, em 13/05/2004.

Manoel Coelho, entrevista concedida em 15/09/2005.

Otília Arns, entrevista concedida em 2001.

## **6 – Biblioteca da UNESC**

*Realidade* (Revista), 1966 – 1969.

## **7 – Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina**

*Revista do Sul* (Revista), 1962 – 1980.

*Revista Luso-Brasileira* (Revista), 1964 – 1968.

*Revista Catarinense* (Revista), 1968 - 1975.

*RCM* (Revista), 1973, 1974.

*Quem* (Revista), 1982.

## **8 – Acervo Particular de Manoel Coelho**

*Discurso de Altair Guidi por ocasião da visita do cônsul italiano a Criciúma, em 20 de maio de 1978.*

*Entrevista a TV Eldorado em 12 de julho de 1979 (transcrição).*

*Carnaval 100sacional.* Folheto de divulgação. 1980.

*Criciúma – Ano 100. Programação da abertura oficial do Centenário.* Impresso, 10 p. 1980.

*Criciúma, Hoje* (folder da administração Altair Guidi), s/d.

*Fotografias diversas*, especialmente do Parque Centenário.

*Hino do Centenário de Criciúma.* Folheto de divulgação.

*Hinos do Centenário propostos por ocasião da realização de concurso.* 1979.

*Logomarca do Centenário.*

*Programa da Missa de Ação de Graças, em 6 de janeiro de 1982.* Folheto de Divulgação.

*Programa da Missa de Ação de Graças, em 6 de janeiro de 1983.* Folheto de Divulgação

*Programação de Encerramento do Centenário.* Folheto de Divulgação. 1981.

*Programação do 102º aniversário da Colonização de Criciúma, em 6 de janeiro de 1982.*

*Programação geral da Expo 100.* Mimeografada. 1980.

*Relato da visita de integrantes do Curso de Atualização Cultural Para a Mulher, da Associação Médica Mundial, em 19 de junho de 1980, assinado por Maria Just Harger, secretária da CCF.*

*Relatório de Viagem a Caxias do Sul, em 15 de junho de 1979.*

## **9 – Acervo Particular do Autor**

*Criciúma. Álbum de Cartões Postais.* São Paulo: Editora Cultural Ltda, s/d.

*Criciúma. Programação da Festa das Etnias – XVIIª Quermesse de Tradição e Cultura.* 2005.

## BIBLIOGRAFIA

ARNS, Otília (Coordenação Geral). **Criciúma 1880 – 1980 “A Semente Deu Bons Frutos”**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985.

AURAS, Marli. **Poder Oligárquico Catarinense: Da Guerra dos “Fanáticos” do Contestado à “Opção Pelos Pequenos”**. 1991. Tese de Doutorado em Educação. PUCSP, São Paulo.

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social**. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.

BARTH, Fredrik. *Os Grupos Étnicos e Suas Fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Lisboa: Edições 70, 1981.

BRANCHER, Ana; AREND, Silvia Maria Fávero (org). **História de Santa Catarina no Século XIX**. Florianópolis: UFSC, 2001.

BAYART, François. **L’illusion Identitaire**. Paris: Fayard, 1996.

BELOLLI, Mário; QUADROS, Joice; GUIDI, Ayser. **História do Carvão de Santa Catarina**. Volume I (1790 – 1950). Criciúma: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002.

BENJAMIN, Andrew e ORBORNE, Peter. **A Filosofia de Walter Benjamin – Destruição e Experiência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas – Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **Oeuvres**. Trois Volumes. Paris: Gallimard, 2000.

\_\_\_\_\_. **Paris, Capitale do XIXe Siècle – Le Livre des Passages**. Paris: CERF. 2002.

BERMAN, Marshall. *Petersburgo: O Modernismo do Subdesenvolvimento*. In: **Tudo o Que é Sólido Desmancha no Ar – A Aventura da Modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

- BITENCOURT, João Batista. **Estado Novo, Cidade Velha – O Governo Ditatorial de Vargas Desde Laguna**. 2002. Tese de Doutorado em História. UFRGS, Porto Alegre.
- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin**. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1989.
- BRESCIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no Século XIX: O Espetáculo da Pobreza**. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- BURKE, Peter (organizador). **A Escrita da História – Novas Perspectivas**. 3ª edição. São Paulo: Editora da UNESP.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- CAMPOS, Cynthia Machado. **Identidades e Diversidades no Sul do Brasil: As Tentativas de Homogeneização do Espaço Catarinense na Era Vargas**. Fronteiras: Revista de História, Florianópolis, n. 7, 1999.
- CAMPOS, Émerson César de. **Territórios Deslizantes: Recortes, Miscelâneas e Exibições na Cidade Contemporânea (Criciúma/SC 1980 – 2002)**. 2003. Tese de Doutorado em História. UFSC, Florianópolis.
- CAMPOS, Sebastião Netto. **Uma Biografia Com Um Pouco de História do Carvão Catarinense**. Florianópolis: Insular, 2001.
- CAROLA, Carlos Renato. **Dos Subterrâneos da História – As Trabalhadoras das Minas de Carvão de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Assistência Médica, Saúde Pública e o Processo Modernizador da Região Carbonífera de Santa Catarina (1930 – 1964)**. 2004. Tese de Doutorado em História. USP, São Paulo.
- CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- \_\_\_\_\_. **À Beira da Falésia – A História Entre Certezas e Inquietudes**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2001.

CRICIÚMA. **Criciúma – Amor e Trabalho**. Criciúma: Prefeitura Municipal, 1977.

**DAMIAN, Moore**. *Ethnicité et Politique de la Ville, en France et en Grande Bretagne*. Paris: L'Harmattan, 2001.

DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira. *Crise da Ditadura Militar e o Processo de Abertura Política no Brasil, 1974 – 1985*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**. Volume 4: O Tempo da Ditadura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 245 – 282.

FARO, J. S. **Revista Realidade 1966 – 1968 – Tempo da Reportagem na Imprensa Brasileira**. Canoas: Editora da Ulbra/AGE, 1999.

FERRARA, Lucrecia D. **Os Significados Urbanos**. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2000.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**. Volume 3: O Tempo da Experiência Democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest – Turismo, Festa e Cultura na Estação do Chopp**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Farra do Boi: Palavras, Sentidos, Ficções**. Florianópolis: UFSC, 1998.

\_\_\_\_\_. *Apresentação*. In: SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a Identidade Açoriana: A Maquiagem Possível**. Itajaí: Editora da Univali, 1999.

FREIRE, Cristina. **Além dos Mapas – Os Monumentos no Imaginário Urbano Contemporâneo**. São Paulo: SESC/Annablume, 1997.

FROTSCHER, Méri. **Etnicidade e Trabalho Alemão: Outros Usos e Outros Produtos do Labor Humano**. 1998. Dissertação de Mestrado em História. UFSC, Florianópolis.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin – Os Cacos da História**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1993.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, Raças e Democracia**. São Paulo: Editora 34, 2002.

GONÇALVES, Gesiel S. **O Vento Sopra Onde Quer – Primeiros Anos da Igreja Assembléia de Deus em Criciúma**. Criciúma: Edição do Autor, 2000.

GOULARTE, Nivaldo Aníbal, CAROLA, Carlos Renato, GOULARTE, Maria de Lourdes Milanez; MARTINS, Miriam da Conceição. **Perfil Étnico no Município de Criciúma**. UNESC, Relatório de Pesquisa, 2004.

GOULARTI FILHO, Alcides e LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes. *Movimento Operário Mineiro em Santa Catarina nos Anos 1950 e 1960*. In: GOULARTI FILHO, Alcides (Organizador). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

\_\_\_\_\_. *Diversificação Produtiva no Sul de Santa Catarina: Uma Contribuição à História Econômica Regional*. In: **Ensaio Sobre a Economia Sul-Catarinense II**. Criciúma: UNESC, 2005.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos Sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. *Quem Precisa da Identidade?* In: DA SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). **Identidade e Diferença – A Perspectiva dos Estudos Culturais**. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 5ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin – O Marxismo da Melancolia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

KOTHE, Flávio René. **A Alegoria**. São Paulo: Ática, 1986.

LAGAYETTE, Pierre. **L'Ouest Américain – Réalités et Mythes**. Paris: Ellipses, 1997.

LESSER, Jeffrey. **A Negociação da Identidade Nacional – Imigrantes, Minorias e a Luta Pela Etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

MACHADO, Agilmar. **História da Comunicação no Sul de Santa Catarina**. Criciúma: BTC Comunicação, 2000.



- MACHADO, Ironita Policarpo. **Cultura Historiográfica e Identidade – Uma Possibilidade de Análise**. Passo Fundo: UPF, 2000.
- MANGUEL, Alberto et GUADALUPI, Gianni. *Eldorado*. In: **Dictionnaire des Lieux Imaginaires**. Arles: Actes Sud, 1998.
- MARTIN, Jean-Marie. **Processus D’Industrialisation et Développement Energético du Brésil**. Paris: Institut des Hautes Études de L’Amérique Latine, 1966.
- MARTINIELLO, Marco. **L’Ethnicité Dans Les Sciences Sociales Contemporaines**. Paris: PUF, 1995.
- MILANEZ, Pedro. **Fundamentos Históricos de Criciúma**. Florianópolis: Edição do Autor, 1991.
- MIRA, Marly A. F. B. *A Evolução Sociodemográfica de Santa Catarina*. In: CORRÊA, Carlos Humberto (org.). **A Realidade Catarinense no Século XX**. Florianópolis: IHGSC, 2000.
- MONS, Alain. **La Métaphore Sociale – Image, Territoire, Communication**. Paris: PUF, 1992.
- MORAES, Letícia Nunes de Góes. **A Dança Efêmera dos Leitores Missivistas na Revista *Realidade* (1966 – 1968)**. 2001. Dissertação de Mestrado em História. USP, São Paulo.
- MOURA, Rosa. *Os Riscos da Cidade-modelo*. In: ACSELRAD, Henri. **A Duração das Cidades – Sustentabilidade e Risco nas Políticas Urbanas**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001, p. 203 – 237.
- MUSSET, Alain. **Villes Nomades du Nouveau Monde**. Paris: Editions de L’Ehess, 2002
- NASCIMENTO, Dorval do. **As Curvas do Trem – A Presença da Estrada de Ferro no Sul de Santa Catarina**. Criciúma: UNESC. 2004.
- NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Criciúma 70 Anos – Ensaio Para a Sua História Político-Administrativa**. 2ª edição. Criciúma: Edição do Autor, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Criciúma, Orgulho de Cidade – Fragmentos da História de seus 120 Anos**. Criciúma: edição do Autor, 2000.
- NODARI, Eunice Sueli e VIEIRA, Alexandre Sarda. **O Oeste de Santa Catarina: A Renegociação das Fronteiras Étnicas**. Fronteiras - Revista Catarinense de História. Florianópolis, nº 09, dez/2001.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História – A Problemática dos Lugares**. *Revista Projeto História*, São Paulo, nº 10, Dezembro/1993.

OBA, Leonardo Tossiaki. **Os Marcos Urbanos e a Construção da Cidade – A Identidade de Curitiba**. 1998. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. USP, São Paulo.

OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba e o Mito da Cidade Modelo**. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

**ORY, Pascal. L’histoire Culturelle. Paris: PUF, 2004.**

OSTROWETSKI, Sylvia. L’Écart Des Appartenances. In: RAGI, Tariq (dir.). **Les Territoires de L’Identité**. Amiens: Licorne; Paris: L’Harmattan, 1999. Collection Villes Plurielles, p. 237 - 249.

PECHMAN, Robert Moses. **Cidades Estreitamente Vigadas – O Detetive e o Urbanista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

PESAVENTO, Sandra J. *Entre Práticas e Representações: A Cidade do Possível e a Cidade do Desejo*. In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; PECHMAN, Robert. **Cidade, Povo e Nação – Gênese do Urbanismo Moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 377 – 396.

\_\_\_\_\_. **Exposições Universais – Espetáculos da Modernidade do Século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **O Imaginário da Cidade: Visões Literárias do Urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

PIMENTEL, José e BELOLLI, Mário. **Mini Biografia de Um Pioneiro: Marcos Rovaris**. Criciúma: Edição dos autores, 1971.

\_\_\_\_\_. **Mini Biografia de Um Pioneiro – Marcos Rovaris**. 2ª edição modificada e ampliada. Criciúma: Prefeitura Municipal, 1980.

\_\_\_\_\_. **Tímido Ensaio Biográfico: Giácomo Sônego**. Criciúma: Gráfica Líder, 1972.

\_\_\_\_\_. **Criciúma – Amor e Trabalho**. Itajaí: Edições Uirapuru, 1974.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Rio de Janeiro, *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3, 1989.

- POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.
- RAGI, Tariq (dir.). **Les Territoires de L'Identité**. Amiens: Licorne; Paris: L'Harmattan, 1999. Collection Villes Plurielles.
- RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. **Festa & Identidade – Como Se Fez a Festa da Uva**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.
- RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; PECHMAN, Robert. **Cidade, Povo e Nação – Gênese do Urbanismo Moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- RICOEUR, Paul. *Architecture e Narrativité*. **Urbanisme**, nov/dec 1998, nº 303.
- RONCAYOLO, Marcel. **La Ville et Ses Territoires**. Paris: Gallimard, 1997.
- ROUANET, Sérgio Paulo. **As Razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças – Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil – 1870/1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **Leituras de Walter Benjamin**. São Paulo: Annablume, 1999.
- SERPA, Élio Cantalício. **A Identidade Catarinense nos Discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**. Revista de Ciências Humanas, volume 14, número 20. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996, p. 63 – 79.
- SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade Étnica**. Florianópolis: FCC, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Imigração e Cultura no Brasil**. Brasília: UNB, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A Identidade Teuto-brasileira numa Perspectiva Histórica*. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELOS, Naira (org.). **Os Alemães do Sul do Brasil – Cultura, Etnicidade, História**. Canoas: ULBRA, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Construindo a Nação: Hierarquias Raciais e o Papel do Racismo na Política de Imigração e Colonização*. In: MAIO, Marcos Chor (org.). **Raça, Ciências e Sociedade no Brasil**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.

SILVA, Etienne Luiz. **O Desenvolvimento Econômico Periférico e a Rede Urbana de Santa Catarina**. 1978. Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional. UFRGS, Porto Alegre.

SILVA, Janine Gomes da. **Tempo de Lembrar, Tempo de Esquecer... As Vibrações do Centenário e o Período da Nacionalização: Histórias e Memórias Sobre a Cidade de Jonville**. 2004. Tese de Doutorado em História. UFSC, Florianópolis.

SORATTO, Delotilde Cristina Flores. **Poderes Locais e a Implantação da Diocese de Tubarão (1940 – 1960)**. 2002. UFSC. Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis.

VILLAR, Diego. **Uma Abordagem Crítica ao Conceito de “Etnicidade” na Obra de Fredrik Barth**. *Mana*, abr. 2004, vol. 10, nº 1, p. 165 – 192.

SOUTO, Américo. **Evolução Histórico-Econômica de Santa Catarina: Estudo das Alterações Estruturais (Século XVII – 1960)**. Florianópolis: Centro de Assistência Gerencial – CEAG/SC, 1980.

TOPALOV, Christian. **Les Divisions de La Ville**. Collection Les Mots de La Ville – 2. Paris: MSH, Unesco, 2002.

VINSONNEAU, Geneviève. **L’Identité Culturelle**. Paris: Armand Colin, 2002.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **A Pirita Humana: Os Mineiros de Criciúma**. Florianópolis: Editora da UFSC/ Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Historiografia Catarinense: Uma Introdução ao Debate**. *Revista Catarinense de História*, nº 2, p. 5 – 15. Florianópolis: Editora Terceiro Milênio, 1994.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: Uma Introdução Teórica e Conceitual*. In: DA SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). **Identidade e Diferença – A Perspectiva dos Estudos Culturais**. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZACHARIAS, Manif. **Criciúma – Vultos do Passado e Personalidades Contemporâneas**. Criciúma; edição do autor, 2000.

\_\_\_\_\_. **Minha Criciúma de Ontem**. Criciúma: Edição do Autor, 1997.

ZOLA, Émile. **Germinal**. Tradução de Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: Hemus, 1982.